Da Asia de João de Barros e de Diogo de Couto

João de Barros, Manoel Severim de Faria, João Baptista Lavanha, Pre-1801 Imprint Collection (Library of Congress)

Digitized by Google

1817
ARTES VERITAS SCIENTIA
LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF MICHIGAN
E PLURIBUS UNUM
TUEBOR
SI QUÆRIS PENINSULAM AMŒNAM
CIRCUMSPICE

DS
411.7
B277
1778

G. F. Machado f.

No Frontispicio

Digitized by Google

Rio de Janeiro. Dec. 6th. 1920

DA ASIA
DE
JOÃO DE BARROS
E DE
DIOGO DE COUTO

NOVA EDIÇÃO

OFFERECIDA

A SUA MAGESTADE

D. MARIA I.

RAINHA FIDELISSIMA

&c. &c. &c.

LISBOA

NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.

ANNO MDCCLXXVIII.

Com Licença da Real Meza Censoria, e Privilegio Real.

SENHORA

O meſmo Real Decreto, por que o Senhor Rey D. José I. Auguſto Pai de Vossa Magestade, foi ſervido

crear a Regia Officina Typografica, ſoi tambem ſabiamente ordenado, que nella ſe foſſem reimprimindo os Authores mais claſſicos, e mais bem reputados da Hiſtoria Portugueza. Porque ſendo toda a Hiſtoria, como obſervou Tullio, a directora da vida, e a meſtra dos coſtumes; na Portugueza, onde ſe acham tão heroicos exemplos de virtude, honra, e valor, teriam os Vaſſallos util inſtrucção, a Patria eſpecial gloria. Deo-ſe princípio ao Real Projecto pelos Commentarios do governo, e acções do grande Affonſo d' Alboquerque na India; pois que além de ſer eſta huma Obra mais pequena em volume, pareceo de mais a mais juſto, que ſe déſſe a primazia da Impreſsão a quem a tivera no mere-

recimento. Seguíram-ſe as Decadas do inſigne João de Barros, que agora tenho a honra de offerecer a VOSSA MAGESTADE; e ſeguir-ſe-hão brevemente as de Diogo de Couto, que são continuação humas das outras.

He João de Barros ſem controverſia o Eſcritor mais grave que tem a Hiſtoria Portugueza, ou ſe conſidere a grandeza da materia, ou a do eſtilo. A materia são os glorioſos deſcubrimentos de novas terras, e de novos climas, que os Capitães Portuguezes fizeram no eſpaço de cem annos, que decorrêram deſde o Senhor REY D. JOÃO I. Fundador ſempre memoravel da Sereniſſima Caſa de Bragança, até o Senhor REY D. MANOEL ſeu beneſico Ampliador, e Exaltador. Deſcu-

cubrimentos tão oufados na empreza, tão vaftos nos Dominios, tão felices no fucceffo, que fem hyperbole fe póde dizer, que á vifta delles foi pouco quanto os antigos Gregos, e Romanos fizeram nas fuas expedições militares do mar, e da terra. A grandeza do eftilo he em tudo igual á dos feitos; de forte que na narração das Conquiftas Portuguezas he João de Barros juftamente comparado com Tito Livio entre os Latinos; não fó por dividir em Decadas toda a fua Obra, mas tambem pelo igualar no modo grave, e fizudo com que as efcreveo.

Oh! fe entre as urgentiffimas, e contínuas occupações, que he forçofo executem cada dia as attenções de huma RAY-

NHA

NHA HEREDITARIA, quizesse a boa ventura dar a VOSSA MAGESTADE alguns breves intervallos de ocio para passar pelos olhos algumas folhas das Decadas de João de Barros, assim como os teve o Senhor REY D. MANOEL para ouvir ler alguns cadernos do seu Clarimundo!

Primeiramente no anno de 1420, admiraria VOSSA MAGESTADE a hum João Gonçalves Zarco dando princípio, com o descubrimento das Ilhas do mar Atlantico, á navegação, e commercio da Ethiopia, desde Guiné até os Abixins. Admiraria, no anno de 1423, a hum Bartholomeu Dias pondo varios Padrões do nome Portuguez no grande Cabo de Boa Esperança em distancia de mil e quinhentas leguas do porto

to de Lisboa. Admiraria, no anno de 1497, a hum Vasco da Gama passando com huma Armada Real além do mesmo Cabo outras mil e quinhentas leguas, até ir arrostar a potencia, e soberba do Çamorim de Calecut; assentar Tratados de commercio com os Reys de Cochim, Cananor, e Coulão; voltar a Lisboa carregado das especiarias, e drogarias do rico Malabar. Admiraria, no anno de 1500, a hum Pedralvares Cabral descubrindo nas Terras de Santa Cruz, ou do Brasil hum novo Mundo, de cujo ouro, e diamantes abunda hoje toda Europa. Admiraria, no anno de 1505, a hum Dom Francisco d' Almeida mettendo debaixo do jugo Portuguez os Reynos de Quiloa, e Mombaça;

ça;

ça; a ſeu filho D. Lourenço deſbaratando as Armadas de Calecut; paſſando a Ceilão, e dando viſta ás Maldivas. Admiraria finalmente deſde o anno de 1508, até 1514, a hum Affonſo d'Alboquerque fazendo tributarios á Coroa de Portugal os Reynos de Ormuz, Goa, e Malaca, e obrigando todo o Oriente a pagar pareas em pérolas, e rubins ao Senhor REY D. MANOEL.

Pela meſma lição recordaria VOSSA MAGESTADE com que fundamento o Senhor REY D. JOÃO II. ajuntou aos antigos Titulos de REY de Portugal, e dos Algarves, o de *Senhor de Guiné*: Com que fundamento tambem o Senhor REY D. MANOEL accreſcentou ao Titulo de *Senhor de Guiné* o outro ainda mais pom-

po-

poſo, *da Conquiſta, Navegação, e Commercio da Ethiopia, Arabia, Perſia, e India.*

Pela meſma lição ſe faria preſente a VOSSA MAGESTADE qual foſſe o princípio, e motivo das muitas Doações, Honras, e Mercês, com que os ditos Senhores Reys agalardoáram os avultadiſſimos ſerviços daquelles Heroes, de que com razão ſe prezam de ſer Netos os que hoje fórmam a Corte a VOSSA MAGESTADE.

Eſte he em ſomma, AUGUSTA RAYNHA, o aſſumpto das Decadas de João de Barros, deſempenhado por elle com huma exacção, e pontualidade, que lhe conciliam fé, e credito de Author original. Por aqui comprehende já VOSSA MAGESTADE qual ſeja a importancia da Obra; qual

a

a utilidade, que ſe póde eſperar da ſua reimpreſsão. Póde-ſe dizer, que eſtas Decadas são para VOSSA MAGESTADE os Titulos dos ſeus Dominios Ultramarinos: são para os Grandes do Reyno as provas dos ſeus illuſtres Avoengos.

Entre tanto, por mais eſmerada que foſſe a diligencia que puz em que huma tal Obra, tanto no aſſeio do papel, como na elegancia dos caracteres: tanto no bem tirado das effigies, como na exacção dos mappas, ſahiſſe digna de apparecer na Real Preſença de VOSSA MAGESTADE, eu reconheço, e confeſſo, que não he outro o meu merecimento, que o de obedecer ao que ſe me mandou. Ainda aſſim as experiencias que tenho da inna-

ta

ta Clemencia, e Real Grandeza de VOSSA MAGESTADE me animam a confiar, que ešte mesmo desempenho do que era eſtreita obrigação minha, mo reputará VOSSA MAGESTADE em serviço, para me continuar em todo o tempo os benignos effeitos da sua Real beneficencia, e protecção.

DE VOSSA MAGESTADE

Lisboa 25 de Fevereiro de 1778.

Humiliſſimo servo
Nicoláo Pagliarini
Director geral da Regia Officina Typ.

DA ASIA
DE
JOÃO DE BARROS

Dos feitos, que os Portuguezes fizeram na conquista, e descubrimento das terras, e mares do Oriente.

DECADA PRIMEIRA

PARTE PRIMEIRA.

AO MUITO PODEROSO,

E

CHRISTIANISSIMO PRINCIPE

ELREY DOM JOAO

NOSSO SENHOR,

DESTE NOME

O TERCEIRO DE PORTUGAL

PROLOGO

DE JOÃO DE BARROS

EM AS PRIMEIRAS QUATRO DECADAS

DA SUA ASIA

Dos feitos que os Portuguezes fizeram no descubrimento, e conquista dos mares, e terras do Oriente.

TODALAS cousas, MUITO PODEROSO REY, E SENHOR NOSSO, tem tanto amor á conservação de seu proprio ser, que quanto lhe he possivel trabalham em seu modo por se fazerem perpétuas. As naturaes, em que sómente obra a Natureza, e não a industria humana, cada huma dellas em

si

ſi meſma tem huma virtude generativa, que quando Divinamente são diſpoſtas, ainda que periguem em ſua corrupção, eſſa meſma Natureza as torna renovar em novo ſer, com que ficam vivas, e conſervadas em ſua propria eſpecie. E as outras couſas, que não são obras da Natureza, mas feitos, e actos humanos, eſtas porque não tinham virtude animada de gerar outras ſemelhantes a ſi, e por a brevidade da vida do homem, acabavam com ſeu author: os meſmos homens por conſervar ſeu nome em a memoria dellas, buſcáram hum Divino artificio, que repreſentaſſe em futuro o que elles obravam em preſente. O qual artificio, pero que a invenção delle ſe dê a diverſos Authores, mais parece per Deos inſpirado, que inventado per algum humano entendimento. E que bem como lhe aprouve, que mediante o padar, lingua, dentes, e beiços, hum reſpiro de ar movido dos boſes, cauſado de huma potencia, a que os Latinos chamam *affatus*,

tus, ſe formaſſe em palavras ſignificativas, pera que os ouvidos, ſeu natural objecto, repreſentaſſem ao entendimento diverſos ſignificados, e conceptos ſegundo a diſpoſição dellas; aſſi quiz, que mediante os caracteres das letras, de que uſamos, diſpoſtas na ordem ſignificativa da valia, que cada Nação deo ao ſeu Alfabeto, a viſta, objecto receptivo deſtes caracteres, mediante elles, formaſſe a eſſencia das couſas, e os racionaes conceptos ao modo de como a falla em ſeu officio os denuncía. E ainda quiz, que eſte modo de elocução artificial de letras, per beneficio de perpetuidade, precedeſſe ao natural da falla; porque eſta, ſendo animada, não tem mais vida, que o inſtante de ſua pronunciação, e paſſa á ſemelhança do tempo, que não tem regreſſo; e as letras, ſendo huns caracteres mortos, e não animados, contém em ſi eſpirito de vida, pois a dam ácerca de nós a todalas couſas. Cá ellas são huns elementos, que lhe dam

aſſiſtencia, e as fazem paſſar em futuro com ſua multiplicação de annos em annos per modo mais excellente do que faz a Natureza; pois vemos, que eſta Natureza pera gerar alguma couſa, corrompe, e altera os elementos de que he compoſta; e as letras, ſendo elementos de que ſe compõe, e fórma a ſignificação das couſas, não corrompem as meſmas couſas, nem o entendimento, (poſto que ſeja paſſivo na intelligencia dellas pelo modo de como vem a elle;) mas vam-ſe multiplicando na parte memorativa per uſo de frequentação tão eſpiritual em habito de perpetuidade, que per meio dellas no fim do Mundo tão preſentes ſerão áquelles que então forem, noſſas peſſoas, feitos, e ditos, como hoje per eſta cuſtodia literal he vivo o que fizeram, e diſſeram os primeiros, que foram no principio delle. E porque o fruto deſtes actos humanos he mui differente do fruto natural, que ſe produz da ſemente das couſas, por eſte natural fenecer

no

no meſmo homem, pera cujo uſo todas foram creadas; e o fruto das obras delles he eterno, pois procede do entendimento, e vontade, onde ſe fabricam, e aceptam todas, que, por ſerem partes eſpirituaes, as fazem eternas: fica daqui a cada hum de nós huma natural, e juſta obrigação, que aſſi devemos ſer diligentes, e ſolícitos em guardar em futuro noſſas obras, pera com ellas aproveitarmos em bom exemplo, como promptos, e conſtantes na operação preſente dellas pera commum, e temporal proveito de noſſos naturaes. E vendo eu que neſta diligencia de encommendar as couſas á cuſtodia das letras, (conſervadores de todalas obras,) a Nação Portuguez he tão deſcuidada de ſi, quão prompta, e diligente em os feitos, que lhe competem per milicia, e que mais ſe préza de fazer, que dizer; quiz neſta parte uſar ante do officio de eſtrangeiro, que da condição de natural: Deſpoendo-me a eſcrever o que elles fizeram no deſcubrimento, e

conquista do Oriente, por se não perderem da memoria dos homens, que vierem depois de nós, tão gloriosos feitos, como vemos serem perdidos de vossos progenitores, maiores em louvor, do que lêmos em suas Chronicas, (segundo mostram alguns fragmentos de particulares escrituras.) E na aceptação deste trabalho, e perigo a que me dispuz, antes quero ser tido por tão ousado, como foi o derradeiro dos trinta, e tantos Escritores, que escrevêram a passagem, e expedição, que Alexandre fez em Asia, o qual temeo pouco o que delle podiam dizer, tendo tantos ante si; que imitar o descuido de muitos, a quem este meu trabalho per officio, e profissão competia. Pois havendo cento e vinte annos, (porque de tantos trata esta escritura,) que vossas armas, e padrões de victorias tem tomado posse não sómente de toda a terra maritima de Africa, e Asia, mas ainda de outros maiores Mundos, do que Alexandre lamentava, por não

ter

ter noticia delles , não houve alguem, que ſe antremetteſſe a ſer primeiro neſte meu trabalho, ſómente Gomes Eanes de Zurara Chroniſta mór deſtes Reinos em as couſas do tempo do Infante D. Henrique: (do qual nós confeſſamos tomar a maior parte dos ſeus fundamentos , por não roubar o ſeu a cujo he.) No commetter do qual trabalho, vendo eu a mageſtade, e grandeza da obra , não fui tão atrevido, que logo como iſto deſejei puzeſſe mãos a ella, antes tomei por cautela deſte commettimento uſar do modo, que tem os arquitectores, os quaes primeiro que ponham mão na obra, a traçam, e debuxam, e de ſi apreſentam eſtes delineamentos de ſua imaginação ao Senhor, de cujo ha de ſer o edificio ; porque como eſta materia , de que eu queria tratar , era dos triunfos deſte Reino, dos quaes não ſe podia fallar ſem licença do Author delles, que naquelle tempo deſte meu propoſito era ElRey Voſſo Padre, de glorioſa memoria : eſtando
Sua

Sua Alteza em Evora o anno de quinhentos e vinte, lhe apresentei hum debuxo feito em nome de Vossa Alteza, porque com este titulo ante Elle fosse acepto: o qual debuxo não era alguma Batrachomiomachia, guerra de rans, e ratos, como fez Homero por exercitar seu engenho ante que escrevesse a guerra dos Gregos, e Troyanos; mas foi huma pintura metaforica de exercitos, e victorias humanas, nessta figura racional do Emperador Clarimundo, titulo da traça, (conforme a idade, que eu então tinha,) a fim de aparar o estilo de minha possibilidade pera esta Vossa Asia. A qual pintura, por ser em nome de Vossa Alteza, assi contentou a ElRey Vosso Padre, depois que soube ser imagem desta que ora trato, que logo me pagou meu trabalho, dizendo haver dias, que desejava estas cousas das partes do Oriente serem postas em escritura; mas que nunca achára pessoa de que o confiasse: que se me eu atrevia a esta Obra, (como

o de-

o debuxo moſtrava,) o meu trabalho não ſeria ante elle perdido. Por a qual confiança lhe beijei a mão per ante peſſoas, que hoje são vivas, por a prática ſer hum pouco alta, lendo-lhe eu hum, ou dous capitulos da moſtra, e debuxo. E eſtando pera abrir os alicerces deſte grande edificio, com o fervor da idade, e favor das palavras de confiança, que ſe de mim tinha, aprouve a Deos levar a ElRey Voſſo Padre áquelle celeſtial aſſento, que ſe dá aos Catholicos, e Chriſtianiſſimos Principes, com que fiquei ſuſpenſo deſta empreza. Succedendo tambem logo prover-me Voſſa Alteza dos officios de Theſoureiro da Caſa da India, e Mina, e depois de Feitor das meſmas Caſas; carregos, que com ſeu pezo fazem acurvar a vida, pois levam todolos dias della, e com a occupação, e negocio de ſuas Armadas, e Commercios affogam, e cativam todo liberal engenho. Mas parece que aſſi eſtava ordenado de ſima, que não ſómente me coubeſſe per

ſor-

ſorte da vida os trabalhos de feitorizar os Commercios de Africa, e Aſia; mas ainda eſcrever os feitos, que Voſſos vaſſallos na milicia, e conquiſta dellas fizeram; porque correndo o tempo, e achando eu antre algumas cartas, que ElRey Voſſo Padre ante da minha offerta tinha eſcrito a D. Franciſco d'Almeida, e a Affonſo d'Albuquerque, que conquiſtáram, e governáram a India, encommendando-lhe que miudamente lhe eſcreveſſem as couſas, e feitos daquellas partes com tenção de as mandar poer em eſcrito, e que Voſſa Alteza com a meſma tenção o anno de quinhentos trinta e hum tambem o eſcreveo a Nuno da Cunha, que naquelle tempo a governava, mandando-lhe ſobre iſto Regimentos feitos per Lourenço de Caceres, a quem tinha encommendado a eſcritura deſtas partes, o que não houve effeito, e ſeria per ventura por elle falecer: determinei, por ſe não dilatar eſte deſejo, que Voſſa Alteza tinha, e eu pagar a confiança,

que

que ElRey Vosso Padre de mim teve, repartir o tempo da vida, dando os dias ao officio, e parte das noites a esta escritura da Vossa Asia, e assi cumpri com o Regimento do officio, e com o desejo, que sempre tive desta empreza. E como os homens pela maior parte são mais promptos em dar de si frutos voluntarios, que os encommendados, imitando nisto a terra sua madre, a qual he mais viva em dar as sementes, que nella jazem per natureza, que as que lhe encommendamos per agricultura: parece que me obrigou ella a que patrizasse, e que per diligencia prevalecesse mais em mim a natureza, que della tenho, que quanto outros tem recebido per obrigação de officio, profissão de vida, e agricultura de beneficios; pois não tendo eu outra causa mais viva pera tomar esta empreza, que hum zelo da gloria, que se deve a Vossas armas, e fama a meus naturaes, que militando nellas vertêram seu sangue, e vida: fui o primeiro,
que

que brotei eſte fruto de eſcritura deſta Voſſa Aſia, ſe he licito, por ſer de arvore agreſte, ruſtica, e não agricultada, poder merecer eſte nome de fruto ante Voſſa Real Mageſtade.

INDICE
DOS CAPITULOS, QUE SE CONTÉM NESTA PARTE I. DA DECADA I.

LIVRO I.

CAP.

po-

LI-

LIVRO II.

LIVRO III.

LIVRO IV.

Vas-

LIVRO V.

DE-

J. C. Silva f.

Barros Dec. I. p. I.

DECADA PRIMEIRA.

LIVRO I.

Dos feitos, que os Portuguezes fizeram no descubrimento, e conquista dos mares, e terras do Oriente.

CAPITULO I.

Como os Mouros vieram tomar Hespanha; e depois que Portugal foi intitulado em Reyno, os Reys delle os lançáram além mar, onde os foram conquistar, assi nas partes de Africa, como na de Asia: e a causa do titulo desta escritura.

A LEVANTADO em a terra de Arabia aquelle grande Anti-christo Mafamede, quasi nos annos de quinhentos noventa e tres de nossa Redempção, assi lavrou a furia de seu ferro, e fogo de sua infernal Secta per meio de seus Capitães, e Calyfas, que em espaço de cem annos conquistáram

Digitized by Google

em Aſia toda Arabia, e parte da Syria, e Perſia, e em Africa todo Egypto daquém, e dalém do Nilo. E ſegundo eſcrevem os Arabios no ſeu Larigh, que he hum Summario dos feitos, que fizeram os ſeus Calyfas na conquiſta daquellas partes do Oriente, neſte meſmo tempo de lá ſe levantáram, e vieram grandes exames delles povoar eſtas do Ponente, a que elles chamam Algarb, e nós corruptamente Algarve dalém mar; os quaes á força de armas devaſtando, e aſolando as terras, ſe fizeram ſenhores da maior parte da Mauritania, Tingitania, em que ſe comprendem os Reynos de Féz, e Marrocos, ſem até eſte tempo a noſſa Europa ſentir a perſeguição deſta praga. Peró vindo o tempo, té o qual Deos quiz diſſimular os peccados de Heſpanha, eſperando ſua penitencia ácerca das hereſias de Arrio, Elvidio, e Pelagio, de que ella andou mui iſcada, (poſto que já per Sanctos Concilios nella celebrados foſſem deſterradas,) em lugar de penitencia, accreſcentou outros mui graves, e pubricos peccados, e que mais acabáram de encher a medida de ſua condemnação, que a força feita á Cava filha do Conde Julião, (ainda que eſta foi a cauſa ultima, e accidental, ſegundo querem alguns Eſcritores.) Com as quaes couſas provocada a Juſtiça de Deos, uſou de ſeu Divino, e antigo juizo,

que

que ſempre foi caſtigar pubricos , e geraes peccados com pubricos , e notaveis peccadores ; e permittir que hum hereje ſeja açoute d'outro , vingando-ſe per eſta maneira de ſeus imigos per outros maiores imigos. E como naquelle tempo eſtes Arabios eram os mais notaveis que elle tinha , infeſtando o Imperio Romano , e perſeguindo ſua Catholica Igreja , primeiro que per elles caſtigaſſe Heſpanha , os quiz caſtigar na ſua hereſia , accendendo antre elles hum fogo de competencia , ſobre quem ſe aſſentaria na cadeira do pontificado de ſua abominação , com eſte titulo de Calyfa , que naquelle tempo era a maior dignidade da ſua Secta. E depois de Arabia , Syria , e parte da Perſia arderem com guerras de confusão a quem pervaleceria neſte eſtado , em que morreo grande numero delles , tendo cada parentela enlegido Calyfa antre ſi , vieram alguns naquella parte interior de Arabia , onde eſtá ſituada a Cidade Cufa , per concordia de ſua ſciſma babylonica , enleger por Calyfa a hum Arabio chamado Çafa , dizendo , que a elle pertencia aquelle pontificado , por ſer o mais chegado parente de Mafamede : cá elle vinha per linha direita de Abaz ſeu tio , a linhagem do qual Abaz elles chamam Abazcion. E porque quando o alevantáram por ſeu Calyfa foi com lhe darem juramento , que ha-

via de ir destruir o Calyfa, que então residia na Cidade Damasco, que era da linhagem, a que elles chamam Maraunion, em a qual havia muitos annos que andava o Calyfado per modo de tyrannia mais que per eleição, e por isso era esta geração mui favorecida antre a maior parte dos Arabios: ordenou logo este novo Calyfa hum seu parente per nome Abedelá ben Alle, que com grande numero de gente de cavallo fosse sobre o Calyfa de Damasco; o qual Abedelá, sendo com este exercito junto do rio Eufrates, topou o mesmo Calyfa, que hia buscar, que vinha de dar huma batalha a outro Calyfa novamente alevantado nas partes da Mesopotamia; e rompendo ambos seus exercitos, houve antre elles huma mui crua batalha, em que o Calyfa de Damasco foi vencido; e temendo elle a furia deste seu imigo Abedelá, quiz-se recolher na Cidade Damasco, de que tantos tempos fora senhor; mas os moradores della lhe fecháram as portas, sem o quererem receber, com que lhe conveio fugir pera a Cidade do Cayro, onde achou peior gazalhado, dizendo todolos Cidadões, que Deos os tinha livrado de hum tão máo homem, como elle sempre fora. Vendo-se elle em todalas partes tão mal recebido, já desamparado dos seus, como homem desesperado do adjutorio delles, quiz-se

ſe paſſar aos Gregos; e indo com hum eſcravo ſeu, foi ter a huma Ilha, onde, ſendo conhecido, o matáram, no qual acabáram todolos Calyfas de Damaſco. Abedelá ſeu imigo tanto que o venceo, e ſoube quão mal recebido era dos proprios ſeus, ſem o querer mais perſeguir, foi-ſe direitamente a Damaſco; e tomada poſſe da Cidade, a primeira couſa que fez, foi mandar deſenterrar o Calyfa Yázit, que era dos primeiros, que alli foram daquella linhagem Maraunion, havendo já muitos annos que era falecido, os oſſos do qual com hum aucto público mandou queimar; porque ſendo Dócem neto de Mafamede ſeu Legislador, filho de ſua filha Aixa, e de Alle ſeu ſobrinho, direitamente enlegido por Calyfa, como fora ſeu pai, elle Yázit não ſómente lhe não quizera obedecer, mas ainda teve modo como Dócem foſſe morto, tudo por elle Yázit ſe levantar com o Calyfado, o qual poſſuio tyrannicamente, e aſſi todolos de ſua linhagem per muitos tempos. E não contente eſte Abedelá com tomar tal vingança deſte Yázit, geralmente a toda ſua parentela mandava matar com mil generos de tormentos, e lançar ſeus corpos no campo ás feras, e aves delle, dizendo ſerem todos excommungados, e dignos de não ter ſepultura, pois eram do ſangue daquelle peſſimo homem, que

que mandou derramar o do juſto Dócem, ungido naquella dignidade de Calyfa per o teſtamento de ſeu avô Mafamede; da furia, e fogo das quaes cruezas, que eſte Abedelá fazia, ſaltou huma faiſca, que veio abrazar toda Heſpanha; e o caſo procedeo per eſta maneira. Antre alguns deſta linhagem Maraunion, que eſte Capitão Abedelá perſeguia, havia hum homem poderoſo chamado Abed-Ramon, filho de Mauhyá, e neto de Doxon, e biſneto de Abbedelmalec, o qual avô, e biſavô em tempo paſſado foram tambem Calyfas daquella Cidade Damaſco. E vendo elle a perſeguição de ſua linhagem, e as cruezas, que Abedelá nella fazia, temendo receber outros taes em ſua peſſoa, recolheo pera ſi os mais parentes que pode, com outra gente ſolta, cuja vida era andar em guerras, e roubos, e feito hum grande exercito de gente por authorizar ſua peſſoa, meio fugindo veio ter a eſtas partes do Ponente. Onde, aſſi por ſer da linhagem dos Calyfas de Damaſco, como por ſer homem valeroſo, e cavalleiro de ſua peſſoa, foi mui bem recebido; e concorreo a elle tanta gente Arabia da que já cá andava neſtas partes dos Algarves dalém mar, que vendo-ſe tão poderoſo em gente, e opinião de Secta, tomou ouſadia a ſe intitular com novo nome, chamando-ſe Principe dos Crentes neſta pala-

la-

lavra Arabia Miralmuminim, a que nós corruptamente chamamos Miramulim, e isto quasi em opprobrio, e reprovação dos Calyfas da linhagem de Abaz, que novamente foram levantados na Arabia, por cuja causa elle se desterrou daquellas partes de Damasco. E não se contentando ainda com este novo, e soberbo nome, fundou a Cidade Marrocos pera cadeira de seu estado, e Metropoli daquella região, (posto que algumas Chronicas dos Arabios querem que a edificou José filho Jestim, e outros que outro Principe, como veremos em a nossa Geografia.) A causa da fundação da qual Cidade, dizem alguns delles, que não foi tanto por gloria, que este Abed-Ramon teve da memoria do seu nome, quanto em reprovação d'outra, que ouvio dizer que fundava o Calyfa Bujafar, irmão, e successor do Calyfa Çafa, que foi causa de se elle vir a estas partes. A qual Cidade, que este Bujafar fundou tambem, era pera cadeira, onde havia sempre de residir o seu pontificado de Calyfa: e he aquella, a que ora os Mouros chamam Bagodad, situada na Provincia de Babylonia nas correntes do rio Eufrates. E segundo escrevem os Parseos, e Arabios no seu Larigh, que allegamos, o qual temos em nosso poder em lingua Parsea, foi esta Cidade Bagodad fundada per conselho

de

de hum aſtrologo gentio per nome Nobach, e tem por aſcendente o Signo Sagittario, e acabou-ſe em quatro annos, e cuſtou dezoito contos d'ouro, da qual em a noſſa Geografia faremos maior relação. Pois eſtando eſte novo Miralmuminim com potencia em eſtado, e numero de gente, feito outro Nabuchodonoſor pera caſtigo do povo de Heſpanha, totalmente ſeu filho Ulid, que o ſuccedeo em nome, e poder, ſe fez ſenhor della per Muſſa, e per outros ſeus Capitães, em tempo delRey D. Rodrigo, o derradeiro dos Godos. Mas aprouve á Divina miſericordia, que eſte açoute de ſua juſtiça tornaſſe logo atrás daquelle impeto de vitorias, que per eſpaço de trinta mezes teve, dando animo, e favor áquelle bemaventurado Principe D. Pelayo, com que logo começou ganhar as terras, que já eſtavam ſubditas ao ferro, e cruezas deſtes Alarves. E procedendo eſtas vitorias em recobrar Heſpanha per diſcurſo de trezentos quarenta e tantos annos, vieram ter a ElRey D. Afonſo o ſexto deſte nome, dalcunha o Bravo, que tomou Toledo aos Mouros; o qual querendo ſatisfazer aos ſerviços, e ajudas, que lhe o Conde D. Henrique neſta guerra dos Mouros tinha feito, e dado, não achou couſa mais digna de ſua peſſoa, nem de maior galardão, que aceitallo por filho, dando-lhe por

mu-

mulher a ſua filha D. Tareija; e em dote, todalas terras, que naquelle tempo eram tomadas aos Mouros neſta parte da Luſitania, que ora he Reyno de Portugal, com todalas mais que elle pudeſſe conquiſtar delles; em que entravam algumas de Andaluzia, porque em todas eſtas elle, e ſeu filho El-Rey D. Afonſo Henriques vertêram ſeu ſangue por as ganhar das mãos, e poder dos Mouros, (como ſe verá em a outra parte da noſſa eſcritura chamada Europa;) o qual dote, e herança parece que foi dado com tal benção per eſte Catholico Rey D. Afonſo, que todolos ſeus deſcendentes, que a herdaſſem, ſempre tiveſſem contínua guerra com eſta perfida gente dos Arabios; porque começando deſte tempo té o preſente, que he diſcurſo de quatrocentos e tantos annos de idade deſte Reyno de Portugal, depois que apartado da Coroa de Heſpanha teve eſte nome, aſſi permaneceo em contínua guerra deſtes infieis, que com verdade ſe póde dizer por elle, ter veſtido mais armas que pelotes. Donde podemos affirmar, que eſta caſa da Coroa de Porugal eſtá fundada ſobre ſangue de Martyres, e que Martyres a dilatam, e eſtendem per todo o Univerſo: ſe eſte nome podem merecer aquelles, que militando pola Fé, offerecem ſuas vidas a Deos em ſacrificio, e dotam ſuas fazendas a ſumptuo-

ſos

ſos Templos, que fundáram: como vemos que fez ElRey D. Afonſo Henriques primeiro Fundador deſta Caſa Real, e o Conde D. Henrique ſeu Padre, e toda a Nobreza, e Fidalguia, que os ſeguia neſta confiſsão, e defensão da Fé, da qual verdade são teſtemunho mui dotados, e magníficos Templos deſte Reyno. E paſſados os primeiros annos da infancia delle, que foi todo o tempo, que eſteve no berço, em que naſceo, limitado na coſta do mar Oceano, (porque o mais do ſertão da terra ficou na Coroa de Caſtella, e a elle lhe não coube mais em ſorte neſta noſſa Europa:) todo o trabalho daquelles Principes, que então o governavam, foi alimpar a caſa deſta infiel gente dos Arabios, que lha tinham occupada do tempo da perdição de Heſpanha, té totalmente a poder de ferro os lançarem além mar, com que ſe intituláram Reys de Portugal, e do Algarve. E aſſi eſtava limpa delles no tempo delRey D. João o primeiro, que deſejando elle derramar ſeu ſangue na guerra dos infiéis, por haver a benção de ſeus avôs, eſteve determinado de fazer guerra aos Mouros do Reyno de Grada: e por alguns inconvenientes de Caſtella, e aſſi por maior gloria ſua, paſſou além mar em as partes de Africa, onde tomou aquella Metropoli Cepta Cidade tão cruel competidor de Heſpanha,

nha, como Cartago foi de Italia; da qual Cidade se logo intitulou por senhor, como quem tomava posse daquella parte de Africa, e leixava porta aberta a seus filhos, e netos pera irem mais avante. O que elles mui bem cumpríram, porque não sómente tomáram Cidades, Villas, e Lugares nos principaes portos, e forças dos Reynos de Féz, e Marrocos, restituindo á Igreja Romana a jurisdicção, que naquellas partes tinha perdida depois da perdição de Hespanha, como obedientes filhos, e primeiros Capitães pola Fé nestas partes de Africa; mas ainda foram despregar aquella divina, e real bandeira da Milicia de Christo, que elles fundáram pera esta guerra dos infieis, nas partes Orientaes da Asia, em meio das infernaes mesquitas da Arabia, e Persia, e de todolos pagódes da gentilidade da India daquém, e dalém do Gange: partes, onde, segundo Escritores Gregos, e Latinos, excepto a illustre Semirames, Bacho, e o grande Alexandre, ninguem ousou commetter. Com as quaes vitorias, que os Reys deste Reyno houveram nestas tres partes da terra, Europa, Africa, e Asia, ganhando Reynos, e estados, accrescentáram sua Coroa com novos, e illustres titulos, que lhe deram, com mais justiça do que alguns Principes desta nossa Europa tem nos estados, de que se intitulam,

lam, dos quaes está em posse esta barbara gente de Mouros, sem os poderem vindicar per lei de armas. E os Reys deste Reyno, sendo senhores do Reyno de Ormuz, cujo estado tem boa parte, e a melhor da terra maritima da Arabia, e da Persia, e senhores do Reyno de Cambaya com lhe ter tomado o maritimo delle, e senhores do Reyno de Goa, com as terras, e Ilhas a ella adjacentes, e senhores da riquissima Maláca, situada na Aurea Chersoneso tão celebrada dos Geografos, e senhores das Ilhas Orientaes de Maluco, Banda, &c. sómente se intitulam por Reys de Portugal, e dos Algarves daquém, e dalém mar, senhores de Guiné, e da Conquista, Navegação, e Commercio da Ethiopia, Arabia, Persia, e India, como se estoutros Reynos, e senhorios nomeados não se governassem per suas Leys, e Ordenações, e lhe não pagassem tributos, e rendas, e elles lhe não tivessem o pescoço debaixo do escabello de seus pés. Mas como de cada huma destas partes em seu lugar mais copiosamente fazemos relação, ao presente, leixadas ellas, pera se melhor entender o fundamento desta nossa Asia, convem que saibamos como no titulo da Real Coroa destes Reynos se comprendem tres cousas distinctas huma da outra, posto que entre si sejam tão correlativas, que huma não póde

ser

ſer ſem adjutorio da outra, communicando-ſe pera ſua conſervação. A primeira he Conquiſta, a qual trata de Milicia; a ſegunda Navegação, a que reſponde a Geografia; e a terceira Commercio, que convem á Mercadoria: das quaes partes querendo nós eſcrever ſucceſſivamente como ellas ſe foram adquirindo, e ajuntando á Coroa deſte Reyno, em lugar, e tempo, por não confundir os meritos de cada huma das materias, com adjutorio Divino, que pera iſſo imploramos, per eſte modo trataremos dellas. Quanto á parte da Conquiſta, que he propria da Milicia, eſta porque foi em todalas partes da terra, fazemos della quatro partes de eſcritura, (poſto que em ſeis em a noſſa Geografia dividamos todo o Univerſo.) A primeira parte deſta Milicia chamamos Europa, começando do tempo, que os Romanos conquiſtáram Heſpanha, na qual guerra os Portuguezes per feitos illuſtres tiveram grão nome ácerca delles, e dahi viremos fazendo diſcurſo per os tempos té o Conde D. Henrique, e per ElRey D. Afonſo Henriques, e ſeus ſucceſſores. A ſegunda parte chamamos Africa, cujo princípio he a tomada de Cepta. A terceira, que he eſta, que temos antre as mãos, o ſeu nome he Aſia, por tratar do deſcubrimento, e conquiſta das terras, e mares do Oriente, começando do tem-

po

po do Infante D. Henrique, que foi o primeiro inventor desta Milicia Austral, e Oriental. E á quarta, porque assi chamamos em a nossa Geografia á terra do Brasil, haverá nome Sancta Cruz, nome proprio posto per Pedrealvares Cabral, quando o anno de mil e quinhentos, indo pera a India, a descubrio, e aqui terá seu princípio. E de todas estas quatro partes da Milicia, esta Oriental fenece ao presente no anno de mil e quinhentos e trinta e nove, onde acabamos de cerrar numero de quarenta livros, que compõem quatro Decadas, que quizemos tirar á luz por mostra do nosso trabalho, té que venha outro curso de annos, que seguirá a estes na mesma ordem de Decadas, dando-nos Deos vida, e lugar pera o poder fazer. Quanto ao titulo da Navegação, a este respondemos com huma universal Geografia de todo o descuberto, assi em graduação de taboas, como de commentario sobrellas, applicando o moderno ao antigo, a qual não soffre compostura em linguagem, e por isso irá em Latim. A parte do Commercio, porque elle geralmente andava per todalas gentes, sem lei, nem regras de prudencia, sómente se governava, e regia pelo impeto da cubiça, que cada hum tinha, nós o reduzimos, e puzemos em arte com regras universaes, e particulares, como tem todalas sciencias, e

ar-

artes actívas pera boa policia, onde particularmente se verão todalas cousas, de que os homens tem uso, ora sejam naturaes, ora artificiaes, com a natureza, e qualidade de cada huma dellas, (segundo o que podemos alcançar,) com as mais partes de pezos, medidas, *& cetera*, que a esta materia convem. E Deos he testemunha, que em cada huma destas tres partes, Conquista, Navegação, e Commercio fizemos a diligencia possivel a nós, e mais do que a occupação do officio, e profissão de vida nos tem dado lugar. E quando em alguma dellas desfalecermos na diligencia, e eloquencia, que convinha á verdade, e magestade da mesma cousa, esse Deos, onde estam todalas verdades, ordene que venha alguem menos occupado, e mais doucto do que eu sou, pera que emende meus defeitos, os quaes bem se podem recompensar com o zelo, e amor, que tenho á patria, por tirar a infamia d'algumas fabulas, e ignorancias, que andam na boca do vulgo, e per papeis escritos dignos de seus Auctores. Leixados meus defectos, e assi esta geral preparação de toda a obra quasi em modo de argumento, e divisão della, venhamos ás causas, que o Infante D. Henrique teve pera tomar tão illustre empreza, como foi o descubrimento, e conquista, que deo fundamento a esta nossa Asia,

dos

dos feitos, que os Portuguezes fizeram no descubrimento, e conquista das terras, e mares do Oriente, como diz o titulo desta nossa escritura.

CAPITULO II.

Das causas, que o Infante D. Henrique teve pera descubrir a costa Occidental da terra de Africa: e como João Gonçalves, e Tristão Vaz descubriram a Ilha do Porto Sancto, por razão de hum temporal, que os alli levou.

DEpois que ElRey D. João de gloriosa memoria, o primeiro deste nome em Portugal, per força d' armas tomou a Cidade Cepta aos Mouros na passagem, que fez em Africa, ficou o Infante D. Henrique seu filho terceiro genito muito mais desejoso de fazer guerra aos infieis; porque se accrescentou á natural inclinação, que sempre teve de exercitar este officio de Milicia por exalçamento da Fé Catholica, não sómente a gloriosa victoria, que seu Padre com tanto louvor de Deos, e gloria da Coroa deste Reyno alcançou na tomada desta Cidade Cepta, de que elle Infante foi parte mui principal, (segundo escrevemos em a outra nossa parte intitulada Africa, de que neste preceden-

dente Capitulo fizemos menção;) mas ainda foi ácerca delle outra causa muito mais efficaz, que era a obrigação do cargo, e administração que tinha de Governador da Ordem da Cavalleria de Nosso Senhor Jesus Christo, que ElRey D. Diniz seu tresavô pera esta guerra dos infieis ordenou, e novamente constituio. E se antes da tomada de Cepta não poz em obra este seu natural desejo, foi porque já em seu tempo neste Reyno não havia Mouros, que conquistar; porque os Reys seus avôs, segundo dissemos, a poder de ferro os tinham lançado além mar em as partes de Africa. E pera os elle lá ir buscar a cumprir o que lhe ficára por avoengo, e convinha per officio, era necessario passar tão poderosamente, como fez seu Padre na tomada de Cepta, pera que lhe conveo poer grande parte de seu estado, e ainda com tanto segredo, industria, e cautelas, como nisso teve. Quanto mais, que a mesma passagem, que seu Padre per muito tempo trazia guardada no peito, lhe foi maior impedimento: cá nunca quiz que os Mouros fossem encetados com entradas, e saltos, que os espertassem, e elle perdesse huma tão grande empreza, como foi o commettimento, e tomada daquella Cidade Cepta. E posto que com a posse della parecia este negocio de con-

quiſtar os Mouros muito leve, por a entrada, e porta, que per aqui eſtava aberta, o Infante D. Henrique pera ſeu propoſito achava tudo ao contrario. Porque vendo elle como os Mouros do Reyno de Féz, e Marrocos ficavam per conquiſta mettidos na coroa deſtes Reynos, por o novo titulo que ſeu Pai tomou de Senhor de Cepta, e que per eſta poſſe Real a empreza daquella guerra era propria dos Reys deſte Reyno, e elle não podia entrevir niſſo, como Conquiſtador, mas como Capitão enviado, em o proceſſo da qual guerra elle havia de ſeguir a vontade delRey, e a diſpoſição do Reyno, e não a ſua, aſſentou em mudar eſta conquiſta pera outras partes mais remotas de Heſpanha, do que eram os Reynos de Féz, e Marrocos. Com que a deſpeza deſte caſo foſſe propria delle, e não taxada per outrem; e os meritos de ſeu trabalho ficaſſem mettidos na ordem da Cavalleria de Chriſto, que elle governava, de cujo theſouro podia diſpender; e tambem porque ácerca dos homens lhe ficaſſe nome de primeiro Conquiſtador, e deſcubridor da gente idólatra, empreza, que té o ſeu tempo nenhum Principe tentou. Com o qual fundamento, pera que eſte ſeu propoſito houveſſe effecto, era mui diligente, e curioſo na inquiſição das terras, e ſeus moradores,

e de

e de todalas coufas, que pertenciam á Geografia, dando-fe muito a ella. Donde affi na tomada de Cepta, como as outras vezes que lá paffou, fempre inquiria dos Mouros as coufas de dentro do fertão da terra, principalmente das partes remotas aos Reynos de Féz, e Marrocos. A qual diligencia lhe refpondeo com o premio, que elle defejava, porque veio faber per elles não fómente das terras dos Alarves, que são vizinhos aos defertos de Africa, a que elles chamam Çahará, mas ainda das que habitam os póvos Azenegues, que confinam com os negros de Jalof, onde fe começa a região de Guiné, a que os mefmos Mouros chamam Guinauhá, dos quaes recebemos effe nome. Pois tendo o Infante efta informação approvada per muitos, que concorriam em huma mefma coufa, começou a poer em execução efta obra, que tanto defejava, mandando cada anno dous, e tres navios, que lhe foffem defcubrindo a cofta além do Cabo de Nam, que he adiante do Cabo da Guillo obra de doze leguas. O qual Cabo de Nam era o termo da terra defcuberta, que os navegantes de Hefpanha tinham pofto á navegação daquellas partes. E dado que por caufa das diligencias, e modos, que nifto teve, ante que armaffe os primeiros navios, elle eftava bem informado das cou-

ſas de toda a coſta da terra, que os Mouros habitavam, per meio delles: alguns quizeram affirmar, que como era Principe Catholico, e de vida mui pura, e religioſa, eſta empreza mais lhe fora revelada, que per elle movida. Porque eſtando em huma Villa, que novamente fundava no Reyno do Algarve na angra de Sagres, a que poz nome *Terçanabal*, e ora ſe chama a Villa do Infante: hum dia em ſe levantando, ſem precederem mais couſas que as diligencias que fazia pera ter informação das terras, mandou com tanta diligencia armar dous navios, que foram os primeiros, como ſe naquella noite lhe fora dito, que ſem mais dilação, nem inquirição do que perguntava, mandaſſe deſcubrir. E não ſómente per conjectura deſta preſſa, mas ainda per outras, que os ſeus notáram, dizem ſer elle exhortado per Oraculo divino, que logo o fizeſſe. Mas os navios, que daquella vez, e d'outras foram, e vieram, não deſcubríram mais que té o Cabo Bojador, que ſerá davante de Cabo de Nam obra de ſeſſenta leguas, e alli paravam todos, ſem algum ouſar de commetter a paſſagem delle. Porque como eſte Cabo começa de incurvar a terra de mui longe, e ao reſpecto da coſta, que atrás tinham deſcuberta, lança, e boja pera Aloeſte perto de quarenta leguas, (don-

(donde deste muito bojar lhe chamáram bojador,) era pera elles cousa mui nova apartar-se do rumo, que levavam, e seguir outro pera Aloeste de tantas leguas. Principalmente porque no rosto do Cabo achavam huma restinga, que lançava pera o mesmo rumo da Loeste obra de seis leguas; onde por razão das aguas, que alli correm naquelle espaço, o baixo as move de maneira, que parecem saltar, e ferver: a vista das quaes era a todos tão temerosa, que não ousavam de as commetter, e mais quando viam o baixo. O qual temor cegava a todos, pera não entenderem, que affastando-se do Cabo o espaço das seis leguas, que occupava o baixo, podiam passar além; porque como eram costumados ás navegações, que então faziam de Levante a Ponente, levando sempre a costa na mão por rumo d'agulha, não sabiam cortar tão largo que salvassem o espaço da restinga, sómente com a vista do ferver destas aguas, e baixo que achavam, concebiam que o mar dalli por diante era todo aparcellado, e que não se podia navegar; e que esta fora a causa, por que os povoadores desta parte da Europa não se estendêram a navegar contra aquellas regiões. Alguns, que entendiam ácerca das cousas naturaes, queriam dar causa, porque o mar daquellas terras quentes não era tão pro-

profundo, como o das terras frias, dizendo que o Sol queimava tanto as terras que jaziam debaixo do ſeu curſo, que com juſta cauſa eſtava aſſentado per todolos Filoſofos ſerem terras, onde ſe não podia habitar por razão do ardor delle; e que eſte ardor era o que conſumia as aguas doces, que geralmente ſe produzem do coração da terra, e as ſalgadas eram das que o mar frio eſpraiava naquellas praias quentes; de maneira, que a navegação das taes regiões eram mais praias cubertas de baixos, que mar navegavel. Os Capitães, que o Infante enviava a eſte deſcubrimento, quando ſe tornavam pera eſte Reyno, parecendo-lhes que o compraziam por ſaberem que ſua natureza, e inclinação era fazer guerra aos Mouros, vinham-ſe pela coſta da Berberia té o eſtreito, onde faziam algumas entradas, e ſaltos nas povoações delles, com que ſe apreſentavam antelle alegres de ſuas vitorias. Mas o deſejo do Infante com eſtas taes prezas não ficava ſatisfeito, porque todo eſtava poſto na eſperança que lhe o eſprito promettia, ſe proſeguiſſe naquella empreza, da qual algumas vezes deſiſtia, porque os negocios do Reyno, e as paſſagens, que fez aos lugares de Africa, o impediam a não levar o fio deſte deſcubrimento tão continuado, como elle deſejava. E vindo

do

do grande cerco de Cepta, (como ſe na parte de Africa contém,) depois que eſtes negocios algum tanto lhe deram lugar, falláram-lhe dous Cavalleiros de ſua caſa, que naquellas idas dalém o tinham mui bem ſervido, pedindo-lhe muito, que pois Sua Mercê armava navios pera deſcubrir a coſta de Berberia, e Guiné, lhe aprouveſſe irem elles em algum navio a eſte deſcubrimento, cá ſentiam em ſi que nelle o poderiam bem ſervir. O Infante vendo ſuas boas vontades, e conhecendo delles ſerem homens pera qualquer honrado feito pela experiencia que tinha de ſeus ſerviços, mandou-lhes armar hum navio, a que chamavam Barcha naquelle tempo: e deo-lhes regimento, que correſſem a coſta de Berberia té paſſarem aquelle temeroſo Cabo Bojador, e d'hi foſſem deſcubrindo o que mais achaſſem; a qual terra, ſegundo moſtravam as tavoas de Tholomeu, e aſſi pela informação, que tinha dos Alarves, ſabia ſer continua huma a outra, té ſe metter debaixo da linha equinocial, peró que não teveſſe noticia da navegação da ſua coſta. Noſſo Senhor como por ſua miſericordia queria abrir as portas de tanta infidelidade, e idolatria pera ſalvação de tantas mil almas, que o Demonio no centro daquellas regiões, e provincias barbaras tinha cativas, ſem noticia dos meritos da noſ-

ſa

ſa Redempção: partidos eſtes dous Cavalleiros em ſua barca, começou neſta viagem obrar ſeus myſterios, demoſtrando-nos, e deſcubrindo a grandeza dos Mundos, e terras, que pera nós tinha creado, com tantos theſouros, e riquezas, como em ſi continham. As quaes terras havia tantos mil annos que por noſſos peccados, ou pelas enormes, e torpes idolatrias de ſeus moradores, ou per outro qualquer juizo occulto, eſtavam cerradas, e de nós bem eſquecidas, ſem haver Principe, ou Rey de quantos foram em Heſpanha, que eſte deſcubrimento commetteſſe, como lemos que tomáram outras emprezas, que não trouxeram tanto louvor á Igreja de Deos, nem á ſuas coroas tanta gloria, e accreſcentamento, como lhe eſta podia dar. Parece que aſſi como em o velho Teſtamento lemos, que Deos não conſentio que David, ſendo a elle tão acepto, lhe edificaſſe templo por ſer barão, que trazia as mãos tintas de ſangue humano das guerras, que teve, e quiz que eſte templo material lhe edificaſſe Salamão ſeu filho por ſer Rey pacífico, e limpo deſte ſangue: aſſi permittio eſtar eſta parte do Mundo tantas centenas de annos encuberta, e eſcondida. Porque tão grande couſa, como era a edificação da ſua Igreja neſtas partes da idolatria, convinha que foſſe per

hum

hum barão tão puro, tão limpo, e de coração tão virginal, como foi este Infante D. Henrique, que abrio os alicerces della, e per outro tão Christianissimo, e zelador da Fé, e honra de Deos, como foi ElRey D. Manuel seu sobrinho, e neto adoptivo: que depois, como adiante veremos, muito trabalhou na edificação desta Igreja Oriental, mettendo grande parte do povo idólatra em o curral do Senhor, e como hum novo Apostolo, levou o seu nome per todalas gentes. E assi permittio, que este descubrimento pela magestade delle passasse pela lei, que tem as grandes cousas, as quaes quando se querem mostrar a nós, tem huns principios trabalhosos, e casos não pensados, e de tanto perigo, como passáram estes dous Cavalleiros, que o Infante mandou descubrir. Porque antes que chegassem á costa de Africa, saltou com elles tamanho temporal com força de ventos contrarios á sua viagem, que perdêram a esperança das vidas, por o navio ser tão pequeno, e o mar tão grosso, que os comia, correndo a arvore secca á vontade delle. E como os marinheiros naquelle tempo não eram costumados a se engolfar tanto no pégo do mar, e toda sua navegação era per sangraduras sempre á vista de terra, e segundo lhes parecia eram mui affastados da costa des-

deſte Reyno, andavam todos tão torvados, e fóra do ſeu juizo pelo temor lhes ter tomado a maior parte delle, que não ſabiam julgar em que paragem eram. Mas aprouve a piedade de Deos, que o tempo ceſſou; e poſto que os ventos lhes fizeram perder a viagem que levavam, ſegundo o regimento do Infante, não os deſviou de ſua boa fortuna: deſcubrido a Ilha, a que agora chamamos Porto Santo, o qual nome lhe elles então puzeram, porque os ſegurou do perigo, que nos dias da fortuna paſſáram. E bem lhe pareceo que terra em parte não eſperada, não ſómente lha deparava Deos pera ſua ſalvação, mas ainda pera bem, e proveito deſtes Reynos, vendo a diſpoſição, e ſitio della: e mais não ſer povoada de tão féra gente, como naquelle tempo eram as Ilhas Canareas, de que já tinham noticia. Com a qual nova, ſem ir mais avante, ſe tornáram ao Reyno, de que o Infante recebeo o maior prazer, que té quelle tempo deſta ſua impreza tinha viſto, parecendo-lhe que era Deos ſervido della, pois já começava ver o fruto de ſeus trabalhos. E accreſcentava mais a eſte ſeu prazer, dizerem aquelles dous Cavalleiros, a hum dos quaes chamavam João Gonçalves Zarco dalcunha, e ao outro Triſtão Vaz, que vinham tão contentes dos ares, ſitio, e freſquidão

da

da terra, que ſe queriam lá tornar a povoalla, por verem que era mui groſſa, e azada pera frutificar todaslas ſementes, e plantas de proveito. E não ſómente elles, e os outros de ſua companhia que a víram, mas ainda muitos polo que della ouviam, e tambem por comprazer ao Infante, ſe offerecêram a elle com eſte propoſito de a povoar: antre os quaes foi huma peſſoa notavel chamado Bertolameu Pereſtrello, que era Fidalgo da caſa do Infante D. João ſeu irmão. Vendo elle Infante D. Henrique o alvoroço, com que ſe já os homens deſpunham a eſte negocio, convertia-ſe a Deos, dando-lhe muitas graças, pois lhe aprouvera ſer elle o primeiro que deſcubriſſe a eſte Reyno, principio de outros, em que o coração da gente Portuguez ſe eſtendeſſe pera ſeu ſerviço. Pera a qual ida logo com muita diligencia mandou armar tres navios, hum dos quaes deo a Bertolameu Pereſtrello, e os outros dous a João Gonçalves, e a Triſtão Vaz primeiros deſcubridores indo mui apercebidos de todalas ſementes, e plantas, e outras couſas, como quem eſperava de povoar, e aſſentar na terra. Antre as quaes era huma coelha, que Bertolameu Pereſtrello levava prenhe mettida em huma gaiola, que pelo mar acertou de parir, de que todos houveram muito prazer: e tiveram

por

por bom prognoſtico, pois já pelo caminho começavam dar fruto as ſementes que levavam, e aquella coelha lhes dava eſperança da grande multiplicação que haviam de ter na terra. E certo que eſta eſperança da multiplicação da coelha os não enganou, mas foi com mais pezar que prazer de todos; porque chegados á Ilha, e ſolta a coelha com ſeu fruto, em breve tempo multiplicou em tanta maneira, que não ſemeavam, ou plantavam couſa que logo não foſſe roida. O que foi em tanto creſcimento per eſpaço de dous annos que alli eſtiveram, que quaſi importunados daquella praga, começou de aborrecer a todos o trabalho, e modo de vida que alli tinham, donde Bertolameu Pereſtrello determinou de ſe vir pera o Reyno, ou per qualquer outra neceſſidade que pera iſſo teve.

CAPITULO III.

Como João Gonçalves, e Triſtão Vaz, partido Bertolameu Pereſtrello, deſcubríram a Ilha, a que ora chamam da Madeira, a qual o Infante D. Henrique repartio em duas Capitanias: huma chamada do Funchal, que deo a João Gonçalves; e a outra Machico, que houve Triſtão Vaz.

JOão Gonçalves, e TriſtãoVaz, como eram chamados pera melhor fortuna, e mais proſperidade, não ſe quizeram vir pera o Reyno, nem menos fazer aſſento naquella Ilha; mas partido Bertolameu Pereſtrello, determináram de ir ver ſe era terra huma grande ſombra que lhe fazia a Ilha, a que ora chamamos da Madeira, na qual havia muitos dias que ſe não determinavam, porque por razão da grande humidade que em ſi continha com a eſpeſſura do arvoredo, ſempre a viam afumada daquelles vapores, e parecia-lhes ſerem nuvens groſſas; e outras vezes affirmavam que era terra, porque demarcando aquelle lugar com a viſta, não o viam deſaſſombrado como as outras partes. Aſſi que movidos deſte deſejo, em dous barcos que fizeram da madeira da Ilha em que eſtavam, vendo o mar pera iſſo diſpoſto, paſſáram-ſe a ella, á qual chamáram da

Ma-

Madeira por causa do grande, e mui espesso arvoredo de que era cuberta. Nome já mui celebrado, e sabido per toda a nossa Europa, e assi em muitas partes de Africa, e Asia por os frutos da terra de que todas participam; e ella tão nobre, fertil, e generosa em seus moradores, que tirando Inglaterra mui antiquissima em povoação, e illustre com a magestade dos seus Reys, em todo o mar Oceano Occidental a esta nossa Europa ella se póde chamar princeza de todas. O que a fama tem da ida destes dous Capitães, e sua sahida em terra, e que João Gonçalves com o seu barco sahio onde ora chamam Camara de Lobos junto do Funchal, e Tristão Vaz sahio na ponta de Tristão, a que elle então deo nome; e que da sahida que cada hum fez nestes lugares lhe coube a sorte da terra, que lhe foi dada pelo Infante em capitanía. Os herdeiros de João Gonçalves tem escritura mui particular deste descubrimento, e querem que toda a honra, e trabalho delle lhe seja dada, dizendo, que Tristão Vaz não era homem de tanta idade, nem qualidade, como João Gonçalves, sómente que era chegado a elle per amizade, e companhia, e que como homem mancebo, e desta conta sempre era nomeado por Tristão, os quaes chegando ambos em hum

bar-

barco do meſmo João Gonçalves, ſahíram naquelle lugar chamado ora a ponta de Triſtão, e alli o leixou João Gonçalves, dizendo, que em quanto elle hia no batel dar huma volta á Ilha buſcar outro porto, que entraſſe elle ver a terra per dentro. E que ficando alli Triſtão, elle viera em ſeu barco ter á parte a que ora chamam o Funchal, do qual ſitio, e diſpoſição de terra, quanto de fóra ſe podia julgar, elle ficou contente; e tornando onde leixára Triſtão, lhe deo toda aquella terra, que lhe depois foi dada em capitanía, iſto em nome do Infante, por trazer regimento, e commiſsão ſua pera o poder fazer. Gomezeanes de Zurara, que foi Chroniſta deſtes Reynos, de cuja eſcritura nós tomamos quaſi todo o proceſſo do deſcubrimento de Guiné, (como ſe adiante verá,) em ſoma diz, que ambos eſtes Cavalleiros deſcubríram eſta Ilha; peró ſempre nomea a Triſtão Vaz por Triſtão, como peſſoa menos principal. Nós leixado o particular deſta precedencia, baſta pera noſſa hiſtoria ſaber como ao tempo, que João Gonçalves ſahio em terra, era ella tão cuberta de eſpeſſo, e forte arvoredo, que não havia outro lugar mais deſcuberto que huma grande lapa, ao modo de camara abobodada, que ſe fazia debaixo de huma terra ſoberba ſobre o mar. O chão da qual

la-

lapa eſtava mui ſovado dos pés dos lobos marinhos, que alli vinham retouçar, ao qual lugar elle chamou Camara de Lobos; e tomou eſte appellido em memoria, que naquelle lugar foi a primeira entrada de ſua povoação. O qual appellido ficou a todolos ſeus herdeiros, e alguns ſe chamam da Camara ſómente: e però todos trazem por armas, ſe são as que deram a João Gonçalves, hum eſcudo verde, e huma torre de menagem de prata cuberta, e dous lobos de ſua côr pegados nella, e na ponta do curucheo da torre huma cruz d'ouro. O Infante depois que eſtes Capitães vieram ao Reyno com a nova deſta Ilha, per conſentimento delRey D. João ſeu Padre, a repartio em duas capitanías: a João Gonçalves deo a que chamamos do Funchal, onde eſtá a Cidade nomeada deſte lugar com as demarcações que a ella pertencem, de que ora ſeus herdeiros são Capitães de juro, e herdade, ſegundo ſe contém em ſuas doações. E a Triſtão Vaz deo a outra, onde eſtá a povoação de Machico, cujos ſucceſſores a tiveram té o anno de quinhentos e quarenta, onde ſe quebrou ſeu legitimo herdeiro, ſegundo tinham per ſua doação, da qual ElRey D. João o terceiro Noſſo Senhor neſte meſmo tempo fez doação della de juro, e herdade a Antonio da Silveira

de

de Menezes, filho de Nuno Martins da Silveira Senhor de Goes em satisfação dos serviços, que fez na India em o cerco da Cidade de Diu do Reyno Guzarate, onde estava por Capitão, quando foi cercado per Soleimão Bassá Capitão mór d'Armada do Turco, (como se verá em seu lugar.) E a fóra o merito, que estes Capitães tiveram naquelle descubrimento pera lhes ser feita mercê daquellas capitanías, havia outros de suas pessoas, e serviço, per que cabia nelles toda honra; porque em as idas dalém, principalmente em o cerco de Cepta, quando foi o desbarato dos Mouros no dia da chegada, onde se elles achâram, e assi no cerco de Tangere, ambos o fizeram honradamente, e o Infante os armou Cavalleiros. E que nesta parte os meritos dambos fossem communs, em João Gonçalves particularmente havia os da nobreza do seu sangue, o que parece responder a lhe ser dada maior parte na repartição da Ilha, sempre depois precedeo em honra aos Capitães de Machico. Porém quanto aos trabalhos, que cada hum teve em povoar o que lhe coube em sorte, ambos são dignos de muito louvor; e começâram esta obra da povoação no anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil quatrocentos e vinte. No principio da qual povoação poendo

João Gonçalves fogo naquella parte, onde ſe ora chama o Funchal, em huma roça que fez pera deſcubrir a terra do arvoredo, e rama, que tinha per baixo, e nella lançar algumas ſementes, aſſi tomou o fogo poſſe da roça, e do mais arvoredo, que ſete annos andou vivo no bravio daquellas grandes matas, que a natureza tinha creado havia tantas centenas de annos. A qual deſtruição de madeira, poſto que foi proveitoſa pera os primeiros povoadores, logo em breve começáram lograr as novidades da terra: os preſentes ſentem bem eſte damno por a falta que tem de madeira, e lenha; porque mais queimou aquelle primeiro fogo, do que dentão té ora poderá decepar força de braço, e machado. Couſa que o Infante muito ſentio, e parece que como profecia vio eſta neceſſidade preſente que a Ilha tem de lenha; porque dizem que mandava que todos plantaſſem matas, polo negocio dos açucares, de que a Ilha logo deo moſtra gaſtar tanta, que era certo vir a eſta neceſſidade. E a primeira Igreja, que o Infante mandou fundar, foi Noſſa Senhora do Calhão; e depois que a Ilha começou a multiplicar em povoações, ſe fundou Noſſa Senhora da Aſſumpção, que ora he Sé Cathedral Arcebiſpado Primaz das Indias. Depois no anno de mil quatro-

cen-

centos trinta e tres em a Villa de Sintra a vinte e ſeis de Setembro ElRey D. Duarte irmão deſte Infante lhe fez doação della em dias de ſua vida, e no anno ſeguinte em a meſma Villa a vinte ſeis e Doctubro deo todo o eſpiritual della á Ordem de Chriſto: As quaes doações depois lhe foram confirmadas per ElRey D. Affonſo ſeu ſobrinho o anno de mil quatrocentos e trinta e nove. E por as couſas deſta Ilha ſerem a nós já mui manifeſtas, e ſabidas, leixamos de eſcrever da fertilidade della: ſómente ſe póde notar ſer couſa tão groſſa, que alguns annos rendeo o quinto dos açucares ao Meſtrado de Chriſto paſſante de ſeſſenta mil arrobas: e eſta novidade ſe havia em terra, que occupava pouco mais de tres leguas. A Ilha do Porto Santo deo o Infante a Bertolameu Pereſtrello que a povoaſſe, o que lhe foi mui trabalhoſa couſa por cauſa dos coelhos, que os moradores não podiam vencer, dos quaes ainda hoje em hum ilheo, que eſtá pegado a ella, he tanta a multidão que parecem bichos, e paſſou já de tres mil huma matança que ſe nelles fez. Tambem houve outra cauſa de ſe eſta Ilha não povoar como a da Madeira, e foi por não haver nella ribeiras de regadio pera as fazendas dos moradores, com que Bertolameu Pereſtrello ficou com menos ſorte que

os outros Capitães, cuidando o Infante naquelle tempo que lhe ficava a melhor.

CAPITULO IV.

Das murmurações, que o povo do Reyno fazia contra este descubrimento: e como havendo doze annos que nelle se proseguia, hum Gileanes passou o Cabo Bojador tão temeroso na opinião das gentes.

COm o descubrimento destas duas Ilhas começou o Infante a se esforçar mais em o seu principal intento, que era descubrir a terra de Guiné, por haver já doze annos que trabalhava nisso contra parecer de muitos, sem achar algum final pera satisfação daquelles, que haviam este negocio por cousa sem fruto, e mui perigosa a todolos, que andavam nesta carreira, por este commum proverbio, que traziam os mareantes: *Quem passar o Cabo de Nam, ou tornará, ou não.* E era tão assentado o temor desta passagem no coração de todos, por herdarem esta opinião de seus avós, que com muito trabalho achava o Infante quem nisso o quizesse servir, peró que já o descubrimento da Ilha da Madeira désse algum animo aos navegantes. Porque diziam muitos, que como se havia de passar hum cabo, que os mareantes de Hespanha puzeram por

por termo , e fim da navegação daquellas partes , como homens que ſabiam não ſe poder navegar o mar, que eſtava além delle, aſſi por as grandes correntes, como por ſer mui aparcelado, e com tanto fervor das aguagens , que ſorvia os navios. E mais, que a terra que o Infante mandava buſcar não era terra , mas huns areaes, como os deſertos de Lybia, de que fallavam os Eſcritores, por ella ſer huma parte a mais Occidental della , de que já tinha experiencia em as ſeſſenta leguas de coſta, que eſtavam ante do Cabo Bojador. E não ſómente os mareantes, mas ainda outras peſſoas de mais qualidade, diziam: *Certamente nós não ſabemos que opinião foi eſta do Infante , nem que fruto elle eſpera deſte ſeu deſcubrimento, ſenão perdição de quanta gente vai em os navios , pera ficarem muitos orfãos, e viuvas no Reyno, além da deſpeza de ſuas fazendas , pois o perigo, e o gaſto ambos eſtam manifeſtos, e o proveito tão incerto, como todos ſabemos. Porque ſempre ahi houve Reys, e Principes em Heſpanha deſejoſos de grandes emprezas, e tão cubiçoſos de buſcar , e deſcubrir novos eſtados, como o Infante ; e não vemos, nem lemos em ſuas Chronicas, que mandaſſem deſcubrir eſta terra, tendo-a por tão vizinha. Mas como couſa de que não eſperavam honra,*

ou

ou proveito algum , leixáram de a descubrir , contentando-se com a terra , que ora temos , a qual Deos deo por termo , e habitação dos homens ; e se alguma houver , onde o Infante diz , devemos crer que elle a leixou pera pasto dos brutos. Cá , segundo os antigos escrevêram das partes do Mundo , todos affirmão que esta , per que o Sol anda , á que elles chamam torrida Zona , não he habitada. Ora onde o Infante manda descubrir , he já tanto dentro no fervor do Sol , que de brancos que os homens são , se lá for algum de nós , ficará , (se escapar ,) tão negro , como são os Guineos vizinhos a esta quentura. Se ao Infante parece que como ora achou estas duas Ilhas , que o tem mais elevado neste descubrimento , póde achar outras terras hermas , grossas , e fertiles , como dizem que ellas são , terras , e maninhos ha no Reyno pera romper , e aproveitar sem perigo de mar , nem despezas desordenadas. E mais temos exemplos contrarios a esta sua opinião , porque os Reys passados deste Reyno sempre dos Reynos alheios pera o seu trouxeram gente a este a fazer novas povoações ; e elle quer levar os naturaes Portuguezes a povoar terras hermas per tantos perigos de mar , de fome , e sede , como vemos que passam os que lá vam. Certo que outro exemplo lhe

deo

deo ſeu Padre poucos dias ha, dando os maninhos de Lavra junto de Coruche a Lambert de Orches Alemão, que os rompeſſe, e povoaſſe, com obrigação de trazer a elle moradores eſtrangeiros d'Alemanha; e não mandou ſeus vaſſallos paſſar além mar romper terras, que Deos deo por paſto dos brutos. E bem ſe vio quanto mais naturaes são pera elles, que pera nós, pois em tão poucos dias huma coelha multiplicou tanto, que os lançou fóra da primeira Ilha, quaſi como amoeſtação de Deos, que ha por bem ſer aquella terra paſtada de alimarias, e não habitada per nós. E quando quer que neſtas terras de Guiné ſe achaſſe tanta gente, como o Infante diz, não ſabemos que gente he, nem o modo de ſua peleja; e quando foſſe tão barbara, como ſabemos que he a das Canareas, a qual anda de penedo em penedo, como cabras ás pedradas contra quem os quer offender, nós que proveito podemos ter de terra tão eſterele, e aſpera, e cativar gente tão meſquinha? Certo nós não ſabemos outro, ſenão virem elles encarentar o mantimento da terra, e comerem noſſos trabalhos; e por cobrarmos hum comedor deſtes, perdermos os amigos, e parentes. Eſtas, e outras couſas dizia a gente naquelle tempo, vendo com quanto fervor, e deſejo o Infante procedia neſte deſcu-

cubrimento de Guiné, a qual conquiſta durou per eſpaço de doze annos, ſem neſte tempo algum, de quantos navios mandou, ouſar paſſar o Cabo Bojador. Porém quando os Capitães tornavam, faziam algumas entradas na coſta de Berberia, (como atrás diſſemos,) com que elles refaziam parte da deſpeza, o que o Infante paſſava com ſoffrimento, ſem por iſſo moſtrar aos homens deſcontentamento de ſeu ſerviço, dado que não cumpriſſem o principal a que eram enviados. Porque como era Principe Catholico, e todalas ſuas couſas punha em as mãos de Deos, parecia-lhe que não era merecedor que per elle foſſe deſcuberto, o que tanto tempo havia que eſtava eſcondido aos Principes paſſados de Heſpanha. Com tudo, porque ſentia em ſi hum eſtimulo de virtuoſa perfia, que o não leixava deſcançar em outra couſa, parecia-lhe que era ingratidão a Deos dar-lhe eſtes movimentos, que não deſiſtiſſe da obra, e elle ſer a iſſo negligente. As quaes inſpirações aſſi o incitavam, que mandou armar huma barca, a capitanía da qual deo a hum Gilianes ſeu criado natural da Villa de Lagos, que já o anno paſſado fora a eſte deſcubrimento; e por lhe os tempos não terçarem bem, ſe foi ás Canareas, e em alguns ſaltos que fez tomou certos cativos, com que ſe tornou pera

ra

ra o Reyno. E porque o Infante se mostrou mal servido delle por este feito, ficou tão descontente de si, que nesta segunda viagem determinou de offerecer a vida a todolos perigos, e não vir ante o Infante sem mais certo recado do que trouxera o anno passado. E a este seu proposito se ajuntou a boa fortuna, ou por melhor dizer, a hora, em que Deos tinha limitado o curso de tanto receio, como todos tinham de passar aquelle Cabo Bojador, o qual nome lhe elle então poz pelas razões que atrás dissemos, não tendo té aquelle tempo algum ácerca de nós; e segundo a sua situação, podemos dizer ser aquelle o Cabo, a que Ptholomeu chama Ganaria promontorio. E posto que a obra desta passagem não foi grande em si, quanto agora, então lhe foi contada por hum grande feito, e houveram que era igual a hum dos trabalhos de Hercules, porque com esta passagem desfez a vã opinião, que toda Hespanha tinha, e deo animo áquelles, que não ousavam seguir este descubrimento. Tornado Gilianes ao Reyno com esta nova, foi recebido do Infante com aquelle prazer, que se tem das cousas tão desejadas, e per tanto tempo, e trabalho riqueridas, como eram aquellas, e agalardoou sua pessoa, e assi os da sua companhia com honra, e mercê. E o que mais

ani-

animou o Infante a esta empreza, foi contar-lhe Gilianes como sahíra em a terra sem achar gente, ou povoação alguma, e que lhe parecêra mui fresca, e graciosa; e que em final de não ser tão esterele, como as gentes diziam, trazia alli a Sua Mercê em hum barril cheio de terra humas hervas, que se pareciam com outras, que cá no Reyno tem flores, a que chamam rosas de Santa Maria. As quaes sendo trazidas ante o Infante elle as cheirava, e tanto se gloriava de as ver, como se fora algum fruto, e mostra da terra de promissão, dando muitos louvores a Deos: e pedia a Nossa Senhora, cujo nome aquellas hervas tinham, que encaminhasse as cousas daquelle descubrimento pera louvor, e gloria de Deos, e accrescentamento de sua Santa Fé. E não sómente o Infante, cuja era esta empreza, mas ainda ElRey D. Duarte seu irmão, que então reinava, ficou mui contente deste feito, tanto pela honra do Infante, por saber as murmurações que andavam no Reyno desta sua empreza, como por o proveito, que elle, e os seus naturaes nisso podiam ter. O qual logo publicamente quiz mostrar este contentamento, porque estando em a Villa de Sintra, onde lhe foi dada pelo Infante esta nova, elle fez doação de todo o espiritual das Ilhas da Madeira, Porto Santo,

to, e Deſerta ao Meſtrado de Chriſto, de que elle Infante era Governador, e diſſo lhe paſſou Carta a vinte e ſeis de Outubro da era de mil quatrocentos trinta e tres annos, pedindo nella ao Papa que o confirmaſſe. E no meſmo tempo lhe fez mercê a elle Infante das ditas Ilhas em dias de ſua vida, com toda juriſdicção de Civel, e Crime, ſegundo em a doação ſe contém.

CAPITULO V.

Como o Infante mandou Afonſo Gonçalves Baldaya ſeu Copeiro por Capitão de hum barinel, e Gilianes, o que paſſou o Cabo Bojador, em ſua barca: e como tornáram ſegunda vez no anno ſeguinte: e da peleja que houveram com huns Alarves dous moços, que ſahíram em terra.

O Anno ſeguinte de trinta e quatro, como o Infante eſtava informado per Gilianes da maneira da terra, e da navegação ſer menos perigoſa do que ſe dizia, mandou armar hum barinel, que foi o maior navio, que té então tinha enviado, por já eſtar fóra da ſuſpeita, que ſe tinha dos baixos, e parcel, que diziam haver além do Cabo. A capitanía do qual deo a Afonſo Gonçalves Baldaya ſeu Copeiro, e em ſua companhia foi Gilianes em ſua barca, os quaes

quaes com bom tempo, além do Cabo já descuberto, corrêram obra de trinta leguas. E sahidos em terra, acháram rasto de homens, e camellos, como que passavam em cafila de huma parte á outra; e sem mais outra cousa, depois de notarem a maneira, e disposição da terra, ou porque assi lhe fora mandado, ou per qualquer outra necessidade, que a isso os obrigou, se tornáram pera o Reyno, e ficou nome áquelle lugar, onde chegáram, Angra dos Ruinos pola grande pescaria que alli fizeram delles. O Infante sabendo per elles o que acháram, no seguinte anno os tornou enviar, encommendando-lhes que trabalhassem por passar mais avante, té chegar á terra povoada, onde pudessem ver lingua pera se informar della. Nesta segunda viagem, como já navegavam com menos temor, em breve tempo passáram além do que tinham descuberto doze leguas, onde lhe a terra pareceo chã, e descuberta, lançáram fóra dous cavallos, que o Infante mandára levar pera aquelle mister, em os quaes Afonso Gonçalves mandou cavalgar dous moços, e por os não cansarem pera qualquer corrida, se lhe necessario fosse, não consentio que levassem armas defensivas. E tambem por lhes não dar nellas confiança pera poderem pelejar, sómente leváram lanças, e espadas,

e re-

e recado que não fizessem mais que descubrir a terra, e isto sem se apartar hum do outro, nem menos se apeassem; e porém vendo alguma pessoa, que elles sem seu perigo pudessem prender, que o fizessem. Sería cada hum destes mancebos de quinze té dezesete annos, e bem mostráram no accommettimento deste feito quem depois haviam de ser, porque com tanto animo partíram ao que lhe Afonso Gonçalves mandava, como se foram passear a hum campo mui sabido, e seguro. E quiz Deos que a este seu esforço não desfaleceo bom acontecimento; porque sendo já passada a maior parte do dia da menhaã que partíram, achạram juntos dezenove homens cada hum com seu dardo na mão á maneira de azagaias. E como deram de subito sobre elles, sem ter lugar pera não serem vistos, e se tornar ao navio dar esta nova, peró que lhe era defezo commetterem tal cousa, houveram que caiam mais em culpa de suas honras, se lhe fugissem, que em desobediencia de seu Capitão, se os commettessem. Com o qual proposito remettêram a elles, cuidando que os pudessem alancear; mas os Mouros tiveram melhor cuidado de si, porque tanto que os víram, espantados de tamanha novidade, primeiro que se elles determinassem, se acolhêram a huma furna, que estava debaixo de

de huns penedos. Os mancebos vendo que ſe não podiam ajudar delles á ſua vontade, depois que pelejáram hum bom pedaço, e feríram alguns, e hum delles tambem ficou ferido em hum pé de huma azagaia de remeſſo, leixáram-os de todo, e vieram em buſca do navio, que por ſerem mui apartado já delles, não puderam tomar ſenão ao outro dia pela menhaã. Onde foram recebidos com grande feſta, e honra, de que elles eram merecedores, cá não foi eſte ſeu caſo tão pequeno, que não poſſa ſer eſtimado por hum honrado feito. Porque quem conſiderar a idade delles, e a eſtranheza de terra, e quanta fabula a gente de Heſpanha della dizia, e os temores, que tinham concebido do que nella havia, averá que foi obra de generoſo, e esforçado animo entrar per ella tão longe, quanto mais commetter dezenove homens de figura tão disforme, que ſómente eſperar a viſta delles era aſſás ouſadia. Mas iſto he proprio da virtude, e nobreza do ſangue, em qualquer idade logo ſe moſtra, ainda que ſeja nos maiores perigos da vida. E por não ficarem ſem o merito, que ſe deve áquelles, que á cuſta do ſeu ſuor, e ſangue ſervem a Deos, e a ſeu Rey, e mais pois eſtes foram os primeiros, que por eſtas duas cauſas o derramáram naquellas partes, he bem que ſe

ſai-

ſaiba que a hum chamavam Hector Homem, e a outro Diogo Lopes Dalmeida, ambos homens Fidalgos, e eſpeciaes Cavalleiros creados na eſcola da nobreza, e virtude daquelle tempo, que foi a caſa deſte excellente Principe Infante D. Henrique. Afonſo Gonçalves informado per elles do lugar, onde ficavam os Mouros, determinou com gente de os ir buſcar: peró todo ſeu trabalho ſe converteo em trazer o deſpojo, que aquella gente barbara com temor leixou na furna da contenda, o qual deſpojo de pobreza foi mais por ſinal da vitoria daquelles novees Cavalleiros, que por ſua valia. Com o qual feito, além do nome que elles ganháram pera ſi, tambem o deram com a ſua ſahida áquelle lugar, que ora chama a Angra dos cavallos; que com mais razão ſe podia chamar dos primeiros Cavalleiros naquella parte de Lybia deſerta. Partido dalli Afonſo Gonçalves, obra de doze leguas foi dar em hum rio, a entrada do qual em huma coroa, que ſe fazia no meio, víram jazer tanta multidão de lobos marinhos, que foram aſſomados em numero de cinco mil, dos quaes matáram boa ſomma, de que trouxeram as pelles por naquelle tempo ſer couſa mui eſtimada. Mas como nenhuma deſtas couſas contentava a Afonſo Gonçalves, pois não levava ao Infante hum daquel-

quelles Mouros, com deſejo de achar outros paſſou mais adiante té huma ponta, a que ora chamam a Pedra de Galé, nome, que lhe elle então poz, por a ſemelhança que moſtra a quem a vê de longe, no qual lugar achou humas redes de peſcar, que parecia ſer feito o fiado dellas do entrecaſco d'algum páo, como ora vemos o fiado da palma, que ſe faz em Guiné. E porque aquelles eram ſinaes da terra povoada, fez pera aquella coſta algumas ſahidas, ſem achar povoação, nem poder haver o que deſejava levar ao Infante; e ſem mais outro feito, por ter os mantimentos gaſtados, ſe tornou pera o Reyno.

CAPITULO VI.

Como Antão Gonçalves foi fazer matança de lobos marinhos: e das ſahidas que fez em terra per ſi, e com Nuno Triſtão, que depois ſe ajuntou com elle, em que tomáram doze almas: e do mais que paſſou Nuno Triſtão.

TÉ o anno de trinta e nove não achamos couſa notavel, que ſe fizeſſe neſte deſcubrimento, porque em eſte meio tempo faleceo ElRey D. Duarte irmão do Infante D. Henrique, e leixou o Principe Dom Afonſo ſeu filho, que reinou em idade de

ſeis

ſeis annos ; e por cauſa das ſuas tutorias houve tantas diſſensões , e differenças no Reyno , que ceſſáram todalas couſas deſte deſcubrimento té o anno de quarenta , em que o Infante mandou duas caravelas , as quaes per tempos contrairos , e acontecimentos não muito proſperos ſe tornáram ao Reyno ſem couſa digna deſte lugar. E no ſeguinte anno , por as couſas do Reyno andarem já mais em algum aſſocego , e o Infante livre pera poder entender neſta ſua empreza , mandou armar hum navio pequeno , em que foi por Capitão Antão Gonçalves ſeu Guardaroupa , que ainda era homem mancebo: A fim que quando não pudeſſe haver alguma lingua da terra , carregaſſe o navio de courama das pelles dos lobos marinhos no lugar que diſſemos , que Afonſo Gonçalves fez a matança delles. Peró Antão Gonçalves como era homem , a quem a honra mais obrigava que a cubiça da courama , e azeite de lobos , dado que em breve tempo tanto que chegou fez ſua matança , com que ſe pudera tornar bem carregado , chamou a hum Afonſo Goterez , moço da Camara do Infante , que hia por Eſcrivão do navio , e aſſi toda a mais companhia delle , que ſeriam per todos vinte huma peſſoa , e diſſe-lhes : *Amigos , nós temos feito parte daquillo , a que ſomos*

inviados, que era carregar este navio; e dado que os servos muito mereçam em acabar os mandados de quem os invia, maior louvor será se fizermos o que o Infante mais deseja, que he levar-lhe alguma lingua desta terra; porque a sua tenção neste descubrimento não he a fim da mercadoria que levamos, mas buscar gente desta terra tão remota da Igreja, e a trazer ao Baptismo, e depois ter com elles communicação, e commercio pera honra, e proveito do Reyno. E pois isto a todos he mui notorio, justa cousa me parece trabalharmos por levar algum dos moradores desta terra; porque a meu ver se Afonso Gonçalves per esta Comarca, per onde este rio vem, achou gente, buscando-nos bem per força devemos achar alguma povoação. A'cerca do qual caso me parece que sería bem sahirmos esta noite dez, ou doze homens em terra daquelles, que mais dispostos se achassem pera isso; e espero em Nosso Senhor que com vossa ajuda nos iremos desta terra mais honrados, que quantos té ora vieram a ella. Afonso Goterez, e toda a companhia do navio louvou esta determinação de Antão Gonçalves, mas não approváram sahir elle em terra por ser Capitão, a quem convinha ficar em o navio pera o que succedesse; e depois que nisto altercáram, e deba-

tê-

têram hum bom pedaço, por as muitas razões que Antão Gonçalves pera isso deo, foi hum dos nove, que aquella noite entráram pela terra. E sendo já bem tres leguas alongados do navio, víram atravessar hum homem nú com dous dardos na mão tangendo hum camello, que levava ante si. O qual tanto que ouvio o estrupido dos nossos, e os vio correr contra si, assi ficou cortado de medo sem se bulir, que ante de tomar outro animo, era já com elle Afonso Goterez por ser homem mancebo, ligeiro, e bem despachado nestes negocios. Feita esta preza, que foi pera todos de grande prazer, começáram caminhar contra o navio, porque entrelles não havia quem no entendesse pera tomarem informação da terra, e irem mais avante. E tendo andado hum bom pedaço, acháram a gente, cujo rasto elles traziam, que seriam té quarenta pessoas, da companhia dos quaes era este cativo, e assi huma Moura, que tambem tomáram á vista delles. Os quaes tanto que víram os nossos, sahíram-se do caminho pera hum tezo, e ali se apinhoáram todos a olhar tamanha novidade. Os mais dos nossos desejosos de se revolver com elles, foram em conselho que os commettessem no outeiro onde estavam; mas Antão Gonçalves peró que homem mancebo fosse cubiço-

ſo de ganhar honra, e a iſſo era alli vindo, obedeceo mais ao officio de Capitão, que aos deſejos de ſua idade; e diſſe, que não lhe parecia bem commettellos por ſer já o Sol poſto, e mui grão pedaço do navio, e tão canſados, e ſequioſos de grande calma, que ſómente o caminho que tinham por andar baſtava por trabalho, que aſſás os commettiam, pois na face delles lhe tomáram aquella mulher, que podia ſer d'algum, que ſeu voto era fazer ſeu caminho pera o navio: E que quando os Mouros os vieſſem commetter, então ahi lhe ficava fazer cada hum ſeu officio de cavalleiros, e o mais lhe parecia liviandade, e não couſa de homens prudentes, e obrigados a dar conta a quem os enviava, cujo regimento tinham em contrario do que lhes parecia. Neſta detença, que Antão Gonçalves fez de palavras, os Mouros peró, que barbaros eram per natureza, o temor os fez prudentes pera entenderem que o apinhoar dos noſſos, e detença que fizeram ſem ſe mover, fora conſulta ácerca de os commetterem, ou não; e como gente que tinha mais conta com a vida que com a honra, viráram-lhes as coſtas, eſcoando-ſe contra a outra parte do tezo pera ſe encubrirem dos noſſos; aos quaes Antão Gonçalves não quiz ſeguir, porque houve que ſervia mais o Infante na preza

dos

dos cativos que levava, que aventurar a vida d'alguns da companhia por levar mais hum cativo. Tornado ao navio, e estando já pera se partir ao seguinte dia, chegou outro navio do Reyno, em que vinha por Capitão hum cavalleiro da casa do Infante chamado Nuno Tristão, que elle creára na sua camara de moço pequeno, e era assi ardido, e tanto de sua pessoa, que o mandava o Infante, que lhe passasse a ponta da pedra da Galé, e trabalhasse por lhe haver alguma lingua da terra. O qual sabendo o feito de Antão Gonçalves, e movido de huma virtuosa inveja, trabalhou tanto com elle, que essa noite fossem ambos em busca dos Mouros que acháram, que concedeo Antão Gonçalves em seu requerimento, partindo logo tanto que anoiteceo, em cuja companhia hiam Diogo de Valladares, que depois foi Alcaide mór da Villa-Franca, e Gonçalo de Cintra, cujo esforço se verá nesta conquista. E foi tal sua boa ventura, que foram dar com os Mouros, onde jaziam recolhidos, ora fossem os que Antão Gonçalves achou, ou quaesquer outros: chegando aos quaes começáram com grande grita dizer: *Portugal*, *Portugal*, *Sant-Iago*. Quando aquella barbara gente ouvio vozes não costumadas, como cousa tão nova, e espantosa a elles, bem puderam tomar

mar eſtas vozes por ſonho, ſe juntamente com ellas naquella eſcuridade da noite não ſentíram que os noſſos lhe punham as mãos aſperamente pera os prender. E porém alguns delles, dado que o medo lhe quebraſſe a ouſadia, a dor do mal que recebiam lhe fazia acudir, defendendo-ſe com ſua coragem, a qual lhe manifeſtava as armas de páo, pedra, dentes, e unhas, porque tudo alli ſervia. E como o negocio era feito áquellas horas, niſto eram conhecidos huns dos outros, andarem elles nús, e os noſſos veſtidos; e que a batalha não foſſe crua, todavia foi perigoſa por ſer em tal tempo; e ſe os noſſos não falláram, e bradáram em ſinal de quem eram, ſempre huns dos outros recebêram damno. E prouve a Deos que todo perigo cahio ſobre os Mouros, porque ficáram logo alli eſtirados tres, e cativáram dez. E dos mortos hum delles matou Nuno Triſtão com grande perigo de ſua peſſoa, vindo a braços; porque como o Mouro era nervudo, e forçoſo, e tinha ventage na luta por andar nú, ſenão foram as armas, ſempre Nuno Triſtão padecêra mal. E outro, que tambem ſe houve esforçadamente neſte negocio, foi hum Gomes Vinagre moço da Camara do Infante, em que moſtrou quem depois havia de ſer, com a qual vitoria ſe tornáram pera os navios

vios já algum tanto de dia. E ante que entrassem em os navios, pedíram todos a Antão Gonçalves, que em memoria daquelle feito, que se fizera com tanta honra sua, lhe approuvesse dar nome áquelle lugar com se armar alli Cavalleiros. Antão Gonçalves peró, que não quizera acceptar a tal honra de cavalleria, negando ser merecedor della, por comprazer a todos, foi armado Cavalleiro per mão de Nuno Tristão, com que o lugar, segundo lhe todos diziam, ficou com o nome, que hoje tem, que he Porto do Cavalleiro. Recolhidos os Capitães a seus navios, acertou que entre os cativos vinha hum da casta dos Alarves, que se entendeo com o Mouro lingua, que Nuno Tristão levava; e pela prática, que com elle tiveram, pareceo bem aos Capitães lançarem a Moura em terra, e com ella o Mouro lingua, para por meio delles virem alguns Mouros resgatar daquelles cativos. Como de feito aconteceo, porque d'hi a dous dias, que lançáram estes fóra, acudíram ao porto obra de cento e cincoenta homens antre de cavallo, e camellos, os quaes na primeira vista quizeram usar de huma sagacidade, mandando tres, ou quatro diante, que provocassem os nossos a sahir em terra, e os mais ficavam detrás de huns medãos em cilada. Peró vendo que os nossos

não

não ſahíram do batel tão preſtes, como elles cuidavam, parecendo-lhes ſerem entendidos, começáram a ſe deſcubrir, trazendo comſigo prezo o Mouro lingua, o qual logo aviſou os Capitães que em nenhuma maneira ſahiſſem fóra, porque aquella gente vinha mui indinada contra elles, como logo começáram moſtrar, tirando ás pedradas aos bateis, depois que foram deſenganados que os noſſos não queriam ſahir em terra. Os Capitães diſſimulando com a furia delles por cumprir com o regimento do Infante, tornáram-ſe aos navios ſem lhes fazer damno; e havido conſelho do que fariam, aſſentáram que Antão Gonçalves ſe tornaſſe pera o Reyno com os cativos, que lhe coubeſſem á ſua parte; e Nuno Triſtão, porque o Infante lhe mandava ir mais avante, deo quarena á caravela, e depois de eſpalmada, começou fazer ſeu caminho ſeguindo a coſta, té chegar a hum Cabo, que per a ſemelhança delle lhe poz nome Branco. E poſto que alli achou raſto de homens com redes de peſcar, e per muitas vezes fizeſſe entradas na terra, ſem poder haver á mão alguma lingua della, porque a coſta começava alli tomar outro rumo á maneira de enſeada pera onde as aguas corriam, temendo que na volta do Cabo por razão deſta corrente gaſtaſſe todo o mantimento por

já

já eſtar desfalecido delle, ſem ir mais avante, nem fazer couſa alguma digna deſte lugar, ſe tornou pera o Reyno, onde já achou Antão Gonçalves, a quem o Infante aſſi per outros ſerviços, como polos deſte deſcubrimento, deo a Alcaidaria mór de Thomar, e huma Commenda, e o fez Eſcrivão de ſua puridade.

CAPITULO VII.

Da ſupplicação, que o Infante fez ao Papa, e lhe concedeo: e da doação dos quintos, que lhe o Infante D. Pedro ſeu irmão regente deſte Reyno deo em nome delRey: e do que Antão Gonçalves, e Nuno Triſtão paſſáram em a viagem que cada hum fez.

O Infante como ſeu principal intento em deſcubrir eſtas terras era attrahir as barbaras nações ao jugo de Chriſto, e de ſi a gloria, e louvor deſtes Reynos, com accreſcentamento do patrimonio Real, ſabendo per os cativos que Antão Gonçalves, e Nuno Triſtão trouxeram as couſas dos moradores daquellas partes, quiz mandar eſta nova ao Papa Martinho V. que então preſidia na Igreja, como primicias que a elle eram devidas por ſerem obras feitas em louvor de Deos, e accreſcentamento da Fé de Chri-

Christo: Pedindo-lhe, que por quanto havia tantos annos que elle continuava este descubrimento, em que tinha feito grandes despezas de sua fazenda, e assi os naturaes deste Reyno que nelle andavam, lhe aprouvesse conceder perpétua doação á Coroa destes Reynos de toda a terra, que se descubrisse per este nosso mar Oceano do Cabo Bojador té as Indias *inclusivè*. E pera aquelles, que na tal conquista perecessem, indulgencia plenaria pera suas almas; pois Deos o puzera na Cadeira de S. Pedro, pera assi dos bens temporaes, que estavam em poder de injustos possuidores, como dos espirituaes do thesouro da Igreja pudesse repartir per seus fieis. Porque a gente Portugueza, assi nos feitos desta parte da Europa, como depois que entráram na de Africa em a tomada de Cepta, e de si no descubrimento, e conquista da Ethiopia, tinham merecido o jornal diurno, que se dá áquelles obreiros, que bem trabalham nesta vinha militante do Senhor. Com o qual negocio por ser de tanta importancia, mandou hum Cavalleiro da Ordem de Christo, per nome Fernão Lopes d'Azevedo, do Conselho del-Rey, e homem de grande prudencia, e authoridade, que depois foi Commendador mór da dita Ordem. E nesta ida que fez, não sómente foi concedida ao Infante esta sua

pe-

petição, mas ainda Bulla pera Sancta Maria de Africa, que elle fundára em Cepta, e assi outras muitas graças, e privilegios, que a Ordem tem: tanto estimou o Papa, e o Collegio dos Cardeaes a nova deste descubrimento. Depois o Papa Eugenio IV. e o Papa Nicoláo V. té o Papa Sixto, á supplicação delRey D. Afonso, e delRey Dom João seu filho, concedêram a elles, e a seus successores per suas Bullas doação perpétua de tudo o que descubrissem per este mar Oceano, demarcando do Cabo Bojador té a Oriental plaga da India *inclusivè*, com todolos Reynos, senhorios, terras, conquistas, portos, ilhas, tratos, resgates, pescarias, sob innumeraveis, e graves excommunhões, defezas, e interdictos, que outros alguns Reys, Principes, Senhorios, ou Communidades não entrem, nem possam entrar em as taes partes, e mares adjacentes, segundo se mais largamente contém em suas Bullas. E onde este Papa Sixto IV. mais corroborou a doação geral deste descubrimento foi no fim das pazes, que houve entre ElRey D. Fernando de Castella, e ElRey D. Afonso de Portugal, em que foram apontadas por parte deste Reyno o descubrimento que ora temos, começando do Cabo de Nam té a India *inclusivè*, &c. como se contém na Chronica do mesmo Rey

D.

D. Afonſo , e mais copioſamente na propria confirmação, ratificação , e corroboração de pazes ſe póde ver per a Bulla do dito Papa Sixto dada *ad perpetuam rei memoriam.* Tambem em ſatisfação dos trabalhos, e deſpezas, que o Infante D. Henrique tinha feito neſte deſcubrimento , o Infante D. Pedro ſeu irmão , que então era regente deſtes Reynos por ElRey D. Afonſo ſeu ſobrinho, em ſeu nome lhe fez doação do quinto, que pertencia a ElRey deſta conquiſta ; e mais lhe paſſou Carta, que nenhuma peſſoa pudeſſe lá ir ſem ſua eſpecial licença. Com as quaes graças, e doações, que ſeguráram ao Infante no premio de ſeus trabalhos, e tambem vendo que já na opinião da gente do Reyno eſtava julgada eſta empreza por couſa proveitoſa, e de maior louvor do que ſe dava a elle Infante no principio della , começou dobrar os navios , e deſpezas. E porque Antão Gonçalves lhe diſſe , que o Mouro principal , que tomára em companhia dos outros, dizia que ſe o tornaſſem á ſua terra daria por ſi ſeis , ou ſete eſcravos de Guiné, e tambem que na companhia daquelles cativos eſtavam dous moços filhos de dous homens principaes daquella terra , que dariam pola meſma maneira outro tal reſgate, ordenou o Infante de o deſpachar logo em hum navio ,

vio, fazendo fundamento, que quando Antão Gonçalves não pudesse haver tantos negros a troco destes tres Mouros, já de quantos quer que fossem ganhava almas, porque se converteriam á Fé, o que elle não podia acabar com os Mouros; e tambem por serem do sertão daquellas terras, (dos ardores, das quaes a gente tanto fabulava,) podia per elles ter verdadeira informação. E aconteceo, que ao tempo que se fazia prestes este navio, em que havia de ir Antão Gonçalves, estava em casa do Infante hum gentil homem da casa do Emperador Federico III. a que chamavão Balthazar, o qual com desejo de ganhar honra viera dirigido pelo mesmo Emperador ao Infante, pera o mandar a Cepta fazer Cavalleiro, como de feito se fez pelos meritos de sua pessoa. E porque este Balthazar era homem curioso, e que desejava ver novas terras, e neste tempo per toda Europa se fallava neste descubrimento de Guiné, como na mais nova cousa que se podia dizer, e os homens que o seguiam eram estimados em preço de Cavalleiros, e de grande animo, pedio ao Infante que houvesse por bem ir elle em companhia de Antão Gonçalves, porque desejava de se ver em huma grande tormenta de mar, pera depois poder contar em sua terra: cá, segundo lhe diziam os mareantes

des-

desta carreira, as tormentas, e mares daquellas partes eram mui differentes destes nossos. O qual desejo elle Balthazar cumprio, porque partido Antão Gançalves teve no caminho hum temporal tão grande, que dizia Balthazar que já víra o que desejava, mas não sabia se o poderia contar: tão incerta tinha a esperança de sua vida, de maneira que arribou Antão Gonçalves a este Reyno. E depois que se refez dos mantimentos, e cousas que alijou, feito bom tempo, tornou a sua viagem, e Balthazar com elle, dizendo, que pois já tinha visto as tormentas do mar, tambem queria levar nova da terra. Chegado Antão Gonçalves aonde os Mouros haviam de vir fazer o resgate, porque assi lhe era mandado pelo Infante, lançou em terra o proprio Mouro que o alli fez vir, cuidando que pelo bom tratamento, que lhe o Infante mandára fazer, sería fiel em suas promessas; mas elle como se vio livre, lembrou-se mal da fé que leixava empenhada. Sómente parece que deo nova nas povoações da chegada do navio, e como trazia os moços pera resgatar; porque sendo já passados oito dias, vieram mais de cem pessoas ao resgate delles, por serem filhos dos mais nobres daquelles Alarves. A troco dos quaes deram dez negros de terras differentes, e huma boa quantida-

de

de d'ouro em pó, que foi o primeiro, que ſe neſtas partes reſgatou, donde ficou a eſte lugar por nome Rio do Ouro, ſendo ſómente hum eſteiro d'agua ſalgada, que entra pela terra obra de ſeis leguas. Ouve-ſe mais em eſte reſgate huma adarga de couro danta crú, e muitos ovos de hema, os quaes tornado Antão Gonçalves a eſte Reyno, ſem fazer mais outra couſa foram apreſentados á meza do Infante tão freſcos, que os eſtimou elle por a melhor iguaria do Mundo. E pelas novas que lhe Antão Gonçalves deo das couſas da terra, ſegundo o tinha ſabido dos Alarves, e principalmente pela quantidade d'ouro que ouve, que era ſinal de muito que ao diante ſe podia deſcubrir, deſpachou logo a Nuno Triſtão, que, como atrás fica, foi o que chegou ao Cabo Branco. O qual Nuno Triſtão deſta viagem paſſou avante té huma Ilha, cujo nome per os da terra ſe chama Adeger, que he huma das a que nós ora chamamos de Arguim. Sendo a viſta da qual, vio que da terra firme parella, por lhe ſer mui vizinha, atraveſſavam obra de vinte cinco almadias, e ſobre cada huma dellas hiam tres, e quatro homens nús eſcanchados de maneira, que as pernas lhes ficavam em lugar de remos, que pera os noſſos foi couſa de admiração; e ante que houveſſem conhe-

nhecimento do que era, pareceo-lhes ſerem aves marinhas. Peró depois que víram o que era, como levavam batel fóra, ſaltáram nelle ſete homens, e deſpacháram-ſe tambem, que houveram á mão quatorze, com que enchêram o batel; e os outros, poſto que eſcapáram no mar, foram tomados no ilheo, porque o batel leixando eſtes no navio, foi buſcar os outros, que ſe acolhêram a elle. Feita eſta preza, com que o ilheo ficou deſpejado, paſſáram-ſe a outra Ilha junto deſta, a que puzeram nome das Garças, por as muitas que alli acháram: e aſſi outras aves, que ſe parecem com ellas, as quaes ſe ajuntavam alli por ſer tempo da ſua creação; e como não eram traquejadas de gente, ás mãos tomáram tanta quantidade dellas, que ficou por refreſco ao navio. E nos dias que Nuno Triſtão alli eſteve, fez algumas entradas na terra firme, mas não pode haver mais preza que aquella primeira do mar; e por a terra já andar mui alvoroçada, ſe tornou pera o Reyno o anno de quatrocentos e quarenta e tres.

CA-

CAPITULO VIII.

Dos louvores, que o povo do Reyno dava ao Infante por este descubrimento: e como por sua licença os moradores de Lagos armáram seis caravelas: e do que passáram nesta ida.

CHegado Nuno Tristão com tão honrada preza, sem fazer a demora, que os outros navios faziam, e passar vinte e tantas leguas além donde os outros chegáram, e achar ilhas, e todalas cousas mui differentes da opinião que a gente tinha quando o Infante começou este descubrimento, trocáram as murmurações, e juizos, que lançáram sobreste negocio: E já não diziam por elle que mandára descubrir terras hermas, e desertas com perdição dos naturaes do Reyno, mas louvavam seus feitos, dizendo, que elle fora o primeiro, que abríra novos caminhos aos Portuguezes de ganhar muita honra, e thesouros, que nunca foram descubertos depois da creação do Mundo, e que por isto merecia terem-lhe as gentes mais amor que a nenhum dos Principes passados, pois com tanta de sua despeza, sem oppressão dos naturaes, lhe buscára novo modo de vida. Porque das guerras passadas entre este Reyno, e o de Cas-

tella, e aſſi idas de Cepta, Tangere, e outras deſpezas, e lançamentos de fintas, eſtava a gente tão neceſſitada, que com grande trabalho ſe podia manter. Accreſcentava tambem neſte louvor verem que aquelles, que ſeguiam eſta carreira, ſe engroſſavam em ſubſtancia com os retornos, e eſcravos, que traziam daquellas partes, de maneira, que o geral do Reyno eſtava movido com nova cubiça pera ſeguir eſte caminho de Guiné. O Infante a eſte tempo eſtava no Algarve em a Villa de Terçanabal, que novamente fundava, como já diſſemos; e eſta vivenda aſſentou alli depois da vinda de Tangere, o qual caſo foi azo de alguns dias ſe apartar da Corte, e negocios della. E porque todolos navios, que vinham de Guiné por eſta cauſa deſcarregavam em Lagos, os primeiros que movêram partido ao Infante pera ir lá á ſua propria cuſta, foram os moradores deſta Villa, com partido de pagarem hum tanto do que trouxeſſem a elle Infante, ſegundo o tinha per doação delRey. O principal dos quaes, que moveo eſta ida, foi hum eſcudeiro, que ſe chama Lançarote, que fora moço da camara do meſmo Infante, ao qual elle dera o Almoxarifado de Lagos, e alli eſtava caſado; e os outros eram Gilianes, que foi o primeiro, que paſſou o Cabo Bojador, e hum Eſte-

tevão Afonſo, que depois morreo em as Canareas na conquiſta dellas, e Rodrigalvares, e João Dias, todos homens honrados, com que fizeram numero de ſeis caravelas, de que elle Lançarote per ordenação do Infante foi por Capitão mór. A frota partida de Lagos o anno de quatrocentos e quarenta e quatro chegou á Ilha das Garças veſpera de Corpo de Deos, onde os Capitães fizeram grão matança, por ſer no tempo da creação dellas: e aſſi tiveram conſelho ſobre o modo de darem primeiro em a Ilha Nar, porque era mui perto dalli: cá, ſegundo os Mouros, que Nuno Triſtão levou, informáram o Infante, haveria nella mais de duzentas almas. E foi aſſentado per o Capitão Lançarote, que por quanto podiam ſer viſtos deſtes Mouros, indo todolos navios á viſta da Ilha, Martim Vicente, e Gil Vaſques, que alli eſtavam, por ſerem homens, que já foram junto dellas, deviam ir em os bateis, ſómente com gente que os remaſſe, a eſpiar os Mouros; e depois que lá foſſem, enviaſſem hum delles com recado, e os outros ſe metteſſem entre a Ilha, e a terra firme, porque querendo os Mouros paſſar a ella, achaſſem o caminho tomado, té elles chegarem com os navios, e darem juntamente nelles. Approvado eſte conſelho, partíram Martim Vicen-

E ii te,

te, e Gil Vaſques, aos quaes ſuccedeo o negocio mui differente do que cuidáram, porque não puderam chegar á Ilha ſenão a tempo que o Sol rompia; e parecendo-lhes que podiam ſer viſtos de huma povoação, que eſtava junto da praia, e que o tempo, e diſpoſição do lugar dava azo a fazerem hum honrado feito, o qual podiam perder, tornando com recado aos navios, deram de ſubito ſobre a povoação, onde tomáram cento e ſincoenta e ſinco almas, e outras perecêram em ſe defender. E como elles eram ſómente trinta homens, de que os mais vinham pera remar, e os cativos eram tantos, que os não podiam todos recolher nos bateis, ficáram delles em terra com alguns, e os outros leváram aos navios, onde foram recebidos com muita feſta, poſto que antre todos havia huma triſteza por ſe não acharem em aquelle feito. O Capitão Lançarote com deſejo d'empregar ſua peſſoa em as taes emprezas, mandou logo a grão preſſa concertar os bateis, porque ſoube daquelles cativos que na outra Ilha, que ahi eſtava perto, a que chamavam Tider, podia fazer outra tal preza; mas neſta ida não fez couſa alguma por achar a Ilha deſpejada. E porque hum daquelles Mouros, ſegundo ſeu parecer, o fez lá ir malicioſamente, o metteo a tormen-

mento, té que lhe prometteo de o levar a outra Ilha, onde emendasse o erro que fizera; mas quando lá chegáram houve tanta detença por dúvidas se era engano, ou verdade, não se fiando do Mouro, que tiveram os da Ilha tempo de se passarem á terra firme, e com tudo ainda preáram alguns. E em dous dias, que per alli andáram de Ilha em Ilha, e assi em alguns saltos, que fizeram na terra firme, tomáram quarenta e sinco almas, com que se tornáram aos navios, que ficavam atrás sinco leguas. Parece que a ventura de Lançarote, e dos outros esteve por aquella vez no mar, porque em muitas entradas, que depois fizeram na terra firme, andavam já os Mouros tão traquejados, que sómente houveram em huma aldea huma moça, que ficou dormindo; e no Cabo Branco, fazendo sua volta pera o Reyno, tomáram quinze pescadores. E porque os mantimentos com os muitos cativos lhe começáram desfalecer, tornáram-se pera o Reyno, onde o Capitão Lançarote foi recebido com tanta honra do Infante, que per sua pessoa o armou Cavalleiro com accrescentamento de mais nobreza, e assi gratificou os outros, que o bem serviam naquella jornada. Porque huma das cousas, que o Infante naquelle tempo trazia ante os olhos, e em que o mais

po-

podiam comprazer, e ſervir, era em aquelle deſcubrimento, por ſer couſa, que elle plantára, e creára com tanta induſtria, e deſpeza.

CAPITULO IX.

Como Gonçalo de Sintra com outros foi morto na Angra, que ſe ora chama do ſeu nome: e da ida, que Antão Gonçalves fez ao rio do Ouro, e depois Nuno Triſtão, onde tomou huma aldea de Mouros: e como Diniz Fernandes paſſou a terra dos Negros, e deſcubrio o Cabo, a que agora chamamos Verde.

ESte anno de quatrocentos quarenta e ſinco mandou o Infante armar hum navio, a capitanía do qual deo a hum Gonçalo de Sintra eſcudeiro de ſua caſa, que ſegundo diziam já o ſervíra de moço deſpóras; mas por ſer homem pera muito, e cavalleiro de ſua peſſoa, ſempre o trouxe em cargos honrados. Eſte Gonçalo de Sintra com deſejo de ſe aventajar dos outros, que lá eram idos, partido do Reyno, per conſelho de hum Mouro Azenegue, que levava comſigo pera lhe ſervir de lingua, ſe foi á Ilha de Arguim, que eſtá avante do Cabo Branco obra de doze leguas, promettendo-lhe o Mouro grandes prezas em terra,

ra. Mas iſto ſuccedeo bem ao contrario do que elle eſperava, porque ante que chegaſſem ao Cabo Branco em huma angra, a que elle deo nome, como veremos, fugiolhe eſta lingua, e aſſi lhe fugio hum Mouro velho, que ſe veio lançar com elle, dizendo, que pelos navios paſſados foram alli cativos certos Mouros ſeus parentes, e por o amor que lhes tinha, ante com elles queria morrer em cativeiro, que ſem elles na liberdade de ſua propria terra. O que era grande falſidade, cá ſua tenção era ſómente vir ver as couſas do navio a que era enviado; e com eſtas palavras ſegurou tanto Gonçalo de Sintra, que ſe tornou pera terra. E vendo elle que eſtes deſcuidos o culpavam, deſejoſo de os emendar com algum honrado feito, metteo-ſe aquella noite em hum batel com doze homens pera paſſar a terra firme, e dar em alguma aldea. Mas quiz ſua má fortuna que ſe foi metter em hum eſteiro, que quando a maré vaſou ficou em ſecco; e vinda a menhaã, em que o batel foi viſto pelos Mouros, acudíram obra de duzentos, onde Gonçalo de Sintra por ſe defender, naquella vaſa pereceo com eſtes ſete homens, Lopo Caldeira, Lopo Dalvellos, ambos moços da camara do Infante, Jorge moço deſpóras, e Alvaro Gonçalves Piloto com tres

ma-

marinheiros, e os mais, que hiam no batel por ſaberem nadar, ſe ſalváram. E como na caravela não havia peſſoa, que governaſſe a outra gente, e todos eram homens do mar, tornáram-ſe pera o Reyno com duas Mouras, que tinham tomado naquella coſta, que cuſtáram a vida deſtes homens, os primeiros, que naquella terra morrêram a ferro, e deram nome ao lugar de ſua ſepultura, cá ſe chama ora a Angra de Gonçalo de Sintra, que ſerá além do rio do Ouro quatorze leguas. O Infante poſto que iſto muito ſentio por ſer a primeira perda de homens, que naquellas partes houve, não leixou logo no ſeguinte anno de mandar tres caravelas, cujos Capitães eram Antão Gonçalves, de que já fallámos, e Diogo Afonſo, e Gomes Pires patrão del-Rey; o qual mandava o Infante D. Pedro, que então era regente deſtes Reynos, levando todos por regimento que entraſſem no rio do Ouro, e trabalhaſſem por converter á Fé de Chriſto aquella barbara gente, e quando não recebeſſem o baptiſmo, aſſentaſſem com elles paz, e trato, das quaes couſas não aceptáram alguma. Vendo os Capitães que ſeu trabalho neſte negocio era perdido, ou porque lhes aſſi foi mandado, ou por qualquer outra cauſa, ſe tornáram ao Reyno, ſómente com hum negro, que alli

hou-

houveram per resgate, e hum Mouro velho, que por sua propria vontade quiz vir ver o Infante, o qual depois o mandou tornar a sua terra. E assi como este Mouro desejou vir ao Reyno por ver as cousas delle, o mesmo desejo teve hum escudeiro, a que chamam João Fernandes, pera particularmente ver as cousas daquelle sertão, que habitavam os Azenegues, e dellas dar razão ao Infante, confiado na lingua delles que sabia, o qual depois tornou ao Reyno, como veremos. E neste mesmo tempo fez Nuno Tristão outra viagem, e em huma aldea, que entrou além deste rio do Ouro, tomou vinte almas, com que em breve tempo se tornou ao Reyno. Tambem neste anno Diniz Fernandes morador em Lisboa escudeiro delRey D. João, movido per os favores, e mercês, que lhe o Infante fez, por ser homem abastado, e de honrados feitos, armou hum navio pera ir a este descubrimento, propondo de passar o termo aonde os outros Capitães tinham chegado, como de feito fez; porque passado o rio, que se ora chama Sanagá, o qual divide a terra dos Mouros Azenegues dos primeiros negros de Guiné chamados Jalofos, houve vista de humas almadias, em que andavam a pescar huns negros, das quaes com o batel, que levava per popa,

al-

alcançou huma com quatro delles, que foram os primeiros que a este Reyno vieram. E posto que Diniz Fernandes achasse alli muitos sinaes de povoação, como seu proposito mais era descubrir terra por servir o Infante, que trazer cativos pera seu proprio proveito, não se quiz alli deter em saltos, e tomadias descravos, mas passou avante té chegar a hum notavel Cabo, que a terra lança contra o Ponente, ao qual elle chamou Cabo Verde por causa da mostra, e parecer, com que então se mostrou; o qual Cabo, e nome he ao presente dos mais notaveis, e celebrados, que temos neste grande Oceano Occidental, e de que em a nossa Geografia copiosamente tratamos. E como este grande Cabo já fazia outros temporaes na volta delle, os quaes empedíram a Diniz Fernandes não proseguir mais adiante, como elle desejava, contentou-se por então de sahir em huma ilheta, que está pegada nelle, onde fizeram grão matança em muitas cabras, que alli acháram, que lhe foi mui bom refresco, e sem mais outra cousa se tornou ao Reyno, onde foi recebido pelo Infante com muita honra, e mercê que lhe fez; porque a novidade da terra que descubrio, e a gente que trouxe não resgatada das mãos dos Mouros, como eram os outros negros vindos ao Reyno, mas toma-

mados em ſuas proprias terras, aſſi contentáram ao Infante, que ſempre lhe parecia pouco o que fazia aquelles, que lhe vinham com eſtas moſtras, e ſinaes d'outra maior eſperança que elle tinha.

CAPITULO X.

Como Antão Gonçalves per mandado do Infante tornou a buſcar João Fernandes, que ficou per ſua vontade entre os Mouros: e do que paſſou neſta viagem, e aſſi os navios que com elle foram.

A Eſte tempo eram já paſſados ſete mezes que Antão Gonçalves viera do rio do Ouro, onde leixára João Fernandes, que, como diſſemos, per ſua propria vontade quiz ficar entre os Mouros pera ſaber as couſas do ſertão. E parecendo ao Infante que já teria ſabido muitas, porque o eſpirito o não leixava aſſocegar neſtas, que deſejava ſaber daquellas partes, tornou a mandar o meſmo Antão Gonçalves em buſca delle, e em ſua companhia foram Garcia Mendes, e Diogo Afonſo cada hum em ſua caravela, dos quaes com hum temporal que tiveram, o primeiro que chegou ao Cabo Branco, que foi Diogo Afonſo, por dar ſinal aos companheiros, mandou arvorar huma grande Cruz de páo, que depois du-

durou naquelle lugar muitos annos, e passou adiante aos ilheos de Arguim, porque naquelle tempo pera fazer algum proveito todos os hiam demandar; e tinha por certo que haviam elles de ir dar com elle, por ser aquella costa, e os ilheos a mais povoada parte de quantas té então tinham descuberto. E a causa de ser mais povoada, era por razão da pescaria, de que aquella misera gente de Mouros Azenegues se mantinha, porque em toda aquella costa não havia lugar mais abrigado do impeto dos grandes mares, que quebram nas suas praias, senão na paragem daquellas Ilhas de Arguim, onde o pescado tinha alguma acolheita, e lambugem da povoação dos Mouros, posto que as Ilhas em si não são mais que huns ilheos escaldados dos ventos, e rocio da agua das ondas do mar. Os quaes ilheos seis, ou sete que elles são, cada hum per si tinha o nome proprio per que nesta escritura os nomeamos, posto que ao presente todos se chamam per nome commum os Ilheos de Arguim, por causa de huma fortaleza, que ElRey D. Afonso, como adiante veremos, mandou fundar em hum delles chamado Arguim. Diogo Afonso, em quanto os companheiros não vinham, posto que fez algumas entradas na terra firme, logo como dobrou o Cabo Branco,

não

não preou cousa alguma ; sómente com a vinda delles na Ilha de Arguim , por os Mouros terem já sentido os navios , houveram hum moço , e hum velho ; e per industria delle , vendo que aldea era dalli levantada , em bateis se passáram a terra firme pera darem em outra aldea. E porque suspeitavam que o Mouro se leixára alli ficar com tenção de os levar a esta aldea , onde os metteria em alguma cilada , detiveram-se tanto em determinar se iriam , ou não , que quando já chegáram á aldea era alto dia , e os Mouros postos em salvo. Com tudo houveram á mão huns vinte e finco quasi tomados acoso , dos que se escondêram nas fraldas da aldea ; porque andavam elles já tão escozidos das armas dos nossos , que a sua guerra , (se o podiam fazer ,) era pôrem-se em fugida , sem esperar dar , e tomar , o qual modo de vitoria foi aos nossos mui trabalhoso por irem já mui cansados do caminho. E quem se melhor houve nesta corrida , e caso , foi hum Lourenço Dias morador em Setubal , porque elle só tomou sete Mouros por ser mui ligeiro. No fim do qual trabalho por a vitoria ser de maior prazer , e festa , quando tornáram acháram João Fernandes , que elles vinham buscar , o qual havia dias que acudia á praia per aquella costa que tinha dito , esperando se

via

via algum navio que o tomaſſe, e trouxeſſe daquelle deſterro voluntario, em que ſe elle poz. Em o qual deſterro elle ſe houve tão ſezudamente com aquelles barbaros que tratou, que quando ſe delles partio moſtráram ter ſentimento de ſua partida, e vieram alguns com elle por o ſegurar dos peſcadores, e tambem a reſgatar com os navios, dos quaes Antão Gonçalves houve nove negros, e aſſi hum pouco d'ouro em pó; e por cauſa deſte reſgate, que ſe então alli fez, tem aquelle lugar por nome o Cabo do Reſgate. E como a principal couſa, que os alli trouxe, era virem buſcar João Fernandes, que já tinham achado com o mais que diſſemos, de que não eſtavam pouco contentes, por celebrar mais eſta feſta, foi alli armado Cavalleiro hum Fernão Tavares, homem nobre, e de idade, o qual ſe tinha viſto em honrados feitos de armas, e em nenhuma parte quiz acceitar eſta honra ſenão neſta terra novamente deſcuberta, (tão glorioſa couſa era poer os pés nella,) o qual acabou depois em Religião catholicamente. Antão Gonçalves, tornando-ſe pera eſte Reyno, veio pelo Cabo Branco, onde em huma entrada que fez em huma aldea tomou ſincoenta e ſinco almas, a fóra outras, que perecêram em ſeu defendimento, com a qual preza rota batida ſe fez via do

Rey-

Reyno, aonde chegou a ſalvamento. O Infante poſto que eſtas noventa almas, e ouro, que Antão Gonçalves trazia, era couſa de preço, e muito pera eſtimar, tudo havia que era pouco em comparação de ver ante ſi João Fernandes são, e ſalvo, e cheio de tanta novidade, e eſtranheza da terra como elle contava, d'algumas das quaes couſas faremos relação por memoria dos trabalhos de João Fernandes, porque em a noſſa Geografia, por ſer mais proprio lugar, tratamos deſta terra, e dos ſeus moradores mais copioſamente, do que então alcançou João Fernandes. Segundo elle diſſe, os Mouros, em cuja companhia ficou, eram paſtores, e parentes do Mouro, que veio pera o Reyno com Antão Gonçalves. Eſtes, depois que o leváram pela terra dentro, a primeira honra, e gazalhado que lhe fizeram, foi esbulharem-no de quanto levava, aſſi de veſtido, e roupa, como de hum pouco de biſcouto, trigo, e legumes de ſeu comer; e em ſatisfação diſto lhe deram hum alquicé roto pera cubrir ſuas carnes, que foi differente entrada da que o Infante fez ao ſeu parente, quando chegou ao Reyno; e tal, que ainda ſe não quiz vir com Antão Gonçalves, quando tornou buſcar João Fernandes, porque em caſa do Infante ſe achava livre, e na ſua patria cativo deſtas

mi-

miſerias, que ora diremos. Mas como João Fernandes hia offerecido a todolos trabalhos, em quanto lhe não tocavam na vida, peró que per força lhe apanháram tudo, não reſiſtio muito em o defender, nem menos que ficava por iſſo eſcandalizado, e dalli em diante ficou naquella triſte vida, que todos tem; porque o ſeu comer era huma pouca de ſemente, que o campo per ſi dá, que ſe parece com Painço de Heſpanha, e aſſi raizes, e gomos d'algumas poucas de hervas, e não ainda em abaſtança; e toda maneira de immundicia de lagartixas, e gafanhotos torrados áquella fervura do Sol, que ſempre reina naquelle Solſticio do Tropico de Cancro, que paſſa per cima daquella região. E os mais mezes do anno ſeu certo comer, (porque eſtoutro ás vezes lhe falece com os temporaes,) he leite do gado que paſtoram, que tambem lhes ſerve de beber, por a terra ſer tão eſterele, que não tem mais aguas, que em certos lugares alguns poços meios ſalobros, dos quaes, quando ſe apartam por levar o gado a outro paſto, o leite lhes fica em lugar de agua, das quaes couſas ainda não são muito abaſtados. Carne, ſe alguma comem, he de galezas, e muitas veações, e aves que matam, e no gado não tocam ſenão por feſta no macho, e nunca no outro, por lhes dar leite, que he toda
ſua

ſua vida, e eſtes são os de dentro do ſertão, porque os da coſta do mar peſcado he o ſeu geral comer ſecco ſem ſal, e o freſco muitas vezes por ſer mais humido, e lhes fazer menos ſede. Ainda que agora com a noſſa fortaleza de Arguim são já mais mimoſos por viverem della, e do trigo, que lhes mandamos; e em tudo todos quando per caſo lhes vai ter á mão hum pouco, aſſi o comem á mão, como nós comemos os confeitos. A terra em ſi he meio areal, a mais viçoſa he como a mais pobre, e raſa charneca, que cá temos, onde ha algumas palmeiras, e arvores, que querem parecer ás figueiras, que cá chamamos do Inferno; e deſtas ainda tão poucas, ſegundo o grande eſpaço de terra, porque eſtam derramadas, que parecem poſtas á mão pera dar ſombra, o que ellas não fazem por a pouca rama que tem, (tão pobremente cria as arvores.) O ſitio deſta terra todo he chão, e tão máo de conhecer, por não ſer notavel per montes, arvoredos, e outras differenças que a boa terra tem, que poucos em caminho de muito eſpaço de terra podem atinar o lugar aonde vam. Sómente per eſtas couſas ſeguiam no caminhar pelos ventos, per eſtrella, e pelas aves, que andam no ar, principalmente corvos, abuteres, e outras, que ſeguem as immundicias do po-

voado, porque eſtas demoſtram as povoações, (ou por melhor dizer o lugar, onde andam aquellas cabildas,) por ſer a terra tal, que como paſtam hum dia huma folha, ao outro ſe mudam a outra, e aſſás de boa he a terra que os detem oito dias em a paſtar. Suas caſas são tendilhões, e o trajo commum couros do gado que guardam, e os mais honrados Alquicés: e os principaes de todos, pannos de melhor ſorte; e aſſi nos cavallos, como concertos delles tem a meſma ventage. O geral officio de todos he paſtorar o ſeu gado, porque nelle eſtá toda ſua fazenda, e ſubſtancia da vida. A ſua lingua, e eſcritura não he commum com os Alarves da Berberia; e peró em tudo quaſi tem huma conveniencia, como nós temos com os Caſtelhanos. Antrelles não ha Rey, ou Principe, tudo são cabildas de parentelas, e aſſi andam apartados; e o de maior poder he o maioral que os governa; e muitas vezes entre ſi eſtas cabildas humas com as outras tem guerra, e contenda ſobre o paſtar deſta triſte terra, e beber dos poços. E quando eſta não he a cauſa, a natureza humana dá outras pera ſempre contender com os vizinhos; e quando os não tem, toma aſſi meſma por contenda. Eſta vida, e policia vio João Fernandes hum pouco de tempo entre aquelles paſtores, e depois, an-

dan-

dando em hum aduar de hum principal Mouro daquelles Azenegues, a que chamavam Huáde Meimon, homem, que se tratava de sua pessoa mui bem, e que tratou a João Fernandes com tanta verdade, que o leixou vir buscar os nossos navios, mandando com elle alguns homens, o qual quando chegou a elles, como já dissemos, peró que vinha Azenegue no trajo, e no carão dos couros, parece que a natureza se contentou com comer, e beber leite, porque elle veio bem pensado, e gordo.

CAPITULO XI.

Da viagem, que fez Diniseanes com as caravelas, que de Lisboa foram em sua companhia: e do que fez o Capitão Lançarote com as quatorze caravelas de Lagos de sua capitanía, em a qual viagem matáram, e cativáram muitos Mouros á custa da vida d'alguns nossos: e como Soeiro da Costa, tendo-se visto nos mais illustres feitos de Hespanha, nesta ida se fez Cavalleiro.

HAvia em Lisboa, ao tempo que estas cousas procediam em bem, hum homem honrado, que fora criado do Infante D. Henrique já aposentado, com officio de Thesoureiro mór da Casa de Cepta, a que

chamavam Gonçalo Pacheco, o qual como era homem de grossa fazenda, e que armava navios pera algumas partes, houve licença do Infante pera mandar hum navio a este descubrimento. A capitanía do qual deo a hum Dinizeanes da Grãa escudeiro do Infante D. Pedro, e sobrinho no primeiro gráo da mulher delle Gonçalo Pacheco; em companhia do qual foram Alvaro Gil Ensaiador da Moeda de Lisboa, e Mafaldo morador em Setubal, cada hum em sua caravela. E porque naquelle tempo todos hiam demandar o Cabo Branco, chegados a elle, acháram hum escrito de Antão Gonçalves posto em hum final notavel, em que amoestava a todos, que não tomassem trabalho por sahir em terra em busca da aldea que alli estava, por quanto elle a tinha destruido pela maneira que atrás fica. Com o qual aviso, per conselho de hum João Gonçalves gallego Piloto, se foram á Ilha de Arguim, onde tomáram sete almas, e per ardil de hum daquelles Mouros cativos deo o Capitão Mafaldo em huma aldea na terra firme, de cujo conselho pendeo todo aquelle feito, em que tomáram quarenta e sete almas. Depois sahíram algumas vezes sem poder haver mais que hum Mouro velho, o qual trouxeram mais por elle receber salvação mediante o Baptismo, que espe-

perarem de ſuas forças algum ſerviço. E porque os Mouros per ſuas atalaias andavam já com o olho nelles, foram-ſe pela coſta adiante obra de oitenta leguas; e na ida, e vinda té tornar á Ilha das Garças fazer carnagem, per vezes que ſahíram na terra firme tomáram ſincoenta almas, que cuſtáram huma batelada de ſete homens dos noſſos, que per deſaſtre de ficarem em ſecco morrêram ás mãos dos Mouros. E neſta Ilha das Garças acháram hum Lourenço Dias com hum navio, o qual vinha em companhia d'outros, que ainda não eram chegados, a cauſa da vinda dos quaes era eſta. Os moradores da Villa de Lagos, porque o Infante fazia alli todas ſuas armações, e niſto, e em outras couſas recebia delles ſerviço, houveram licença ſua, que armaſſem pera eſtas partes de Guiné, pera o qual negocio ſe fizeram preſtes com quatorze caravelas em hum corpo. A capitanía mór das quaes deo o Infante a Lançarote, de que atrás fallámos, por ſer homem mui experimentado neſta viagem, e bem afortunado nella: peró que em ſua companhia hiam homens Fidalgos por Capitães dos navios, e alguns delles mui approvados em feitos d'armas. Aſſi como Soeiro da Coſta, ſogro do meſmo Lançarote, o qual em ſua mocidade fora moço da camara delRey Dom Du-

Duarte, e depois indo fóra deste Reyno se achou na batalha de Monuedro com ElRey D. Fernando de Aragão contra os de Valença, e no cerco de Balanguer, onde se fizeram honrados feitos, e andou com El-Rey Luiz de Proença em toda a sua guerra, e assi se achou na batalha de Ajancurt, que foi entre os Reys de França, e Inglaterra, e foi na batalha de Valamont, e na de Montseguro, e na tomada de Sansões, e no cerco de Ras, e além no de Cepta, em as quaes cousas sempre se mostrou valente homem d'armas. E assi hia em outro navio Alvaro de Freitas Commendador de Aljazur, homem bem Fidalgo, e que nos Mouros de Grada, e Ballamarim tinha feito grandes prezas. Os outros Capitães eram Rodrigueanes Travaços criado do Infante D. Pedro, e Palaçano, que na guerra dos Mouros tinha empregado o mais de sua vida, e Gomes Pires patrão delRey, e assi outras pessoas honradas de Lagos. E além destes quatorze navios foram da Ilha da Madeira, Tristão Vaz Capitão de Machico, e Alvaro Dornelas, cada hum em sua caravela; mas estes antes de chegar ao Cabo Branco se tornáram com tempo. O que não fez Alvaro Fernandes com outra caravela de seu tio João Gonçalves Capitão do Funchal na mesma Ilha da Madeira; antes nes-

nesta viagem, como veremos, foi avante de todos. E os outros Capitães eram Diniz Fernandes, o primeiro que passou á terra dos negros em huma caravela de D. Alvaro de Castro Camareiro mór delRey D. Afonso, que depois foi Conde de Monsanto; e João de Castilha em outra caravela de Alvaro Gonçalves de Taíde Aio delRey, que tambem foi Conde da Touguia, e outras caravelas, que per todas fizeram numero de vinte e seis, a fóra a fusta, em que hia Palaçano, e cada huma partio do porto onde se armou. As quatorze, que eram de Lagos, partíram juntas a dez de Agosto de quatrocentos quarenta e sinco annos; mas em sahindo da costa do Algarve hum temporal, que deo nellas, as apartou. O Capitão Lançarote como tinha provído, que acontecendo tal caso, todos fizessem sua via á Ilha das Garças, onde se haviam de juntar, o primeiro que tomou esta Ilha foi hum Lourenço Dias, de que atrás fizemos menção, o qual alli estava fazendo aguada, quando Dinizeanes da Grãa chegou com as tres caravelas; o qual Dinizeanes sabendo per elle da grão frota que vinha atrás com tenção de destruir aquellas Ilhas de Arguim, onde lhe a elle matáram os sete homens, determinou esperar a vinda das caravelas pera vingar a morte dos que perdêra. E

quiz

quiz ſua dita que dahi a dous dias chegou o Capitão Lançarote, e em ſua companhia Soeiro da Coſta, Alvaro de Freitas, Rodrigueanes, Gomes Pires o Picanço, e outros, com que fizeram numero de nove caravelas. Aſſentado o que haviam de fazer logo, ante que a terra houveſſe viſta de tanto navio, ſegundo a informação que Dinizeanes deo do eſtado da terra, per muita cautela que niſſo tiveram, os Mouros ſe paſſáram todos á terra firme, e elles acháram na Ilha de Arguim doze almas ſómente, quatro que tomáram, e oito que morrêram por ſe não quererem render, do qual feito hum dos noſſos ficou tão mal ferido, que a poucos dias morreo. E poſto que o feito não foi igual aos em que Soeiro da Coſta ſe tinha achado, como ora diſſemos, achou elle em ſua conſciencia, que não merecia honra de cavalleria em guerra contra Chriſtãos, e que no cerco de Cepta não fizera couſa, per que lha deſſem; e que neſta parte, aſſi por ſer com Mouros, como polo que aqui fez, e principalmente em terra tão eſtranha, era merecedor que Alvaro de Freitas Commendador de Aljezur, o armaſſe Cavalleiro, como armou, com grande prazer, e ſolemnidade de todos, vendo que engeitára aquella honra entre tão poderoſos Principes, e aqui ſe havia por mais

hon-

honrado della. Em companhia do qual foi tambem armado Cavalleiro Dinizeanes de Grãa, com que ficou algum tanto ſatisfeito do deſaſtre, que lhe alli acontecêra. E porque depois que eſte caſo foi feito, chegáram as outras caravelas da companhia de Lançarote, e elle Dinizeanes tinha já deſpezo quaſi todolos mantimentos, tornou-ſe pera o Reyno com as ſuas tres caravelas, com que partíra. Lançarote com os outros Capitães, que ficáram em ſua companhia, poz logo em conſelho tornar a entrar a Ilha Tider, e ordenou, que tres caravelas ſe metteſſem entre ella, e a terra firme, em hum paſo, per que ſe os Mouros baldeavam de huma parte a outra. Mas elles andavam tão eſcoſidos das armas dos noſſos, que de noite ſe paſſáram todos a terra firme ſem o elles ſentirem, de maneira, que quando veio pela menhã, vendo elles que ſe tornáram os noſſos como quem não achára a preza, que hiam buſcar á Ilha, começáram na praia á viſta delles dar huma grande grita em modo de zombaria. Havia neſte paſſo antre a Ilha, e terra firme, obra de hum tiro de pedra, que ſe não podia paſſar a váo; e outro tanto eſpaço, que de baixamar dava a agua per o giolho, onde eſtavam as tres caravelas, que Lançarote alli mandou pera tolher a paſſagem, em huma

ma das quaes eſtava hum moço da camara do Infante, a que chamavam Diogo Gonçalves, que com huma ardideza de eſpirito, que lhe moveo a ir contra os Mouros, polas algazaras, e deſprezos, que lhes faziam, diſſe a hum Pedro Alemão natural de Lagos, que ſe queria ſaltar com elle em terra vingar aquellas injurias, que lhe os Mouros eſtavam fazendo? Ao que Pedro Alemão reſpondeo, que de mui boa vontade; e ſem o mais praticar com alguma peſſoa, tomando as armas, que lhe eram neceſſarias pera offender, lançáram-ſe a nado. Os Mouros, quando os víram vir, vieram-ſe a elles com huma grita, que fez eſpertar aos outros da caravela que ſabiam nadar, porque movidos de huma virtuoſa inveja, começáram de os ſeguir; os primeiros dos quaes foram Gil Gonçalves eſcudeiro do Infante, e Lionel Gil filho do Alferes da bandeira da Cruzada; os quaes juntos em hum corpo com os primeiros, elles por tomarem a terra, e os Mouros por lha defender, (como quem tinha comſigo mulheres, e filhos,) foi antre todos huma tão travada peleja, que no meio daquella vaſa ficáram doze Mouros enterrados, e depois em terra outros, e cativos foram ſincoenta e ſete. E com tudo eſte trabalho do dia, ainda alguns deſtes com outros, que eſta-

ta-

tavam folgados, aquella noite foram dar em huma aldea, que eſtava dalli ſete leguas ao longo da coſta, parecendo-lhes que ſe acolheriam a ella os que eſcapáram das mãos dos nadadores, ſegundo alguns dos cativos affirmavam. Peró elles hiam de maneira, que não ſómente ſe affaſtáram da coſta do mar, mas ainda foram dar aviſo aos outros, que viviam na aldea, com que os noſſos trabalháram de balde naquella ida; poſto que quando tornáram ao outro dia, achá-ram huns ſinco Mouros, que do dia paſſado, quando hiam fugindo, ſe embrenháram. E como o negocio a que eram idos áquella Ilha era já acabado, ao ſeguinte dia ajuntou o Capitão Lançarote todolos Capitães, e peſſoas principaes d'Armada, e propoz-lhes eſtas palavras: *Bem ſabeis, Senhores, e Amigos, que a principal tenção, por que aprouve ao Senhor Infante virmos todos em hum corpo, e eu por Capitão deſta frota, foi, pera que levemente pudeſſemos deſtruir eſta Ilha de Arguim, de que os noſſos quando aqui vinham recebiam damno. Ora Deos ſeja louvado, vós o tendes feito tão honradamente, e tanto a ſeu ſerviço, e prazer do Infante, que vos he elle por iſſo em obrigação de honra, e mercê, o que todos deveis eſperar cada hum em ſeu gráo, porque eſta lei tem os ſervi-*

ços

ços acabados á vontade de quem os manda, principalmente quando o Senhor he grato, e liberal. Estas cousas por parte de vossos meritos estam ganhadas, e por parte da real condição do Infante concedidas; o que nos agora fica por fazer, he cumprir o que mais manda em seu Regimento: que feito este negocio, que temos acabado, cada hum se póde partir a fazer seu resgate, e proveito, onde lhe Deos ministrar. Eu d'hoje avante fico sem aquella superioridade, que o Senhor Infante me tinha dada ácerca da governança deste negocio, a que principalmente viemos. E de mi lhe sei dizer, não por parte da honra, porque a Deos mercês com vossa ajuda, eu a tenho ganhada nesta terra pera poder ir contente pera o Reyno, mas por parte da pouca preza que levamos, segundo as caravelas são muitas, e os cativos poucos, minha tenção he não ir de cá tão boiante, se alguem quizer ir fazer seu proveito mais avante pela costa, eu lhe manterei companhia. Soeiro da Costa sogro delle Lançarote, Vicente Dias, Rodrigueanes, Martim Vicente, e o Picanço, por terem as caravelas mais pequenas de toda a frota, respondêram, que elles não podiam esperar o inverno, que já lá começava; e que quanto o desejo os obrigava ir em sua companhia,

nhia, tanto a neceſſidade os conſtrangia a ſe tornar ao Reyno. Gomes Pirez Capitão da caravela delRey, e Alvaro de Freitas, Rodrigueanes Travaços, Lourenço Dias mercador foram todos em hum propoſito de ſeguir o Capitão Lançarote, com deſejo de paſſar á terra Çahara dos Azenegues, e ver a de Guiné dos negros, por lhe dizerem ſer mais freſca, e groſſa em todalas couſas. Partidos per eſta maneira, huns pera o Reyno, e outros pera Guiné, de que eram eſtas duas cabeças, Soeiro da Coſta, e Lançarote, tomou cada hum ſua derrota. Soeiro da Coſta como era Alcaide mór de Lagos, a quem todos obedeciam na terra, por os mais delles ſerem daquella Villa, aſſi no mar lhe quizeram obedecer, cá os obrigou a que paſſaſſem pelo Cabo Branco; em o qual entrando per hum eſtreito em bateis obra de quatro leguas, deram em huma aldea, de que ſómente houveram nove Mouros, porque os mais ſe puzeram em ſalvo, por lhes ſer dado aviſo primeiro que chegaſſem á aldea. E porque eſta preza o não ſatisfez, (peró que foſſe aconſelhado que o não fizeſſe,) diſſe aos outros Capitães, que a elle lhe convinha muito tornar á Ilha Tider, porque entre aquelles cativos que levava, era huma Moura, e hum moço filho de hum homem principal, os quaes pro-

promettiam por ſi grande reſgate. Soeiro da Coſta eſpedido dos outros Capitães com eſte propoſito, chegou á Ilha, onde logo acudíram alguns Mouros a eſte negocio do reſgate; e por ſegurança d'ambas as partes, os Mouros entregáram por refens hum homem dos principaes delles, e Soeiro da Coſta entregou o Meſtre do ſeu navio, e hum Judeo, que do Reyno fora em ſua companhia. E ſendo já o moço do reſgate poſto entre os ſeus, vendo a Moura azo pera iſſo, confiada mais em nadar, que ella mui bem ſabia, que na poſſibilidade dos ſeus, de quem eſperava o grande reſgate, que promettia por ſi, lançou-ſe ao mar, e poz-ſe em ſalvo. Os Mouros como lá tiveram a eſta Moura, e o moço, não quizeram dar o Meſtre, e o Judeo, que já tinham em poder, a troco do Mouro honrado, ſenão com mais outros tres. Soeiro da Coſta, poſto que lhe foi grave couſa, todavia o fez por ſalvar o Meſtre; e ſem mais ganhar couſa que lhes fizeſſe perder o nojo deſte aquecimento, ſe tornou a eſte Reyno. E vindo com propoſito de caminho fazerem hum ſalto nas Canareas, topáram com a caravela de Alvaro Gonçalves de Taíde, de que era Capitão João de Caſtilha; e quando ſouberam delle a via que levava, diſſeram que lhe parecia ſua ida de balde, por quan-

quanto o feito de Arguim era acabado, e o inverno começava naquellas partes, com que corria risco de se perder: que elles levavam proposito de passar pelas Ilhas Canareas, e fazer hum salto na Ilha da Palma, onde esperavam fazer alguma preza de proveito, que elle devia tomar sua companhia, pois vinha tão tarde pera ir ás partes de Guiné. João de Castilha forçado das razões destes Capitães das caravelas, seguio seu conselho, e o primeiro porto que tomáram, foi da Ilha Gomeira, onde logo os vieram receber dous Capitães, que governavam a terra, fazendo offertas aos nossos do que houvessem mister, dizendo serem devedores ao Infante D. Henrique de tudo o que por seu serviço fizessem; porque elles estiveram em casa delRey de Castella, e delRey de Portugal, e de nenhum delles recebêram tanto favor, e mercê, como delle Infante. Os Capitães das caravelas vendo que nestas offertas tinham ajuda, por saber serem os desta Ilha grandes imigos dos da Ilha de Palma, que elles hiam buscar, descubríram-lhes seu proposito, pedindo-lhes que houvessem por bem de irem com alguma gente sobre aquelles seus imigos, de quem o Infante estava mui escandalizado por ser má, e revel, e que elles iriam em sua companhia. Estes dous Capi-
tães

tães Canareos, cujos nomes eram Piſte, e Brucho, por moſtrar o deſejo que tinham de ſervir ao Infante, ſem mais demora mettêram-ſe em os navios com bom golpe de gente; e feita véla, ſurgíram em rompendo o dia no porto da Palma; e per conſelho delles, os noſſos ante de ſerem viſtos ſahíram em terra, e o primeiro encontro que acháram, foram huns poucos de paſtores, que traziam grande facto de ovelhas; os quaes tanto que houveram viſta dos noſſos, aſſi tinham coſtumado eſte gado, que a hum certo ſinal de apupos que deram, começou todo correr pera hum valle, que eſtava antre duas ſerras de aſperos rochedos, como ſe lhes diſſeram, aqui são os imigos. Os noſſos, quando víram que os Canareos começavam trepar com ſeus Capitães per aquellas rochas trás os paſtores, que fugiam, ſeguíram o ſeu modo; mas como não eram coſtumados áquelles ſaltos, cahíram alguns per lugares de perigo, entre os quaes foi hum mancebo, que quando chegou abaixo da altura, donde cahio, veio feito em pedaços; e per eſte modo tambem perecêram alguns Canareos; porque como eram confiados no uſo daquelles lugares, corriam mais ſem tento; e dos noſſos o que melhor ſe havia neſte modo de prear acoſſo, foi Diogo Gonçalves moço da Camara do Infan-

fante, aquelle, que se lançou ao mar em Arguim contra os Mouros, que estavam fazendo algazarras na praia. Os Canareos, cujas eram as creações, tanto que sentíram a entrada de seus imigos, acudíram com muita gente; peró como sentíram as armas dos nossos, não ousavam de os esperar de perto, e embarravam-se em as penedias, donde faziam seus arremessos; e se lhe os nossos tiravam a si, eram leves em furtar o corpo, que de maravilha os podiam offender. Com tudo entre os tomados a cosso, e outros, que houveram, depois que se ajuntou a gente, foram dezesete almas, entre as quaes vinha huma mulher de espantosa grandeza, a qual quizeram dizer ser Rainha de huma parte daquella Ilha. Tornados os nossos á Ilha Gomeira, leixáram os Capitães Canareos em o lugar, onde os tomáram, e o que chamavam Piste faleceo depois neste Reyno, andando em negocios da Ilha, ao qual o Infante sempre fez gazalhado, e mercê. João de Castilha, porque não vinha contente da pequena preza, que lhe coube em repartição, e tambem por se refazer da perda, que houve em não se achar no feito de Arguim, donde estoutros vinham, fez com elles que na mesma Gomeira, onde estavam, fizessem alguma preza; e posto que a todos pareceo malda-

de cativar aquelles, de quem recebêram amizade, pode mais nelles a cubiça que esta lembrança; e como que per esta maneira ficavam menos culpados, passáram-se deste porto a outro da mesma Ilha, onde preáram vinte e huma almas, com que se fizeram á véla caminho deste Reyno; o qual engano sabido pelo Infante, ficou mui indignado contra os Capitães, e vestidos á sua custa, mandou depois, como se adiante verá, tornar todolos cativos onde os tomáram; porque como o Infante por esta gente das Canareas tinha feito grandes cousas, segundo veremos neste seguinte Capitulo, sentia muito qualquer offensa que lhe faziam.

CAPITULO XII.

Como as Ilhas, a que ora chamam Canareas, foram descubertas per hum Fidalgo Francez, chamado Mosior João de Betancor: e depois o Infante D. Henrique teve o senhorio dellas, e converteo á Fé a maior parte dos seus povoadores, e d'alguns costumes delles.

EM tempo delRey D. Henrique o Terceiro de Castella, filho delRey Dom João o Primeiro, veio de França a estas partes de Hespanha hum Francez por nome Mosior João de Betancor homem nobre, com

com tenção de conquiſtar as Ilhas das Canareas, por ter ſabido ſerem povoadas de gente pagã; e ſegundo fama, a noticia dellas ſoube per huma náo Ingleza, ou Franceza, que lá eſgarrou com tempo, vindo daquellas partes a eſtas de Heſpanha; e poſto que elle trouxe navios, gente, e munições pera eſta conquiſta, em Caſtella, onde primeiro veio ter, ſe reformou de mais gente, com que ſobjugou eſtas tres Ilhas, Lançarote, Forte ventura, e a Ferro, e iſto com tanto trabalho, e cuſto, que de cançado, e ter deſpezo todo o cabedal que trouxe, tornou a França a ſe reformar, leixando alli hum ſeu ſobrinho chamado Maciot Betancor; mas elle não tornou mais: diziam alguns que por graves doenças que teve; e outros, que ElRey de França o impedio por cauſa da guerra, que então tinha com Inglaterra. Moſior Maciot Betancor, vendo que paſſavam tempos ſem acudir ſeu tio a tão grande empreza como lhe leixára, a qual não podia ſuſtentar, poſto que em auſencia ſua com ajuda d'alguns Caſtelhanos conquiſtára a Gomeira, concertou-ſe com o Infante D. Henrique ſobre o que nellas tinha, e elle paſſou-ſe á Ilha da Madeira, onde aſſentou ſua vivenda, porque começavam naquelle tempo florecer as couſas della; e os homens, que ſe lá paſſa-

vam a viver, engroſſavam muito em fazenda, como tambem aconteceo a eſte Maciot, o qual com o que houve do Infante, que foram as ſaboarias, e outras rendas na Ilha, e depois com ſua induſtria ganhou tanto, que caſou huma ſó filha que teve, chamada Dona Maria Betancor, com Ruy Gonçalves da Camara Capitão da Ilha S. Miguel, filho de João Gonçalves, primeiro Capitão da Ilha da Madeira da parte do Funchal; e porque não houve filhos della, herdáram Henrique de Betancor, e Gaſpar de Betancor ſobrinho deſte Maciot de Betancor a ſua herança delle, da qual hoje poſſuem ſeus herdeiros boa parte, os quaes são Fidalgos mui honrados, e tem o ſeu appellido de Betancor. E porque de doze Ilhas que ellas são, ainda ficavam por conquiſtar eſtas, grão Canarea, Palma, Gracioſa, Inferno, Alegrança, Santa Clara, Roche, e a dos Lobos, determinou o Infante D. Henrique, por louvor de Deos, de as mandar conquiſtar, e trazer ao Baptiſmo os ſeus moradores, pera a qual obra ſe fez huma Armada o anno de quatrocentos e vinte e quatro, em que foram dous mil e quinhentos homens de pé, e cento e vinte de cavallo; e por Capitão mór D. Fernando de Caſtro Governador de ſua caſa, Padre de D. Alvaro de Caſtro Conde de

Mon-

Monſanto, e Camareiro mór delRey Dom Afonſo o Quinto deſte nome. E porque a gente era muita, e a terra desfalecida de mantimentos, deteve-ſe D. Fernando mui pouco tempo neſta conquiſta, porque tambem era cuſtoſa ao Reyno; e ſómente a paſſagem da gente, que foi a ella, ſegundo vimos nos livros das contas do Reyno, cuſtou trinta e nove mil dobras; e neſſe pouco tempo que eſteve grande numero daquelle povo pagão recebeo o Baptiſmo. Depois pera favorecer eſtes Chriſtãos contra aquelles, que não queriam vir á Fé, mandou o Infante alguma gente, e por Capitão della Antão Gonçalves ſeu guardaroupa. E paſſados alguns annos, que eſtas Ilhas per cauſa do deſcubrimento da Ilha da Madeira, e aſſi de Guiné, começáram ter nome, e ſabor na opinião da gente de Heſpanha, deſiſtio o Infante dellas, porque ſe intrometteo niſſo ElRey de Caſtella, dizendo, que lhe pertenciam; por quanto Moſior João Betancor, que primeiro conquiſtára as tres, no Reyno de Caſtella ſe armára, e alli recebêra todalas ajudas de gente, mantimentos, e munições pera as conquiſtar, e, depois de ſua partida, Maciot ſeu ſobrinho ſempre recebêra as meſmas ajudas de Caſtella, e a Gomeira, que elle tinha conquiſtado com a gente de Caſtella fóra,

e aos

e aos Reys della dava obediencia, e reconhecia por Senhores; e que se elle Maciot vendêra a fazenda, e terras, que tinha aproveitado, não podia vender o senhorio, e jurisdicção, que era da Coroa de Castella. O Infante, como sua tenção em conquistar estas Ilhas mais era por salvar as almas dos seus moradores pagãos, que por algum proveito que dellas tivesse, antes lhe tinham feito muita despeza em as conquistar, e sustter, não proseguio mais em o que tinha começado. Depois em tempo delRey D. Henrique o Quarto deste nome em Castella, quando casou com a Rainha Dona Joanna filha delRey D. Duarte de Portugal, Dom Martinho de Taíde Conde da Touguia, que a levou a Castella, houve delRey Dom Henrique estas Ilhas das Canareas per doação que lhe dellas fez, e elle as vendeo depois ao Marquez D. Pedro de Menezes o primeiro deste nome, e o Marquez as vendeo ao Infante D. Fernando irmão delRey D. Afonso; o qual Infante folgou de as comprar, porque como era filho adoptivo do Infante D. Henrique seu tio, que já tivera o senhorio destas Ilhas, parecia-lhe que as não comprava, mas que as herdava delle. E tanto que as houve, mandou tomar posse dellas, e a conquistar alguns reveis, ao qual negocio enviou Diogo da Silva, que

que depois foi Conde de Portalegre. Em meio do qual tempo veio a eſtes Reynos hum Cavalleiro Caſtelhano per nome Fernão Peraça, pedindo a ElRey D. Afonſo, e ao Infante, que houveſſem por bem de o reſtituir em poſſe das ditas Ilhas, porquanto elle as tinha comprado a hum Guilhem delas Caſas, o qual as comprára a Dom Henrique Conde de Nebla, em quem Maciot Betancor as traſpaſſára per via de doação com procuração que tinha de ſeu tio João de Betancor, de que apreſentava Eſcrituras, e Provisões dos Reys de Caſtella em confirmação das taes compras. E porque per ellas, e per outras razões ElRey, e o Infante víram a juſtiça delle Fernão Peraça, deſiſtíram dellas; per morte do qual Fernão Peraça herdou eſta herança huma ſua filha per nome Dona Ignez de Peraça, com quem caſou hum Fidalgo Caſtelhano chamado Diogo Garcia de Herrera. E entre os filhos que houve della, foi Dona Maria Dayala, com quem caſou Diogo da Silva, eſtando ainda lá por parte do Infante na conquiſta, e governança dellas. E porque as Ilhas da Gomeira, e Ferro eram feitas em morgado, de que hoje he intitulado Conde D. Guilhem de Peraça ſeu filho, ficáram partiveis as Ilhas de Lançarote, e Forte ventura, em que D. João da Sil-

Silva ſegundo Conde de Portalegre por parte de ſua madre a Condeſſa tem herança, que ao preſente lhe renderá té trezentos mil reaes. Parece que permittio Deos que ficaſſe eſta memoria em Portugal por os trabalhos, que o Infante D. Henrique levou na conversão, e conquiſta dos póvos deſtas Ilhas, poſto que o ſenhorio, e juriſdicção dellas foſſe traſpaſſado em Caſtella na maneira que diſſemos. E por razão deſta acção, que eſte Reyno tinha neſtas Ilhas Canareas pola deſpeza que era feita na conquiſta, e conversão de ſeus póvos, quando ſe fizeram as pazes entre Portugal, e Caſtella por cauſa das guerras, que houve entre ElRey D. Afonſo o Quinto deſte Reyno, e ElRey D. Fernando de Caſtella, nomeadamente em os capitulos das pazes ficou com Caſtella a conquiſta, e ſenhorio deſtas Ilhas, e a conquiſta do Reyno de Grada, como com Portugal a do Reyno de Féz, e de Guiné, *& cetera*, (ſegundo ſe contém na Chronica deſte Rey D. Afonſo.) Eſte foi o fundamento da conquiſta, e conversão deſtas Ilhas, poſto que em a Chronica delRey D. João o Segundo de Caſtella o Chroniſta, por dar poſſe a ſua coroa, leve outro caminho na relação do deſcubrimento dellas; e tambem póde ſer que não teria noticia de todas eſtas couſas. E por louvor deſ-

deste Infante D. Henrique, trataremos dos ritos, e costumes que o povo pagão destas Ilhas naquelle tempo tinha, quando per industria sua foram trazidos ao Baptismo. Haveria naquelle tempo em todas estas Ilhas treze, ou quatorze mil homens de peleja; e posto que todos fossem pagãos, não convinham em huns ritos, e costumes, sómente em conhecimento de hum Creador de todalas cousas, o qual dava galardão aos bons, e pena aos máos. Os moradores da grão Canaria tinham dous homens principaes, que os governavam, a hum chamavam Rey, e a outro Duque; e porém o regimento da justiça, e governo da terra era feito per numero de cento e noventa homens, sem poderem ser mais, ou menos. E como algum morria, logo era enlegido outro da linhagem daquelles que governavam, e estes tinham a sciencia, e os preceptos daquillo, que cada hum devia crer, e elles os davam ao povo; de maneira, que não sabiam mais dizer do que criam, e adoravam, sómente que naquillo que criam os seus cavalleiros, que eram estes cento e noventa homens. As mulheres não podiam casar sem primeiro as corromper hum destes cavalleiros; e quando lhas apresentavam, haviam de vir bem gordas de leite, que era a ceva, com que as cevavam pera isso;
e se

e ſe eram magras, diziam que ainda não eſtavam em diſpoſição pera caſar, por quanto tinha o ventre pequeno, e eſtreito pera crear nelle grandes filhos, de maneira, que não haviam por aptas pera caſamento ſenão as de grande barriga. A peleja delles era ás pedradas, e com páos curtos á maneira de regeitos de remeſſo, e ao tempo do pelejar era bem ardida, e esforçada. Seu veſtido era os couros da carne ſómente, e em os lugares deshoneſtos traziam huma maneira de bragas de folhas de palma tintas de cores. Entrelles não havia ferro, e a mingua delle rapavam as barbas com pedras agudas: ſe haviam algum á mão era mui eſtimado, e faziam anzolos delle. Ouro, prata, nem outro metal não o queriam, antes haviam que era ſandice deſejar alguem o que lhe não ſervia de inſtrumento mecanico pera ſuas neceſſidades. Trigo, e cevada tinham em grande copia, e desfalecia-lhes engenho pera o amaſſar em pão, ſómente comiam a farinha cozida com carne, e manteiga. Haviam por couſa mui torpe esfolar alguem gado, e neſte miſter de magarefes lhes ſerviam os cativos que tomavam; e quando lhe eſtes faleciam, buſcavam homens dos mais baixos do povo pera eſte officio, os quaes viviam apartados da outra gente, e não os communicavam em aquelle miſter.

As

As madres não creavam de boa vontade ſeus filhos ao peito; e quaſi todos eram creados ás tetas das cabras. Os moradores da Gomeira em alguns ritos, e coſtumes ſe conformavam com eſtes; peró ſeu comer geralmente era leite, hervas, e raizes de juncos, e toda a immundicia, aſſi como cobras, lagartos, ratos, e outras couſas deſta qualidade. As mulheres eram quaſi commuas, e quando ſe viſitavam huns a outros, davam as mulheres por gazalhado, e boa hoſpedagem, donde ſe cauſava que não herdavam os filhos, ſenão os ſobrinhos da irmã. O mais do tempo deſpediam em cantar, bailar, e uſo de mulheres, que entrelles era eſtimado por o maior bem da vida. Os da Ilha Tanariſe eram mais abaſtados de mantimentos, cá entrelles havia trigo, cevada, legumes de toda ſorte, e grandes fatos de gado miudo, de cujas pelles ſe veſtiam; e todos eram repartidos em oito, ou nove bandos de gerações, cada hum dos quaes tinha proprio Rey, e ſempre havia de trazer comſigo dous, hum morto, e outro vivo; e morto eſte, elegiam outro. E o primeiro defunto ao tempo que o queriam enterrar, havia de ſer per o mais honrado homem, o qual o levava ás coſtas; e quando o punham na ſepultura, todos a huma voz diziam: *Vai-te á ſalvação.* Tinham mulhe-

res

res proprias, todo ſeu exercicio eram bandos; e iſto os fazia ſer gente mais guerreira que os das outras Ilhas, e tambem viviam com mais razão em todas ſuas couſas. Os da Ilha da Palma ſeriam até quinhentos homens, os quaes ácerca do juizo, e uſo das couſas eram mais beſtiaes que os das outras Ilhas; tendo tambem muita parte dos ſeus coſtumes, ſeu mantimento era hervas, leite, e mel. E porque ao preſente toda eſta gentilidade barbara ſe perdeo, e em ſeu lugar he recebida a Fé, e policia Heſpanhol, e as outras couſas dos frutos, e diſpoſição da terra são já mui notorias a nós, baſta o que diſſemos por gloria de Deos, e louvor do Infante D. Henrique, que plantou eſte fruto na ſua Igreja.

CAPITULO XIII.

Como o Capitão Lançarote, depois que leixou eſtas caravelas de ſua conſerva, que ſe vieram pera o Reyno, com as outras que o ſeguíram, deſcubrio o grande rio, a que ora chamamos Çanagá, e dahi foi ter a huma ilheta pegada com o Cabo Verde.

O Capitão Lançarote, depois que Soeiro da Coſta ſeu ſogro ſe eſpedio delle, começou de ſeguir ſua viagem ſempre ao longo da coſta, té paſſar a terra, a que os Mou-

Mouros chamam Çahará, e os nossos corruptamente Zára, que he parte dos desertos de Libya, e veio ter as duas palmeiras, que Diniz Fernandes, quando alli foi, demarcou como cousa notavel, onde os da terra dizem, que se apartam os Azenegues Mouros dos Negros idólatras, peró que nestes nossos tempos aqui já sejam todos da secta de Mafamede. E seguindo mais avante obra de vinte leguas, achāram hum rio mui notavel, a que nós ao presente chamamos Çanagá, por razão que o principal resgate, que pelo tempo em diante se alli começou fazer, foi com hum negro dos principaes da terra, chamado per este nome Çanagá; porque o verdadeiro nome do rio, logo alli na entrada he Ovedech, (segundo a lingua dos Negros, que habitam naquella sua foz;) e quanto mais se penetra o sertão per onde elle vem, tantos nomes lhe dam os pövos, que bebem as suas aguas, dos quaes nomes, curso, e nascimento delle se verá adiante. E não sómente pelo que os nossos então souberam delle, mas pela informação, que os Mouros Azenegues deram ao Infante de como vinha das partes Orientaes, correndo per grandes Reynos, e Provincias, houveram que era hum braço do rio Nilo. O Capitão Lançarote, depois que entrou a barra deste rio, lançando hum ba-

batel fóra, metteo-se nelle Estevão Afonso pera sahir em terrra, e descubrir o que alcançasse com a vista; e na primeira que tomou, onde se fazia hum medão de arêa, vio estar huma cabana, que lhe pareceo ser de algum pescador, na qual foram tomados hum moço, e huma moça, ambos irmãos, mais pera sua salvação, que pera receber cativeiro; porque vindos a este Reyno o moço, mandou o Infante crear, e doctrinar em letras pera poder receber Ordem Sacerdotal, e tornar a esta parte a prégar o Baptismo, e Fé de Christo, e ante de chegar a madura idade faleceo; e a irmã já polos meritos de seu irmão teve creação, e vida mais de livre que cativa. E posto que alli não houvesse lingua, que entendesse estes dous irmãos pera delles tomar alguma informação, na idade delles entendêram que o pai, ou mãi não deviam ser mui longe; e começando descubrir derredor da casa contra onde se fazia hum arvoredo, ouvíram pancadas, como que cortavam alguma cousa. E porque indo juntos podiam fazer rebuliço, disse Estevão Afonso, que o leixassem ir só pera mansamente espreitar quem era o que dava aquellas pancadas; e indo assi ao tom dellas, foi dar com hum negro, o qual estava tão attento no cortar de hum páo, que o não sentio, senão quando

do lançou mão delle. O qual atrevimento lhe houvera de custar a vida, porque como o negro era grande, e forçoso, e andava nú, e Estevão Afonso homem pequeno, e roupado do vestido, no primeiro bracejar, (peró que o negro ficou cortado com aquelle novo temor,) levou Estevão Afonso debaixo de si; e ainda que a peleja era a punho, e a dentes, elle passára mal, senão sobrevieram seus companheiros, com a vista dos quaes o negro escapulio, e fugio pera dentro do arvoredo. Estevão Afonso quando se vio desapressado com o favor dos companheiros, que corriam trás elle contra a mata, começou de o seguir, dizendo, que rodeassem o arvoredo té que viessem alguns cães do navio, que o lançassem fóra. Mas o negro como levava o cuidado nos filhos, ainda não entrou per huma parte, quando sahio pela outra; e não os achando na cabana, começou de seguir o rastro, que os nossos levavam com elles contra a praia, onde Vicente Dias mercador senhorio do navio, cujo era aquelle batel, andava passeando tão seguro, como se estivera em Tavilla, donde elle vivia, tendo sómente por arma hum bicheiro, que tomou no batel por ajuda de bordão. O negro tanto que o vio, sem temor algum, com a furia do amor que trazia dos filhos,

lan-

lançou-se a elle, depois que lhe rompeo huma queixada com huma azagaia de remesso; e porém primeiro que viessem a braços, tambem levou huma boa ferida com o bicheiro per sima da cabeça. E andando Vicente Dias em este perigo, (peró que trouxesse seu imigo debaixo) sobreveio outro negro filho deste já homem valente, e assi se ajudáram ambos, que o traziam mui maltratado, se a vinda de Estevão Afonso, e de seus companheiros o não salvára; porque os negros tanto que os víram correr contra si, como eram ligeiros, desapressáram a elle, e puzeram-se em salvo. Chegados aonde estava Vicente Dias, como já na companhia havia dous injuriados do negro, antre risco, e pezar de lhe assi escapulir das mãos, se tornáram á caravela, onde Vicente Dias foi curado; e assi elle, como Estevão Afonso eram visitados da gente das outras caravelas, gracejando todos como o negro era melhor luctador que quantos havia no batel. Passado aquelle dia, tendo o Capitão Lançarote assentado com os outros Capitães pera irem per o rio assima descubrir, por ser a cousa que o Infante mais desejava, levantou-se hum tempo de maneira, que os fez a todos sahir donde estavam, com o qual tempo se apartáram da companhia de Lançarote, Rodri-

guea-

gueanes Travaços, e Dinis Dias, que se vieram na volta do Reyno, onde chegáram a salvamento. Lançarote com sinco caravelas, correndo contra o Cabo Verde, foi surgir em huma ilheta pegada com a terra firme, em que acháram muitas cabras, que lhe foi mui bom refresco, e assi acháram pelles frescas d'outras, como que havia poucos dias que se fizera alli alguma matança dellas; e o que lhe certificou ser aquella obra dos nossos, foi acharem escrito em a casca de humas grandes arvores: *Este motto da divisa do Infante, Talent de Bien faire*, o qual sinal leixou Alvaro Fernandes sobrinho de João Gonçalves, Capitão da parte do Funchal na Ilha da Madeira, que veio alli ter, e pelejou com seis almadias de negros, que o vieram commetter, de que sómente tomou huma com dous delles, porque os mais se salváram a nado. E desta viagem passou ainda té onde ora chamam o Cabo dos Mastos, nome, que lhe elle então poz por razão de humas palmeiras seccas, que á vista representavam mastos arvorados, e daqui se tornou pera o Reyno. O Capitão Lançarote em dous dias, que esteve com as sinco caravelas nesta Ilha, onde Alvaro Fernandes poz o motto, fez sua aguada, e matança de cabras, e de si passou-se á terra firme, com a vista do qual

acudíram á praia muitos negros. Gomes Pires, a quem o Capitão Lançarote mandou em hum batel, que fosse a elles, parecendo-lhe que os provocava mais a paz, que lhe o Infante muito encommendava em seu Regimento, lançou-lhes em terra hum bollo, hum espelho, e huma folha de papel, em que hia debuxada huma cruz. Mas elles estavam tão çafaros da cubiça daquellas cousas, e tão escandalizados do que lhe Alvaro Fernandes fez, que não sómente as não quizeram, mas ainda as quebráram, e rompêram tudo, como se nellas fora alguma peçonha, ou peste, que lhes podia empecer, e sobre isso começáram de tirar ás frechadas ao batel. Vendo Gomes Pires que com elles não havia algum modo de paz, mandou a huns bésteiros, que comsigo tinha, que lhe respondessem com o seu almazem, dando-lhes esta espedida. Os Capitães com esta mostra, que os negros deram de si, assentáram de ao outro dia darem nelles da maneira que costumavam dar nas aldeas dos Mouros; mas sobreveio supitamente hum temporal, que os fez correr como cada hum pode marear seu navio. Lourenço Dias escudeiro do Infante foi ter ao lugar, onde o negro luctou com Vicente Dias; e vendo-se mal apercebido de mantimentos, armas, e outras cousas, que
lhe

lhe convinham pera deſcubrimento do rio, não ouſou de o commetter, e veio-ſe na volta do Reyno. Gomes Pires Patrão que era outro deſta conſerva de Lançarote, veio-ſe per o rio do Ouro, e alli tratou com os Mouros, dos quaes houve per reſgate hum Negro, promettendo-lhe que ao ſeguinte anno ſe alli tornaſſe os acharia apercebidos de ouro, e eſcravos, com que pudeſſe carregar o navio, porque começavam já de goſtar do proveito, que lhe os noſſos davam com as couſas que haviam delles, de maneira, que os dias, que Gomes Pires alli eſteve, vinham ao navio ſeguramente; e mais por amizade que per reſgate, elles lhe deram huma boa ſomma de pelles de lobos marinhos, com que ſe veio pera o Reyno. Lançarote, Alvaro de Freitas, e Vicente Dias, aſſi como todos tres naquella tormenta, que lhe deo no Cabo Verde, mantiveram conſerva, aſſi foram todos em conſelho, que de caminho deſſem na Ilha Tider, onde tomáram ſincoenta e nove almas, com que ſe vieram ao Reyno com mais proveito que os outros. Diniz Fernandes Capitão da caravela de D. Alvaro de Caſtro, e Palaçano Capitão da fuſta, como ambos mantiveram companhia na ida das quatorze caravelas, que eſte anno partíram deſte Reyno, quando chegáram a Arguim, e achá-

ram nova em as outras caravelas, que foram no feito da Ilha Tider, como as Ilhas eram já despejadas, determináram de passar adiante té o rio Çanagá, e entrar dentro na fusta, por Diniz Fernandes saber já aquella costa quando alli veio ter; e tendo passado a ponta chamada de Sancta Anna, que he áquem do rio Çanagá obra de sincoenta leguas, por levarem calmarias, quizeram lançar hum homem fóra, que descubrisse se havia alguma povoação junto da praia; mas como o mar com a calmaria andava banzeiro, eram tão grandes as vagas, que não ousava algum dos marcantes de se lançar a nado: com tudo movidos d'algumas palavras, com que Palaçano quiz envergonhar doze homens mancebos, que sabiam nadar, levando sómente armas offensivas, puzeram o peito á agua. Tomada a praia per caminho, começáram de a seguir té irem dar com doze Mouros, que caminhavam per ella, dos quaes tomáram nove, com que se tornáram recolher ao navio. E parece que o tempo os estava esperando que se recolhessem, porque sobre aquelle grande prazer da preza que trouxeram, sobreveio tanto tempo supitamente, que abrio a fusta de Palaçano, e a grande dita se salvou toda a gente em o navio de Diniz Fernandes, o qual com a furia do temporal correo ao

Ca-

Cabo Verde, onde não fez mais que haver vista dos negros, que defendiam a praia com frechas d'herva; e com outra mudança que fez o tempo tornou ao lugar onde perdeo a fusta, de que ainda acháram o casco, que os Mouros não quizeram desfazer com proposito que sería anagaça aos nossos, quando alli tornassem: como houvera de ser, senão sahíram com boa vigia, porque detrás de huns medãos estavam lançados obra de setenta Mouros em silada, os quaes não fizeram mais que receberem damno, perecendo a maior parte delles, e os outros que se salváram haviam de ter que curar. Acabado este feito, com que Diniz Fernandes, e Palaçano na honra delle recobráram a perda da fusta que lhe alli ficou, e da pouca fazenda que tinham havido per toda aquella costa, fizeram-se á véla, passando pela ponta de Lyra, onde sómente tomáram dous Mouros a cosso, por andarem já tão temerosos do ferro dos nossos, que tomavam os pés por armas de sua salvação: e daqui se fizeram na volta deste Reyno, onde chegáram a salvamento, e nelles se acabáram de recolher todalas caravelas, que aquelle anno partíram deste Reyno, de que sómente se perdeo a fusta de Palaçano, como dissemos.

CA-

CAPITULO XIV.

Como Nuno Triſtão, e dezoito homens foram mortos com herva das frechadas, que houveram em huma peleja com os negros em hum rio de Guiné, em que entráram: e como paſſou Alvaro Fernandes além do Cabo Verde cem leguas: e do que tambem aconteceo a ſinco caravelas, que foram a eſte deſcubrimento.

O Anno de quatrocentos e quarenta e ſeis tornou Nuno Triſtão em huma caravela per mandado do Infante a deſcubrir mais coſta, além do que Alvaro Fernandes leixava deſcuberto, que foi té o Cabo dos Maſtos; e como era diligente neſtas couſas, paſſou além do Cabo Verde obra de ſeſſenta e tantas leguas, té chegar onde ora chamam o rio Grande; e ſurto o navio na boca delle, metteo-ſe no batel com vinte e dous homens, com tenção de entrar pelo rio aſſima deſcubrir alguma povoação, por ter huma grande entrada; a qual entrada fez a tempo que a maré ſubia tão teza pera dentro, que em breve eſpaço os affaſtou da barra hum bom pedaço, té irem dar em meio de treze almadias, em que haveria té oitenta negros, homens valentes, e que ſe eſcolhêram pera aquelle feito, como quem ti-

tinha primeiro visto o pouso do nosso navio, e depois á entrada do batel pelo rio. Nuno Tristão quando vio as almadias juntas, e com sua chegada se apartarem humas pera huma parte, e outras pera outra, pareceo-lhe que de gente barbara, e não costumada a ver aquella maneira de homens fugiam pera terra, porque os negros mostravam que se queriam acolher a ella. Peró como víram o nosso batel em meio delles, de maneira que huns ficavam abaixo, e outros assima, remettêram á força de remo todos com huma grande grita, e lançáram sobre elle huma chuva de frechas, assi repartidos, e adestrados pera este modo de peleja, que quando o nosso batel remava contra huns, acudiam da outra parte outros, andando ás voltas com elle da maneira que se hão os genetes com a gente d'armas. E como as frechas eram hervadas, e a furia da peleja lhes accendia mais o sangue, começáram alguns dos nossos embarbascar, e cahir, que causou tornar-se Nuno Tristão ao navio a tempo que descia a maré. Mas pouco lhe aproveitou esta ajuda della, porque assi tinha lavrado a herva, que primeiro que chegassem ao navio, hiam a maior parte delles mortos, o que Nuno Tristão sentio tanto, que entre dor, e peçonha tambem os acompanhou na morte;

os

os quaes mortos foram João Correa, Duarte d'Olanda, Estevão d'Almeida, Diogo Machado, todos homens de sangue, e que de moços se creáram na camara do Infante, e assi outros escudeiros, e homens de pé de sua creação, que com os mareantes podiam ser dezenove pessoas. E ainda pera maior desaventura, de sete que ficavam, dous entrando em o navio per cajão huma ancora os ferio de maneira, que acompanháram na morte aos outros. Alguns dizem, que este caso aconteceo em o rio, a que ora chamamos de Nuno, que he além do rio Grande vinte leguas, e que desta morte de Nuno Tristão lhe ficou o nome, que ora tem de Nuno. E o que neste caso se póde haver por mais maravilhoso, he, que cortadas as amarras, por não haver quem as levasse, não ficando em o navio mais que hum moço da camara do Infante, chamado Aires Tinoco natural de Olivença, que viera por Escrivão com quatro moços, per espaço de dous mezes, assi os ajudou Deos em governar o navio, que o trouxeram a Lagos, não tendo nenhum delles saber pera isso. O Infante, porque a este tempo estava naquella Villa, quando soube parte de tão desaventurado caso, ficou mui triste, porque a maior parte dos mortos creára de pequenos, e era Principe mui ma-

vio-

violo pera os criados. Mas como em outra cousa lhes não podia aproveitar, mostrou o amor que lhes tinha em o amparo dos filhos, e mulheres daquelles que as tinham. E de quão desastrado aquecimento foi este de Nuno Tristão, tão prospero aconteceo a Alvaro Fernandes, sobrinho de João Gonçalves Capitão da Ilha da Madeira, o qual neste mesmo anno tornou outra vez a Guiné, passando desta viagem mais de cem leguas além do Cabo Verde. E a primeira cousa que fez, foi dar em huma aldea, o senhor da qual matou per suas proprias mãos, por elle como homem animoso vir ante os seus commetter os nossos, cuja morte assi os espantou, que tomáram por salvação os pés; os quaes como eram ligeiros, e despejados de roupa, não houve algum dos nossos, que se atrevesse aos alcançar, nem menos se quizeram metter no mato, onde se embrenháram, e tornandose ao navio, tomáram duas negras, que andavam mariscando. Alvaro Fernandes como se queria aventajar dos outros descubridores, passou mais avante, té chegar á boca de hum rio, a que ora chamam Tabite, que será além do rio do Nuno trinta e duas leguas, onde o logo sinco almadias vieram receber. E porque o caso de Nuno Tristão os fazia temer estas entradas dos rios,

não

não ſe quiz metter em lugar eſtreito; e com tudo não ſe pode livrar de perigo, porque huma das almadias confiada em ſua ligeireza tanto ſe chegou ao batel, té que fizeram ſeu emprego de ſetas em a propria peſſoa de Alvaro Fernandes; o qual como já de cá hia provído pera eſta herva, de que os negros alli uſavam, a poder de triaga, e d'outras mezinhas eſcapou da morte, e aſſi maltratado, como era homem de animo, paſſou mais avante té huma ponta de arêa, onde quizera ſahir, vendo a terra eſcampada, e deſcuberta pera iſſo; mas obra de cento e vinte negros, que lhe ſahíram ao encontro, lha defendêram com muita frechada toda com herva. E porque o Infante encommendava muito aos Capitães, que não rompeſſem guerra com os moradores da terra que deſcubriſſem, ſenão mui forçados, e iſto depois de lhes fazer ſuas amoeſtações, e requerimentos da fé, paz, e amizade; vendo Alvaro Fernandes que a ſua ſahida, ſegundo ſe os negros diſpunham, e davam pouco pelos ſinaes de paz, não podia ſer ſem cuſtar a vida d'algum dos noſſos, não os quiz aventurar á peçonha, de que elle já tinha experiencia, e contentou-ſe com ter deſcuberto mais terra, que quantos Capitães té então tinham ido áquellas partes; com a qual determinação partio pera eſte Reyno, on-

onde foi recebido do Infante D. Henrique com muita honra, e aſſi do Infante D. Pedro ſeu irmão, que então era Regente, cada hum dos quaes lhe fez mercê de cem cruzados. Eſtas mercês, e honras animavam mais aos homens a ſeguir eſte deſcubrimento, do que os mettia em temor o caſo de Nuno Triſtão, de maneira, que neſte meſmo anno ſe armáram dez caravelas, de que eſtes eram os Capitães, Gilianes cavalleiro morador em Lagos, Fernão Valarinho homem mui experimentado nas couſas da guerra, principalmente em Cepta, onde elle fez honrados feitos; Eſtevão Afonſo, Lourenço Dias, e João Fernandes Piloto, todos homens mui honrados, e os mais delles criados do Infante, com os quaes hia tambem huma caravela do Biſpo do Algarve, e outras tres dos moradores de Lagos; os quaes juntos em huma conſerva per mandado do Infante paſſáram pela Ilha da Madeira pera tomar algum mantimento, e tambem porque com elles ſe haviam d'ajuntar duas caravelas mais, huma de Triſtão Vaz Capitão de Machico, e outra de Garcia Homem genro de João Gonçalves Capitão do Funchal. E daqui da Ilha foram todos á Gomeira a levar os Canareos, que atrás diſſemos, que João de Caſtilha, e os outros Capitães ſalteáram, os quaes hiam em

em os navios de Lagos per mandado do Infante mui contentes, e ſatisfeitos das mercês, e dadivas que lhe deo. Com ajuda dos quaes quizeram os noſſos fazer huma entrada na Ilha da Palma, e por ſerem ſentidos não lhes ſuccedeo a ſahida como cuidáram, que foi cauſa de os Capitães das caravelas da Ilha da Madeira ſe tornarem dalli, porque parece ſerem ſómente vindos a eſte feito da Ilha da Palma, e os outros fizeram ſua derrota caminho do Cabo Verde. Na qual parte por razão da terra ſer mui apaulada, e cheia de arvoredo no modo de peleja, ajudavam-ſe dos negros tão mal, que ſempre recebiam mais damno delles do que lhe faziam, como lhes aconteceo eſta vez, perdendo ſinco homens, que morrêram ás frechadas por cauſa da herva de que uſavam, e aſſi perdêram em hum banco d'arêa a caravela do Biſpo do Algarve. E porque ſempre dos Mouros levavam mais vitoria que deſtes negros, tornáram-ſe a Arguim, e no cabo do reſgate em huma aldea tomáram quarenta e oito almas; e como de caminho, (vindo-ſe os outros pera o Reyno,) paſſou Eſtevão Afonſo pela Ilha da Palma, onde tomou duas mulheres, que houveram de cuſtar a vida de quantos ſahíram em terra, ſenão fora pelo esforço de Diogo Gonçalves; o qual vendo que hum
ho-

homem de pé ſe embarcava com huma beſta que tinha, tomou-lha das mãos, e aſſi ſe ajudou della, que derribou ſete Canareos, entre os quaes foi hum Rey, que por inſignias de ſeu eſtado real trazia hum ramo de palma na mão. E aprouve a Deos que deſta feita, ficando elle morto com ſua palma, os noſſos leváram a vitoria, porque com a morte delle todolos ſeus ſe puzeram em fugida, e os noſſos em ſalvo em Portugal.

CAPITULO XV.

Como o Infante mandou Gomes Pires ao rio do Ouro, onde cativou oitenta almas: e aſſi mandou a Diogo Gil aſſentar trato em Meça, e Antão Gonçalves ao meſmo rio do Ouro: e como veio a eſte Reyno hum gentil-homem da Caſa delRey de Dinamarca, com deſejo de ver as couſas de Guiné, e o Infante o mandou em hum navio, e lá pereceo.

COmo vimos atrás, os Mouros, que no rio do Ouro deram as pelles dos lobos marinhos a Gomes Pires, promettêramlhe de fazer com elle reſgate de ouro, e eſcravos, ſe lá tornaſſe. O Infante, porque o tempo deſta promeſſa era chegado, mandou-lhe armar dous navios, com os quaes chegando ao rio, achou que a verdade dos

Mou-

Mouros era conforme a ſua Secta, porque em lugar de paz, e reſgate que tinham promettido, armavam muitas traições, que cauſou tomar Gomes Pires emenda delles, per oitenta almas que cativou, com que ſe veio pera o Reyno no meſmo anno de quatrocentos e quarenta e ſete, em que delle partio; e no ſeguinte mandou o Infante a hum Diogo Gil, homem de mui bom ſaber, que foſſe aſſentar trato com os Mouros de Meça, que he doze leguas além do Cabo de Gue, e ſeis áquem do Cabo de Nam, tão pouco tempo havia tão temeroſo na opinião dos mareantes, e iſto porque os Mouros do rio do Ouro eram alevantados, e tinha por informação que eſtes de Meça deſejavam noſſa paz, e commercio; e pera ſe iſto melhor fazer, dos Mouros que eram vindos daquellas partes, houve alguns da Comarca de Meça, que promettiam por ſi huma boa ſomma de negros; em companhia do qual foi João Fernandes, o que ficou entre os Mouros na terra de Arguim, per meio do qual, tendo já Diogo Gil reſgatados ſincoenta negros per dezoito Mouros que levou, de ſubito ſobreveio tamanho vento traveſsão na coſta, que ſe fez á véla, ficando João Fernandes em terra, e trouxeram hum Lião ao Infante, o qual elle mandou a hum Fidalgo Inglez grande

ſeu

ſeu ſervidor, que vivia em Galveu. Como a fama deſtes navios, que deſcubríram novas regiões, e póvos, corria per toda a Chriſtandade, foi ter á Corte delRey de Dinamarca, em caſa do qual andava hum homem Fidalgo per nome Balarte, mui curioſo de couſas novas; e deſejando de ſe experimentar em as deſte deſcubrimento, havendo licença delRey de Dinamarca, veio ter a eſte Reyno encommendado ao Infante D. Henrique. A requerimento do qual Balarte o Infante lhe mandou armar hum navio, e pelo mais honrar, mandou com elle hum Cavalleiro da Ordem de Chriſto, a que chamavam Fernão d'Afonſo, o qual hia em modo de Embaixador ao Rey do Cabo Verde, levando dous negros por lingua, per meio dos quaes o Infante lhe mandava que trabalhaſſe por converter aquella gente pagã. Balarte, como era deſejoſo de ver a coſta que os noſſos tinham deſcuberta por ſer povoada de Mouros, e negros, pedio a Fernão d'Afonſo que fizeſſem ſua viagem ao longo della; e aſſi a eſta cauſa, como pelos tempos lhes ſerem contrarios, do dia que partíram té chegar ao Cabo Verde puzeram ſeis mezes. Os negros da terra por já ſerem coſtumados ver os noſſos navios, tinham olho no mar, como quem ſe vigiava; e havendo viſta deſte, vieram a el-

elle em ſuas almadias com mão armada, e tenção de fazer algum damno ſe pudeſſem. Mas quando achâram as linguas que lhes fallâram, per as quaes ſouberam o fundamento a que o Infante mandava o navio, e que vinha nelle Embaixador, e algumas couſas pera o ſeu Rey, ficâram com animo menos indignado, reſpondendo a propoſito, de maneira que foram levar recado ao Regedor da terra, por o Rey ſer dentro oito jornadas em huma guerra que tinha. Sabido eſte recado por o Governador da terra, a que elles chamam Farim, veio á praia mui acompanhado, onde Fernão d'Afonſo, e Balarte aſſentâram paz, e ſe deram refens, em quanto elle enviava recado a ElRey da chegada dos noſſos. Da ſua parte ſe deo hum dos honrados da terra, e da noſſa hum dos linguas, com que entre todos começou haver commercio; e entre as couſas, que ſe houveram dos negros, foram huns dentes de elefante, que alvoroçâram tanto a Balarte, que tratou com os negros ſe podia ver hum elefante vivo, e quando não, que lhe trouxeſſe a pelle, ou oſſada d'algum, promettendo por iſſo grande premio. Os negros, como lhe promettêram preço, diſſeram, que logo lhe trariam hum elefante ao lugar onde o viſſe, e tornados dahi a tres dias, vieram chamar Ba-

lar-

larte, dizendo trazerem o que lhe tinham promettido. Balarte entrado no batel do navio sómente com os marinheiros que o remavam, chegou á terra; e sobre tomar huma cabaça de vinho de palma, que hum Negro dava a hum marinheiro, debruçou-se tanto no bordo do batel, que cahio o marinheiro ao mar; e na pressa de recolher o marinheiro, descuidáram-se do batel de maneira, que deram as ondas com elle em terra por o mar andar hum pouco empolado. Os Negros vendo que os nossos não podiam ser soccorridos do navio, deram sobrelles, dos quaes não escapou mais que hum que sabia nadar, o qual deo razão deste caso, e que vindo nadando olhára pera trás, e víra estar Balarte em a popa do batel pelejando como homem esforçado. Per esta maneira acabou este gentil homem com desejo de ganhar honra fóra de sua patria: tão remontado anda o desejo dos homens, que sendo este Balarte nascido em Dinamarca, veio buscar per propria vontade sua sepultura em Guiné, terra a ella tão contraria em todalas cousas. Com a morte do qual, (que todos muito sentíram, assi por sua pessoa, que o merecia, como por ir acompanhada de tantos), Fernão d'Afonso se tornou pera o Reyno, ficando os Negros no proprio estado em que d'ante estavam,

ſem os noſſos com elles poderem ter alguma prática, porque pela maldade que tinham feito nunca mais vieram almadias ao navio, nem os noſſos puderam ir a terra por cauſa do batel que tinham perdido. E porque neſte anno ElRey D. Afonſo, ſobrinho deſte Infante, ſahio da tutoria do Infante D. Pedro ſeu tio, e houve inteiramente poſſe do governo de ſeus Reynos em idade de dezeſete annos, poſto que o Infante viveo té o anno de quatrocentos ſeſſenta e tres, ſempre proſeguindo neſte deſcubrimento, entraremos com o novo Rey em os feitos, que em ſeu tempo paſſáram, pois já em ſeu nome o meſmo negocio procedia. Peró ante que ſaiamos deſtes fundamentos da noſſa Aſia, aos quaes podemos chamar trabalhos, e induſtrias deſte Infante, e poſto que em as Chronicas do Reyno ſe póde ver parte dos ſeus feitos, aqui, como em lugar mais proprio, trataremos particularmente delle.

CA-

CAPITULO XVI.

Das feições da pessoa do Infante D. Henrique: e dos costumes, que teve em todo o decurso de sua vida.

ESte excellente Principe foi filho terceiro delRey D. João o primeiro de gloriosa memoria, e da Raynha Dona Filippa sua mulher, filha do Duque João d'Alem Castro, e irmã delRey D. Henrique o Quarto de Inglaterra. E como da excellencia do sangue pela maior parte procedem todalas inclinações da pessoa, podemos crer que sobre este fundamento Deos edificou nelle as outras da alma, que em quanto viveo mostrou em suas obras. Dizem que a estatura de seu corpo era de compassada medida, e de largos, e fortes membros, acompanhados de carne, a côr do qual era branca, e córada, em que bem mostrava a boa compleição dos humores. Tinha os cabellos algum tanto alevantados, e o acatamento, á primeira vista, (por a gravidade de sua pessoa,) hum pouco temeroso a quem delle não tinha conhecimento; e quando era provocado a ira, mostrava huma vista esquiva, e isto poucas vezes, porque na maior força de qualquer desprazer que lhe fizessem, estas eram as mais escandalosas palavras que

 di-

dizia: *Dou-vos a Deos, ſejais de boa ventura.* A continencia do ſeu vulto era aſſocegada, a palavra mança, e conſtante no que dizia, e ſempre eram caſtas, e honeſtas; e eſta religião de honeſtidade guardou não ſómente em as obras, mas ainda nos veſtidos, trajos de ſua peſſoa, e ſerviço de caſa. Todas eſtas couſas procediam da limpeza de ſua alma, porque ſe crê que foi virgem. Em ſeus trabalhos, e paixões era mui ſoffrido, e ſenhor de ſi, e em ambas as fortunas humildoſo, e tão benigno em perdoar erros, que lhe foi tachado. Teve grande memoria, e conſelho ácerca dos negocios, e muita authoridade pera os graves, e de muito pezo. Foi magnífico em deſpender, e edificar, e folgava de provar novas experiencias em proveito commum, ainda que foſſe com propria deſpeza de ſua fazenda. Foi mui amador da creação dos Fidalgos por os doctrinar em bons coſtumes; e tanto zelou eſta creação, que ſe póde dizer ſua caſa ſer huma eſcola de virtuoſa nobreza, onde a maior parte da Fidalguia deſte Reyno ſe creou, aos quaes elle liberalmente mantinha, e ſatisfazia de ſeus ſerviços. E era aſſi confiado da creação, e peſſoa de cada hum delles, que em ſeu teſtamento, encommendando elle a ElRey D. Afonſo, e ao Infante D. Fernando, que

el-

elle adoptou per filho, que lhes aprouvesse que seus criados houvessem as tenças, e contias, que tinham delle, disse, que lhes pedia que recebessem seu serviço como de criados, porque a Deos louvores taes eram elles, que haveriam por bem empregada toda a mercê que lhes fizessem. E dado que em a honestidade de seu trajo, palavras, jejuns, rezar de Officio Divino, e institutos de sua Capella toda a sua vida pareceo huma perfecta religião, não lhe falecêram pensamentos de altas emprezas, e obras de generoso animo, quaes convem aos de Real sangue. Parte das quaes se víram, quando se achou em Africa, principalmente na tomada de Cepta, de que já tratámos na parte de Africa; e assi nesta empreza tão nova de descubrir o que té o seu tempo estava encuberto. Em que não sómente encommendou as cousas ao bom succedimento dellas, mas ainda teve nelle muita industria, e prudencia pera conseguirem prospero fim; porque pera este descubrimento mandou vir da Ilha de Malhorca hum Mestre Jacome, homem mui docto na arte de navegar, que fazia cartas, e instrumentos, o qual lhe custou muito pelo trazer a este Reyno pera ensinar sua sciencia aos officiaes Portuguezes daquelle mester. E tambem pera a Ilha da Madeira mandou vir de Cicilia canas d'açu-

çucar, que se nella plantassem, e mestres deste lavor, mostrando em estas, e outras cousas, que commetteo de bem commum, ter no coração plantada a vontade de bem fazer, como elle trazia per motto de sua divisa nestas palavras Francezas: *Talent de Bien faire*; pois ácerca das letras, não tratando das sagradas, que elle per devoção, e veneração muito amava, ácerca das humanas era mui estudioso, principalmente na sciencia da Cosmografia, de cujo fructo tem ora este Reyno o senhorio de Guiné, com todolos mais titulos, que depois se accrescentáram á sua Coroa. E não sómente aqui leixou este testemunho do amor, e inclinação, que tinha ás letras, mas ainda na liberalidade, de que usou com os estudos de Lisboa, dando suas proprias casas pera elles, com outras cousas, cuja memoria sempre nelles he celebrada em o princípio de cada hum anno, passadas as vacações delle. Leixou em sua vida descuberto do Cabo Bojador, que está em trinta e sete gráos d'altura da parte do Norte, té a serra Lioa, que está em sete, e dous terços, que fazem de costa trezentas e setenta leguas, da qual serra o derradeiro descubridor foi hum Pedro de Cintra Cavalleiro de sua casa. E posto que nos principios deste descubrimento houve grandes difficuldades, e foi mui

mur-

murmurado, como atrás dissemos, teve tanta constancia, e fé na esperança, que lhe o seu espirito favorecido de Deos promettia, que nunca desistio deste descubrimento, (em quanto pode,) per espaço de quarenta annos. Começando em o de quatrocentos e vinte, (não contando os atrás, que foram sem fructo,) em que a Ilha da Madeira foi descuberta, té treze de Novembro de quatrocentos sessenta e tres, que em Ságres faleceo, sendo de sessenta e sete de sua idade. E foi sepultado em a Villa de Lagos, e dahi passado ao Mosteiro de Sancta Maria da Victoria, a que chamam a Batalha, na Capella delRey seu Padre; o qual Infante, e Principe de grandes emprezas, segundo suas obras, e vida, devemos crer que está em o Paraiso entre os eleitos de Deos.

DE-

DECADA PRIMEIRA.

LIVRO II.

Dos feitos, que os Portuguezes fizeram no descubrimento, e conquista dos mares, e terras do Oriente: em que se contém o que se acha ser feito em tempo delRey Dom Afonso o Quinto deste nome em Portugal.

CAPITULO I.

Como ElRey D. Afonso o Quinto deste nome houve posse da governança deste Reyno, por sahir da tutoria em que estava; peró que o Infante D. Henrique em quanto viveo proseguio neste descubrimento, continuamos a historia com ElRey, e não com elle: e das causas que houve, porque não escrevemos mais feitos do tempo deste Rey.

COMO ElRey D. Afonso sahio da tutoria em que estava por sua tenra idade, e começou governar, sendo de dezesete annos, logo mandou alguns navios a este descubrimento. Posto que o Infante per sua parte tambem nelle proseguisse, e ElRey em Santarem a dous de Setembro de

de quatrocentos quarenta e oito lhe passasse Carta, que nenhuma pessoa pudesse descubrir do Cabo Bojador em diante: e assi houvesse, em quanto fosse sua mercê, o quinto, e dizimo de tudo o que as partes de lá trouxessem, da qual doação o Infante usou em quanto viveo. Mas como logo no princípio que ElRey começou governar, antrelle, e o Infante D. Pedro seu tio, que fora Regente destes Reynos, houve a differença, que na parte de Europa relatamos, e assi idas de Africa, e Castella, que quasi occupáram a vida delRey, causou não levar o fio deste descubrimento tão continuado, como no tempo do Infante D. Henrique foi; de escrever os quaes feitos teve cuidado Gomezeanes de Zurárai Chronista destes Reynos, homem neste mster da historia assás diligente, e que bem mereceo o nome do officio que teve; porque se alguma cousa ha bem escrita das Chronicas deste Reyno he da sua mão, assi dos tempos, em que elle concorreo, como d'alguns atrás, de cousas de que não havia escritura: e estas que elle escreveo deste descubrimento do tempo do Infante D. Henrique, (segundo elle diz,) já as recebeo de hum Afonso Cerveira, que foi o primeiro que as poz em ordem, do qual Afonso Cerveira nós achámos algumas cartas escritas em Beny, estando

do elle alli feiturizando por parte delRey D. Afonſo. E poſto que tudo, ou a maior parte do que té qui eſcrevemos, ſeja tirado da eſcritura de Gomezeanes, e aſſi deſte Afonſo Cerveira, não foi pequeno o trabalho que tivemos em ajuntar couſas derramadas, e per papeis rotos, e fóra da ordem, que elle Gomezeanes levou no proceſſo deſte deſcubrimento. As couſas do tempo delRey D. Afonſo, como elle prometteo, não as achámos, parece que teria a vontade, e não o tempo; ou ſe as eſcreveo, ſerão perdidas, como outras eſcrituras, que o tempo conſumio. Por tanto o que eſcrevemos do tempo delRey D. Afonſo não são mais que algumas lembranças, que achámos no Tombo, e nos livros da ſua fazenda, ſem aquella ordem de annos que ſeguimos atrás, ſómente huns fragmentos deſte deſcubrimento. Nas quaes lembranças achámos, que no anno de quatrocentos quarenta e nove deo ElRey licença ao Infante D. Henrique, que pudeſſe mandar povoar as ſete Ilhas dos Açores, as quaes já naquelle tempo eram deſcubertas, e nellas lançado algum gado per mandado do meſmo Infante, per hum Gonçalo velho Commendador de Almourol junto da Villa de Tancos. E no anno de quatrocentos ſincoenta e ſete fez ElRey mercê ao Infante D.

D. Fernando ſeu irmão de todalas Ilhas, que té então eram deſcubertas, com juriſdicção de Civel, e Crime, e com certas limitações. E no de quatrocentos e ſeſſenta fez o Infante D. Henrique doação ao Infante D. Fernando ſeu ſobrinho, e filho adoptivo deſtas duas Ilhas, Jeſus, e Gracioſa, reſervando ſómente pera ſi a eſpiritualidade, que era da Ordem de Chriſto, que elle governava, a qual doação confirmou ElRey em Lisboa a dous de Setembro do meſmo anno. E em o ſeguinte de quatrocentos ſeſſenta e hum, porque ás Ilhas de Arguim concorria reſgate de ouro, e negros de Guiné, mandou ElRey fazer o Caſtello de Arguim, que hoje eſtá em pé, per Soeiro Mendes Fidalgo de ſua Caſa, morador em Evora, ao qual deo a Alcaidaria mór pera ſi, e pera ſeus filhos. Neſte meſmo tempo achámos tambem que ſe deſcubríram as Ilhas, a que ora chamamos do Cabo Verde, per hum Antonio de Nólle Genovez de nação, e homem nobre, que per alguns deſgoſtos da patria veio a eſte Reyno com duas náos, e hum berinel, em companhia do qual vinha hum Bartholomeu de Nólle ſeu irmão, e Rafael de Nólle ſeu ſobrinho, aos quaes o Infante deo licença que foſſem deſcubrir; e do dia que partíram da Cidade de Lisboa a dezeſeis dias foram ter á Ilha de

Maio,

Maio, á qual puzeram este nome, porque a víram em tal dia; e no seguinte, que era de Sant-Iago, e S. Filippe, descubríram duas, que tem ora o nome destes Sanctos, no qual tempo eram tambem idos ao descubrimento dellas huns criados do Infante D. Fernando, os quaes descubríram as outras, que per todas são dez, chamadas per commum nome Ilhas do Cabo Verde, por estarem ao Ponente delle per distancia de cem leguas, e per os antigos Geografos as Fortunadas, de que em a nossa Geografia fallamos largamente, das quaes ElRey fez doação ao Infante D. Fernando seu irmão em dezenove de Setembro do anno de mil e quatrocentos sessenta e dous; e a primeira que se povoou foi a chamada Sant-Iago per o mesmo Infante D. Fernando, a quem ElRey deo as liberdades, que ora tem, per Carta feita a doze de Junho de quatrocentos sessenta e seis. Mas depois, porque os moradores usavam destas primeiras liberdades, ácerca de tratar em Guiné, com mais licença do que a vontade delRey queria, per outra Carta lhe deo a limitação dellas, conforme a tenção que teve quando lhe fez a primeira mercê.

CA-

CAPITULO II.

Como ElRey arrendou o resgate de Guiné a Fernão Gomes per tempo de sinco annos, com obrigação que neste tempo havia de descubrir quinhentas leguas de costa: e porque descubrio o resgate do ouro da Mina, foi dado a Fernão Gomes appellido da Mina com Armas desta nobreza.

A Este tempo o negocio de Guiné andava já mui corrente entre os nossos, e os moradores daquellas partes, e huns com os outros se communicavam em as cousas do commercio com paz, e amor, sem aquellas entradas, e saltos de roubos de guerra, que no princípio houve. O que não pode ser d'outra maneira, principalmente ácerca de gente tão agreste, e barbara, assi em lei, e costumes, como no uso das cousas desta nossa Europa; a qual gente em quanto não gostou dellas, sempre se mostrou mui esquiva. Peró depois que tiveram alguma noticia da verdade pelos beneficios, que recebiam, assi na alma, como no entendimento, e cousas pera seus usos, ficáram tão domesticos, que não havia mais que partirem os navios deste Reyno, e chegados a seus portos, concorriam muitos pôvos do sertão ao commercio de nossas mercadorias,

rias, que lhes davam a troco d'almas, as quaes mais vinham receber ſalvação que captiveiro. E andando aſſi eſtas couſas tão correntes, e ordinarias em as partes de coſta já deſcuberta, como ElRey pelos negocios do Reyno andava occupado, e não havia por ſeu ſerviço per ſi mandar grangear eſta propriedade do commercio, nem menos leixallo correr no modo que andava ácerca do que as partes pagavam, por lhe ſer commettido em Novembro do anno de mil e quatrocentos e ſeſſenta e nove, o arrendou por tempo de ſinco annos a Fernão Gomes, hum Cidadão honrado de Lisboa, por duzentos mil reis cada anno. Com condição, que em cada hum deſtes ſinco annos foſſe obrigado deſcubrir pela coſta em diante cem leguas de maneira, que no cabo de ſeu arrendamento déſſe quinhentas leguas deſcubertas; o qual deſcubrimento havia de começar na ſerra Lioa, onde acabáram Pero de Cintra, e Soeiro da Coſta, que foram ante deſte arrendamento os derradeiros deſcubridores, porque depois eſte Soeiro da Coſta deſcubrio o Rio, a que ora chamamos o de Soeiro, que eſtá entre o Cabo das Palmas, e as tres pontas, vizinho á caſa de Axem, onde ſe faz a feitoria do reſgate do ouro. E entre outras condições, que ſe continham neſte contrato, era, que todo o mar-

ó marfim havia de ſer delRey a preço de mil e quinhentos reaes por quintal , e ElRey o dava a outro maior preço a hum Martimannes Boaviage , por lhe ſer obrigado per outro contrato feito ante deſte, a todo o marfim que ſe reſgataſſe em Guiné. E por couſa mui eſtimada naquelle tempo tinha Fernão Gomes licença pera poder reſgatar em cada hum dos ditos ſinco annos hum gato d'algalea , o qual contrato foi feito no anno de quatrocentos ſeſſenta e nove , com limitação que não reſgataſſe em a terra firme defronte das Ilhas do Cabo Verde por ficar pera os moradores dellas por ſerem do Infante D. Fernando. Nem menos lhe foi concedido o reſgate do Caſtello de Arguim , por ElRey o ter dado ao Principe D. João ſeu filho em parte do aſſentamento que delle tinha ; peró depois houve o meſmo Fernão Gomes do Principe eſte reſgate de Arguim por certos annos, por preço de cem mil reaes em cada hum delles. E foi Fernão Gomes tão diligente, e ditoſo em eſte deſcubrimento , e reſgate delle , que logo no Janeiro de quatrocentos ſetenta e hum deſcubrio o reſgate do ouro, onde ora chamamos a Mina , per João de Santarem , e Pero Eſcovar, ambos Cavalleiros da Caſa delRey : e eram Pilotos Martim Fernandes morador em Lisboa , e Alva-

varo Esteves morador em Lagos, o qual Alvaro Esteves naquelle tempo foi o mais estremado homem, que havia em Hespanha do seu officio. O primeiro resgate do ouro, que se fez nesta terra, foi em huma aldea chamada Sammá, que naquelle tempo sería de quinhentos vizinhos; e depois se fez mais abaixo contra, onde ora está a fortaleza, que ElRey D. João mandou fazer, (como veremos em seu lugar,) o qual lugar se chama pelos nossos Aldea das duas partes. E não sómente descubrio Fernão Gomes este resgate do ouro, mas chegáram os seus descubridores pela obrigação do seu contrato té o Cabo de Santa Catharina, que he além do Cabo de Lopo Gonçalves trinta e sete leguas, e em dous gráos e meio d'altura da parte do Sul, no qual tempo ganhou Fernão Gomes mui grossa fazenda, com que depois servio ElRey, assi em Cepta, como na tomada de Alcacer, Arzila, e Tangere, onde ElRey o fez Cavalleiro. E no anno de quatrocentos setenta e quatro, que foi o derradeiro de seu arrendamento, lhe deo nobreza de novas Armas, hum escudo timbrado com o campo de prata, e tres cabeças de negros, cada hum com tres arrieis d'ouro nas orelhas, e narizes, e hum collar d'ouro ao collo, e por appellido da Mina, em memoria do descubri-

men-

mento della, e disso lhe passou Carta a vinte e nove de Agosto do dito anno. Depois passados quatro annos o fez do seu Conselho, porque já neste tempo era o commercio de Guiné, e resgate da Mina de tanto proveito, e ajudava tanto em substancia ao estado do Reyno, pola boa industria de Fernão Gomes, que assi por este serviço, como por outros particulares de sua pessoa, merecia toda a honra, e mercê que lhe fosse feita. Neste tempo se descubrio tambem a Ilha Formosa per hum Fernão do Pó, a qual tem ora o nome de seu descubridor, e perdeo o que lhe elle então poz. E o derradeiro descubridor em vida deste Rey Dom Afonso, foi hum de Sequeira Cavalleiro de sua Casa, o qual descubrio o Cabo, a que chamamos de Catharina, nome, que lhe elle então poz polo descubrir em o dia desta Santa. E não sómente neste tempo por mandado delRey, depois que começou governar, mas ainda per o mesmo Infante D. Henrique, que, como atrás vimos, viveo té o anno de quatrocentos sessenta e tres, sempre houve conquistas, e descubrimentos, assi como da costa, donde veio a primeira malagueta, que se fez per o Infante D. Henrique; da qual alguma que em Italia se havia, antes deste descubrimento, era per mãos dos Mouros destas partes de

Guiné, que atravessavam a grande região de Mandinga, e os desertos da Libya, a que elles chamam Çahará, té aportarem em o mar Mediterraneo em hum porto per elles chamado Mundi barca, e corruptamente Monte da Barca. E de lhe os Italianos não saberem o lugar de seu nascimento, por ser especiaria tão preciosa, lhe chamárão Grána paradisi, que he nome, que tem entrelles. Tambem se descubrio a Ilha de S. Thomé, Anno bom, e a do Principe per mandado delRey D. Afonso, e outros resgates, e Ilhas, das quaes não tratamos em particular por não termos quando, e perque Capitães foram descubertas; porém sabemos na voz commum serem mais cousas passadas, e descubertas no tempo deste Rey do que temos escrito: assi como huma Ilha, que ainda hoje per nós não he sabida, e foi achada no anno de quatrocentos trinta e oito annos; e por não parecer estranho o que digo, trarei hum testemunho, em que entram muitas testemunhas desta verdade. Atravessando o anno de quinhentos e vinte e sinco huma Armada de Castella, da costa de Guiné pera a costa do Brasil, a qual hia pera as nossas Ilhas de Maluco, de que era Capitão mór Fr. Garcia de Loais, Commendador da Ordem de S. João, da qual viagem nós houvemos hum roteiro, conta

o Au-

o Author delle humas razões, que nesta paragem houveram hum D. Rodrigo da Cunha, Fidalgo Andaluz, Capitão da náo Sant-Iago daquella Armada, e Sant-Iago Guevara Biscainho, Capitão de huma patara chamada tambem Sant-Iago. Isto sobre competencia de quem levaria ante o Capitão mór hum navio Portuguez, a que ambos arribáram, o qual vinha da Ilha de S. Thomé carregado de negros; e de palavras vieram estes Capitães ás bombardadas, e com tudo a caravela foi levada ante o Capitão mór, o qual teve prática com o Piloto pera o levar comsigo; mas leixou de o fazer por estar o navio em paragem, que carregaria sobre elle a morte de tantas almas, como nella vinham, por lhe não ficar pessoa que as soubesse navegar pera este Reyno, na qual determinação o trouxe hum dia comsigo em perguntas das cousas do mar, té que o espedio sem lhe fazer damno algum: do qual Piloto, (segundo conta o Author do roteiro,) souberam como os Portuguezes estavam em Maluco, onde tinham feito huma fortaleza; e que seguindo elles sua viagem, sendo dous gráos da parte do Sul, acháram huma Ilha despovoada de gente, chamada S. Mattheus, em que havia duas aguadas, huma muito boa, e outra não tal: e em duas arvores estava escrito, que havia

oitenta e ſete annos que nella eſtiveram Portuguezes, e tinha maneira de ſer já aproveitada por haver nella muita fruta, eſpecialmente laranjas doces, palmeiras, e gallinhas, como as deſtas partes de Heſpanha, de que matáram muitas á béſta, que andavam per ſima do arvoredo. Conta mais outras couſas que acháram nella, de que ſómente tomei eſtas por teſtemunho do que aſſima diſſemos, terem os noſſos mais terras deſcubertas naquelle tempo, do que achamos na eſcritura de Gomezeanes de Zurara. E não he novidade achar-ſe eſta memoria de eſcritura em as arvores, porque os noſſos naquelle tempo o coſtumavam muito: e alguns por louvor do Infante Dom Henrique eſcreviam o motto de ſua diviſa, que como vimos atrás era *Talent de Bien faire*; porque ſómente eſta memoria eſcrita na caſca dos dragoeiros haviam que baſtava por poſſe do que deſcubríram, e algumas cruzes de páo. Depois, (como adiante veremos,) ElRey D. João o Segundo em ſeu tempo mandou poer Padrões de pedra com letreiro, em que diz o tempo, e per quem aquella terra foi deſcuberta, e iſto baſtava por poſſe real, e ao preſente ainda as fortalezas feitas na propria terra não baſtam, porque veio a cubiça dos homens a inventar leis conformes a ella. E como todo-

dolos principaes a maior parte da vida gaſtáram nas obras de ſua inclinação, veio El-Rey D. Afonſo a ſe deſcuidar das couſas deſte deſcubrimento, e celebrar muito as da guerra de Africa com a tomada das Villas de Alcacer, e Arzilla, e Cidade de Tangere, (ſegundo contamos em a noſſa Africa,) as vezes que lá paſſou em peſſoa: na qual guerra de Africa teve tanto contentamento, por as boas venturas que nelle houve, que emprendeo, (ſe lhe os negocios do governo do Reyno deram lugar,) ir tomar per ſua peſſoa a Cidade de Féz, e todo ſeu Reyno, pera que tinha ordenado huma Ordem chamada da Eſpada. E aſſi mandou a Gomezeanes de Zurara ſeu Chroniſta mór á Villa de Alcacer Ceguer em Africa, pera que com fé de viſta pudeſſe eſcrever os feitos daquella guerra; ao qual eſcreveo huma Carta de ſua propria mão em louvor do trabalho que lá tinha por razão da obra que fazia: e iſto não com palavras taxadas, e avaras, ſegundo o uſo dos Principes, mas em modo eloquente, e de prodigo Orador, como quem ſe prezava diſſo; o qual Gomezeanes vendo a deleitação, que ElRey tinha nas couſas deſta milicia, eſcreveo a Chronica da tomada de Cepta, e outra Chronica dos feitos do Conde D. Pedro de Menezes, e do Conde D. Duarte ſeu filho,

re-

relatando os feitos daquella guerra mui particularmente, e per estylo claro, e tal que bem mereceo o nome do officio que teve. E porque cada hum não perca seu trabalho, tambem escreveo a Chronica deste Rey D. Afonso, té a morte do Infante D. Pedro, e a Chronica delRey D. Duarte seu Padre, as quaes Ruy de Pina, que o succedeo no officio, fez suas, pelo que emendou, e accrescentou nellas, principalmente na delRey D. Afonso, ácerca das cousas, que passáram depois da morte do Infante D. Pedro. Fez ainda Gomezeanes outra obra no Tombo deste Reyno, que alumeou muito as cousas delle, que foram os livros dos registros, recopilando em certos volumes as forças de muita escritura que andava solta, começando em ElRey D. Pedro té ElRey D. João de gloriosa memoria: isto por razão de ser Guarda mór do mesmo Tombo, officio mui proprio dos Chronistas, por ser huma custodia de toda a escritura do Reyno, a qual convem ser passada pelos olhos do Chronista delle, pera com mais verdade, e cópia de cousas poder escrever todo o discurso dos feitos do Rey, de que he official, porque aqui se acham Ordenações, Cortes, Casamentos, Contratos, Armadas, Festas, Obras, Doações, Mercês, assi per registro da Chancellaria, e Fazenda,
co-

como per contas de todo o Reyno, ſe elle quizer, e ſouber uſar da cópia de tanta eſcritura. E verdadeiramente, (tornando a Gomezeanes, em quem concorreo Chroniſta, e Guarda mór da Torre do Tombo,) eu não ſei quanto elle viveo, nem o tempo que teve eſtes officios; mas ſei, ſegundo o que leixou feito per ſua mão, que não foi ſervo ſem proveito, mas digno dos cargos que teve, aſſi pelo eſtylo, como diligencia das couſas que tratou.

DE-

DECADA PRIMEIRA.
LIVRO III.
Dos feitos, que os Portuguezes fizeram no descubrimento, e conquista dos mares, e terras do Oriente: em que se contém o que se acha ser feito em tempo delRey D. João o segundo.

CAPITULO I.

Como ElRey D. João, succedendo no Reyno per falecimento delRey D. Afonso seu Pai, mandou logo huma grande Armada ás partes de Guiné a fazer o Castello, que agora chamamos de S. Jorge da Mina, da qual Armada foi Capitão mór Diogo d'Azambuja: e como se vio com Caramança Senhor daquelle lugar.

ELREY D. João como já em vida delRey D. Afonso seu Pai tinha o negocio de Guiné em parte do assentamento da sua casa, e per experiencia delle sabia responder com ouro, marfim, escravos, e outras cousas, que enriqueciam o seu Reyno, e cada anno se descubriam novas terras, e póvos, com que a esperança do descubrimento da India per estes seus

ma-

mares ſe accendia mais nelle : com fundamentos de Chriſtianiſſimo Principe , e Barão de grande prudencia , ordenou de mandar fazer huma fortaleza , como primeira pedra da Igreja Oriental , que elle em louvor , e gloria de Deos deſejava edificar per meio deſta poſſe real , que tomava de todo o deſcuberto , e por deſcubrir ſegundo tinha per doações dos Summos Pontifices , como atrás diſſemos. E ſabendo que na terra , onde acudia o reſgate do ouro , folgavam os Negros com pannos de ſeda , de lã , linho , e outras couſas do ſerviço , e policia de caſa , e que em ſeu trato tinham mais claro entendimento , que os outros daquella coſta , e que no modo de ſeu negociar , e communicar com os noſſos davam de ſi ſinaes pera facilmente receberem o Baptiſmo , ordenou que eſta fortaleza ſe fizeſſe em aquella parte , onde os noſſos ordinariamente faziam o reſgate do ouro , porque com eſta iſca de bens temporaes , que ſempre alli haviam de achar , recebeſſem os da Fé , mediante a doctrina dos noſſos , o qual effecto era o ſeu principal intento. E dado que pera eſta obra da fortaleza houveſſe em ſeu Conſelho contrarias opiniões , repreſentando a diſtancia do caminho , e os ares da terra ſerem peſtiferos á ſaude dos homens que lá eſtiveſſem , e aſſi os mantimentos da terra ,

e o

e o trabalho de navegar, houve ElRey por maior bem huma só alma, que por causa da fortaleza podia vir á Fé per Baptismo, que todolos outros inconvenientes, dizendo que Deos proveria nelles, pois aquella obra se fazia em seu louvor, e a fim pera que seus vassallos pudessem fazer algum proveito, e tambem o patrimonio deste Reyno fosse accrescentado. Assentado que se fizesse esta fortaleza, mandou aperceber huma Armada de dez caravelas, e duas urcas, em que fosse pedra lavrada, telha, madeira, e assi todalas outras munições, e mantimentos pera seiscentos homens, de que os cento eram officiaes pera esta obra, e os quinhentos de peleja; dos quaes navios era Capitão mór Diogo d'Azambuja pessoa mui experimentada nas cousas da guerra; e os outros Capitães eram Gonçalo da Fonseca, Ruy de Oliveira, João Rodrigues Gante, João Afonso, que depois matáram em Arguim, sendo Capitão daquella fortaleza João de Moura, Diogo Rodrigues Inglez, Bartholomeu Dias, Pero d'Evora, e Gomes Aires escudeiro delRey D. Pedro d'Aragão, o qual entrou em lugar de Pero d'Azambuja, irmão delle Diogo d'Azambuja, por morrer de peste primeiro que partissem de Lisboa, que a este tempo andava nella, todos homens nobres, e criados delRey. E

os

os Capitães das urcas eram Pero de Cintra, e Fernão d'Afonſo; por levarem toda a munição deſta fortaleza partíram diante alguns dias, e em ſua companhia Pero d'Evora em hum navio pequeno, pera que ſe as urcas não pudeſſem chegar a fazer a peſcaria no porto de Bezeguiche, onde haviam de eſperar que eſte navio a fizeſſe, o qual negocio Pero d'Evora fez com muita diligencia, e outro mais principal, que foi fazer paz com Bezeguiche Senhor daquella coſta, donde ficou o nome, que hoje tem aquelle porto. Diogo d'Azambuja acabando de confirmar eſta paz, depois que alli chegou, que foi veſpera de Natal do anno de quatrocentos oitenta e hum, havendo doze dias que partíra de Lisboa, tornou a ſua derrota; e deo-lhe Deos tão boa viagem, poſto que teve algum trabalho com huma urca, que fazia muita agua, que a dezenove de Janeiro d'aquelle anno ſeguinte chegou ao lugar, onde ſe havia de fazer o Caſtello, que naquelle tempo ſe chamava Aldea das duas partes; no qual lugar achou João Bernardes com hum navio delRey fazendo reſgate d'ouro com Caramança Senhor daquella aldea; e per elle lhe mandou dizer, que era alli vindo com aquella grande frota, que ElRey de Portugal ſeu Senhor mandava, em a qual vinha muita gente nobre pera

ra bem, e honra de ſua peſſoa, como depois per elle meſmo ſaberia; que lhe rogava houveſſe por bem de ſe verem ambos ao outro dia, em que elle eſperava de ſer em terra. Vinda a reſpoſta de Caramança, moſtrando contentamento de ſua chegada, ſahio Diogo d'Azambuja em terra com toda ſua gente veſtida de louçainha, e ſuas armas ſecretas, ſe o tempo as pediſſe. E da primeira couſa que tomou poſſe foi de huma grande arvore, que eſtava em hum teſo, affaſtada algum tanto da aldea, lugar mui diſpoſto pera ſe fazer a fortaleza; em a qual arvore mandou arvorar huma bandeira das Quinas Reaes, e ao pé della armar hum Altar, onde ſe celebrou a primeira Miſſa dita naquellas partes da Ethiopia, a qual foi ouvida dos noſſos com muitas lagrimas de devoção, dando muitos louvores a Deos em os fazer dignos, que na força de tanta idolatria o pudeſſem louvar, e glorificar em ſacrificio de louvor; pedindo-lhe pois lhe aprouvera ſerem elles os primeiros, que levantaſſem Altar de tão alto Sacrificio, que lhes déſſe ſaber, e graça pera attrahir aquelle povo idólatra á ſua Fé, com que a Igreja que alli fundaſſem foſſe duravel té fim do Mundo. Acabada eſta Miſſa, que foi em dia de S. Sebaſtião, (em memoria do qual ficou eſte nome a hum valle,

le, per que corre hum esteiro, onde primeiro sahíram,) porque Diogo d'Azambuja esperava por Caramança, o qual abalava já de sua aldea, poz em ordem a toda sua gente. Elle assentado em huma cadeira alta vestido em hum pelote de brocado, e com hum colar d'ouro, e pedraria, e os outros Capitães todos vestidos de festa; e assi ordenada a outra gente, que faziam huma comprida, e larga rua, pera que quando Caramança, como tambem era homem, que queria mostrar seu estado, veio com muita gente posta em ordenança de guerra, com grande matinada de atabaques; bozinas, chocalhos, e outras cousas, que mais estrugiam que deleitavam os ouvidos. Os trajos de suas pessoas eram os naturaes de sua propria carne, untados, e mui luzidos, que davam mais pretidão aos couros, cousa que elles costumavam por louçainha. Sómente as partes vergonhosas eram cubertas delles com pelles de bugios, outros com pannos de palma, e os mais principaes com alguns pintados, que per resgate houveram dos nossos navios, que alli hiam resgatar ouro. Porém geralmente em seu modo todos vinham armados, huns com azagaias, e escudos, outros com arcos, e coldres de frechas; e muitos, em lugar de arma da cabeça, huma pelle de bogio, o casco da qual

to-

todo era encravado de dentes d'alimarias, todos tão disformes com ſuas invenções por moſtrar ferocidade de homens de guerra, que mais moviam a riſo que a temor. Os que entre elles eram eſtimados por nobres, como inſignias de ſua nobreza, traziam dous pages trás ſi; hum lhe trazia hum aſſento redondo de páo pera ſe aſſentar a tomar repouſo onde quizeſſe; e outro o eſcudo da peleja, e eſtes nobres pela cabeça, e barba traziam alguns arrieis, e joias d'ouro. O ſeu Rey Caramança em meio de todos vinha cuberto pernas, e braços de barceletes, e argolas d'ouro, e ao peſcoço hum colar, do qual dependiam humas campainhas miudas, e pela barba retorcidas humas vergas d'ouro, que aſſi lhe chumbavam os cabellos della, que de retorcidos os faziam corridos. A continencia de ſua peſſoa era vir com huns paſſos mui vagaroſos pé ante pé ſem mover o roſto a parte alguma. Diogo d'Azambuja, em quanto elle vinha com eſta gravidade, eſteve quedo em ſeu eſtrado, té que ſendo já mettido entre a noſſa gente abalou a elle, e ajuntando-ſe ambos, tomou Caramança a mão a Diogo d'Azambuja, e tornando-a a recolher deo hum trinco com os dedos, dizendo eſta palavra, *bere*, *bere*, que quer dizer paz, paz, o qual trinco entre elles he o ſinal da maior corte-

tezia, que ſe podia fazer. Affaſtado ElRey a huma parte, deo lugar que chegaſſem os ſeus fazer outro tanto a Diogo d'Azambuja; mas no modo de tocar os dedos fizeram eſta differença delRey: molhado o dedo na boca, e de ſi limpo no peito, o tocáram, couſa, que ſe faz do menor ao maior em ſinal de ſalva, que ſe cá toma aos principaes; porque dizem elles, que póde levar peçonha neſte dedo, ſe ante o não alimparem per eſte modo. Acabadas eſtas ceremonias de cortezia, que duráram hum bom pedaço, por ſer muita a gente que Caramança trazia, e feito ſilencio, começou Diogo d'Azambuja per meio de huma lingua a lhe propoer a cauſa de ſua ida, a qual era ter ElRey ſeu Senhor ſabido a vontade, e deſejo delle Caramança ácerca das couſas de ſeu ſerviço, e quanto trabalhava de o moſtrar no bom, e breve aviamento que dava aos ſeus navios que áquelle porto chegavam; e que por eſtas couſas procederem de amor, ElRey lhas queria pagar com amor, que tinha mais vantaje que o ſeu, que era amor da ſalvação de ſua alma, couſa mais precioſa que os homens tinham, por ella ſer a que lhe dava vida, entendimento pera conhecer, e entender todalas couſas, e per a qual o homem era differente dos brutos. E aquelle, que a quizeſſe co-

nhe-

nhecer, era neceſſario ter primeiro conhecimento do Senhor que a fizera, o qual era Deos, que fizera o Ceo, Sol, Lua, e Terra, com todalas couſas que nella ha: aquelle, que fazia o dia, e noite, chuvas, trovões, relampagos, e creava todalas novidades, de que ſe os homens mantinham, ao qual Deos, ElRey de Portugal ſeu Senhor, e todos os outros Principaes da Chriſtandade, (que era huma grande parte da terra do Mundo,) reconheciam por Creador, e Senhor, e a elle adoravam, e nelle criam, como aquelle de quem tinham recebido todalas couſas, e a quem a ſua alma havia de ir dar conta depois da morte do bem, e mal que neſta vida fizera. Por ſer hum Senhor tão juſto, que aos bons levava ao Ceo, onde elle eſtava, e aos máos lançava no abyſmo da terra, lugar chamado Inferno, habitação dos diabos, atormentadores deſtas almas; as quaes couſas pera elle Caramança poder entender, era neceſſario ſer lavado em huma agua ſancta, a que os Chriſtãos chamam Baptiſmo da Fé; porque bem como as aguas do rio lavam os olhos pera melhor verem quando eſtam pejados d'algum pó, ou couſa que os cega, aſſi eſta agua baptiſmal lavava os olhos d'alma pera poderem ver, e entender as couſas, que tratam da meſma alma; e eſte Deos era o

que

que ElRey D. João seu Senhor lhe mandava pedir que reconhecesse por seu Creador pera o adorar, protestando de viver, e morrer em sua Fé, e acceitando o Baptismo em testemunho della; o qual Baptismo, se elle Caramança aceptasse, e recebesse, elle Diogo d'Azambuja em nome delRey seu Senhor lhe promettia dalli em diante de o haver por amigo, e irmão nesta Fé de Christo, que professava, e de o ajudar em todalas cousas, que delle tivesse necessidade: e que em sinal deste promettimento elle era alli vindo com toda aquella gente pera o que cumprisse a sua honra, e bem de seu estado; e não sómenre per aquella vez acharia aquella ajuda, mas em todo o tempo, que elle permanecesse naquella Fé de Christo, Deos, e Senhor nosso, que lhe elle amoestava. E porque ao presente elle vinha bem provído de mercadorias, e cousas mui ricas, que ainda alli não foram vistas, pera guarda das quaes lhe era necessario fazer huma casa forte, em que estivessem recolhidas, e assi alguns aposentos, onde se pudesse agazalhar aquella gente honrada, que com elle vinha, lhe pedia que houvesse por bem que elle fizesse este recolhimento, o qual elle esperava em Deos que sería penhor pera ElRey ordinariamente mandar fazer alli resgate, com que elle Caramança

sería poderoso em terras, e Senhor dos comarcãos, sem alguem o poder anojar, porque a mesma casa, e o poder delRey que nella estaria o defenderiam. E dado que Bayo Rey de Sâma, e outros Principes seus vizinhos houvesse por grande honra ser esta fortaleza feita em suas terras, e ainda por isso faziam hum grande serviço a ElRey, elle houve por bem ser esta obra feita ante em sua terra, que pelo amor, e amizade, que elle Caramança tratava as cousas de seu serviço.

CAPITULO II.

Do que respondeo o Principe Caramança ás palavras de Diogo d'Azambuja: e do consentimento que deo a se fazer a fortaleza, com a qual ficou a troco do Commercio assentado em paz té hoje.

CAramança peró que fosse homem barbaro, assi per sua natureza, como pela communicação que tinha com a gente dos navios, que vinham ao resgate, era de bom entendimento, e tinha o juizo claro pera receber qualquer cousa, que estivesse em boa razão. E como quem desejava entender as cousas que lhe eram propostas, não sómente esteve prompto a ouvir quanto lhas a lingua resumia, mas ainda esguardava todalas

con-

continencias que Diogo d'Azambuja fazia; e em todo o tempo que isto passou, assi elle, como os seus estiveram em hum perpétuo silencio, sem haver quem sómente escarrasse; tão obedientes, e ensinados os trazia. E como homem, que queria recorrer pela memoria o que ouvíra, e considerar o que havia de responder, acabada a falla, pregou os olhos no chão per hum pequeno espaço, e de si disse: *Que elle tinha em mercê a ElRey seu Senhor a vontade que lhe mostrava, assi na salvação de sua alma, como em as outras cousas de sua honra; e que certo elle lho merecia em o bom despacho dos seus navios, que áquelle porto vinham resgatar, sendo mui bem tratados com toda a fé, e verdade em seus commercios, e resgates, em o qual tempo nunca em a gente delles víra cousa, de que se pudesse tanto espantar, como daquella sua vinda; porque em os navios passados via homens rotos, e mal roupados, os quaes se contentavam com qualquer cousa que lhes davam a troco de suas mercadorias, e este era o fim de sua vinda áquellas partes, e todo seu requerimento era que os despachassem logo, como quem fazia mais fundamento da sua patria, que da habitação das terras alheias; mas nelle Capitão via outra cousa, que era muita gente, e muito*

 mais

mais ouro, e joias, do que havia naquellas partes, onde elle nascia, e com isto novo requerimento de querer fazer casa de vivenda em terra, donde conjecturava duas cousas: a primeira, que elle não podia ser senão mui chegado parente delRey de Portugal; e a segunda, que hum homem tão principal como elle era, não podia vir senão a grandes cousas, e taes como eram as que elle dizia do Deos, que fazia o dia, e noite, e de quem tantas cousas dissera, cujo servidor era o seu Rey. Porém querendo esguardar a natureza de hum homem tão principal, como elle Capitão era, e assi daquella luzida gente, que o acompanhava, via que homens de tal qualidade sempre haviam de querer cousas conformes a elles; e porque o animo de tão generosa gente, como era a sua, mal se poderia conformar com a pobreza, e simplicidade daquella barbara terra de Guiné, donde ás vezes podiam recrescer contendas, e paixões entre todos, lhe pedia houvesse por bem que os navios fossem, e viessem como sohiam, cá per esta maneira sempre estariam em paz, e concordia; porque os amigos, que se viam de tarde em tarde, com mais amor se tratavam, que quando se vizinham: e isto causava o coração do homem, por ser como as ondas do mar, que batiam

na-

naquelle recife de pedras, que alli estava, o qual mar pela vizinhança que tinha com elle, e lhe empedir estender-se pela terra á sua vontade, quebrava tão fortemente no vizinho, que de bravo, e soberbo levantava suas ondas té o Ceo, e com esta furia fazia dous damnos, hum a si mesmo açanhando-se, e outro ao vizinho em o ferir. Que isto não dizia por se escusar de obedecer aos mandados delRey de Portugal, mas por aconselhar ao bem da paz, e á muita prestança, que elle desejava ter com todolos naturaes do seu Reyno, que áquelle porto viessem: e tambem porque havendo esta paz entre ambos, todo aquelle seu povo com mais amor folgaria de ouvir as cousas do seu Deos, que lhe elle vinha dar a conhecer; por isso em quanto o tempo mostrava a experiencia destes inconvenientes, lhe pedia que os evitassem, leixando correr o resgate no modo em que estava. A estas palavras, e dúvidas, que pareciam impedir fazer-se a fortaleza, respondeo Diogo d'Azambuja: *Que a causa delRey seu Senhor o enviar com tão grande apparato áquella terra, fora desejar paz, e mais estreita amizade com elle, do que té então tiveram; e como penhor deste desejo queria alli fazer casa, em que se puzesse sua fazenda, em a qual obra Sua Alteza mostra-*

va

va a muita confiança que tinha nelle Caramança, e em ſeus vaſſallos, porque ninguem punha ſua fazenda em lugar ſuſpeitoſo de enganos: Que quando ahi houveſſe alguma couſa que temer, a elle Diogo d'Azambuja, e a toda aquella gente que o acompanhava convinha eſte temor, pois confiavam ſuas vidas, e fazendas da terra eſtranha, e mais tão alongada do adjutorio da ſua; e poſto que o coração do homem, como elle dizia, era per ſua natureza livre, eſtes eram aquelles, que não tinham Rey tão amigo da juſtiça, como era ElRey ſeu Senhor, donde os ſeus vaſſallos aſſi eram obedientes a ſeus mandados, que mais temiam deſobedecer-lhe que a meſma morte: Que elle não era filho, nem irmão delRey, como elle cuidava, mas hum dos mais pequenos vaſſallos de ſeu Reyno; e tão obrigado a cumprir o que lhe mandava ácerca da paz, e concordia em a obra daquella caſa, que antes perderia a vida, que traſpaſſar ſeu mandado. Da qual palavra os Negros vendo que ElRey ſe eſpantava de tanta obediencia, e que ſegundo ſeu coſtume dava com huma mão na outra, elles por ſinal de obedientes deram tambem outras palmadas, com que rompêram a palavra de Diogo d'Azambuja; e ante que mais procedeſſe, acabado o rumor, Caramança lhe ata-

atálhou, tomando por conclusão que erá contente fazer-ſe a caſa que pedia, admoeſtando-lhe a paz, e verdade, porque fazendo os ſeus o contrario, mais enganavam, e danavam a ſi que a elle, porque a terra era grande, e onde quer que chegaſſem elle, e os ſeus, não lhe faleceriam huns poucos de páos, e rama, com que fizeſſem outra morada. Acabando ElRey ſua concluſão ſobre o fazer da caſa, ſem reſponder ao mais do Baptiſmo, que lhe foi amoeſtado, eſpedio-ſe do Capitão, tornando na ordem em que veio, e elle ficou com os meſtres da obra, entendendo no eleger donde ſe fundaria a fortaleza. Ao ſeguinte dia começando os pedreiros quebrar huns penedos, que eſtavam ſobre o mar junto, onde tinham elegido os alicerces da fortaleza, não podendo os negros ſoffrer tamanha injúria, como ſe fazia áquella ſanctidade que elles adoravam por Deos, accendidos em furia, que lhe o demonio atiçava pera todos alli perecerem ante do Baptiſmo, que depois alguns delles recebêram, tomáram ſuas armas, e com aquelle primeiro impeto deram rijo em os officiaes, que andavam neſta obra. Diogo d'Azambuja como a eſte tempo eſtava com os Capitães fazendo tirar as munições dos navios, tanto que vio correr a gente contra a praia, acudio rijo; e porque ſoube

be da Lingua dos Negros, que a causa principal do alvoroço delles fora por ainda não terem recebido o presente que esperavam, e que maior mágoa tinham por a tardança, que por a injúria dos seus deoses, entreteve a gente o melhor que pode, de maneira que não houvesse sangue, e mandou a grão pressa ao Feitor, que trouxesse dobrados lambeis, manilhas, bacias, e outras cousas, que tinha mandado que levasse a ElRey, e a seus Cavalleiros, por assi estar em costume; e ainda por mais comprazer aos Negros, publicamente entre elles bradou com elle, com o qual presente, depois que o recebêram, assi ficáram contentes, e brandos da furia, que entregáram os filhos, quanto mais os penedos; tanto poder tem o dar, que, como dizem, quebrantou Diogo d'Azambuja as pedras, que eram os corações daquelles Negros em sua indignação, e mais quebrou os penedos que elles defendiam. Porém em quanto a obra durou, sempre se teve grande vigia, e tento nelles, não se lhe antolhasse outra vaidade alguma, em fazer a qual obra se deo tal despacho, que em vinte dias puzeram a cerca do castello em boa altura, e a torre da menagem em o primeiro sobrado. E por a singular devoção que ElRey tinha neste Sancto, foi chamada esta fortaleza S. Jorge, a qual depois
em

em o anno de quatrocentos oitenta e ſeis, a quinze de Março em Santarem ElRey a fez Cidade, dando-lhe per ſua Carta Patente todalas liberdades, privilegios, e preeminencias de Cidade. Poſto que por parte dos noſſos, em quanto durou eſta obra, ſe trabalhava não haver com os Negros rompimento, fizeram elles tantos furtos, e maldades, que conveio a Diogo d'Azambuja queimar-lhe a aldea, com que entre eſte caſtigo, e beneficios, que mais parte tinham nelles, ficáram em ſegura paz. Acabada a obra, e a terra corrente em reſgate, eſpedio Diogo d'Azambuja os navios, e a gente ſobreſelente, que ſe veio pera o Reyno com boa cópia d'ouro, que reſgatáram, e elle ficou com ſeſſenta homens ordenados á fortaleza, ſegundo hia per regimento del-Rey; e outros ficáram enterrados ao pé da arvore, onde ſe diſſe a primeira Miſſa, que ficou em adro da Igreja de vocação de São Jorge, em que hoje Deos he louvado, e glorificado, não ſómente dos noſſos, que vão áquella Cidade, mas ainda dos Ethiopas da ſua Comarca, que per Baptiſmo são contados em o numero dos fieis. Na qual Igreja em memoria dos trabalhos do Infante D. Henrique, por ſer auctor deſte deſcubrimento, ſe diz huma Miſſa quotidiana por ſua alma com proprio Capellão, a ella or-

ordenado. Em dous annos, e ſete mezes, que Diogo d'Azambuja alli eſteve, aprouve a Deos que na terra não houve tanta enfermidade como ſe receava; e aſſentou com tanta prudencia os preços, e modo do reſgate das couſas, que ainda hoje dura a maior parte deſte ſeu bom regimento, por onde quando veio ElRey o galardoou com accreſcentamento de honra.

CAPITULO III.

Como foi deſcuberto o Reyno de Congo por Diogo Cam Cavalleiro da caſa delRey: e além delle deſcubrio duzentas, e tantas leguas, em o qual deſcubrimento aſſentou tres Padrões, que foram os primeiros de pedra, das quaes terras trouxe algumas peſſoas, que foram baptizadas por ElRey: e tambem foi deſcuberto o Reyno de Benij.

AO tempo que ElRey mandou fazer eſta fortaleza de S. Jorge da Mina, já foi com propoſito que per ella tomava poſſe de toda aquella terra, que habitavam os Negros, com a qual poſſe eſperava de accreſcentar á ſua Coroa novo titulo de eſtado por haver a benção de ſeus avôs, cujos titulos elles ſempre conquiſtáram da mão dos infieis. E tambem por haverem effecto ás doações, que os Summos Pontifices tinham con-

concedidas ao Infante D. Henrique ſeu tio, e a ElRey D. Afonſo ſeu Padre, e a elle de todo o que deſcubriſſem do cabo Bojador té as Indias *incluſivè*, (como atrás fica.) Peró não quiz notificar eſte titulo de Senhor de Guiné em ſuas Cartas, e doações, ſenão dahi a tres annos, que eſte Caſtello de S. Jorge era fundado, que foi depois que Diogo d'Azambuja veio a eſte Reyno. Nem dahi por diante conſentio que os Capitães, que mandava a deſcubrir eſta coſta, puzeſſem cruzes de páo per os lugares notaveis delle, como ſe fazia em tempo de Fernão Gomes, quando deſcubria as quinhentas leguas de coſta per condição do contracto que fez com ElRey D. Afonſo; mas ordenou que levaſſem hum Padrão de pedra d'altura de dous eſtados de homem com o eſcudo das Armas Reaes deſte Reyno, e nas coſtas delle hum letreiro em Latim, e outro em Portuguez, os quaes diziam, que Rey mandára deſcubrir aquella terra, e em que tempo, e per que Capitão fora aquelle Padrão alli poſto, e em ſima no topo huma cruz de pedra embutida com chumbo. E o primeiro deſcubridor, que levou eſte Padrão, foi Diogo Cam Cavalleiro de ſua caſa, o anno de quatrocentos e oitenta e quatro, indo já pela Mina, como lugar, onde ſe podia prover d'alguma neceſſidade,

e da-

e dahi foi demandar o Cabo de Lopo Gonçalves, que está hum gráo da banda do Sul. Passado o qual Cabo, e assi o de Catharina, que foi a derradeira terra, que se descubrio em tempo delRey D. Afonso, chegou a hum notavel rio, na boca do qual da parte do Sul metteo este Padrão, como quem tomava posse por parte delRey de toda a costa que leixava atrás. Por causa do qual Padrão, peró que elle se chamava São Jorge, por a singular devoção que ElRey tinha neste Sancto, muito tempo foi nomeado este rio do Padrão, e ora lhe chamavam de Congo por correr per hum Reyno assi chamado, que Diogo Cam esta viagem descubrio, posto que o seu proprio nome do rio entre os naturaes he Zaire, mais notavel, e illustre per aguas que per nome; porque o tempo que naquellas partes he o inverno, entra tão soberbo pelo mar, que a vinte leguas da costa se acham as suas aguas doces. Diogo Cam, depois que assentou o Padrão, por ver a grandeza que o rio mostrava em boca, e em cópia de aguas, bem lhe pareceo que tão grande rio havia de ser mui habitado de póvos; e entrando per elle assima hum pequeno espaço, vio que pela margem delle apparecia muita gente, da que era costumado ver pela costa atrás, toda mui negra com seu cabello revolto: e pos-

posto que levava algumas Linguas da gente que tinham descuberta, em nenhuma cousa se puderam entender com esta, de maneira, que se converteo aos acenos, per os quaes entendeo terem Rey mui poderoso, o qual estava dentro pela terra tantos dias de andadura. Vendo elle o modo da gente, e a segurança com que o esperavam, ordenou de enviar com alguns delles certos dos nossos com hum presente ao Rey da terra, dando por isso alguma cousa, como aquelles, que os haviam de encaminhar, com promessa que dahi a tantos dias sería sua tornada. Mas o termo do tempo, que elles tomáram, passou dobrado, sem Diogo Cam ver recado algum; e em todo elle os que alli ficavam, e outros muitos, que concorrêram aos pannos, e cousas, que lhe elle mandava dar, assi entravam, e sahiam em o navio tão seguramente, como se houvera muito tempo que se conheciam. Diogo Cam vendo quanto os outros tardavam, determinou de acolher alguns daquelles negros, que entravam em o navio, e vir-se com elles pera este Reyno, com fundamento que entretanto os nossos lá onde eram podiam aprenhender a lingua, e ver as cousas da terra, e os Negros que elle trouxesse tambem aprenderiam a nossa, com que ElRey poderia ser informado do que havia entre elles. E porque

que partindo-ſe elle ſem leixar algum recado poderia danar aos noſſos que ficavam, tanto que recolheo em o navio quatro homens delles, diſſe aos outros per ſeus acenos, que elle ſe partia pera levar a moſtrar ao ſeu Rey aquelles homens, porque os deſejava ver, e que dahi a quinze luas elle os tornaria, e que pera mais ſegurança elle leixava entre elles os homens, que tinha enviado ao ſeu Rey. Chegado Diogo Cam a eſte Reyno, folgou ElRey D. João muito em ver gente de tão bom entendimento, porque como eram homens nobres, aſſi aprendêram o que lhe Diogo Cam enſinou pelo caminho, que quando chegáram a eſte Reyno davam já razão das couſas que lhe perguntavam. ElRey por cauſa do tempo, em que Diogo Cam limitou ſua tornada, por os noſſos não padecerem algum mal, mandou que tornaſſe logo, levando muitas couſas a ElRey de Congo, e com ellas lhe encommendava que ſe quizeſſe converter á Fé de Chriſto. Chegado Diogo Cam á barra do rio do Padrão, foi recebido pelos da terra com muito prazer, vendo os ſeus naturaes que elle trouxera vivos, e tambem tratados como hiam. E pelo regimento que elle levava delRey D. João, mandou hum dos quatro negros com alguns da terra, que elle conhecia, com recado a

El-

ElRey de Congo, fazendo-lhe ſaber como era chegado, e trazia os ſeus vaſſallos, que dalli levava, ſegundo lhe aquelle diria. Pedindo que por quanto lhe ElRey ſeu Senhor mandava que paſſaſſe mais avante per aquella coſta a fazer algumas couſas de ſeu ſerviço, lhe enviaſſe os Portuguezes, que tinha per algum ſeu Capitão, ao qual elle entregaria os outros tres vaſſallos que trazia, e que da tornada que em boa hora vieſſe, elle lhe iria fallar algumas couſas, que ElRey ſeu Senhor mandava que com elle praticaſſe, e aſſi apreſentar outras que lhe enviava. Vindo os noſſos em poder de hum Capitão, que ElRey de Congo enviou, ao qual Diogo Cam entregou os ſeus com algumas dadivas pera ElRey, eſpediſſe delles, entrando em ſeu deſcubrimento pela coſta adiante, na qual viagem paſſou elle Diogo Cam além deſte Reyno de Congo obra de duzentas leguas, onde poz dous Padrões, hum chamado Sancto Agoſtinho, que deo o nome do Padrão ao meſmo lugar, o qual eſtá em treze gráos d'altura da parte do Sul, e outro junto da manga das arêas, por razão do qual ſe chama o lugar o Cabo do Padrão, em altura de vinte e dous gráos. E neſte caminho fez alguns ſaltos na terra, nos quaes tomou algumas almas pera linguas do que deſcubriſſe, como le-

levava per regimento ; e depois de ensinados, os tornáram alli, como veremos. Tornado Diogo Cam deste descubrimento ao rio do Padrão do Reyno de Congo, foi-se ver com ElRey , o qual pola informação que já tinha dos seus, que se conformavam com os nossos do que lhe tinham dito das cousas deste Reyno , quando vio Diogo Cam, assi polo que lhe disse, e deo da parte delRey D. João , não sabia que honra lhe fizesse, e era tão cioso delle, que o não fiava de ninguem. E no tempo que Diogo Cam esteve com elle , como já o Espirito Sancto começava obrar seus mysterios n'alma daquelle Rey pagão, assi andava namorado do que lhe Diogo Cam dizia das cousas de nossa Fé, que nunca o leixava, perguntando-lhe algumas de espirito já alumiado. O que logo começou mostrar, mandando com Diogo Cam a este Reyno hum dos Fidalgos , que já cá viera , chamado Caçuta , e assi alguns moços em modo de embaixada, pedindo a ElRey que lhe aprouvesse de lhe enviar Sacerdotes pera o baptizar , e a todo seu Reyno , e lhe darem doctrina de sua salvação. Que aquelles moços por serem filhos dos principaes do seu Reyno lhe pedia que os mandasse baptizar, e doctrinar em as cousas da Fé , pera per elles poder ser multiplicada entre os seus

na-

naturaes, quando embora tornassem; e com este requerimento mandou a ElRey hum presente de marfim, e pannos de palma por em sua terra não haver outras policias. ElRey D. João vindo Diogo Cam com este requerimento de conversão de hum Principe senhor de tão grande povo, como este era o mais principal intento que tinha nestes descubrimentos, por mostrar o contentamento desta obra, e louvar a Deos nella, estando em Béja, levou o Embaixador Caçuta á pia ao fazer Christão, e assi aos moços, que com elle vieram, e a Rainha foi a Madrinha, vestindo-se ella, e ElRey de festa por mais solemnizar este acto: o qual Caçuta houve nome D. João por amor delRey, com appellido da Silva, do outro Padrinho, que foi Aires da Silva Camareiro mór delRey, e os moços tomáram os nomes, e appellidos dos Padrinhos que os apresentáram. E quanto fructificou em louvor de Deos a Christandade destes homens de Congo, pela conversão do seu Rey, (como adiante veremos,) tão pouco aproveitou o que ElRey fez em o requerimento delRey de Benij, cujo Reyno jaz entre o Reyno de Congo, e o Castello de S. Jorge da Mina; porque neste tempo em que Diogo Cam veio da primeira vez de Congo, que foi no anno de quatrocentos oiten-

ta e ſeis: tambem eſte Rey de Benij mandou pedir a ElRey, que lhe mandaſſe lá Sacerdotes pera o doctrinarem em Fé. Sendo já vindo o anno paſſado hum Fernão do Pó, que tambem com eſta coſta deſcubrio a Ilha, que ſe ora chama do ſeu nome, que eſtá vizinha á terra firme, a qual por ſua grandeza elle chamou a Ilha Fermoſa, e ella perdeo eſte, e ficou com o nome do ſeu deſcubridor. Eſte Embaixador delRey de Benij trouxe-o João Affonſo d'Aveiro, que era ido a deſcubrir eſta coſta per mandado delRey; e aſſi trouxe a primeira pimenta que veio daquellas partes de Guiné a eſte Reyno, a que nós ora chamamos de Rabo, pola differença que tem da outra da India, por nella vir pegado o pé em que naſce, a qual ElRey mandou a Frandes, mas não foi tida em tanta eſtima como a da India. E porque eſte Reyno de Benij era perto do Caſtello de S. Jorge da Mina, e os Negros, que traziam ouro ao reſgate della, folgavam de comprar eſcravos pera levar ſuas mercadorias, mandou El-Rey aſſentar feitoria em hum porto de Benij, a que chamam Gató, onde ſe reſgatavam grande numero delles, de que na Mina ſe fazia muito proveito, porque os mercadores do ouro os compravam por dobrado preço do que valiam cá no Reyno. Mas

co-

como ElRey de Benij era mui ſubjecto a ſuas idolatrias, e mais pedia aos Sacerdotes por ſe fazer poderoſo contra ſeus vizinhos com favor noſſo, que com deſejo de Baptiſmo, aproveitáram mui pouco os Miniſtros delle, que lhe ElRey lá mandou. Donde ſe cauſou mandallos vir, e aſſi aos Officiaes da Feitoria, por o lugar ſer mui doentio; e entre as peſſoas de nome, que nella falecêram, foi o meſmo João Afonſo d'Aveiro que a primeiro aſſentou. Porém depois per muito tempo, aſſi em vida delRey Dom João, como delRey D. Manuel, correo eſte reſgate de eſcravos de Benij pera a Mina: cá ordinariamente os navios, que partíram deſte Reyno, os hiam lá reſgatar, e dahi os levavam á Mina, té que eſte negocio ſe mudou por grandes inconvenientes que niſſo havia. Ordenando-ſe andar hum caravelão da Ilha de S. Thomé, onde concorriam aſſi os eſcravos da coſta de Benij, como os do Reyno de Congo, por aqui virem ter todalas armações, que ſe faziam pera eſtas partes, e deſta Ilha os levava eſta caravela á Mina. E vendo ElRey D. João o Terceiro Noſſo Senhor, que ora reina, como eſta gente pagã, que já eſtava em noſſo poder, tornava outra vez ás mãos dos infieis, com que perdiam o merito do Baptiſmo, e ſuas almas ficavam eternalmente

 per-

perdidas, peró que lhe foi dito que nisto perdia muito, como Principe Christianissimo, mais lembrado da salvação destas almas, que do proveito de sua fazenda, mandou que cessasse este trato delles. E per este modo ficáram mettidos em o conto dos fieis da Igreja mais de mil almas, que cada hum anno ante deste sancto precepto eram postas em perpétua servidão do demonio, ficando gentios como eram, ou se faziam Mouros, quando per via do resgate, que os Mouros fazem com os Negros da provincia de Mandiga, os haviam a seu poder. A qual obra por ser em seu louvor, Deos deo logo o galardão a ElRey; porque como elle antepoz a salvação das almas destes pagãos ao muito ouro, que lhe diziam perder no resgate destes escravos, abriolhe outra mina abaixo da Cidade S. Jorge, donde começou a correr té hoje grande cópia d'ouro, o somma do qual importa mais do que se havia por venda dos escravos.

CA-

CAPITULO IV.

Como ElRey, pelo que soube de João Afonso d'Aveiro, e assi dos Embaixadores, que elle trouxe do Reyno de Benij, mandou Bartholomeu Dias, e João Infante a descubrir; na qual viagem descubríram o grande Cabo de Boa Esperança.

ENtre muitas cousas, que ElRey D. João soube do Embaixador delRey de Benij, e assi de João Afonso d'Aveiro, das que lhe contáram os moradores daquellas partes, foi, que ao Oriente delRey de Benij per vinte Luas de andadura, que segundo a conta delles, e do pouco caminho que andam, podiam ser até duzentas e sincoenta leguas das nossas, havia hum Rey o mais poderoso daquellas partes, a que elles chamavam Ogané, que entre os Principes pagãos das Comarcas de Benij era havido em tanta veneração, como ácerca de nós os Summos Pontifices. Ao qual per costumè antiquissimo os Reys de Benij, quando novamente reinavam, enviavam seus Embaixadores com grão presente, notificando-lhe como per falecimento de Foão succedêram naquelle Reyno de Benij, no qual lhe pediam que os houvesse por confirmados. Em sinal da qual confirmação este Principe Ogané

né lhes mandava hum bordão, e huma cubertura da cabeça da feição dos capacetes de Hespanha, tudo de latão luzente, em lugar de sceptro, e coroa: e assi lhe enviava huma Cruz do mesmo latão pera trazer ao pescoço, como cousa religiosa, e sancta, da feição das que trazem os Commendadores da Ordem S. João, sem as quaes peças o povo havia que não regnavam justamente, nem se podiam chamar verdadeiros Reys. E em todo o tempo que este Embaixador andava na Corte deste Ogané, como cousa religiosa, nunca era visto delle, sómente via humas cortinas de seda, em que elle andava mettido: e ao tempo que despachavam o Embaixador, de dentro das cortinas lhe mostravam hum pé, em final que estava alli dentro, e concedia nas peças que levava, ao qual pé faziam reverencia como a cousa sancta. E tambem em modo de premio do trabalho de tanto caminho, era dada ao Embaixador huma Cruz pequena da feição da que levava pera ElRey, que lhe lançavam ao collo, com a qual elle ficava livre, e izento de toda servidão, e privilegiado na terra donde era natural, ao modo que entre nós são os Commendadores. Sabendo eu isto, pera com mais verdade o poder escrever, (peró que ElRey D. João em seu tempo o tinha bem enquirido,) o anno

no de quinhentos e quarenta, vindo a eſte Reyno certos Embaixadores delRey de Benij, trazia hum delles, que ſería homem de ſetenta annos, huma Cruz deſtas; e perguntando-lhe eu por a cauſa della, reſpondeo conforme ao aſſima eſcrito. E porque neſte tempo delRey D. João, quando fallavam na India, ſempre era nomeado hum Rey mui poderoſo, a que chamavam Preſte João das Indias, o qual diziam ſer Chriſtão, parecia a ElRey que per via deſte podia ter alguma entrada na India. Porque per os Abexijs Religioſos, que vem a eſtas partes de Heſpanha, e aſſi per alguns Frades, que de cá foram a Jeruſalem, a que elle encommendou que ſe informaſſem deſte Principe, tinha ſabido, que ſeu eſtado era a terra, que eſtava ſobre Egypto, a qual ſe eſtendia té o mar do Sul. Donde tomando ElRey com os Coſmografos deſte Reyno a taboa geral de Ptholomeu da deſcripção de toda Africa, e os Padrões da coſta della, ſegundo per os ſeus deſcubridores eſtavam arrumados, e aſſi a diſtancia de duzentas e ſincoenta leguas pera Leſte, onde eſtes de Benij diziam ſer o eſtado do Principe Ogané, achavam, que elle devia ſer o Preſte João, por ambos andarem mettidos em cortinas de ſeda, e trazerem o ſinal da Cruz em grande veneração. E tambem lhe parecia que pro-

ſe-

ſeguindo os ſeus navios a coſta que hiam deſcubrindo, não podiam leixar de dar na terra, onde eſtava o Praſo promontorio, fim daquella terra. Aſſi que conferindo todas eſtas couſas, que o mais aſcendiam em deſejo do deſcubrimento da India, determinou de enviar logo neſte anno de quatrocentos e oitenta e ſeis dobrados navios per mar, e homens per terra, pera ver o fim deſtas couſas, que lhe tanta eſperança davam. Armados dous navios de té ſincoenta toneis cada hum, e huma naveta pera levar mantimentos ſobreſelentes por cauſa de muitas vezes desfalecerem aos navios deſte deſcubrimento, com que ſe tornavam pera o Reyno, partíram no fim de Agoſto do dito anno. A capitanía da qual viagem deo a Bartholomeu Dias Cavalleiro de ſua caſa, que era hum dos deſcubridores deſta coſta, o qual hia em hum navio, de que era Piloto Pero d'Alanquer, e Meſtre o Leitão, e João Infante outro Cavalleiro era Capitão do ſegundo navio, Piloto Alvaro Martins, e Meſtre João Grego. E em a náo, que levava os mantimentos, hia por Capitão Pero Dias irmão de Bartholomeu Dias, de que era Piloto João de Sant-Iago, e Meſtre João Alves, todos cada hum em ſeu miſter mui eſpertos. E poſto que Diogo Cam tinha deſcuberto per duas vezes trezentas e

ſe-

ſetenta e ſinco leguas de coſta, começando do Cabo de Catharina té o Cabo chamado do Padrão, todavia paſſado o rio de Congo começou Bartholomeu Dias ſeguir a coſta té chegar onde ora ſe chama a Angra do ſalto, por razão de dous Negros, que Diogo Cam alli ſalteou. Os quaes ElRey per elle Bartholomeu Dias já enſinados do que haviam de fazer, mandava tornar áquelle lugar, e aſſi levava quatro Negras d'eſtoutra coſta de Guiné. A primeira das quaes leixou na Angra dos Ilheos, onde aſſentou o primeiro Padrão, e a ſegunda na Angra das voltas, e a terceira morreo, e a quarta ficou na Angra dos Ilheos de Sancta Cruz com duas, que alli tomáram, que andavam mariſcando; e não as quizeram trazer, porque mandava ElRey que não fizeſſem força, nem eſcandalo aos moradores das terras que deſcubriſſem. A cauſa de ElRey mandar lançar eſta gente per toda aquella coſta veſtidos, e bem tratados com moſtra de prata, ouro, e eſpeçarias, era porque indo ter a povoado pudeſſem notificar de huns em outros a grandeza do ſeu Reyno, e as couſas que nelle havia, e como per toda aquella coſta andavam os ſeus navios, e que mandava deſcubrir a India, e principalmente hum Principe, que ſe chamava Preſte João, o qual lhe diziam que habitava naquel-

quella terra, tudo a fim que pudeſſe ir ter eſta fama ao Preſte, e foſſe azo pera elle mandar de lá de dentro donde habitaſſe a eſta coſta do mar, porque pera todas eſtas couſas os Negros, e Negras hiam enſinados, e principalmente as Negras, que como não eram naturaes da terra, ficavam com eſperança de tornarem aos navios per alli, e as trazerem a eſte Reyno. Que entre tanto ellas entraſſem pelo ſertão, e aos moradores notificaſſem eſtas couſas, e aprendeſſem muito bem as que pudeſſem ſaber das que lhes eram encommendadas, e que podiam ficar ſeguras, porque como eram mulheres, com quem os homens não tem guerra, não lhes haviam de fazer mal algum. Além de aſſentarem os Padrões, que levavam nas diſtancias do comprimento da coſta que lhe bem parecia, eram poſtos em lugares notaveis, aſſi como o primeiro Padrão chamado Sant-Iago, no lugar a que puzeram nome Serra parda, que eſtá em altura de vinte e quatro gráos, cento e vinte leguas além do derradeiro que poz Diogo Cam. Punham tambem os nomes aos cabos Angras, e moſtras da terra que deſcubríram, ou por razão do dia que alli chegavam, ou por qualquer outra cauſa, como a Angra a que ora chamamos das voltas, que por as muitas em que então alli andáram lhe deram eſte nome Angra

gra das voltas, onde se Bartholomeu Dias deteve sinco dias com tempos que lhe não leixavam fazer caminho, a qual Angra está em vinte e nove gráos da parte do Sul. Partidos daqui na volta do mar, o mesmo tempo os fez correr treze dias com as vélas a meio mastro; e como os navios eram pequenos, e os mares já mais frios, e não taes como os da terra de Guiné, posto que os da costa de Hespanha em tempo de tormenta eram mui feios, estes houveram por mortaes; mas cessando o tempo que fazia aquella furia do mar, vieram demandar a terra pelo rumo de Leste, cuidando que corria ainda a costa Norte-sul em geral, como té alli a trouxeram. Porém vendo que por alguns dias cortavam sem dar com ella, carregáram sobre o rumo do Norte, com que vieram ter a huma angra, a que chamáram dos Vaqueiros, por as muitas vacas que víram andar na terra guardadas per seus pastores. E como não levavam lingua que os entendesse, não puderam haver falla delles; antes como gente espantada de tal novidade, carreáram seu gado pera dentro da terra, com que os nossos não puderam saber mais delles, que verem ser Negros de cabello revolto, como os de Guiné. Correndo mais avante a costa já per novo rumo, de que os Capitães hiam mui contentes, chegáram a hum

hum ilheo, que eſtá em trinta e tres gráos, e tres quartos da parte do Sul, onde puzeram o Padrão chamado da Cruz, que deo nome ao ilheo, que eſtá da terra firme pouco mais de meia legua; e porque neſte eſtavam duas fontes, muitos lhe chamavam o Penedo das Fontes. Aqui como a gente vinha canſada, e mui temeroſa dos grandes mares que paſſáram, toda a huma voz começou de ſe queixar, e requerer que não foſſem mais avante, dizendo como os mantimentos ſe gaſtavam pera tornar a buſcar a náo, que leixáram atrás com os ſobreſelentes, a qual ficava já tão longe, que quando a ella chegaſſem ſeriam todos mortos á fome, quanto mais paſſar avante. Que aſſás era de huma viagem deſcubrirem tanta coſta, e que já levavam a maior novidade que ſe daquelle deſcubrimento levou: acharem que a terra ſe corria quaſi em geral pera Leſte, donde parecia que atrás ficava algum grande cabo, o qual ſería melhor conſelho tornarem de caminho a deſcubrir. Bartholomeu Dias por ſatisfazer aos queixumes de tanta gente, ſahio em terra com os Capitães, e Officiaes, e alguns Marinheiros principaes; dando-lhes juramento, mandou-lhes que diſſeſſem a verdade do que lhes parecia que deviam fazer por ſerviço delRey; e todos aſſentáram que ſe tornaſſem pera o Reyno,

no, dando as razões de ſima, e outras de tanta neceſſidade, do qual parecer mandou fazer hum acto, em que todos aſſináram. Peró como ſeu deſejo era ir avante, e ſómente quiz fazer eſte cumprimento com a obrigação de ſeu officio, e regimento del-Rey, perque lhe mandava que as couſas de importancia foſſem conſultadas com as principaes peſſoas que levava, pedio a todos, quando veio ao aſſinar da determinação em que aſſentáram, que houveſſem por bem correrem mais dous, ou tres dias a coſta; e quando não achaſſem couſa que os obrigaſſe proſeguir mais avante, que então fariam a volta; o que lhes foi concedido. Mas no fim deſtes dias que pedio, não fizeram mais que chegar a hum rio, que eſtá vinte e ſinco leguas avante do ilheo da Cruz em altura de trinta e dous gráos, e dous terços. E porque João Infante Capitão do navio S. Panteleão, foi o primeiro que ſahio em terra, houve o rio o nome que ora tem do Infante, donde ſe tornáram por a gente tornar repetir ſeus queixumes. Chegados ao ilheo da Cruz, quando Bartholomeu Dias ſe apartou do Padrão que alli aſſentou, foi com tanta dor, e ſentimento, como ſe leixára hum filho deſterrado pera ſempre, lembrando-lhe com quanto perigo de ſua peſſoa, e de toda aquella gente, de tão lon-

longe, vieram sómente áquelle effecto, pois lhe Deos não concedêra o principal. Partidos dalli, houveram vista daquelle grande, e notavel Cabo, encuberto per tantas centenas de annos, como aquelle, que quando se mostrasse não descubria sómente assi, mas a outro novo Mundo de terras. Ao qual Bartholomeu Dias, e os de sua companhia per causa dos perigos, e tormentas, que em o dobrar delle passáram, lhe puzeram nome Tormentoso; mas ElRey D. João, vindô elles ao Reyno, lhe deo outro nome mais illustre, chamando-lhe Cabo de Boa Esperança, pola que elle promettia deste descubrimento da India tão esperada, e per tantos annos requerida. O qual nome como foi dado per Rey, e tal que Hespanha se gloría delle, permanecerá com louvor de quem o mandou descubrir, em quanto esta nossa lembrança durar: a descripção, e figura do qual descrevemos em a nossa Geografia por ser lugar mais proprio, peró que aqui se espere. Bartholomeu Dias depois que notou delle o que convinha á navegação, e assentou hum Padrão chamado S. Filippe, porque o tempo lhe não deo lugar a sahir em terra, tornou a seguir sua costa em busca da náo dos mantimentos, á qual chegáram, havendo nove mezes justos que della eram partidos. E de nove homens que alli ficá-

ram,

ram, eram vivos tres sómente, hum dos quaes a que chamavam Fernão Colaço, natural do Lumiar, termo de Lisboa, que era Escrivão, assi pasmou de prazer em ver os companheiros que morreo logo, andando bem fraco de enfermidade. E a razão que deram dos mortos, foi fiarem-se dos Negros da terra, com quem vieram ter communicação, os quaes sobre cubiça d'algumas cousas que resgatavam, os matáram. Tomados muitos mantimentos que acháram, e posto fogo á naveta, que já estava bem comesto do gusano, por não haver quem a pudesse marear, vieram ter á Ilha do Principe, onde acháram Duarte Pacheco Cavalleiro da casa delRey mui doente, o qual por não estar em disposição pera per si ir descubrir os rios da costa, a que o ElRey mandava, enviou o navio a fazer algum resgate, onde se perdeo, salvando-se parte da gente, que com elle se veio em estes navios de Bartholomeu Dias. E porque já a este tempo era sabido hum rio, que se chama do Resgate, polo que se alli fazia de Negros, por não virem com as mãos vasias, passáram per elle, e assi pelo Castello de S. Jorge da Mina, estando nelle João Fogaça por Capitão, o qual lhe entregou o ouro que tinha resgatado, com que se vieram pera o Reyno, onde chegáram em Dezembro do

an-

anno de quatrocentos e oitenta e ſete, havendo dezeſeis mezes, e dezeſete dias que eram partidos delle. Leixando Bartholomeu Dias deſcuberto neſta viagem trezentas e ſincoenta leguas per coſta, que he outro tanto como Diogo Cam deſcubrio per duas vezes. Em o qual eſpaço de ſetecentas e ſincoenta leguas, que eſtes dous principaes Capitães deſcubríram, eſtam ſeis Padrões: o primeiro chamado S. Jorge em o rio Zaire, que he do Reyno de Congo; o ſegundo Sancto Agoſtinho eſtá em hum cabo do nome do meſmo Padrão; o terceiro, que he o derradeiro de Diogo Cam, na Manga das arêas; o quarto em ordem, e primeiro de Bartholomeu Dias, na Serra parda; o quinto S. Filippe no grande, e notavel Cabo de Boa Eſperança; e o ſexto Sancta Cruz no ilheo deſte nome, onde ſe acabáram os Padrões, que poz Bartholomeu Dias, e acabou o derradeiro deſcubrimento, que ſe fez em tempo delRey D. João.

CA-

CAPITULO V.

Como ElRey mandou per terra dous criados seus, hum a descubrir os portos, e navegação da India, e outro com cartas ao Preste João: e como de Roma foi enviado a ElRey hum Abexij Religioso daquellas partes, por meio do qual elle tambem enviou algumas cartas ao Preste.

POr causa das cousas, que atrás escrevemos, e da informação que ElRey Dom João tinha da Provincia em que o Preste João habitava, antes que Bartholomeu Dias viesse deste descubrimento, determinou de o mandar descubrir per terra. Tendo já a isso enviado duas pessoas per via de Jerusalem, por saber que vinham áquella sancta Casa em romaria muitos Religiosos do seu Reyno; mas não houve effecto esta ida como ElRey desejava. Porque hum Fr. Antonio de Lisboa, e hum Pero de Montaroyo, que elle mandou a isso, por não saberem o Arabigo, não se atrevêram irem em companhia destes Religiosos, que acháram em Jerusalem. E vendo ElRey quão necessaria cousa pera fazer este caminho era a lingua Arabia, mandou a este negocio hum Pero de Covilhã Cavalleiro de sua casa, que era homem que a sabia mui bem, e em sua

companhia outro per nome Afonſo de Paiva, os quaes foram deſpachados em Santarem a ſete de Maio do anno de quatrocentos oitenta e ſete, ſendo preſente ao ſeu deſpacho o Duque de Béja D. Manuel. E deſpedidos ambos delRey, foram ter á Cidade de Napoles, onde embarcáram pera a Ilha de Rodes; e chegando a ella, pouſáram em caſa de Fr. Gonçalo, e Fr. Fernando, dous Cavalleiros da Religião, que eram Portuguezes, os quaes lhe deram todo aviamento, com que ſe paſſáram a Alexandria, onde ſe detiveram algum tempo por adoecerem de febres á morte. Tanto que eſtiveram pera poder caminhar, paſſáram-ſe ao Cairo, e dahi foram ter ao Toro em companhia de Mouros de Tremecem, e de Féz, que paſſavam a Adem; e por ſer tempo da navegação daquellas partes, apartáram-ſe hum do outro, Afonſo de Paiva pera a terra de Ethiopia, e Pero de Covilhã pera a India, concertando ambos que a hum certo tempo ſe ajuntaſſem na Cidade do Cairo. Embarcado Pero de Covilhã em huma náo, que partia de Adem, foi ter a Cananor, e dahi a Calecut, e a Goa, Cidades principaes da coſta da India, e aqui embarcou pera a Mina de Çofala, que he na Ethiopia ſobre Egypto. Tornado outra vez á Cidade Adem, que eſtá ſituada na boca do eſ-

eſtreito do mar Roxo, na parte de Arabia Felix, embarcou-ſe pera o Cairo, onde achou nova que ſeu companheiro Afonſo de Paiva na propria Cidade havia pouco que era falecido de doença. E eſtando pera ſe vir a eſte Reyno com recado deſtas couſas que tinha ſabido, ſoube que andavam alli dous Judeos de Heſpanha em ſua buſca, com os quaes ſe vio mui ſecretamente, a hum chamavam Rabi Habrão natural de Béja, e a outro Joſepe çapateiro de Lamego; o qual Joſepe havia pouco tempo que viera daquellas partes; e como ſoube cá no Reyno o grande deſejo que ElRey tinha da informação das couſas da India, foi-lhe dar conta como eſtivera em a Cidade de Babylonia, a que ora chamam Bagodad, ſituada no rio Eufrates, e que alli ouvíra fallar do trato da Ilha chamada Ormuz, que eſtava na boca do mar da Perſia, em a qual havia huma Cidade a mais célebre de todas aquellas partes, por a ella concorrerem todalas eſpeciarias, e riquezas da India, as quaes per cafilas de camelos vinham ter ás Cidades de Aleppo, e Damaſco. ElRey, porque ao tempo que ſoube eſtas, e outras couſas deſte Judeo, era já Pero de Covilhã partido, ordenou de o mandar em buſca delle, e aſſi o outro chamado Rabi Habrão: o Joſepe pera lhe trazer re-

cado das cartas, que per elles mandava a Pero de Covilhã; e Habrão pera ir com elle ver a Ilha de Ormuz, e dahi se informar das cousas da India. Em as quaes cartas ElRey encommendava muito a Pero de Covilhã, que se ainda não tinha achado o Preste João, que não receasse o trabalho té se ver com elle, e lhe dar sua carta, e recado; e que em quanto a isto fosse, per aquelle Judeo Josepe lhe escrevesse tudo o que tinha visto, e sabido, porque a este effecto sómente o enviava a elle. Pero de Covilhã ainda que andava cansado de tanta navegação, e caminhos, como tinha visto, e sabido, além de escrever a ElRey, enformou miudamente a Josepe. Espedindo-se do qual foi com o outro Judeo Habrão á Cidade Adem, onde ambos embarcáram pera Ormuz; e notadas todalas cousas della, leixou alli o Judeo Habrão pera vir per via das cafilas de Aleppo, e elle Pero de Covilhã tornou-se ao mar Roxo, e dahi foi ter á Corte do Preste per nome Alexandre, a que elles chamam Escander, o qual o recebeo com honra, e gazalhado, estimando em muito Principe da Christandade das partes da Europa mandar a elle Embaixador, o que deo esperança a Pero de Covilhã poder ser bem despachado. Porém como este Alexandre depois de sua chegada a pou-

poucos dias faleceo, e em ſeu lugar reinou Naut ſeu irmão, que fez mui pouca conta delle, e ſobre iſſo ainda lhe não quiz dar licença que ſahiſſe do ſeu Reyno, por terem coſtume, que ſe lá acolhem hum homem deſtas partes não o leixão mais tornar, perdeo Pero de Covilhã toda a eſperança de mais tornar a eſte Reyno. Depois paſſados muitos annos, em o de quinhentos e quinze, reinando David filho deſte Naut, requerendo-lhe por eſte Pero de Covilhã D. Rodrigo de Lima, que lá eſtava por Embaixador delRey D. Manuel, ainda lhe negou a vinda, dizendo, que ſeus anteceſſores lhe deram terras, e heranças, que as comeſſe, e lograſſe com ſua mulher, e filhos que tinha. E per via deſta embaixada, que levou D. Rodrigo, (da qual em ſeu lugar faremos relação,) viemos a ſaber todo o diſcurſo deſta viagem de Pero de Covilhã. Porque entre os Portuguezes que foram com elle, era hum Franciſco Alvres Clerigo de Miſſa, a quem elle Pero de Covilhã deo conta de ſua vida, e ſe confeſſou a elle; do qual Franciſco Alvres, e aſſi de hum tratado, que elle fez da viagem deſta embaixada, que levou D. Rodrigo, ſoubemos eſtas, e outras couſas daquellas partes. E logo no anno ſeguinte, havendo pouco mais de nove mezes que Pero de Covilhã era parti-

ti-

tido, por ElRey ter em todalas partes de Levante intelligencias pera este negocio, enviáram-lhe de Roma hum Sacerdote da terra do Preste, o qual havia nome Lucas Marcos, homem de que ElRey ficou mui satisfeito na prática que teve com elle por dar boa razão das cousas. E ordenou logo que da sua parte fosse ao Preste com cartas, cá por elle ser natural da terra, e conversado naquellas partes com os barbaros, podia fazer este caminho mais certo do que o faria hum seu mensajeiro, que o anno passado enviára a elle. Ordenou mais ElRey com o mesmo Marcos que trasladasse huma carta per tres, ou quatro vias, a qual mostrava ser delle Marcos enviada ao Preste, dando-lhe conta como era vindo a este Reyno á instancia delRey, e o desejo que tinha de sua amizade, e modo de sua navegação per toda a costa de Africa, e Ethiopia. E os Reys, e póvos que tinha descuberto, e os sinaes das cousas que naquellas partes havia, e costumes que as gentes entre si tinham, e muitos vocabulos que usavam nas cousas geraes em sua linguagem, assi como Deos, Ceo, Sol, Lua, Fogo, Ar, Agua, Terra; porque per noticia dos taes vocabulos veria em conhecimento se estava perto da gente que os usava, a qual toda habitava na fralda da terra, que cérca o mar

O cea-

Oceano, per o qual navegavam os navios delRey. Na qual carta tambem particularizava todalas informações, que ElRey tinha da grandeza das terras de ſeu imperio; e pera que o Preſte lhe déſſe credito, ſe ante elle foſſe a carta, nomeava-ſe Marcos por ſeu nome, e cujo filho era, e de que comarca, povoação, e freguezia. Feitas eſtas cartas, mandou ElRey a Levante, que as entregaſſem aos Religioſos da ſua nação Abexij, as quaes peró que não foſſem per peſſoas mui certas, alguma podia ir ter á mão do Preſte, com que acreditaſſe a Pero de Covilhã, ſe lá foſſe ter, quando d'outra couſa não ſerviſſem. E per elle Lucas Marcos tambem eſcreveo ElRey ao Preſte per o eſtylo das couſas que hiam nas cartas de Marcos, dando-lhe conta como mandára a Roma buſcar eſte ſeu natural, a fim de lhe poder eſcrever per elle Lucas, ao qual podia dar fé como a vaſſallo. Pedindo-lhe que houveſſe por bem enviar-lhe hum menſajeiro pera em ſua companhia lhe poder enviar outro; porque alguns, que lá eram, e aſſi cartas derramadas per mãos de homens ſeus naturaes, não ſabia ſe poderiam paſſar per as terras dos infieis, que ſe mettiam entre elle, e a Chriſtandade da Europa. E como elle por cauſa da vizinhança que tinha com o Soldão do Cairo ſeguramente lhe mandava

va

va ſeus Embaixadores, e dahi vinham a Jeruſalem, e a Roma, ſegundo eſte ſeu vaſſallo Lucas contava, podia ſer eſte hum caminho pera per cartas, e embaixadas ſe conhecerem, e depois Noſſo Senhor moſtraria outro, com que ſem impedimento dos Mouros imigos do nome Chriſtão ſe podiam preſtar com obras de irmãos, pois que o eram em Fé.

CAPITULO VI.

Como hum Principe das partes de Guiné chamado Bemoij veio a eſte Reyno, por cauſa de huma guerra que teve, em que perdeo ſeu eſtado: e como ElRey por o grande conhecimento que tinha delle, o recebeo, fazendo-lhe muita honra.

SObre a vinda deſte Lucas Marcos, ſendo já a eſte tempo deſpachado delRey, e mui ſatisfeito das mercês que lhe fez, ſuccedeo outra de outro Ethiopia de não menos contentamento delRey; porque eſtando em Setubal lhe veio nova como a Lisboa era chegado hum navio do Caſtello de Arguim, em o qual vinha hum Principe da terra de Jalof chamado Bemoij, acompanhado de parentes, e homens nobres daquella Provincia. ElRey como per as razões que abaixo diremos tinha muito conhecimento del-

delle, mandou a Lisboa a que o agazalhaſſem bem, e dahi o paſſaſſem honradamente ao Caſtello da Villa de Palmela, em o qual eſteve alguns dias, em quanto elle, e os ſeus foſſem veſtidos, e encavalgados pera poderem ir antelle; ſendo ſempre ſervido em todalas couſas, não como Principe barbaro, e fóra da lei, mas como podia ſer hum dos Senhores da Europa coſtumado ás policias, e ſerviços della. E outro tanto lhe foi feito em o dia da ſua entrada na Corte, vindo por elle D. Franciſco Coutinho Conde de Marialva, acompanhado de muita Fidalguia. Pera o qual dia ElRey, e a Rainha ſe apercebêram com apparato de caſas armadas cada hum em a ſua: ElRey na ſala em eſtrado alto com hum docel de brocado rico, acompanhado do Duque de Béja D. Manuel, irmão da Rainha, e aſſi de Condes, Biſpos, e outras peſſoas notaveis; e com a Rainha eſtava o Principe Dom Afonſo ſeu Filho, e muitos dos Nobres da Corte, com todalas Damas veſtidas de feſta. E porque na falla, que Bemoij fez neſta primeira chegada, e viſta delRey, ſegundo anda eſcrita per Ruy de Pina, Chroniſta mór que foi deſte Reyno, aſſi na Chronica, que deſte Rey compoz, a relação da fortuna deſte Principe Bemoij eſtá tão curta, quanto he copioſa em os louvores del-

Rey,

Rey, e admirações, que elle Bemoij fazia de ver ſeu eſtado, leixaremos a eloquencia della neſta parte, e tomaremos o noſſo intento, que he contar os fundamentos do ſeu deſterro, e o que ſuccedeo deſta ſua vinda, por iſto ſer proprio da hiſtoria. No princípio, quando o commercio de Guiné começou correr entre os noſſos, e os póvos da região de Jalof, a qual jaz entre eſtes dous notaveis rios Çanagá, e Gambea, havia hum Rey mui poderoſo naquellas partes chamado Bór Byrão, o qual poſto que foſſe do ſangue gentio dos Principes de Guiné, era já feito Mouro pela communicação que tinha com os Mouros chamados Azenegues. E entre os filhos, que leixou per ſua morte de mulheres differentes, (ſegundo ſeu uſo,) foram Cybitah, e Cambá, que eram de huma mulher, e Byrão de outra, que já fora caſada com outro marido, do qual marido ella tinha havido eſte Bemoij de que fallamos. E porque naquella terra as mais vezes, morto ElRey, o povo toma hum dos filhos que o governe, qual lhe mais apraz, elegêram por ſeu Rey a Byrão; o qual mettido em poſſe de governo da terra, fez mui pouca conta deſtes dous irmãos Cybitah, e Cambá, por ſerem ſeus competidores no Reyno por parte do pai, e muita eſtima de Bemoij ſeu irmão

da

da parte da mãi, com quem não tinha competencia desta herança; ao qual em odio dos outros não sómente deo o regimento de todo seu estado per officio, segundo seu costume, mas ainda se descuidou tanto do governo, e occupou em cousas de seu prazer, que o povo não conhecia, nem obedecia já senão á pessoa de Bemoij. E como elle era homem prudente, vendo que com os nossos navios, que andavam no resgate daquella costa, a terra engrossava com cavallos, e outras mercadorias, de que ella carecia, as quaes cousas se lhe viessem á mão o podiam fazer mais poderoso, leixou as terras do sertão, e veio buscar os portos do mar, onde nossos navios hiam fazer resgate. Na maneira de contratar com os quaes usava desta prudencia, mandar pagar qualquer cavallo que morria em o navio, e bastava por testemunho mostrarem-lhe o cabo delle; porque dizia que quando o tal cavallo se embarcára, já fora em seu nome, e que não era razão que os homens perdessem o seu, pois hiam tão longe a lhe levar o que elle havia mister. E não sómente tinha este modo de contentar as partes, mas ainda em as cousas do serviço delRey Dom João, em cujo tempo elle concorreo, como homem que esperava de se aproveitar de sua amizade, tanto que os seus navios

vi-

vinham ao porto, logo eram com diligencia despachados; e sobre isso mandava-lhe alguns presentes das cousas da terra. Com que ElRey, além do desejo geral que tinha de trazer á Fé todos aquelles Principes de Guiné, a este mais particularmente tinha affeição, por lhe tambem dizerem ter pessoa, engenho, e hum claro juizo pera receber a doctrina Evangelica. E a esta causa sempre encommendava aos Capitães, que hiam ao resgate daquelles seus portos, que tivessem prática com elle sobre as cousas da Fé; e per algumas vezes lhe mandou mensajeiros com este requerimento, levando-lhe dadivas, e presentes, e muitas offertas da crescentamento de seu estado por o mais animar. Mas elle, ou porque no tal tempo não merecia a Deos tamanha mercê, ou porque lhe estava promettida per outros meios de mais sua honra, com que a sua memoria andasse em as Chronicas dos Reys deste Reyno, por então não acceptou o Baptismo, dando sempre de si muita esperança no contentamento que tinha em folgar de ouvir a quem lhe fallava nestas cousas da Fé. E esta prosperidade sua causou a morte a seu irmão, que lhe deo o governo do Reyno, e a elle ser desterrado; porque os dous irmãos Lybitab, e Cámba á traição matáram a ElRey Bór Birão, intitulando-se

por

por Rey Cybitah, que era mais velho, o qual cruamente começou fazer guerra a Bemoij. E como a guerra necessita os homens, principalmente se he comprida, polo trabalho que Bemoij nesta teve, perdendo algumas batalhas, começou descahir do poder que tinha; mas confiado nos serviços que fazia a ElRey D. João, em hum navio do resgate mandou a elle hum seu sobrinho, pedindo-lhe ajuda de cavallos, armas, e gente. Ao qual requerimento ElRey respondeo, que se elle algum adjutorio delle queria, recebesse o Baptismo, e então que o ajudaria como irmão per lei, e Fé, e como amigo por as obras que delle tinha recebido; porém polo consolar em sua necessidade, e animar a se converter, mandou-lhe sinco cavallos ajaezados pera sua pessoa, e o Duque de Béja D. Manuel lhe mandou hum, e arreios pera outros. As quaes cousas levou Gonçalo Coelho, que depois foi Escrivão da Fazenda dos Contos da Cidade de Lisboa, de quem nós soubemos a maior parte destas cousas; e em sua companhia foi o mensajeiro, que veio de Bemoij, e assi alguns Clerigos pera praticarem com elle em as cousas da Fé. Com a qual ida de Gonçalo Coelho, alguma gente da que hia em os navios do resgate, tomou ousadia de entrar pela terra firme em sua companhia

pe-

pera poderem melhor vender ſuas mercadorias, porque já por razão da guerra não corria reſgate coſtumado aos portos de mar. E foi eſte negocio de os noſſos irem, e virem ao arraial de Bemoij em tanto creſcimento, e elle por cauſa da guerra, pera a qual os havia miſter, tomava tantos cavallos ſem os poder pagar, que andava lá muita gente, huns por arrecadar o que lhe deviam, e outros por desbaratar o que não podiam vender em os portos de mar. Bemoij, como era homem ſagaz, vendo que em a detença do deſpacho, aſſi Gonçalo Coelho, como as partes, que alli andavam, o favoreciam em os ſeus negocios da guerra, trouxe-o lá em eſperança de ſua conversão perto de hum anno. Gonçalo Coelho ſentindo eſta ſua tenção, e mais vendo como ſe os homens perdiam em as mercadorias fiadas a Bemoij, eſcreveo a ElRey o pouco fruto que fazia, e o damno que cauſava a ſua eſtada lá. ElRey viſta a carta de Gonçalo Coelho, mandou que logo ſe vieſſe, eſpedindo-ſe de Bemoij ſem eſcandalo; e que notificaſſe as partes que lá andavam, que ſe vieſſem em ſua companhia, ſob graves penas não o querendo fazer. Bemoij quando lhe Gonçalo Coelho diſſe de ſua vinda, ficou mui triſte, porque via chegar-ſe ſua perdição, por o grande favor que com elle

le recebia pera as cousas da guerra, e tambem porque lhe convinha, por não perder o credito, pagar o que devia ás partes. Porém vendo elle que não podia deter Gonçalo Coelho, com ajuda dos seus pagou o que devia, e mandou o mesmo sobrinho, que do Reyno viera com Gonçalo Coelho, que tornasse em sua companhia, enviando per elle a ElRey cem peças d'escravos bem dispostos dos que havia na guerra, e assi huma grossa manilha d'ouro, como carta de crença, segundo seu costume. E entre algumas causas, per que se mandou desculpar a ElRey de não acceptar o Baptismo, foi, que o povo que o seguia andava alevantado com a guerra, e que mudar elle lei, e modo de vida era necessario obrigar a todos que fizessem outro tanto. E como he cousa dura em breve tempo a gente barbara leixar os ritos, e usos, em que se creáram, sería causa que per este modo primeiro leixariam a elle que a elles, donde se perderia azo de em outro tempo per elle todos poderem receber Baptismo, o qual tempo elle esperava em Deos que o daria com assocego daquelles trabalhos, em que andava com seus imigos. Finalmente parece que assi o queria Deos, que per esta fortuna, e trabalho viesse este Principe Bemoij ao Baptismo, porque assi ficou desbaratado,

e de-

e desemparado dos seus em huma batalha que lhe deram: que tomou por emparo de sua vida vir ao longo do mar per espaço de mais de setenta leguas buscar a nossa fortaleza de Arguim, onde embarcou com aquelles poucos que o seguíram, posto na esperança da grandeza, e liberalidade delRey, de quem tanta offerta em palavras, e tanta honra, e mercê em obras tinha recebido. A qual confiança o não enganou; porque lembrando a ElRey quanta verdade sempre achou em Bemoij em tempo de sua prosperidade, e tambem com desejo de o trazer per taes beneficios ao Baptismo, caussou recebello com tanta honra, e apparato; porque tambem grande consolação he aos tristes a facilidade, com que os recebem na primeira entrada de seu requerimento. E sendo elle já dentro na sala, onde ElRey o estava esperando, como dissemos, sahio dous, ou tres passos do estrado com o barrete hum pouco fóra. Bemoij, segundo seu costume, tanto que se vio ante ElRey com todolos seus, se debruçou aos seus pés, mostrando que tomava a terra debaixo delles, e a lançava sobre sua cabeça em sinal de humildade, e obediencia, o qual ElRey fez alevantar; e tornando-se ao estrado, encostou-se em pé a huma cadeira, mandando ao interprete que lhe dissesse que fallas-

laſſe. Bemoij como era homem grande de corpo, bem diſpoſto, e de bom aſpecto, e eſtava em idade de quarenta annos, com huma barba creſcida, e bem poſta, repreſentava não homem de ſuas cores, mas hum Principe, a quem ſe devia todo acatamento; com a qual mageſtade de peſſoa começou, e acabou ſua oração com tantos affectos de provocar a ſe condoerem do caſo miſeravel de ſeu deſterro, que ſómente vendo eſtas noticias naturaes, ellas per ſi moſtravam o que o interprete depois dizia. E acabando de relatar ſeu caſo, como podia fazer hum natural Orador, pondo todo o remedio delle na grandeza delRey, em que ſe deteve hum bom pedaço, reſpondeo-lhe em poucas palavras tanto a ſeu contentamento, que logo eſte prazer deo a elle Bemoij outro roſtro, outro animo, outro ar, e graça; e eſpedindo-ſe delRey, foi beijar a mão á Rainha, e ao Principe, a quem diſſe poucas palavras, no fim das quaes pedio que foſſem ſeus interceſſores ante El-Rey, e dahi foi levado a ſeu apouſentamento per toda aquella Fidalguia que o acompanhava.

CAPITULO VII.

Como o Principe Bemoij recebeo agua de Baptiſmo, e houve nome D. João Bemoij: e das feſtas, que ElRey por ſua cauſa mandou fazer: e aſſi foram feitos Chriſtãos todolos outros que vieram em ſua companhia.

PAſſado eſte dia da chegada de Bemoij, depois per muitas vezes eſteve ElRey com elle em prática particular, da qual ficou tão contente como da peſſoa; porque aſſi no que dizia, e perguntava, como no que reſpondia ao que era perguntado, moſtrava ſer dotado de mui claro entendimento. Entre as quaes couſas, as de que ElRey muito lançou mão, foram as que contava d'alguns Reys, e Principes daquellas partes, principalmente de hum, que elle chamava Rey dos póvos Moſes, cujo eſtado começava além de Tungubutu, e ſe eſtendia contra o Oriente, o qual não era Mouro, nem Gentio, e que em muitas couſas ſe conformava em coſtumes com o povo Chriſtão: donde ElRey vinha a conjecturar, que o dizia por o Preſte João, que elle tanto deſejava deſcubrir, as quaes couſas muito aproveitáram pera o bom deſpacho de Bemoij polos fundamentos que ſobre ellas fazia. E

a pri-

a primeira, em que ElRey entendeo de ſeus negocios, foi entregallo a Theologos, que lhe praticaſſem as couſas da Fé pera eſtar mais diſpoſto pera receber o Baptiſmo; o qual Sacramento recebeo a tres de Novembro deſte anno de quatrocentos oitenta e nove huma noite em caſa da Rainha, ſendo ElRey, e Ella, o Principe, o Duque de Béja, hum Commiſſario do Papa, o Biſpo de Tanger, e o de Cepta, que fez o officio, padrinhos delle, e d'outros dous Fidalgos dos principaes de ſua companhia, e houve nome D. João por amor delRey. Ao outro dia ſobre eſta honra d'alma, que he eterna, houve outra temporal, fazendo-o ElRey Cavalleiro, e dando-lhe armas de nobreza: huma cruz d'ouro em campo vermelho, e as quinas de Portugal por orla: e elle em retorno deſta honra fez omenage a ElRey de todo o eſtado que ganhaſſe, e tiveſſe; e per o Commiſſario do Papa lhe mandou ſua obediencia em fórma, como qualquer Principe Chriſtão. Depois delle recebêram Baptiſmo vinte e quatro homens Fidalgos dos ſeus, pera o qual aucto ſe armou de tapeceria a caſa dos Contos da dita Villa; e em quanto duráram eſtas honras do Baptiſmo de D. João Bemoij, e dos ſeus, ſempre houve feſtas de canas, touros, mommos, e grandes ſerões polo contenta-

mento que ElRey tinha de ſua conversão. Elle D. João Bemoij, tambem a ſeu modo, quiz fazer as ſuas; porque como trazia alguns homens grandes cavalgadores, diante delRey corriam a carreira em pé, virando-ſe, e aſſentando-ſe, e tornando-ſe levantar, tudo em huma corrida: e com a mão no arção da ſella ſaltavam no chão, correndo a toda força do cavallo; e tornavam-ſe á ſella tão ſoltos, como o podiam fazer a pé quedo. E da meſma ſella a grão correr apanhavam quantas pedras lhes punham ao longo da carreira, e outras muitas deſenvolturas mui apraziveis de ver, em que moſtravam ſerem mais ſoltos a cavallo, e a pé, do que eram os Alarves de Africa, que ſe prezam muito deſtas ſolturas. Paſſados eſtes dias de feſta, começou ElRey entender em o deſpacho pera o tornar a reſtituir em ſeu eſtado, ſobre que houve alguns conſelhos, em que ſe aſſentou mandar ElRey com elle vinte caravelas armadas de gente, e munições, aſſi pera ſua reſtituição, como pera huma fortaleza, que ſe havia de fazer á borda do rio Çanagá. E porque a cauſa de ElRey mandar fazer eſta fortaleza não foi por ſer tão neceſſaria á reſtituição deſte Principe, quanto por outro fundamento que fez; depois que delle ſoube o eſtado da terra, e o curſo do rio, que

té

té aquelle tempo foi havido por hum braço do Nilo: primeiro que mais procedamos na armada, convem tratarmos delle, e assi desta Provincia de Jalof, porque se saiba com quanto fundamento de prudencia ElRey fez tão grande apparato, e despeza.

CAPITULO VIII.

Em que se descreve a terra, que jaz entre os dous rios Çanagá, e Gambea, e do curso delles: e como Pero Vaz Bisagudo, que levou o Principe D. João Bemoij, o matou mal, dizendo que armava traição, a qual morte ElRey muito sentio.

ESta terra, que per commum vocabulo dos naturaes he chamada Jalof, jaz entre estes dous notaveis rios Çanagá, e Gambea, os quaes pelo comprido curso que trazem, recebem diversos nomes, segundo os póvos que os vizinham. Porque onde o chamado Çanagá per nós, se mette no mar Oceano Occidental, os póvos Jalofos lhe chamam Denguch, e os Tucurões mais assima Maio, e os Caragoles Cólle; e quando corre per huma Comarca chamada Bagano, que he mais Oriental, chamam-lhe Zimbalá, donde ás vezes por causa delle á Comarca dam este mesmo nome, e no Reyno de Tungubutu lhe chamam Iça. E posto

to que corre per muita diſtancia de terras, vindo das fontes Orientaes dos lagos, a que Ptholomeu chama Chelonides, Nuba, e rio Gir, quaſi per direito curſo té ſe metter no Oceano, em altura de quinze gráos e meio, não lhe ſabemos o nome que lhe os outros póvos dam. Ácerca de nós geralmente he chamado Çanagá, do nome de hum Senhor da terra, com quem os noſſos no princípio do deſcubrimento delle tiveram commercio, cá lhe não ſabiam chamar ſenão o rio de Çanagá. E ſendo rio, que vem de tão longe, não traz tanto pezo d'agua, nem a maré ſóbe tanto per elle, como o rio Gambea de Cantor. Faz algumas Ilhas, as mais dellas povoadas de animaes, e immundicias por ſua aſpereza; e em certos lugares ſe não leixa navegar com penedias que o atraveſſava, principalmente obra de cento e ſincoenta leguas da barra, onde ſe elle chama Colle, porque alli faz quaſi outras catarractas, como as do Nilo. Ao qual lugar os moradores chamam Huaba, e per ellas corre tão tezo, e aſſi eſtá cortada a pique a penedia ſobre a terra, onde elle cahe com aquella furia, que podem paſſar per baixo a pé enxuto ao longo deſta agrura da penedia: iſto porém (ſegundo dizem os da terra) ſe póde fazer, quando venta de ſima, e de baixo não, porque então o vento reba-

bate as aguas contra a penedia de maneira, que impedem eſta paſſagem, e a eſte lugar chamam os negros Burto, que quer dizer arco, polo que faz o jorro d'agua no ar, em quanto não cahe no chão. Mettem-ſe neſte rio outros mui cabedaes em agua, que por virem per deſpovoado de gente, e multidão de animaes, entre os póvos, com que temos commercio, não tem nome, nem menos ácerca dos noſſos: peró que em as tavoas da noſſa Geografia ſituemos ſeu curſo em graduação. Entre alguns rios, que nelle entram, he hum, que vem da parte do Sul das terras, a que os Negros propriamente chamam Guiné, ou Gennij, (como abaixo veremos,) o qual por vir per lugares barrentos traz ſuas aguas hum pouco vermelhas, e elle Çanagá tem as ſuas dalli pera ſima brancas; e ao lugar, onde ſe ambos ajuntam, chamam-lhe os póvos Çaragolees Guſitembó, que quer dizer branco, e vermelho. Dizem elles que são ambos competidores, e contrarios; porque bebendo das aguas de hum, e logo do outro, fazem arravezar: o que cada hum per ſi ſó não faz, nem menos depois que ſe ajuntam, e correm. O outro rio Gambea do reſgate de Cantor não tem tanta variação em nome, porque quaſi todo elle té o reſgate do ouro, onde vam os noſſos navios, que ſerá

da

da barra, por razão das ſuas voltas, cento e oitenta leguas, e per linha direita oitenta, chamam-lhe os Negros da terra Gambu, e nós Gambea. A maior parte do qual corre tortuoſo em voltas miudas, principalmente do reſgate pera baixo, té ſe metter no mar em altura de treze grãos e meio ao Sueſte do Cabo, a que chamamos Verde. Traz maior pezo d'agua que Çanagá, e muito mais profunda, porque ſe mettem nelle alguns rios barbaros mui cabedaes, que tem ſeu naſcimento no ſertão da terra chamada Mandinga, e as principaes fontes ſuas são as do rio, a que Ptholomeu chama Niguer, e a lagoa Libya. Em vir tortuoſo quebram as aguas de maneira, que não vem com impeto contra os noſſos navios, quando ſobem per elle; e quaſi meio caminho, ante que cheguem ao reſgate, faz huma ilheta, a que os noſſos pelos muitos Elefantes que alli havia, lhe chamam dos Elefantes. Aſſima do reſgate do ouro tem huma pedra, que por totalmente impedir a paſſagem, eſte Rey D. João de que fallamos, mandou lá officiaes pera a quebrarem, o que ſe não fez por ſer couſa mui cuſtoſa, e de grande trabalho. Ambos eſtes rios Gambea, e Çanagá, geralmente criam grão variedade de peſcado, e animaes aquaticos, aſſi como cavallos, a que chamamos marinhos, e mui grandes lagar-

gar-

gartos, que em figura, e natureza são os crocodilos do Nilo celebrados per tantos Escritores; e tambem serpentes, que tem as pequenas, e não tão monstruosas como pintam, e fabulam as gentes. Animaes terrestes, que bebem as suas aguas, he cousa sem numero a multidão, e variedade dellas, porque assi andam os Elefantes em manadas, como cá vemos os gados. Gazellas, porcos, onças, e todo genero de veação sem nome entre nós aqui se mostrou a natureza fecunda, e prodiga em a multidão, e variação della. A terra, que jaz entre estes dous rios, faz hum notavel cabo, a que os nossos chamam Verde, e Ptholomeu Arsinario promontorio; e posto que elle o situe em largura de dez gráos, e dous terços, e per nós seja verificado em quatorze e hum terço, segundo a figura delle, e as Ilhas, que ao Occidente lhe estam oppositas, (a que nós por razão delle per nome geral chamamos do Cabo Verde, e elle Hespiradas,) não póde ser outro. E tambem por ficar entre dous notaveis rios, a que elle chama Darago, que he Çanagá, e Stachires Gambea, os quaes na entrada do mar quasi imitam a verdade que nós ora temos: peró no curso de cada hum desfaleceo, pois lhe dá o nascimento mui curto, e elles vem das fontes que assima dissemos, aos quaes Ptholomeu

não

não dá ſahida, como moſtra a ſua taboa. Geralmente a terra, que jaz entre elles, eſtendendo-ſe contra o Oriente até cento e ſetenta leguas, ſe chama Jalof, e os ſeus póvos Jalofos, poſto que em ſi comprehendem muito mais gerações das que Ptholomeu terminou dentro nas correntes de Darado, e Stachio. A terra em ſi he groſſa, e mui fertil na creação de todalas couſas, e aſſi forte, principalmente a que leixam regada eſtes dous rios no tempo de ſuas cheias, que quando vem no verão, com a força do Sol faz greta, que podem nella enterrar hum cavallo. E pera dar os milhos de maçaroca, a que chamamos zaburro, que he o commum mantimento daquelles póvos, porque lhes poſſa naſcer, depois de limpo, o ciſco que leixou o enxurro, lançam a ſemente ſem mais lavras, e com huma tona de arêa per ſima o cobrem; porque ficando enterrada com terra, faz huma côdea per ſima tão dura, que a quentura do Sol aperta com a muita humidade debaixo, que não leixa ſahir a ſemente aſſima, o qual impedimento lhe não faz a arêa; e baſta pera a corrupção, e creação da ſemente o laſtro da terra, que tem debaixo mui humido das aguas paſſadas, e os grandes orvalhos da noite, que traſpaſſam a arêa. Trigo, e outras ſementes, que temos neſtas partes, não

uſam

usam dellas, nem parece que o clima as consentiria que viessem a madurecer, por serem terras mui humidas, principalmente as vizinhas a Gambea. Sómente em as terras, que habitam os póvos Çaragolees, em algumas vargias já vizinhas aos desertos, colhem algum trigo mais hortado á enxada que lavrado com arado, muito mais grosso, e formoso que o de Hespanha, (segundo elles dizem.) E este rio Çanagá per a divisão nossa he o que aparta a terra dos Mouros dos Negros, posto que ao longo de suas aguas todos são mesticos, em côr, vida, e costumes, per razão da cópula, que segundo costume dos Mouros toda mulher acceptão. Peró quanto á qualidade da terra, parece que a natureza lançou aquelle rio entre ambas, como marco, e divisão; porque a que jaz da parte do Norte, que propriamente os Mouros habitam, começando no mar Oceano Occidental em largura de cem leguas, e ás vezes mais, e menos, á maneira de huma faixa, de que o rio Çanagá he a ourella, se vai extendendo contra o Oriente té ir beber nas aguas do Nilo; e tomando alli alguma humidade da corrente dellas, torna com aquella seccura, e esterilidade, que leva té dar comsigo em as aguas salgadas do mar Roxo. O qual deserto não he assi tão esteril per todo, que alguma

par-

parte não ſeja povoado em empolas, que ſão os Abeſes de que eſcreve Eſtrabo, e o mais he paſtado de muitos Alarves, que per elle andam em cabildas; e por razão das qualidades que tem, lhe dam differentes nomes. Porque a terra, que he toda arêa miuda, ſem couſa verde, a eſta chamam elles Çahel; e á que he cuberta de alguma herva, ou mata, como de charneca pobre, que he a parte que elles paſtam, chamam Azagar; e á que he de pedregulho miudo em modo de groſſa arêa, Çahará; e a eſta cauſa os mais dos moradores deſta triſte terra ſe achegam a eſte rio Çanagá, e outros andam buſcando as empolas que diſſemos, que lhes ficam em lugar de pomares. Por razão do qual rio a terra mais povoada he a que jaz ao longo delle, onde ha algumas Cidades, a principal das quaes he Tungubutu, que eſtá tres leguas affaſtada delle da banda do Norte, onde por cauſa do ouro, que vem ter a ella da grande Provincia de Mandinga, concorrem muitos Mercadores do Cairo, de Tunes, de Ourão, Tremecem, Féz, Marrocos, e de outros Reynos, e Senhorios de Mouros. E aſſi concorriam á outra Cidade, que eſtá nas correntes deſte rio chamada Genná, a qual em outro tempo era mais célebre que Tungubutu; e ou que ella déſſe nome ao Reyno,

ou

ou que o Reyno o désse a ella, daqui se chama ácerca de nós toda aquella região de Çanagá por diante Guiné, posto que entre os Negros huns lhe chamam Genná, outros Jannij, e outros Gennij. E como está mais Occidental que Tungubutu, geralmente concorriam a ella os póvos, que lhe são mais vizinhos: assi com os Çaragolees, Fullos, Jalofos, Azaneges, Brabaxijs, Tigurarijs, Luddayas, da mão dos quaes per via do Castello de Arguim, e de toda aquella costa vinha o ouro a nossas mãos, e outros póvos do interior de Mandinga acudiam ao resgate de Cantor, a que vam os nossos navios per o rio Gambea. E não trazendo as arêas destes dous notaveis rios Çanagá, e Gambea tanto ouro, como as do nosso Téjo, e Mondego, está tão trocada a opinião dos homens, que menos estimam o que tem ácerca de si, que o que esperam per tantos perigos, e trabalhos, como passam em o ir buscar a estes dous rios barbaros. E porque destas, e d'outras cousas, de que copiosamente tratamos em a nossa Geografia, El-Rey D. João, de que fallamos, era já informado ante da vinda de Bemoij, e elle o confirmou mais nellas, pareceo-lhe cousa mui proveitosa a seu estado, e a bem de seus naturaes fazer fortaleza neste rio Çanagá, como porta, per que com ajuda destes póvos

Ja-

Jalofos, que elle esperava em Deos, que per meio deste Principe D. João Bemoij se converteriam á Fé, (como se converteo o Reyno de Congo,) podia entrar ao interior daquella grão terra té chegar ao Preste, de quem elle tanto fundamento fazia pera as cousas da India. Tambem como per o Castello de Arguim, resgate de Cantor, Serra Lioa, e fortaleza da Mina, grande parte da terra de Guiné era sangrada do ouro, que em si continha: com esta fortaleza do rio Çanagá ficava sangrada do outro ouro, que corria as duas feiras que dissemos, por ambas estarem situadas ao longo das aguas delle, com que não iria ter ás mãos dos Mouros, os quaes o vinham buscar per tantos desertos em cafila de camelos, que muitas vezes ficavam enterrados em os areaes da Libya, per que caminhavam. Assi que com estes fundamentos, e outros de muita prudencia, mandou ElRey fazer a Armada de vinte caravelas que dissemos, a capitanía da qual deo a Pero Vaz da Cunha, d'alcunha Bisagudo, em que foi muita, e luzida gente, assi d'armas, como officiaes pera a obra da fortaleza, e pera a conversão dos barbaros alguns Religiosos, o maioral dos quaes era Mestre Alvaro Frade da Ordem de S. Domingos, e seu Confessor, pessoa mui notavel em vida, e letras. Mas pare-

re-

rece que ainda aquelles póvos não tinham merecido a Deos o merito do Baptiſmo; porque entrando Pero Vaz em o rio Çanagá com aquelle grão poder, que eſpantou a todolos barbaros da terra, eſtando já na obra da fortaleza, (a qual ſegundo dizem foi elegida em máo lugar por razão das cheias do rio,) dentro em o ſeu navio matou Bemoij ás punhaladas, dizendo que lhe ordenava traição. Alguns affirmam que Pero Vaz neſte caſo foi enganado, e que mais condemnou á morte D. João Bemoij começar alguma gente adoecer, por ſer lugar doentio, que elle Pero Vaz mais temeo que a traição, como quem havia de ficar na fortaleza, depois que foſſe feita. Com morte do qual Principe Pero Vaz ſe tornou a eſte Reyno, do qual caſo ElRey ficou mui deſcontente, e per aquella vez ceſſáram os ſeus fundamentos da fortaleza, que mandava fazer naquelle rio Çanagá, de que hoje (ſegundo alguns dos noſſos dizem) ainda ſe moſtra parte das ſuas paredes.

CA-

CAPITULO IX.

Como ElRey mandou o Embaixador, e moços, que vieram de Congo em tres navios, de que era Capitão Gonçalo de Sousa Fidalgo de sua casa; em companhia do qual hiam Religiosos, e Sacerdotes pera a conversão da gente daquella parte, da obra que fizeram té a tornada dos navios.

NEste tempo passava de dous annos, que era feito Christão o Embaixador delRey de Congo, e os moços que com elle vieram; e porque já entendiam bem a lingua, de que elles principalmente haviam de servir na conversão delRey, e de todo o Reyno de Congo, e tambem em as cousas da Fé estavam doctrinados, segundo a capacidade de seu entendimento, mandou ElRey que pera esta passagem delles, e dos Religiosos, que haviam de ministrar as cousas desta conversão, se fizessem prestes tres navios já no fim do anno de quatrocentos e noventa. A capitanía mór da qual viagem deo a Gonçalo de Sousa Fidalgo da sua Casa, e dos outros dous navios eram Capitães Fernão do Avellar, e Afonso de Moura tambem Cavalleiro da sua Casa. Os quaes, porque ao tempo que partíram de Lisboa, faleciam nella de peste, que havia annos

que

que andava, não se puderam tanto resguardar, que não fossem iscados della, de maneira, que no Cabo Verde faleceo Gonçalo de Sousa, e D. João de Sousa Embaixador, e o Escrivão da Armada, e outras pessoas, que fez grande confusão em todos; temendo que poucos, e poucos fossem morrendo todos por esse mar, e tambem pola differença que entre elles houve, qual dos Capitães succederia naquelle cargo. E como os Pilotos eram Pero de Alenquer, e Pero Escovar, pessoas mui estimadas por razão de seu cargo, e cada hum favorecia seu Capitão, e com elles se hia toda a gente do mar, veio o caso a se poer em juizo diante de Fernão de Goes Capitão da Ilha Sant-Iago polo Duque D. Diogo. Finalmente per favor delle, e por tirar escandalo entre os outros, vieram a fazer Capitão mór a Ruy de Sousa sobrinho de Gonçalo de Sousa defunto, posto que fosse naquella Armada sem cargo algum, sómente em companhia de seu tio. Com a qual eleição todalas differenças se acabáram; e tornando a sua derrota caminho de Congo, a primeira terra que tomáram delle, foi de hum senhorio, a que chamavam Sono, de que era Senhor hum tio delRey. O qual como soube da chegada dos nossos, e do que traziam, movido do espirito de Deos, acompanhado

com grande numero de vaſſallos, eſtrondo de bozinas, atabaques, e outros tangeres a ſeu modo por feſta, veio receber Ruy de Souſa, moſtrando o contentamento de ſua vinda, e do que trazia a ElRey ſeu Sobrinho. E per meio de hum dos moços doctrinados, pedio logo que lhe mandaſſe dar o Baptiſmo; porque como era homem velho, e que na tardança de irem a ElRey tornarem a elle, podia correr riſco de morte, não queria perder aquella mercê de Deos, que tinha em caſa. Ruy de Souſa vendo a inſtancia do ſeu requerimento, deo logo ordem com que os Religioſos em meio de hum campo mandáram fazer huma grande caſa de rama, que os meſmos criados de Mani Sono cortáram, onde ſe armáram tres Altares com ricos ornamentos, que levavam pera eſte ſancto acto, ſendo a elle preſente todolos filhos que Mani Sono tinha, e os principaes da terra. Aos quaes ante que o baptizaſſem elle Mani Sono fez hum arrezoamento, não de homem barbaro, mas daquelle, a quem o eſpirito de Deos movia os beiços, repreſentando o error em que té li eſtiveram, e a mercê, e piedade, que Deos com elle obrava em lhe mandar a ſua caſa doctrina de ſalvação; e que ſe elle tomava a ſalva della a ElRey ſeu ſobrinho, era por ſer tão velho, com
que

que ficava deſculpado ante elle; e que tambem em ſua companhia havia de receber Baptiſmo aquelle filho, que tinha pela mão, por ter tão pouca idade, que per ſi o não podia pedir. Ouvindo iſto ſeu filho maior, que tambem na vontade eſtava diſpoſto pera receber o Baptiſmo, começou de ſe queixar com ſeu pai, dizendo, que não lhe negaſſe aquella mercê de o acompanhar naquella honra que recebia de Deos, pois da herança que tinha na terra o leixava por ſeu herdeiro, e não quizeſſe antepoer a elle aquelle menino em outros maiores bens. Finalmente paſſadas muitas razões entre o filho, e o pai, elle o ſatisfez, dizendo, que aſſi convinha por então, pola obediencia que deviam a ElRey ſeu Sobrinho, a cuja inſtancia, e requerimento ElRey de Portugal mandava aquellas couſas que viam. Acabando ſuas razões, que em ſeu modo eram de homem alumiado, ſe entregou em mãos dos Sacerdotes que o baptizáram, e houve nome Manuel, por lhe dizerem que aſſi ſe chamava o maior Senhor do Reyno, que era Irmão da Rainha, e Primo com irmão delRey, e o filho houve nome Antonio. Os quaes depois pola nobreza do ſeu ſangue tiveram o Dom, que reſponde em ſignificado a eſte vocabulo, que anda entre elles, Mani, que quer dizer Senhor; e junto a

P ii So-

Sono , nome daquella Comarca de terra, quando dizem Mani Sono , ſe entende o Senhor de Sono, porque todalas nações tem ſeus termos de nobreza , e honra , cauſa dos maiores trabalhos da vida. O qual Baptiſmo foi o primeiro, que naquellas partes da idolatria ſe fez, dia de Paſcoa a tres do mez de Abril do anno de quatrocentos noventa e hum, ſendo a elle preſentes paſſante de vinte e ſinco mil homens vaſſallos deſte Principe de Sono D. Manuel , que com elle eſtavam offerecidos a receber o Baptiſmo , ſe o elle não impedíra por as cauſas que deo a ſeu filho. E como a nova deſte Baptiſmo chegou a ElRey de Congo, que eſtava dalli ſincoenta leguas , foi tão grande o contentamento que teve deſta obra, que pera exemplo de todos , logo com as graças que mandou a ſeu Tio, tambem ſegundo ſeu uſo lhe mandou huma doação de mais trinta leguas de coſta, e dez pelo ſertão em accreſcentamento de ſeu eſtado. Com o qual ſinal de contentamento, que ElRey moſtrou polo que elle fez , ſe atreveo ao que lhe aconſelhavam os Religioſos, que era queimar quantos idolos havia em ſua terra, com acto ſolemne. E os dias que os noſſos alli eſtiveram, em quanto não vinha recado delRey pera partirem, ouvia D. Manuel Miſſa , e Officio, que os Sacerdotes di-

diziam naquella Igreja de rama, moſtrando elle em o modo de ſua adoração ſinaes da obra, que nelle tinha feito o Sacramento do Baptiſmo. Porque como homem que deſejava ſua ſalvação, ſempre perguntava das couſas de Deos; e como lhe poderia ſer accepto naquelles derradeiros dias de ſua vida em que eſtava, pois o principal de ſua idade gaſtára em ſerviço do demonio. E trazia tanto o tento na doctrina que lhe davam, e na veneração das couſas de Deos, que acertando huns ſeus criados fazer á porta da Igreja hum arroido, os mandava matar, por o pouco acatamento que lhe tiveram, ſe os Religioſos o não impedíram, por não dar cauſa a que a gente ſe eſcandalizaſſe, por eſtes culpados ſerem dos principaes da terra. Vindo o recado delRey pera irem a elle, leixou Ruy de Souſa a gente neceſſaria pera guarda dos navios, e com a outra ſe partio pera a Cidade, onde elle eſtava, indo em ſua companhia hum Capitão do Principe D. Manuel com duzentos homens de ſua guarda, e outros, que ſerviam de levar á cabeça toda a fardagem dos noſſos, entre os quaes havia competencia a quem levaria as couſas que ſerviam no Altar, a que elles chamavam Sanctas. Sendo Ruy de Souſa em meio caminho da Cidade de Ambaſſe Congo, onde eſtava El-

Rey,

Rey, veio ter com elle hum Capitão ſeu acompanhado de muita gente, e mais adiante outro; e no dia de ſua entrada, duas leguas da Cidade, vieram outros tres já em mais ordenança. Cá eſtes vinham em tres batalhas armados a ſeu modo, com grande eſtrondo de atabaques, bozinas, e outros barbaros inſtrumentos, aſſi ordenados em fieiras, e em modo de cantar, que pareciam virem na ordem das prociſsões da invocação, e preças dos Sanctos, cantando tres, ou quatro hum verſo, e o corpo de toda a outra gente lhes reſpondia, aſſi entoadamente, que ſe deleitavam os noſſos em os ouvir. E de quando em quando davam huma grita, que parecia romperem os ares: as palavras do qual canto eram louvores delRey de Portugal por as couſas que mandava ao ſeu Rey. Tornando eſtes Capitães na ordem que vinham, e em meio de ſi aos noſſos, foram levados ante ElRey, que os eſtava eſperando em hum grande terreiro dos ſeus Paços, tão cuberto de povo, que com grande trabalho a gente dos Capitães podia fazer lugar pera que os noſſos chegaſſem a ElRey. O qual em hum cadafalſo de madeira tão alto, que podia ſer viſto de todalas partes, eſtava aſſentado em huma cadeira de marfim com algumas peças de páo lavradas ao ſeu modo mui bem:

bem: os veſtidos do qual da cinta pera ſima eram os couros da ſua carne mui pretos, e luzidios, e per baixo ſe cubria com hum panno de damaſco, que lhe dera Diogo Cam; e no braço eſquerdo hum bracelete de latão, e neſte hombro hum rabo de cavallo guarnecido, couſa tida entre elles por inſignia real; e na cabeça hum barrete alto como mitra, feita de panno de palma muito fino, e delgado, com lavores altos, e baixos, a maneira que ácerca de nós he a tecedura de cetim avelutado. Ruy de Souſa chegado a elle fez-ſe a cortezia ao modo deſte noſſo Reyno, e ElRey tambem a ſua, ſegundo o ſeu, pondo a mão direita no chão, como que tomava pó delle, e correo eſta mão pelos peitos de Ruy de Souſa, e depois pelos ſeus, que era a maior cortezia que entre elles ſe podia fazer. Acabado eſte acto da chegada de Ruy de Souſa, com algumas palavras que diſſe a ElRey, como elle eſtava deſejoſo de ver as couſas ſanctas, que lhe traziam pera o acto do ſeu Baptiſmo, quiz logo que diante daquelle povo lhe foſſem moſtradas, pera que todos tomaſſem ſabor, e goſto na viſta dellas, e o ſeguiſſem em ſeu propoſito. A qual demonſtração ſe fez per mãos dos Religioſos, tirando peça a peça com grande reverencia, e acatamento. E porque quando vieram a

moſ-

mostrar huma Cruz, todolos nossos fizeram aquella adoração de latria, que se lhe deve por seu significado, que he Christo Jesus, estava ElRey com tão bom tento em quantas continencias via fazer aos nossos, e os seus no que elle fazia, que quasi juntamente Christãos, e Pagãos ao levantar della se puzeram em giolhos. Finalmente acabando de apresentar todas estas peças, sobre as quaes elle fez muitas perguntas, e assi sobre as que lhe ElRey mandava pera sua pessoa, recolheo-se da vista daquella multidão de povo pera os seus Paços, que eram de madeira lavrada no cabo daquelle grão terreiro, onde outra vez com sua mulher, filhos, e alguns Fidalgos mais acceptos, quiz muito de vagar ver estas peças. E já quando lhas mostráram esta segunda vez, assi lhe ficou na memoria o que os Religiosos diziam de cada huma, que elle mesmo declarou á Rainha muitas cousas da significação dellas, e ambos recebêram as que vinham pera suas pessoas. Na entrega das quaes, e declaração das outras da Igreja, porque elle perguntava mui particularmente, se passou todo o dia, e bom pedaço da noite, em que espedio os nossos, os quaes foram levados per hum seu Capitão ao lugar onde os tinham apousentados. Ruy de Sousa com os Sacerdotes, e Religiosos,

de

de que o maioral delles era Fr. João da Ordem de S. Domingos, (passados os primeiros dias de sua chegada,) ordenáram que se fizesse huma Igreja de pedra, e cal, segundo lhe per ElRey D. João era mandado, pera a qual obra traziam seus officiaes. E ainda que no sitio da Cidade não havia pedra, deo ElRey cuidado a hum seu Capitão, que com toda sua gente, donde quer que achasse, trouxesse a necessaria; e a outro deo da madeira, repartindo o trabalho per todos pera se fazer com mais brevidade. De maneira, que chegando os nossos á Cidade Ambasse Congo a vinte e nove dias de Abril, a tres de Maio foi posta a primeira pedra, e acabou-se o primeiro de Junho, cujo Orago he de Sancta Cruz, em memoria da festa da Invenção da Cruz, que a Igreja solemniza neste dia, em que esta se começou a fundar, a qual depois foi Sé Cathedral com Bispo da mesma gente. E porque quasi em chegando os nossos veio nova a ElRey, que os póvos Mundequetes, que habitam certas Ilhas, que estam em hum grande lago, donde sahe o rio Zaire, que corre per este Reyno de Congo, eram rebelados, e faziam muito damno em as terras a elles comarcans, a que cumpria acudir ElRey em pessoa, foi causa que se baptizasse ElRey, não com aquella solemnida-

da-

dade que elle tinha ordenado depois que a Igreja fosse feita. O qual Sacramento pera sua salvação recebeo no proprio dia, que se poz a primeira pedra della; e por ElRey D. João ser auctor desta obra, quiz elle que lhe fosse posto o seu nome Joanne, sendo com elle baptizados seis principaes Fidalgos dos que haviam de ir áquella guerra, e juntas mais de cem mil almas que eram vindos, assi por causa della, como da chegada dos nossos. Pera a qual guerra levou huma bandeira com huma Cruz, que lhe Ruy de Sousa entregou, em virtude do qual sinal lhe prometteo que havia de vencer seus imigos, a qual bandeira lhe mandava El-Rey, que era da Sancta Cruzada, que lhe concedêra o Papa Innocencio Octavo pera a guerra dos infieis. A Rainha vendo que ElRey se partia, e que Fr. João o principal dos Religiosos era falecido, e outros estavam doentes por logo os apalpar a terra, começou de se queixar a ElRey, pedindo-lhe que houvesse por bem ante de sua partida ella ser baptizada; porque esperar que viesse o Principe, que estava na frontaria dos imigos, como elle leixava ordenado, dizendo que a este tempo sería já a Igreja acabada, era este termo mui comprido, e temia falecerem os Ministros deste Sacramento, segundo já começavam. ElRey

ven-

vendo quanta razão ella tinha deste requerimento, houve por bem que fosse baptizada, e puzeram-lhe nome Lionor, como a Rainha de Portugal, mulher delRey Dom João, com que ambos marido, e mulher, ficando Christãos, ficáram com o mesmo nome que tinham estes dous Christianissimos Principes conjuntos per matrimonio, e sangue, como netos que eram delRey Dom Duarte, e autores desta Christandade. Partido ElRey pera aquella guerra, que o apressava, em a qual segundo diziam alguns dos nossos que lá foram, seríam juntos passante de oitenta mil homens, mais levemente houve victoria com a fé, e sinal que levava, do que foi o apercebimento de sua ida. E tornando á Cidade, espedio-se Ruy de Sousa pera este Reyno, leixando-lhe pera a conversão dos póvos Fr. Antonio, que era a segunda pessoa depois de Fr. João, e outros quatro Frades, e assi alguns homens leigos pera os acompanharem, e outros pera entrarem o sertão da terra com alguns naturaes, como ElRey D. João mandava pera descubrir o interior daquelle grão Reyno, e passarem além do grão lago que dissemos.

CAPITULO X.

Como entre ElRey D. João de Congo, e ſeu filho o Principe D. Afonſo houve algumas differenças, que ſe acabáram per falecimento do dito Rey: e ficou por herdeiro pacífico do Reyno eſte Principe Dom Afonſo, o qual té fim de ſeus dias fez obras de Chriſtianiſſimo Principe.

PArtido Ruy de Souſa pera eſte Reyno, e o Principe filho delRey D. João de Congo vindo da frontaria dos imigos onde eſtava, ſendo já a Igreja acabada, foi elle baptizado com muitos Fidalgos, aſſi dos que andavam com elle, como outros que a eſte acto eram vindos; e por amor do Principe D. Afonſo, filho delRey Dom João de Portugal, houve elle o meſmo nome. Mas como o demonio com eſtas obras de ſe baptizar cada dia muita gente, elle perdia grande juriſdicção, trabalhou por lhe ficar em penhor alguma peſſoa Real, per a qual pudeſſe cobrar o perdido, e foi hum filho delRey chamado Panſo Aquitimo, o qual não queria receber agua de Baptiſmo, affaſtando-ſe da converſação de ſeu pai, e recolhendo pera ſi alguns daquelles, que eram conformes a ſeu propoſito. Accreſcentou mais o demonio a eſta dureza do filho

hum

hum novo estimulo a ElRey, polo quererem obrigar os Religiosos que se apartasse das muitas mulheres que tinha, e ficasse com huma só, como mandava a Igreja, as quaes porque com este precepto dos Religiosos perdiam o estado de mulheres de Rey, tinham seus meios com outras mulheres dos privados delRey, que tambem polo que lhes tocava trabalhavam com seus maridos que aconselhassem a ElRey que tal não consentisse. ElRey como era homem velho, entregue a conselho dos seus, e muito mais inclinado á vida passada, começou de se esfriar daquelle primeiro fervor que mostrou, tornando a seus ritos, e costumes. O Principe D. Afonso, em quem as cousas da Fé estavam mais firmes, como não era contente desta mudança, e a todo seu poder defendia o que confessava, começáram aquelles a quem elle reprehendia de indignar ElRey contra elle, té que o lançáram de sua graça, e mettêram nella o filho pagão Panso Aquitimo, com fundamento que ficando este por Rey, viviriam em seus costumes passados. E como toda a gente desta Ethiopia he mui dada a feitiços, e nelles está toda sua crença, e fé, disseram a ElRey os ministros do demonio que teciam estas obras, que soubesse certo que seu filho Dom Afonso do Cabo do Reyno onde estava,

que

que eram oitenta leguas, todalas noites per artes, que lhe os Christãos ensináram vinha avoando, e entrava com suas mulheres, aquellas que lhe a elle tolhiam, com as quaes tinha ajuntamento, e logo á mesma noite se tornava. E que além desta injúria que lhe fazia, sabia tanto que seccava os rios, e tolhia as novidades não serem boas, tudo a fim d'elle não haver tanto tributo do Reyno como soia, pera não ter que dar áquelles, que o serviam fielmente, e elle se levantar com o Reyno. ElRey com estas, e outras fabulas indignado contra o filho, tirou-lhe as rendas que lhe dava pera se manter; e como disso fosse reprehendido per alguns Fidalgos amigos do Principe, dizendo serem aquellas cousas engano, por quanto seu filho de dia, e de noite era visto nas terras onde estava; por se mais certificar na verdade ácerca do filho, ordenou ElRey hum feitiço que se usava antre elles. Atado o qual feitiço em hum panno, o mandou per hum moço a huma das suas mulheres, em que elle tinha suspeita, chamada Cufua Coanfulo, dizendo da parte do Principe D. Afonso, que elle lhe mandava aquelle feitiço pera se livrar da morte que lhe ElRey ordenava, e assi a todalas outras suas mulheres. Mas ella como estava innocente da causa, porque lhe era aquelle presente man-

mandado, disse ao moço que puzesse o panno no chão, e foi-se a ElRey, notificando-lhe a offerta de seu filho, e outras palavras, com que ElRey vio sua innocencia, e assentou que quanto lhe diziam do filho era maldade. E dahi a poucos dias, não dando conta do caso a alguem, mandou vir o Principe, e o restituio em suas rendas com mais accrescentamento de terras: e sobre isso lhe fez huma fala pública, sendo presente os movedores desta suspeita, que elle tivera pera maior sua confusão, os quaes logo mandou matar. Peró não tardou muito, que o demonio buscou outro novo caminho; porque tornando-se o Principe a suas terras, como hia alumiado per Deos, e favorecido do pai, mandou lançar pregão, que qualquer pessoa a que fosse achado idolo em casa, que morresse por isso. O qual feito logo foi notificado a ElRey per os contrarios do Principe, aggravando tanto este caso, que lhe fizeram crer que andava o povo tão alvoroçado, que se a isso não acudisse, levantar-se-hia contra sua Real Pessoa. Chamado o Principe sobre este negocio á Corte, assentou elle ante perder a vida, que nesta parte obedecer a seu pai, e não leixou de proseguir na obra que era em louvor de Deos. E porque em sua companhia andava hum D. Gonçalo dos que

fo-

foram baptizados com elle, homem prudente, e Christão per fé, e zelo da honra de Deos, trabalhava ElRey por o haver á mão. Mas elle com sua prudencia, e o Principe com suas palavras, e Deos que os governava, assi ordenáram, e dilatáram sua ida, fingindo ora huma cousa, ora outra, tudo applicando ao serviço delRey, e occupações do governo da terra, e arrecadação de suas rendas que lhe mandavam, té que Deos quiz tirar esta perseguição ao Principe, dando tal enfermidade a seu pai de que faleceo. A qual morte tambem descançou os nossos, muitos dos quaes pola vida que ElRey tinha, e pouco fructo que com elle faziam, andavam lançados com o Principe, e per meio dos Religiosos tinha o Principe convertido, e baptizado grande parte do seu senhorio, a que chamam Isundi, que era a causa de maior indignação a ElRey, e áquelles, que eram tornados a seu primeiro viver. Da qual indignação o Principe era sabedor, e por isso em quanto o pai foi doente, posto que fosse chamado per alguns Fidalgos, que lhe davam conta como estava em termo de morte, e que seu irmão Panso se vinha chegando pera a Cidade com proposito de se apoderar della com a gente que trazia, nunca confiou nestes recados, parecendo-lhe ser esta doença fin-

fingida pera o acolherem. Porém como foi certificado da morte delRey, em tres dias chegou á Cidade, porque já se vinha cercando a ella, depois que começáram enviar nova desta sua doença. E ante que entrasse nella, foi avisado pela Rainha sua mãi, que esta entrada fosse de noite secretamente sem estrondo de gente, e que quanta viesse em sua companhia, fosse pouca a pouca com cestos na cabeça, em que trouxessem suas armas, dizendo que era mantimento que vinha pera ella. Feita a entrada delle per este modo, ao outro dia sahio o Principe ao grande terreiro dos paços, onde mandou ajuntar os Principaes da terra, que eram na Cidade, e lhes fez hum arrazoamento. No fim do qual, elles, segundo seu costume, primeiro que se dalli mudassem, o levantáram por Rey com grande festa de tangeres, e gritas, de maneira, que este rumor foi ouvido nos alojamentos fóra da Cidade, onde estava seu irmão esperando mais gente pera per força d'armas se fazer Rey. E quando foi certificado da causa daquelle estrondo, e a pouca gente que seu irmão comsigo tinha, sem mais aguardar pela gente que esperava, commetteo a entrada da Cidade. Eram a este tempo com ElRey D. Afonso trinta e sete Christãos sómente, e como homem industrioso naquel-

le miſter da guerra, e mais governado per Deos, mandou aos ſeus que não buliſſem comſigo, mas que eſperaſſem a entrada do irmão naquelle grande curral, porque elle eſperava em a piedade de Deos, em que elle cria, que lhe daria victoria de ſeus imigos. A qual eſperança lhe não faleceo, porque vinda a batalha do irmão, que foi a primeira que entrou no curral, da qual choviam fréchas, foi couſa milagroſa, que com aquelles poucos que acompanhavam ElRey, chamando todos polo Apoſtolo Sant-Iago, e elle o nome de Jeſus por ajuda, nunca leixou de o invocar té que eſta batalha do irmão lhe virou as coſtas, a qual foi dar na ſegunda, e huma desbaratou a outra. E por Deos dar inteira victoria a eſte Catholico Rey, neſta fugida que o irmão levava por hum mato, foi cahir em hum cepo, que eſtava armado pera alguma fera, onde foi tomado per aquelles que o ſeguiam, e com elle hum ſeu principal Capitão. O qual Capitão deſconfiado de ſua vida, ante de chegar a ElRey, lhe mandou pedir que polo Deos em que elle cria, lhe aprouveſſe que foſſe baptizado ante de ſua morte, cá não queria perder alma, pois já tinha perdido o corpo, porque elle cria ſer aquelle o verdadeiro Deos, que os homens devem adorar; por quanto ao tempo de ſua peleja elle

ſe víra muita gente a cavallo armada, que ſeguia hum ſinal tal, como aquelle que adoravam os Chriſtãos, cauſa de todo ſeu eſtrago, por eſta ſer a gente que pelejava. ElRey ſabendo a penitencia deſte, e como pedia o Baptiſmo, não ſómente lho mandou dar, mas ainda lhe perdoou; e por memoria deſte feito, elle, e todolos de ſua linhagem ficáram obrigados de varrer, e alimpar a Igreja, e trazer agua pera ſe baptizarem todolos Pagãos. O qual penitenciado foi entregue áquelle honrado, e catholico barão D. Gonçalo, que muito ajudou a eſte Rey nas couſas da Fé; e porque ao tempo que ſe baptizou eſte Capitão, tomou o nome delle D. Gonçalo, elle o fez Capitão d'alguma parte das ſuas terras em o recolhimento de ſuas rendas. Panſo Aquitimo irmão delRey aſſi das feridas do cepo em que cahio, como de nojo do ſeu caſo, faleceo em ſua indignação. ElRey, aſſentadas ſuas couſas, ficou pacífico em ſeu Reyno, poſto que teve muito trabalho com alguns Principaes delle, que per muitas partes ſe rebelavam por razão da idolatria; mas Deos lhe deo ſempre victorias delles. Ao qual Noſſo Senhor deo tanta vida naquelle eſtado Real, que regnou ſincoenta e tantos annos, e faleceo em idade de oitenta e ſinco; e em todo o tempo, depois que recebeo

a Fé, té o ultimo dia de ſua vida, moſtrou não ſómente virtudes de Chriſtianiſſimo Principe, mas ainda exercitou officio d'Apoſtolo, prégando, e convertendo per ſi grande parte do ſeu povo, zelando tanto a honra de Deos, que neſte exercicio empregou o mais de ſua vida. E pera melhor exercitar eſte officio de prégador, apprehendeo a ler a noſſa linguagem, e eſtudava per a vida de Chriſto, e ſeus Evangelhos, vidas dos Sanctos, e outras doctrinas Catholicas, que elle com alguma enſinança dos noſſos Sacerdotes podia apprehender, declarando tudo áquelle ſeu barbaro povo. Mandou tambem a eſte Reyno de Portugal filhos, netos, ſobrinhos, e alguns moços nobres apprehender letras, não ſómente as noſſas, mas as Latinas, e Sagradas, de maneira, que de ſua linhagem houve já naquelle ſeu Reyno dous Biſpos, que exercitando ſeu officio, ſervíram a Deos, e deram contentamento aos Reys deſte Reyno de Portugal, a cujas deſpezas todas eſtas obras eram feitas. E por memoria deſta miraculoſa victoria, que Noſſo Senhor concedeo a eſte Rey D. Afonſo, em o qual os ſeus imigos víram o ſinal da Cruz, e a cavalleria celeſte dos Anjos em companhia do Apoſtolo Sant-Iago; e aſſi porque em dia da Invenção da Cruz ſeu Padre recebeo agua de

de Baptiſmo ; e tambem porque mediante eſte ſinal, que lhe ElRey D. João mandou, (como atrás fica,) elle houve grandes victorias dos póvos Mundequetes, tomou por armas huma Cruz branca de prata florída em campo vermelho, e o chefe do eſcudo azul, e em cada canto do chefe duas vieiras d'ouro, por memoria do Apoſtolo Sant-Iago, e o pé de prata, com mais hum eſcudo dos ſinco de Portugal, que he azul, com ſinco viſantes de prata em aſpa, *& cetera.*

CAPITULO XI.

Como a eſte Reyno veio ter hum Chriſtovão Colom, o qual vinha de deſcubrir as Ilhas Occidentaes, a que agora chamamos Antilhas, por ſer lá ido per mandado del-Rey D. Fernando de Caſtella: e do que El-Rey D. João ſobre iſſo fez, e depois per o tempo em diante ſuccedeo ſobre eſte caſo.

PRocedendo per eſta maneira as couſas deſte deſcubrimento, eſtando ElRey o anno de quatrocentos noventa e tres a ſeis de Março em Val do Paraiſo junto do Moſteiro de Noſſa Senhora das Virtudes, Termo de Santarem, por razão da peſte, que andava per aquella Comarca, foi-lhe dito que ao porto de Lisboa era chegado hum Chriſtovão Colom, o qual dizia, que vinha

nha da Ilha Cypango, e trazia muito ouro, e riquezas da terra. ElRey, porque conhecia este Colom, e sabia que per ElRey D. Fernando de Castella fora enviado a este descubrimento, mandou-lhe rogar que quizesse vir a elle pera saber o que achára naquella viagem; o que elle fez de boa vontade, não tanto por aprazer a ElRey, quanto por o magoar com sua vista. Porque primeiro que fosse a Castella, andou com elle mesmo Rey D. João, que o armasse pera este negocio, o que elle não quiz fazer por as razões que abaixo diremos. Chegado Colom ante ElRey, peró que o recebeo com gazalhado, ficou mui triste, quando vio a gente da terra, que com elle vinha, não ser negra, de cabello revolto, e do vulto como a de Guiné, mas conforme em aspecto, côr, e cabello, como lhe diziam ser a da India, sobre que elle tanto trabalhava. E porque Colom fallava maiores grandezas, e cousas da terra do que nella havia, e isto com huma soltura de palavras, accusando, e reprehendendo a ElRey em não acceptar sua offerta, indignou tanto esta maneira de fallar a alguns Fidalgos, que ajuntando este avorrecimento de sua soltura, com a mágoa que viam ter a ElRey de perder aquella empreza, offerecêram-se delles que o queriam matar, e

com

com isto se evitaria ir este homem a Castella. Cá verdadeiramente lhe parecia que a vinda delle havia de prejudicar a este Reyno, e causar algum desassocego a Sua Alteza, por razão da conquista que lhe era concedida pelos Summos Pontifices, da qual conquista parecia que este Colom trazia aquella gente. As quaes offertas ElRey não acceptou, ante as reprehendeo como Principe Catholico, posto que deste feito de si mesmo tivesse escandalo: e em lugar disso fez mercê a Colom, e mandou dar de vestir de grã aos homens, que trazia daquelle novo descubrimento, e com isto o espedio. E porque a vinda, e descubrimento deste Christovão Colom, (como então alguns prognosticáram,) causou logo entre estes dous Reys, e depois a seus successores algumas paixões, e contendas, com que de hum Reyno a outro houve embaixadas, assentos, e pactos, tudo sobre o negocio da India, que he a materia desta nossa escritura; não parecerá estranho della tractar do princípio deste descubrimento, e do que delle ao diante succedeo. Segundo todos affirmam, Christovão Colom era Genoez de nação, homem esperto, eloquente, e bom Latino, e mui glorioso em seus negocios. E como naquelle tempo huma das potencias de Italia, que mais navegava por razão de suas mercado-

rias,

rias, e commercios, era a nação Genoez: este, seguindo o uso de sua patria, e mais sua propria inclinação, andou navegando per o mar de levante tanto tempo, té que veio a estas partes de Hespanha, e deo-se á navegação do mar Oceano, seguindo a ordem de vida que ante tinha. E vendo elle que ElRey D. João ordinariamente mandava descubrir a costa de Africa com intenção de per ella ir ter á India, como era homem Latino, e curioso em as cousas da Geografia, e lia per Marco Paulo, que fallava moderadamente das cousas Orientaes do Reyno Cathayo, e assi da grande Ilha Cypango, veio a fanteziar que per este mar Oceano Occidental se podia navegar tanto, té que fossem dar nesta Ilha Cypango, e em outras terras incognitas. Porque como em o tempo do Infante D. Henrique se descubríram as Ilhas terceiras, e tanta parte de terra de Africa nunca sabida, nem cuidada dos Hespanhoes, assi poderia mais ao Ponente haver outras Ilhas, e terras, porque a natureza não havia de ser tão desordenada na composição do orbe universal, que quizesse dar-lhe mais parte do elemento da agua, que da terra descuberta, pera vida, e creação dos animaes. Com as quaes imaginações, que lhe deo a continuação de navegar, e prática dos homens desta

ta profissão, que havia neste Reyno mui espertos com os descubrimentos passados, veio requerer a ElRey D. João que lhe désse alguns navios pera ir descubrir a Ilha Cypango per este mar Occidental; não confiado tanto em o que tinha sabido, (ou por melhor dizer sonhado,) d'algumas Ilhas Occidentaes, como querem dizer alguns Escritores de Castella, quanto na experiencia que tinha em estes negocios serem mui acreditados os Estrangeiros. Assi como Antonio de Nolle seu natural, o qual tinha descuberto a Ilha de Sant-Iago, de que seus successores tinham parte da capitanía; e hum João Baptista Francez de nação, tinha a Ilha de Mayo, e Jos Dutra Framengo outra do Fayal. E per esta maneira, ainda que mais não achasse que alguma Ilha herma, segundo logo eram mandadas povoar, ella bastava pera satisfazer a despeza que com elle fizessem. Esta he mais certa causa de sua empreza, que algumas ficções, (que como dissemos,) dizem Escritores de Castella, e assi Jeronymo Cardano Medico Milanez, barão certo, docto, e ingenioso, mas em este negocio mal informado. Porque escreve em o livro, que compoz de Sapiencia, que a causa de Colom tomar esta empreza, foi d'aquelle dito de Aristoteles, que no mar Oceano, além de Africa, havia

ter-

terra, pera a qual navegavam os Cartaginenses; e por Decreto público foi defezo, que ninguem navegasse pera ella, porque com abastança, e mollicias della se não apartassem das cousas do exercicio de guerra. ElRey, porque via ser este Christovão Colom homem fallador, e glorioso em mostrar suas habilidades, e mais fantastico, e de imaginações com sua Ilha Cypango, que certo no que dizia, dava-lhe pouco credito. Com tudo á força de suas importunações, mandou que estivesse com D. Diogo Ortiz Bispo de Cepta, e com Mestre Rodrigo, e Mestre Josepe, a quem elle commettia estas cousas da Cosmografia, e seus descubrimentos; e todos houveram por vaidade as palavras de Christovão Colom, por tudo ser fundado em imaginações, e cousas da Ilha Cypango de Marco Paulo, e não em o que Jeronymo Cardano diz. E com este desengano espedido elle delRey, se foi pera Castella, onde tambem andou ladrando este requerimento em a Corte delRey D. Fernando, sem o querer ouvir, té que per meio do Arcebispo de Toledo D. Pero Gonçalves de Mendoça, ElRey o ouvio. Finalmente, recebida sua offerta, ElRey lhe mandou armar tres caravelas em Palos de Moguar, donde partio a tres dias de Agosto do anno de mil quatrocentos noventa e dous: e des-

deste dia a dous mezes e meio, que foram a onze de Octubro, víram a Ilha, a que os da terra chamam Guanahani, que he huma daquellas, a que ora os Castelhanos chamam as Ilhas Brancas dos Lucayos, e elle lhe poz nome as Princezas por serem as primeiras que se víram. E a esta Guanahani chamou S. Salvador, e dalli se passou á Ilha Cuba, e della á que os da terra chamam Hayte, e os Castelhanos Hespanhola. E porque elle perguntava aos moradores por Cypango, que era a Ilha do seu proposito, e elles entendiam por Cibão, que he hum lugar das minas da Ilha Hayte, o leváram a ella, onde foi mui bem recebido do Rey da terra, a que elles chamam Cacique. E porque acháram nelle, e na gente muita facilidade, leixou alli trinta e oito homens em hum acolhimento de madeira em modo de fortaleza; e trazendo comsigo dez, ou doze naturaes daquella terra, fezse na volta de Hespanha, e chegou a Lisboa a seis de Março do anno seguinte, como dissemos. ElRey D. João com a nova do sitio, e lugar, que lhe Colom disse da terra deste seu descubrimento, ficou mui confuso: e creio verdadeiramente que esta terra descuberta lhe pertencia, e assi lho davam a entender as pessoas de seu conselho. Principalmente áquelles, que eram officiaes des-

deste mister da Geografia, por a pouca distancia que havia das Ilhas terceiras, a estas, que descubríra Colom, sobre o qual negocio teve muitos conselhos, em que assentou de mandar logo a D. Francisco d'Almeida, filho do Conde de Abrantes D. Lopo, com huma Armada a esta parte. Da qual Armada sendo ElRey D. Fernando certificado per seus mensajeiros, e cartas, se mandou queixar a ElRey, requerendo-lhe que a não enviasse té se determinar se era da sua conquista, e que pera prática do caso podia mandar seus Embaixadores. ElRey como sua tenção nesta Armada que fazia era por lhe parecer que no descuberto tinha justiça, por comprazer a ElRey Dom Fernando, mandou cessar della té primeiro se determinar. E pera isso mandou a Castella logo no Junho seguinte deste mesmo anno ao Doctor Pero Dias, e Ruy de Pina Cavalleiro de sua casa, estando ElRey Dom Fernando em Barcelona, ao tempo que per ElRey Carlos de França se fez a segunda concordia, e entrega de Perpinhão, e Condado de Rusylhão. Com que ElRey Dom Fernando ficou tão prospero em seus negocios, que estas pessoas, que ElRey tinha mandado a elle, se vieram sem conclusão, sómente que elle lha enviaria per seus Embaixadores, os quaes estando ElRey em

Lis-

Lisboa vieram : a hum chamavam Pero Dayala, e a outro D. Garcia de Carvajal, irmão do Cardeal Sancta Cruz. E como a tenção delRey D. Fernando era dilatar este caso té lhe virem outros navios, que tinha enviado a estas Ilhas, que descubríra Colom, pera que segundo a qualidade da cousa assi fazer a estima della; começáram os Embaixadores tratar em outras materias com tanta variedade, por se deter, que entendendo ElRey D. João o caso, disse que aquella embaixada delRey seu Primo não tinha pés, nem cabeça. Alludindo isto a Pero Dayala, que era manco de hum pé, e a D. Garcia por ser homem hum pouco enlevado, e vão, e sem outra conclusão se tornáram pera Castella. Pera o qual caso se acabar de concluir, enviou ElRey a Castella Ruy de Sousa, e seu filho D. João de Sousa, e Aires d'Almada Corregedor da sua Corte, e a Estevão Vaz, que depois foi Feitor da Casa da India, por Secretario da Embaixada; e vistas as razões, e justiça d'ambos os Reys, foi assentado, e determinado este descubrimento não pertencer a este Reyno, mas ser proprio de Castella. E por evitar escandalos, e debates, que ao diante podiam recrescer do que cada hum descubrisse, ou seus successores, demarcáram, e partíram todo o universo em

duas

duas partes iguaes per dous meridianos, hum oppoſito ao outro, dentro dos quaes ficaſſe a demarcação de cada hum. O primeiro meridiano ſe lançou vinte e hum gráos ao Ponente das Ilhas do Cabo Verde, em que ſe embebeſſem trezentas ſeſſenta e tantas leguas pera Aloeſte; e deſte meridiano té o outro a elle oppoſito pera a parte do Ponente ao reſpecto daquelles que vivemos em Heſpanha, ficaſſe a terra, Ilhas, e mares, que ſe entre ambos contém da Coroa de Caſtella. E a outra parte, que eſtá ao Oriente della, tambem ao reſpecto da noſſa habitação, em que ſe inclue toda a India com o grande numero das Ilhas Orientaes, ficaſſe á Coroa de Portugal com todalas clauſulas, e condições, que ſe nos contractos contém. Os quaes foram jurados pelos ditos Reys, e os houveram por firmes, e válidos per ſi, e per ſeus ſucceſſores; e promettêram ſerem pera ſempre guardados ſem algum outro novo entendimento. Com o qual concerto eſte negocio ficou na vontade deſtes dous Principes por acabado, ſem de hum Reyno ao outro eſta materia ſer mais praticada té o anno de mil quinhentos vinte e ſinco, que entre El-Rey D. João o Terceiro Noſſo Senhor, e o Emperador Carlos Quinto Rey de Caſtella houve algumas differenças, por razão de

de huma Armada, que per via de Castella levou ás Ilhas de Maluco, que eram deste Reyno, hum Fernão de Magalhães natural Portuguez em odio delRey D. Manuel, por se ir aggravado delle a Castella, como veremos em seu lugar.

CAPITULO XII.

Do que succedeo por causa da grande Armada, que ElRey mandou em ajuda do Principe D. João Bemoij, assi nas lianças, e amizades, que ElRey teve com alguns Senhores do Sertão d'aquelle Guiné, como no descubrimento que teve delle per alguns homens, que lá mandou té o Nosso Senhor levar desta vida.

AInda que a morte do Principe D. João Bemoij, (como atrás contámos,) mudou todolos fundamentos, que ElRey fazia com sua ida, e fortaleza que mandava fazer, não leixou de mandar que se continuassem os resgates do rio Çanagá, e Gambea, como ordinariamente antes deste caso em cada hum anno se fazia. E per os navios que de lá vieram soube, que a Armada, que enviou a Çanagá, não foi tão sem fructo como elle cuidava; cá senão servio á restituição de Bemoij, aproveitou a bem dos resgates, e a se melhor descubrir o sertão

tão daquella terra do que ante se podia fazer. Porque os Principes daquellas partes, como eram costumados ver sómente hum, ou dous navios em seus portos, em que hia gente do mar pobre, e mal roupada, tinham pequena opinião do estado delRey, posto que os linguas lhe dissessem o que havia cá no Reyno. Porém quando elles víram tantos navios, tanta, e tão luzida gente, e tamanho apparato de guerra, como foi naquella Armada, assi os espantou, que de huns em outros per todo aquelle Guiné correo aquella fama, com que alevantáram mais a estima ácerca da amizade delRey. E como os mais delles andavam em grandes contendas, e guerras entre si, vendo que ElRey sómente pera restituição de Bemoij mandava tão grossa Armada, sem da parte delle Bemoij haver mais meritos ante elle, que o bom despacho dos seus navios, quando vinham ao resgate, movidos de seu interesse, com fundamento de poderem achar em ElRey outra tal ajuda, se lhe necessaria fosse, ou com temor de o anojarem, começáram todos cada hum em seu modo a quem o faria melhor no despacho dos navios, e enviar presentes, e recados a ElRey de grandes offertas. Donde procedeo haver tanta entrada naquella terra, que começou ElRey já mais seguramente

te

te per ſeus menſajeiros mandar recados aos maiores Principes della, e intervir em os negocios, e guerras, que huns com os outros traziam, como amigo conhecido, e eſtimado delles. Porque neſte tempo mandou Pero d'Evora, e Gonçaleanes a ElRey de Tucuról, e aſſi a ElRey de Tungubutu, e per outras vezes mandou a Mandi Manſa per via do rio Cantor, o qual Principe era dos mais poderoſos daquellas partes da Provincia Mandinga. Ao qual negocio foi hum Rodrigo Rabello eſcudeiro de ſua caſa, e Pero Reinel moço d'eſporas, e João Collaço béſteiro da camara, com outros homens de ſerviço, que faziam numero de oito peſſoas. E leváram-lhe de preſente cavallos, azemalas, e mulas com ſeus arreios, e algumas ſortes de couſas eſtimadas entrelles, por já lá ter mandado outra vez. E de todos eſtes eſcapou Pero Reinel por ſer homem coſtumado andar naquellas partes, e os mais falecêram de doença, vindo eſte Rey fazer guerra a outro Rey dos Fullos chamado Temalá. E aſſi ficou deſta, e doutras idas, que ElRey lá mandou, tanta amizade entre os noſſos, e eſte Rey Mandi Manſa, que enviando eu por razão do meu cargo de Feitor deſtas caſas de Guiné, e Indias, o anno de mil quinhentos trinta e quatro a hum Pero Fernandes a eſte Reyno

de Mandi Manſa, em nome delRey Dom João o Terceiro Noſſo Senhor, que ora reina, por razão do reſgate de Cantor, eſtimou o Rey muito eſte recado, que lhe foi dado da parte delRey; dizendo que havia em boa ventura ſer-lhe enviado eſte menſajeiro, porque a ſeu avô, que tinha o ſeu proprio nome, fora enviado outro menſajeiro doutro Rey D. João de Portugal. Tanta memoria ſem terem letras havia entre eſtes barbaros das couſas delRey D. João. E não ſómente per eſtes, e per Pero d'Evora, mas ainda per hum Mem Royz eſcudeiro de ſua caſa, e per Pero de Aſtuniga ſeu moço d'eſporas, que elle levava por companheiro, mandou ElRey algumas vezes recados a ElRey de Tungubutu, e ao meſmo Temalá, que ſe chamava Rey dos Fullos. O qual Temalá neſtes tempos foi naquellas partes hum incendio de guerra, levantando-ſe da parte do Sul em huma Comarca chamada Futa com tanto numero de gente, que ſeccavam hum rio, quando a elle chegavam; e aſſi era eſquivo, e barbaro eſte açoute d'aquella gente pagã, que aſſolava quanto ſe lhe punha diante. E como com eſta ferocidade tinha feito grande damno em os amigos, e ſervidores delRey, principalmente a ElRey de Tungubutu, Mandi Manſa, Uli Manſa, mandou-lhe per

al-

algumas vezes ſeus recados de amizade, e outros de rogo ſobre os negocios da guerra, que tinha com eſtes. Tambem neſte meſmo tempo eſcreveo per hum Abexij chamado Lucas, que foi per via de Jeruſálem a ElRey dos Móſes, nome mui celebrado entre os Negros deſtas partes de Guiné de que fallamos, o qual Principe naquelle tempo fazia guerra a ElRey Mandi Manſa. E ſegundo a noticia que ElRey D. João tinha deſte Rey dos Móſes, e de ſeus uſos, e coſtumes, havia preſumpção ſer algum vaſſallo, ou vizinho do Preſte João, ou a gente dos Nobis; por elle, e os ſeus terem modo de Chriſtandade, cá os mais delles ſe nomeavam per os nomes dos Apoſtolos de Chriſto, o qual elles confeſſavam. Tambem per via da fortaleza da Mina mandou a Mahamed, bem Manzugul, e neto de Muſſa Rey de Songo, que he huma Cidade das mais populoſas daquella grão Provincia, a que nós commummente chamamos Mandinga, a qual Cidade jaz no parallelo do Cabo das palmas, mettida dentro no ſertão per diſtancia de cento e quarenta leguas, ſegundo a ſituação das taboas da noſſa Geografia. O qual Rey Mouro, reſpondendo a eſte recado delRey, quaſi como eſpantado de tal novidade, (ſegundo vimos em as cartas deſtas menſajes que te-

mos em nosso poder,) dizia, que nenhum dos quatro mil quatrocentos e quatro Reys de que elle descendia, ouvio recado, nem vio mensajeiro delRey Christão, nem elle tinha noticia de mais Reys poderosos que destes quatro: delRey de Alimaem, delRey de Baldac, delRey do Cairo, e delRey de Tucurol. Neste mesmo tempo que ElRey D. João se visitava, e carteava com estes Principes barbaros, mandou tambem per via do Castello de Arguim á Cidade Huádem, que está ao Oriente delle obra de setenta leguas, assentar huma feitoria com os Mouros por alli concorrer algum resgate de ouro, ao qual negocio foram Rodrigo Reinel por Feitor, Diogo Borges Escrivão, e Gonçalo d'Antes por homem da Feitoria, onde estiveram pouco tempo por a terra ser mui deserta, e sómente virem a ella os mesmos Alarves, que ás vezes vinham ao Castello de Arguim, que são Azenegues, Ludaias, e Brabarijs, dos quaes não se podia haver informação do interior da terra, de que elle desejava ter noticia, porque sua tenção nestas feitorias, que mandava fazer no sertão, tanto era por saber as cousas delle, e poder penetrar as terras do Preste João, e Oriente, como por o resgate do ouro que a ellas concorria. As pessoas de que se ElRey servia neste mister de recados, e des-

cu-

cubrimento per dentro do ſertão, eram os que nomeámos, e aſſi Rodrigo Rabello, João Lourenço ſeus criados, e Vicente Annes, e João Biſpo linguas, aos quaes elle agalardoava de ſeus trabalhos, poſto que não conſeguiſſem o fim principal a que os mandava. E não ſómente per eſtes ſeus naturaes, mas ainda per eſtrangeiros, aſſi como Abexijs, e alguns Alarves, que vinham ao Caſtello de Arguim, commettia eſte deſcubrimento do ſertão, por lhe não ficar couſa alguma por tentar. Tão occupado, e ſolícito o trazia eſte negocio, principalmente depois que vio, e goſtou de muitas couſas, de que os antigos Eſcritores não tiveram noticia, fallando deſta parte de Africa, que não lhe repouſava o eſpirito. E bem como hum lião faminto, a quem a caça ſe eſconde com temor delle, em meio d'alguma grande, e eſpinhoſa balſa, a qual elle rodea, e commette per muitas partes, e ferido, e eſpinhado das entradas, e ſahidas, já canſado ſe lança com o ſentido, e tento poſto na prea eſcondida: aſſi ElRey commettendo per muitas partes, e vezes eſta grão balſa de Guiné, que té hoje ſe não leixou penetrar, canſado deſta continuação, e deſpeza de ſua fazenda, e aſſi dos grandes cuidados que lhe deram os negocios do Reyno, principalmente no tempo das trai-

çóes,

ções, se leixou algum tanto repousar deste fervor que trazia. Não porém que leixassem os navios ordinarios de fazerem suas viagens, té que aprouve a Deos de o levar pera si, e lhe succedeo no Reyno o Duque de Béja D. Manuel seu primo, que (como veremos) no segundo anno de seu reinado conseguio na primeira viagem a esperança de setenta e sinco annos, em que seus antecessores tinham trabalhado. Parece que assi o ordena aquella Divina Prudencia, que huns prantem, e outros colhão o fructo da planta. E que isto vejamos algumas vezes, não temos licença pera julgar estes juizos de Deos, sómente podemos crer que ninguem perde o merito de suas boas obras, aqui per fama, e na outra vida per gloria. Por tanto pois lhe a elle aprouve que não per officio, mas per indignação, não por premio, mas de graça, e mais offerecido que convidado, eu tomasse cuidado de escrever as cousas que passáram neste descubrimento, e conquista do Oriente: não permittirá que eu perca algum premio, se deste trabalho o posso ter, trocando, ou negando os meritos de cada hum. A qual fé, e verdade guardando nós ao que ElRey D. João fez em todo o decurso de sua vida ácerca deste descubrimento, posto que particularmente atrás fica escrito, aqui em som-

ſomma queremos notar tres couſas, que lhe eſte Reyno deve: huma trata de louvor de Deos, outra da gloria, e honra da Coroa Real, e outra do accreſcentamento do ſeu patrimonio. Quanto ao louvor de Deos, que maior pode haver na ſua Igreja, que per induſtria deſte Principe, no mais remoto lugar da terra, e na gente mais çafára do nome de Chriſto, onde podemos crer que não chegou a prégação dos Apoſtolos, hoje em Sé Cathedral eſtarem Altares cheios de oblações, e ſacrificios, offerecidos a elle meſmo Deos em nome de Chriſto Jeſus noſſa redempção, e ſeu Filho. O qual Chriſto Jeſus crê, adora, e confeſſa hum Rey barbaro per ſangue, e Catholico per fé, com tão grande povo como tem o Reyno de Congo, que havendo ſeſſenta annos que eſtá mettido na Igreja de Deos per Fé, e Baptiſmo, em todo eſte tempo ſempre foi em accreſcentamento do que profeſſa, com termos delle Biſpos, Sacerdotes, Theologos, e Miniſtros da publicação Evangelica. A ſegunda couſa que leixou a eſte Reyno, que trata da honra, e gloria da ſua Coroa, são duas fortalezas: huma em Arguim acabada per ſua induſtria, peró que foſſe começada em vida delRey D. Afonſo ſeu Padre; e a outra a de S. Jorge da Mina, no meio da grande região da Ethiopia. Por razão

zão das quaes fortalezas, fundadas como posse real, e auctual do que tinha descuberto, e esperava descubrir per este caminho, accrescentou á Coroa deste Reyno o senhorio de Guiné que ora tem. Na qual posse como prudente barão, e animoso Principe, por não leixar dúvidas a seus successores com os Principes da Christandade, logo se determinou com ElRey D. Fernando de Castella, assinando termos, e demarcações do que cada hum podia conquistar, como atrás fica, e mais copiosamente se contém nos assentos, e pactos, que se fizeram entre elles. Quanto ao accrescentamento do patrimonio Real, eu não sei em este Reyno jugada, portage, dizima, siza, ou algum outro direito Real mais certo; nem que regularmente cada anno assi responda, sem rendeiros allegarem esterilidade, ou perda, do que he o rendimento do commercio de Guiné: e tal, que se o soubermos agricultar, e grangear, com pouca semente nos responderá com maior novidade que os reguengos do Reyno, e liziras do campo de Santarem. E mais he propriedade tão pacífica, mansa, e obediente, que sem termos huma mão em o murrão accezo sobre a escorva da bombarda, e a lança na outra, nos dá ouro, marfim, cera, courama, açucar, pimenta malagueta; e daria

mais

mais cousas, se tanto quizessemos della descubrir, como descubrimos além dos póvos Jopões, que passão ácerca de nós por Antipodes, e Antichthones. Finalmente dá muito, e bom povo, fiel, catholico, serviçal, e que nos ajuda em nossas necessidades; e tão animoso pera com elle conquistar as outras regiões, que conquistámos, e que isto não dão, que se fosse creado na doctrina militar, de melhor vontade iria fazer gente á terra de Guiné, que á terra dos Soiços; e ainda mal, porque os Mouros de Africa, e principalmente o Xerife de Marrocos neste nosso tempo em este uso de guerra se servem mais delles que nós. E não fallando em as policias, ou molicias de Asia, cuja gente he mui viciosa neste uso dellas, de que Salustio já chamou por serem causa da corrupção da modestia, e temperança do povo Romano, culpa em que a maior parte da nação Portuguez ao presente jaz; mas hutractando dos fructos da natureza sem humano artificio, que esta terra da Ethiopia dá, bem lhe podemos chamar paraiso de naturaes delicias. Porque não sómente ella dá os necessarios, e proveitosos á vida humana, mas ainda dá almas creadas na innocencia de seus primeiros padres, que com mansidão, e obediencia mettem o pescoço per Fé, e Baptismo, debaixo do jugo Evange-

ge-

gelico. Mas parece que por nossos peccados, ou per algum juizo de Deos occulto a nós nas entradas desta grande Ethiopia, que nós navegamos, poz hum Anjo percuciente com huma espada de fogo de mortaes febres, que nos impede não poder penetrar ao interior das fontes deste horto, de que procedem estes rios d'ouro, que per tantas partes da nossa conquista sahem ao mar. Quanto á magestade da conquista da India, e á fama, que temos alcançado de tão illustres victorias, como della houvemos, e os titulos que a Coroa deste Reino por isso conseguio, depois do falecimento deste Rey D. João, nos livros seguintes o escrevemos.

DE-

DECADA PRIMEIRA.
LIVRO IV.

Dos feitos que os Portuguezes fizeram no descubrimento, e conquista dos mares, e terras do Oriente: em que se contém como a India foi descuberta per mandado delRey D. Manuel deste nome o Primeiro de Portugal.

CAPITULO I.

Como ElRey D. Manuel no segundo anno do seu reinado mandou Vasco da Gama com quatro vélas ao descubrimento da India.

FALECIDO ElRey D. João sem legítimo filho, que o succedesse no Reyno, foi alevantado por Rey, (segundo elle leixava em seu testamento,) o Duque de Béja D. Manuel seu Primo com irmão, filho do Infante D. Fernando irmão delRey Dom Afonso, a quem per legítima succesção era devida esta real herança. Da qual recebeo posse pelo sceptro della, que lhe foi entregue em Alcacer do sal a vinte e sete dias de Octubro do anno de nossa Redempção de mil

mil quatrocentos noventa e ſinco, ſendo em idade de vinte e ſeis annos, quatro mezes, e vinte ſinco dias, (como mais particularmente eſcrevemos em a outra noſſa Parte intitulada Europa, e aſſi em ſua propria Chronica.) E porque com eſtes Reynos, e Senhorios tambem herdava o proſeguimento de tão alta empreza, como ſeus anteceſſores tinham tomado, que era o deſcubrimento do Oriente per eſte noſſo mar Oceano, que tanta induſtria, tanto trabalho, e deſpeza, per diſcurſo de ſetenta e ſinco annos tinha cuſtado; quiz logo no primeiro anno de ſeu Reinado moſtrar quanto deſejo tinha de accreſcentar á Coroa deſte Reyno novos titulos ſobre o ſenhorio de Guiné, que por razão deſte deſcubrimento ElRey D. João ſeu Primo tomou, como poſſe da eſperança de outros maiores eſtados, que per eſta via eſtavam por deſcubrir. Sobre o qual caſo, no anno ſeguinte de noventa e ſeis, eſtando em Monte mór o novo, teve alguns geraes conſelhos, em que houve muitos, e differentes votos, e os mais foram que a India não ſe devia deſcubrir; porque além de trazer comſigo muitas obrigações por ſer eſtado mui remoto pera poder conquiſtar, e conſervar, debilitaria tanto as forças do Reyno, que ficaria elle ſem as neceſſarias pera ſua conſervação. Quanto mais, que ſen-

ſendo deſcuberta podia cobrar eſte Reyno novos competidores, do qual caſo já tinham experiencia, no que ſe moveo entre ElRey D. João, e ElRey D. Fernando de Caſtella ſobre o deſcubrimento das Antilhas: chegando a tanto, que vieram a repartir o Mundo em duas partes iguaes pera o poder deſcubrir, e conquiſtar. E pois deſejos de eſtados não ſabidos movia já eſta repartição, não tendo mais ante os olhos que eſperança delles, e algumas moſtras do que ſe tirava do barbaro Guiné, que ſería vindo a eſte Reyno quanto ſe dizia daquellas partes Orientaes. Porém a eſtas razões houve outras em contrario, que por ſerem conformes ao deſejo delRey, lhe foram mais acceptas. E as principaes que o movêram, foram herdar eſta obrigação com a herança do Reyno, e o Infante Dom Fernando ſeu Pai ter trabalhado neſte deſcubrimento, quando per ſeu mandado ſe deſcubríram as Ilhas do Cabo Verde; e mais por a ſingular affeição que tinha á memoria das couſas do Infante D. Henrique ſeu Tio, que fora o auctor do novo titulo do Senhorio de Guiné, que eſte Reyno houve, ſendo propriedade mui proveitoſa ſem cuſto de armas, e outras deſpezas, que tem muito menores eſtados do que elle era. Dando por razão final áquelles, que punham os inconvenientes

tes

tes a ſe a India deſcubrir : que Deos, em cujas mãos elle punha eſte caſo , daria os meios que convinham a bem do eſtado do Reyno. Finalmente ElRey aſſentou de proſeguir neſte deſcubrimento , e depois eſtando em Eſtremoz, declarou a Vaſco da Gama Fidalgo de ſua Caſa por Capitão mór das vélas, que havia de mandar a elle; aſſi pola confiança que tinha de ſua peſſoa, como por ter aução neſta ida, cá, ſegundo ſe dizia, Eſtevão da Gama ſeu pai já defunto eſtava ordenado pera fazer eſta viagem em vida delRey D. João. O qual, depois que Bartholomeu Dias veio do deſcubrimento do Cabo de Boa Eſperança, tinha mandado cortar a madeira pera os navios deſta viagem , por a qual razão ElRey D. Manuel mandou ao meſmo Bartholomeu Dias que tiveſſe cuidado de os mandar acabar, ſegundo elle ſabia que convinham, pera ſoffrer a furia dos mares daquelle grão Cabo de Boa Eſperança, que na opinião dos mareantes começava crear outra fabula de perigos , como antigamente fora a do Cabo Bojador, de que no principio fallámos. E aſſi polo trabalho que Bartholomeu Dias levou no apercebimento deſtes navios , como pera ir acompanhando Vaſco da Gama té o pôr na paragem que lhe era neceſſaria a ſua derrota ; ElRey lhe deo a capitanía de

de hum dos navios, que ordinariamente hiam á Cidade de S. Jorge da Mina. E ſendo já no anno de quatrocentos noventa e ſete, em que a frota pera eſta viagem eſtava de todo preſtes, mandou ElRey, eſtando em Monte mór o novo, chamar Vaſco da Gama, e aos outros Capitães, que haviam de ir em ſua companhia, os quaes eram Paulo da Gama ſeu irmão, e Nicoláo Coelho, ambos peſſoas de quem ElRey confiava eſte cargo. E poſto que per algumas vezes lhe tiveſſe dito ſua tenção ácerca deſta viagem, e diſſo lhe tinha mandado fazer ſua inſtrucção, pola novidade da empreza que levava, quiz uſar com elle da ſolemnidade que convem a taes caſos, fazendo eſta falla pública a elle, e aos outros Capitães, per ante algumas peſſoas notaveis que eram preſentes, e pera iſſo chamadas. *Depois que aprouve a Noſſo Senhor, que eu recebeſſe o ſceptro deſta real herança de Portugal, mediante a ſua graça, aſſi por haver a benção de meus avós, de quem a eu herdei, os quaes com glorioſos feitos, e victorias, que houveram de ſeus imigos, a tem accreſcentado per ajuda de tão leaes vaſſallos, e cavalleiros, como foram aquelles, donde vós vindes, como por cauſa de agalardoar a natural lealdade, e amor, com que todos me ſervís: a mais*

prin-

principal cousa que trago na memoria, depois do cuidado de vos reger, e governar em paz, e justiça, he como poderei accrescentar o patrimonio deste meu Reyno, pera que mais liberalmente possa distribuir per cada hum o galardão de seus serviços. E considerando eu per muitas vezes qual sería a mais proveitosa, e honrada empreza, e digna de maior gloria, que podia tomar pera conseguir esta minha tenção, pois, louvado Deos, destas partes da Europa em as de Africa a poder de ferro temos lançados os Mouros, e lá tomando os principaes lugares dos portos do Reyno de Fés, que he da nossa conquista, achei que nenhuma outra he mais conveniente a este meu Reyno, (como algumas vezes comvosco tenho consultado,) que o descubrimento da India, e d'aquellas terras Orientaes. Em as quaes partes, peró que sejam mui remotas da Igreja Romana, espero na piedade de Deos que não sómente a Fé de Nosso Senhor Jesus Christo seu Filho seja per nossa administração publicada, e recebida, com que ganharemos galardão ante elle, fama, e louvos ácerca dos homens; mas ainda Reynos, e novos estados com muitas riquezas vendicadas per armas das mãos dos barbaros, dos quaes meus avós com ajuda, e serviço dos vossos, e vosso tem conquistado este

meu

meu Reyno de Portugal, e accrescentado á Coroa delle. Porque se da costa da Ethiopia, que quasi de caminho he descuberta, este meu Reyno tem adquirido novos titulos, novos proveitos, e rendas, que se póde esperar, indo mais adiante com este descubrimento, senão pudermos conseguir aquellas orientaes riquezas tão celebradas dos antigos Escritores, parte das quaes per commercio tem feito tamanhas potencias, como são Veneza, Génova, Florença, e outras mui grandes communidades de Italia. Assi que consideradas todas estas cousas, de que temos experiencia; e tambem como era ingratidão a Deos engeitar o que nos tão favoravelmente offerece, e injúria áquelles Principes de louvada memoria, de quem eu herdei este descubrimento, e offensa a vósoutros que nisso fostes, descuidar-me eu delle per muito tempo, mandei armar quatro vélas, que como sabeis, em Lisboa estam de todo prestes pera seguir esta viagem de Boa Esperança. E tendo eu na memoria como Vasco da Gama, que está presente em todalas cousas, que lhe de meu serviço foram entregues, e encommendadas, deo boa conta de si, eu o tenho escolhido pera esta ida, como leal vassallo, e esforçado cavalleiro, merecedor de tão honrada empreza. A qual espero que lhe Nosso Se-

nhor leixará acabar, e nella a elle, e a mim faça taes ſerviços, com que o ſeu galardão fique por memoria nelle, e naquelles, que o ajudarem nos trabalhos deſta viagem; porque com eſta confiança, pela experiencia que tenho de todos, eu os eſcolhi por ſeus adjudadores pera em tudo o que tocar a meu ſerviço lhe obedecerem. E eu Vaſco da Gama vo-los encommendo, e a elles a vós, e juntamente a todos a paz, e concordia, a qual he tão poderoſa, que vence, e paſſa todolos perigos, e trabalhos, e os maiores da vida faz leves de ſoffrer, quanto mais os deſte caminho, que eſpero em Deos ſerem menores que os paſſados, e que per vós eſte meu Reyno conſiga o fructo delles. Acabando ElRey de propôr eſtas palavras, Vaſco da Gama, e todalas notaveis peſſoas lhe beijáram a mão; aſſi pola mercê que fazia a elle, como ao Reyno, em mandar a eſte deſcubrimento continuado per tantos annos, que já era feito herança delle. Tornada a caſa ao ſilencio que tinha ante deſte acto de gratificação, aſſentou-ſe Vaſco da Gama em giolhos ante ElRey, e foi trazida huma bandeira de ſeda com huma Cruz no meio das da Ordem da Cavalleria de Chriſto, de que ElRey era Governador, e perpétuo Adminiſtrador, a qual eſtendendo o Eſcrivão da Puridade entre os bra-

braços em modo de omenagem, disse Vasco da Gama em alta voz estas palavras: *Eu Vasco da Gama, que ora per mandado de vós mui Alto, e mui Poderoso Rey meu Senhor vou descubrir os mares, e terras do Oriente da India, juro em o sinal desta Cruz, em que ponho as mãos, que por serviço de Deos, e vosso, eu a ponha esteada, e não dobrada, ante a vista de Mouros, Gentios, e de todo genero de povo aonde eu for: e que per todolos perigos de agua, fogo, e ferro sempre a guarde, e defenda até morte. E assi juro, que na execução, e obra deste descubrimento, que vós meu Rey, e Senhor me mandais fazer, com toda fé, lealdade, vigia, e diligencia eu vos sirva, guardando, e cumprindo vossos regimentos, que pera isso me forem dados, até tornar onde ora estou ante a presença de vossa Real Alteza, mediante a graça de Deos, em cujo serviço me enviais.* Feita esta menagem, foi-lhe entregue a mesma bandeira, e hum regimento, em que se continha o que havia de fazer na viagem, e algumas cartas pera os Principes, e Reys, a que propriamente era enviado; assi como ao Preste João das Indias, tão nomeado neste Reyno, e a ElRey de Calecut, com as mais informações, e avisos, que ElRey D. João tinha havido daquellas partes, se-

gundo já dissemos: recebidas as quaes cousas, ElRey o espedio, e elle se veio a Lisboa com os outros Capitães.

CAPITULO II.

Como Vasco da Gama partio de Lisboa: e do que passou té chegar ao Padrão, que Bartholomeu Dias poz além do Cabo de Boa Esperança.

CHegado Vasco da Gama com os outros Capitães a Lisboa na entrada de Julho do anno de mil quatrocentos noventa e sete: tanto que os navios foram prestes, recolheo sua gente pera se partir, sem guardar a eleição dos mezes, de que ora usamos pera ir tomar os ventos geraes, que cursam naquellas partes; porque naquelle tempo tão escura era a noticia da terra que hia buscar, como os ventos que serviam pera boa navegação. Mas parece que como a manifestação deste novo Mundo, tantas centenas de annos encuberto, Deos a poz neste termo, quando ElRey D. Manuel houvesse a herança deste Reyno; assi permittio que sem a ordem dos mezes naturaes desta navegação fosse a partida de Vasco da Gama; porque entendamos que as cousas, que procedem do seu querer, elle que as ordena pera algum fim que nós não alcançamos, dá

dá os meios pera ſe virem effectuar no tempo pera que as elle guarda. E como Vaſco da Gama pera poder partir não ėſperava mais que navios preſtes, e hum pouco de Norte, que naquelles mezes do verão he geral neſta coſta de Heſpanha; póſtos os navios em raſtello, lugar de ancoragem antiga, hum dia ante da ſua partida foi ter vigilia com os outros Capitães á Caſa de Noſſa Senhora da invocação de Bethelem, ſituada neſte lugar de raſtello, a qual naquelle tempo era huma Ermida, que o Infante D. Henrique mandou fundar, onde eſtavam alguns Freires do Convento de Thomar pera adminiſtrarem os Sacramentos aos mareantes. Ao ſeguinte dia, que era ſabbado oito de Julho, por ſer dedicado a Noſſa Senhora, e a Caſa de muita romagem; aſſi por eſta devoção, como por ſe irem eſpedir dos que hiam na Armada, concorreo grande numero de gente a ella. E quando foi ao embarcar de Vaſco da Gama, os Freires da caſa com alguns Sacerdotes, que da Cidade lá eram idos dizer Miſſa, ordenáram huma devota prociſsão, com que o leváram ante ſi neſta ordem: elle, e os ſeus com cirios nas mãos, e toda a gente da Cidade ficava detrás reſpondendo a huma Ladainha, que os Sacerdotes diante hiam cantando, té os pôrem junto dos bateis, em

que

que ſe haviam de recolher. Onde feito ſilencio, e todos de giolhos, o Vigairo da Caſa fez em voz alta huma confiſsão geral, e no fim della os abſolveo na fórma das Bullas, que o Infante D. Henrique tinha havido pera aquelles, que neſte deſcubrimento, e conquiſta faleceſſem, (como atrás diſſemos.) No qual acto foi tanta a lagrima de todos, que neſte dia tomou aquella praia poſſe das muitas, que nella ſe derramam na partida das Armadas, que cada anno vam a eſtas partes, que Vaſco da Gama hia deſcubrir: donde com razão lhe podemos chamar praia de lagrimas pera os que vam, e terra de prazer aos que vem. E quando veio ao desfraldar das vélas, que os mareantes ſegundo ſeu uſo deram aquelle alegre principio de caminho, dizendo boa viagem, todolos que eſtavam promptos na viſta delles com huma piedoſa humanidade dobráram eſtas lagrimas, e começáram de os encommendar a Deos, e lançar juizos, ſegundo o que cada hum ſentia daquella partida. Os navegantes, dado que com o fervor da obra, e alvoroço daquella empreza embarcáram contentes, tambem paſſado o termo do desferir das vélas, vendo ficar em terra ſeus parentes, e amigos, e lembrando-lhes que ſua viagem eſtava poſta em eſperança, e não em tempo certo,
nem

nem lugar ſabido, aſſi os acompanháram em lagrimas, como em o penſamento das couſas, que em tão novos caſos ſe repreſentam na memoria dos homens. Aſſi que huns olhando pera a terra, e outros pera o mar, e juntamente todos occupados em lagrimas, e penſamento daquella incerta viagem, tanto eſtiveram promptos niſſo, té que os navios ſe alongáram do porto. Seria a companha deſta bem fortunada viagem, entre mareantes, e homens d'armas, até cento e ſetenta peſſoas; e os tres navios pouco mais, ou menos de cento até cento e vinte toneis cada hum. Do primeiro chamado S. Gabriel, em que hia Vaſco da Gama, era Piloto Pero d'Alanquer, que fora no deſcubrimento do Cabo de Boa Eſperança; e Eſcrivão Diogo Dias irmão de Bartholomeu Dias. Do ſegundo per nome S. Rafael, Capitão Paulo da Gama, era Piloto João de Coimbra, e Eſcrivão João de Sá. Do terceiro, a que chamavam Berrio, Capitão Nicoláo Coelho, era Piloto Pero Eſcolar, e Eſcrivão Alvaro de Braga. E da náo era Capitão hum Gonçalo Nunes criado delle Vaſco da Gama, a qual hia ſómente amarinhada, pera depois que os mantimentos dos navios ſe foſſem gaſtando, tomarem os que ella levava ſobreſelentes, e a gente ſe paſſar a elles. Partidas eſtas quatro vélas, e

Bar-

Bartholomeu Dias em ſua companhia em o navio pera a Mina, como eſtava aſſentado, com bom tempo que tiveram em treze dias foram ter á Ilha de Sant-Iago, que he a principal das do Cabo Verde, onde tomáram algum refreſco. Depois da partida da qual Ilha, Bartholomeu Dias os acompanhou té ſe pôr no caminho da derrota pera a Mina, Vaſco da Gama na ſua. E a primeira terra que tomou, antes de chegar ao Cabo de Boa Eſperança, foi a baia, a que ora chamam de Sancta Helena, havendo ſinco mezes que era partido de Lisboa, onde ſahio em terra por fazer aguada, e aſſi tomar a altura do Sol; porque como do uſo do aſtrolabio pera aquelle miſter da navegação havia pouco tempo que os mareantes deſte Reyno ſe aproveitavam, e os navios eram pequenos, não confiava muito de a tomar dentro nelles por cauſa do ſeu arfar. Principalmente com hum aſtrolabio de páo de tres palmos de diametro, o qual armavam em tres páos á maneira de cabrea por melhor ſegurar a linha Solar, e mais verificada, e diſtinctamente poderem ſaber a verdadeira altura daquelle lugar; poſto que levaſſem outros de latão mais pequenos, tão ruſticamente começou eſta arte, que tanto fructo tem dado ao navegar. E porque em eſte Reyno de Portugal ſe achou

o pri-

o primeiro uſo delle em a navegação, (peró que em a noſſa Geografia largamente tratamos deſta materia em os primeiros Livros della,) não ſerá eſtranho deſte lugar dizermos quando, e per quem foi achado, pois não he de menos louvor eſte ſeu trabalho, que o d'outros novos inventores, que acháram couſas proveitoſas pera uſo dos homens. No tempo que o Infante Dom Henrique começou o deſcubrimento de Guiné, toda a navegação dos mareantes era ao longo da coſta, levando-a ſempre por rumo, da qual tinham ſuas noticias per ſinaes de que faziam roteiros, como ainda ao preſente uſam em alguma maneira, e pera aquelle modo de deſcubrir iſto baſtava. Peró depois que elles quizeram navegar o deſcuberto, perdendo a viſta da coſta, e engolfando-ſe no pégo do mar, conhecêram quantos enganos recebiam na eſtimativa, e juizo das ſangraduras, que ſegundo ſeu modo em vinte e quatro horas davam de caminho ao navio, aſſi por razão das correntes, como d'outros ſegredos, que o mar tem, da qual verdade de caminho a altura he mui certo moſtrador. Peró como a neceſſidade he meſtra de todalas artes, em tempo delRey D. João o Segundo foi per elle encommendado eſte negocio a Meſtre Rodrigo, e a Meſtre Joſepe Judeo, ambos

ſeus

ſeus Medicos, e a hum Martim de Boemia natural daquellas partes, o qual ſe gloreava ſer diſcipulo de Joanne de Monte Regio, affamado Aſtronomo entre os Profeſſores deſta ſciencia, os quaes acháram eſta maneira de navegar per altura do Sol, de que fizeram ſuas taboadas pera declinação delle, como ſe ora uſa entre os navegantes, já mais apuradamente do que começou, em que ſerviam eſtes grandes aſtrolabios de páo. Pois eſtando Vaſco da Gama com os Pilotos prompto no tomar altura do Sol per eſte modo, deram-lhe aviſo que detrás de hum tezo víram andar dous Negros baixos á maneira de quem apanhava algumas hervas; e como iſto era o principal que elle deſejava, achar quem lhe déſſe alguma razão da terra, com muito prazer manſamente mandou rodear os Negros per huma encuberta pera ſerem tomados; os quaes como andavam curvos, e promptos em apanhar mel aos pés das moutas com hum tição de fogo na mão, nunca ſentíram a gente que os rodeava, ſenão quando remettêram a elles, dos quaes tomáram hum. Vaſco da Gama, porque não tinha lingua que o entendeſſe, e elle de aſſombrado daquella novidade não acudia aos acenos, que a natureza fez communs a todolos homens, mandou vir dous grumetes,

tes, hum dos quaes era Negro, que ſe aſſentáram junto delle a comer, e beber, apartando-ſe delles por o deſaſſombrar. O qual modo aproveitou muito, porque os grumetes o provocáram a comer; com que quando Vaſco da Gama tornou a elle já eſtava deſaſſombrado, e per acenos moſtrou humas ſerras, que ſeriam dalli duas leguas, dando a entender que ao pé dellas eſtava a povoação da ſua gente. Vaſco da Gama, porque não podia enviar melhor deſcubridor pera appellidar os outros, com alguns brincos de caſcaveis, e contas de cryſtallino, e hum barrete, mandou que o ſoltaſſem, acenando-lhe que foſſe, e tornaſſe com ſeus companheiros pera lhe darem outro tanto. O que elle fez logo, trazendo aquella tarde dez, ou doze, que vinham buſcar o que elle levou, que tambem lhe foi dado; e de quantas moſtras de ouro, prata, eſpeciaria lhe apreſentáram de nenhuma deram noticia. Quando veio a outro dia, já com eſtes vieram mais de quarenta, tão familiares, que pedio hum homem d'armas chamado Fernão Veloſo a Vaſco da Gama, que o leixaſſe ir com elles ver a povoação, que tinham, pera trazer alguma mais noticia da terra do que elles davam, o que lhe Vaſco da Gama concedeo quaſi a rogo de Paulo da Gama ſeu irmão.

CA-

CAPITULO III.

Como Vasco da Gama foi ferido em huma revolta, que os Negros da baia de Sancta Helena fizeram: e seguindo sua viagem, descubrio alguns rios notaveis té chegar a Moçambique.

PArtido Fernão Veloso com os Negros, e Vasco da Gama recolhido ao seu navio, ficou Nicoláo Coelho em terra a dar guarda á gente, em quanto apanhava lenha, e outros mariscavam lagostas por haver alli muitas. Paulo da Gama, por não estar ocioso, vendo que entre os navios andavam muitos baleatos trás o cardume do pexe miudo, ajuntou dous bateis pera andar com fisga, e arpões a elles, o qual passatempo lhe houvera de custar a vida. Porque foram os marinheiros do batel, em que elle andava, amarrar duas arpoeiras das fisgas, com que tiravam, nas tostes do batel, que estavam atochadas; e acertando de ferir hum baleato, assi barafustou com a furia da dor, que houvera de trebucar o batel, se a arpoeira não fora comprida, e o mar de pouco fundo, que causou dar o baleato em secco, sem mais poder nadar, o qual lhe servio de refresco. E sendo já sobre a tarde, querendo-se todos recolher aos na-

navios, víram vir Fernão Veloso per hum tezo abaixo mui apressado. Vasco da Gama como tinha os olhos em sua tornada, quando o vio com aquella pressa, mandou bradar ao batel de Nicoláo Coelho, que vinha da terra, que tornassem a elle ao recolher. Os marinheiros do batel, porque Fernão Veloso nunca leixava de fallar em valentias, quando o víram sobre a praia descer com passos a meio chouto, á cinte detiveram-se em o recolher. A qual detença deo suspeita aos Negros, que estavam em cilada esperando a sahida delles em terra, que o mesmo Fernão Veloso fizera algum sinal que não sahissem. E em querendo entrar ao batel, remettêram dous Negros a elle polo entreter, da qual ousadia sahíram com os fucinhos lavados em sangue, a que acudíram os outros; e foi tanta a pedrada, e fréchada sobre o batel, que quando Vasco da Gama chegou polos apaziguar, foi fréchado per huma perna, e Gonçalo Alvares Mestre do navio S. Gabriel, e dous marinheiros levâram cada hum sua. Vendo Vasco da Gama que com elles não havia meio de paz, mandou remar pera os navios; e porém á espedida alguns bésteiros dos nossos empregáram nelles seu almazem por não ficarem sem castigo; e dahi a dous dias com tempo feito mandou

Vas-

Vaſco da Gama dar á véla , ſem levar alguma informação da terra, como deſejava. Porque Fernão Veloſo não vio couſa que contar , ſenão o perigo que elle dizia paſſar entre aquelles Negros ; os quaes tanto que ſe apartáram da praia , o fizeram tornar , quaſi como que o queriam ter nella por anagaça pera quando o foſſem recolher commetterem alguma maldade , da maneira que moſtráram. Seguindo Vaſco da Gama ſeu caminho na volta do mar , por ſe deſabrigar da terra , quando veio ao terceiro dia, que eram vinte de Novembro , paſſou aquelle grão Cabo de Boa Eſperança com menos tormenta , e perigo do que os marinheiros eſperavam , pela opinião que entre elles andava , donde lhe chamavam o Cabo das tormentas ; e dia de Sancta Catharina chegáram onde ſe ora chama aguada de S. Braz , que he além delle ſeſſenta leguas. E poſto que alli acháram Negros de cabello revolto , como os paſſados, eſtes ſem receio chegáram aos bateis a receber qualquer couſa que lhe lançavam na praia , e per acenos começáram logo de ſe entender com os noſſos ; de maneira, que houve entre elles commutação de darem carneiros a troco de couſas que lhe os noſſos davam. Porém de quanto gado vacum traziam , nunca pudéram haver delles huma

ſó

ſó cabeça, parece que o eſtimavam; porque alguns bois mochos, que os noſſos víram andavam gordos, e limpos, e vinham as mulheres ſobre elles com humas albardas da tabua. E em tres dias que Vaſco da Gama ſe deteve aqui, tiveram os noſſos muito prazer com elles, por ſer gente prazenteira dada a tanger, e bailar, entre os quaes havia alguns, que tangiam com huma maneira de frautas paſtoris, que em ſeu modo pareciam bem. Do qual lugar Vaſco da Gama ſe mudou pera outro porto perto daquelle, porque entre os Negros, e os noſſos começou haver alguma perfia ſobre reſgate de gado, indo elles ſempre á viſta dos navios ao longo da praia té ancorarem. E porque quando chegáram hia já grande numero delles, mais em modo de guerra que de paz, mandou-lhes tirar com alguns berços, ſómente por os aſſombrar, ſem lhe fazer damno, e foi tomar outro pouſo dahi duas leguas, onde recolheo todolos mantimentos que levava em a náo, e ella ficou queimada. Partido deſte lugar dia de Noſſa Senhora da Conceição, quando veio ao quarto, que era veſpera de Sancta Luzia, ſaltou com elle tão grande temporal, que per outros tantos dias o fez correr arvore ſecca. E como eſta era a primeira tormenta, em que os mareantes ſe tinham viſto em

ma-

mares, e climas não ſabidos, andavam tão fóra de ſi, que não havia mais acordo entre elles que clamar por Deos, curando mais na penitencia de ſeus peccados, que na mareagem das vélas, porque tudo era ſombra da morte. Mas aprouve a piedade de Deos, que neſtes caſos conſola com bonança, que os tirou de tanta tribulação, e os levou aonde ora chamam os Ilheos chãos, ſinco leguas avante do da Cruz, onde Bartholomeu Dias poz o ſeu derradeiro Padrão, paſſando per elle, polo tempo lhe não dar lugar, té irem tomar os outros Ilheos. Na qual paragem por cauſa das grandes correntes andáram ora ganhando, ora perdendo caminho, té que dia de Natal paſſáram pela coſta do Natal, a que elles deram eſte nome; e dia dos Reys entráram no rio delles, e alguns lhe chamam do cobre por o reſgate delle em manilhas, e aſſi marfim, e mantimentos, que os Negros da terra com elle reſgatáram, tendo com os noſſos tanta communicação, por Vaſco da Gama os ſatisfez com dadivas, que foi hum Martim Afonſo marinheiro á aldea delles per licença do Capitão; o qual veio mais contente do gazalhado que lhe fizeram, do que Fernão Veloſo veio dos outros; porque não ſómente o ſenhor da aldea o recebeo com grande feſta, mas ainda quan-
do

do tornou ao navio polo honrar mandou com elle mais de duzentos homens. Depois este mesmo Senhor com outros mui acompanhados vieram ver os navios, e em seu tratamento mostravam habitar em terra fria, por virem alguns vestidos de pelles, e que tinham communicação com gente de boa razão; e por causa da muita familiaridade, que os nossos tiveram com elles em sinco dias, que Vasco da Gama se deteve neste lugar, lhe poz nome Aguada da boa paz. E daqui por diante começou de se affastar algum tanto da terra, com que de noite passou o Cabo, a que ora chamamos das correntes; porque começa a costa encurvarse tanto pera dentro passado elle, que sentindo Vasco da Gama que as aguas o apanhavam pera dentro, temeo ser alguma enseada penetrante, donde não pudesse sahir. O qual temor lhe fez dar tanto resguardo por fugir a terra, que passou sem haver vista da povoação de Çofala, tão celebrada naquellas partes por causa do muito ouro que os Mouros alli hão dos Negros da terra per via do commercio, segundo elle adiante soube; e foi entrar em hum rio mui grande abaixo della sincoenta leguas, vendo entrar per elle huns barcos com vélas de palma. A entrada do qual rio, depois que víram o Gentio que habitava á borda delle,

deo grande animo a toda a gente, pera quão quebrado o levava, tendo tanto navegado ſem achar mais que Negros barbaros, como os de Guiné, vizinhos de Portugal. E a gente deſte rio peró que tambem foſſe da côr, e cabello como elles eram, havia entre elles homens fulos, que pareciam meſtiços de Negros, e Mouros, e alguns entendiam palavras do Aravigo, que lhe fallava hum marinheiro per nome Fernão Martins, mas a outra lingua propria nenhum dos noſſos a entendia; donde Vaſco da Gama ſuſpeitava, que eſtes Negros aſſi na côr, como nas palavras do Arabio podiam ter communicação com os Mouros, da maneira que os Negros de Jalof tem com os Azenégues. E os mais delles traziam derredor de ſi huns pannos d'algodão tintos de azul, e os outros toucas, e pannos de ſeda, té carapuças de chamalote de cores. Com os quaes ſinaes, e outros que elles deram, dizendo, que contra o naſcimento do Sol havia gente branca, que navegavam em náos, como aquellas ſuas, as quaes elles viam paſſar pera baixo, e pera cima d'aquella coſta, poz Vaſco da Gama nome a eſte rio dos Bons ſinaes. Finalmente com eſtas novas, e ſegurança da gente na communicação que tinham com os noſſos per modo de commercio de mantimentos da

ter-

terra, quiz elle dar pendor aos navios por virem já mui çujos, no qual tempo com ajuda dos da terra poz hum Padrão per nome S. Rafael, dos que levava lavrados pera este descubrimento, da maneira dos outros, que ficáram postos do tempo delRey D. João. E peró que neste rio dos Bons sinaes foi o maior sinal que té li tinham visto, e que lhe deo grande esperança do que hiam descubrir, por este prazer não ir puro sem algum desconto de trabalhos, per espaço de hum mez que alli estiveram no corregimento dos navios, adoeceo muita gente., de que morreo alguma. A maior parte foi de herisipolas, e de lhes crescer tanto a carne das gengivas, que quasi não cabia na boca aos homens, e assi como crescia apodrecia, e cortavam nella como em carne morta; cousa mui piedosa de ver, a qual doença vieram depois conhecer que procedia das carnes, pescado salgado, e biscouto corrompido de tanto tempo. Tiveram mais sobre este trabalho té sahirem deste rio dos Bons sinaes dous grandes perigos: hum foi, que estando Vasco da Gama a bordo do navio de seu irmão Paulo da Gama em huma bateira pequena, sómente com dous marinheiros que a remavam, e tendo as mãos pegadas nas cadeias da enxarcea, em quanto fallava com elle, descia

agua tão teza, que lhe furtou a bateira per baixo, e elle, e os marinheiros não tiveram mais salvação que ficarem dependurados nas cadeias, té que lhes acudíram. O outro perigo aconteceo a este mesmo navio o dia de sua partida, que foi a vinte e quatro de Fevereiro: sahindo pela barra do rio, foi dar em secco em hum banco d'arêa, onde esteve em termo de ficar pera sempre; mas vindo a maré sahio do perigo, com que fez seu caminho sempre á vista da costa, té que dahi a sinco dias chegou a huma povoação chamada Moçambique, e foi pousar em huns ilheos apartados della pouco mais de legua ao mar. Surto nestes ilheos, os quaes ora se chamam de S. Jorge por causa de hum Padrão deste nome, que Vasco da Gama nelles poz, víram vir tres, ou quatro barcos, a que os da terra chamam zambucos, com suas vélas de palma, e a remo. A gente dos quaes vinha tangendo, e cantando, a mais della bem tratada, e entre elles homens brancos com toucas na cabeça, e vestido d'algodão a modo dos Mouros de Africa, que foi pera os nossos muito grande prazer. Chegados estes barcos ao navio de Vasco da Gama, levantou-se hum daquelles homens bem vestidos, e começou per Aravigo perguntar que gente era, e o que buscavam? Ao que Vasco da

Ga-

Gama mandou reſponder per Fernão Martins lingua, que eram Portuguezes vaſſallos delRey de Portugal; e quanto ao que buſcavam, depois que ſoubeſſem cuja aquella povoação era, então reſponderiam a iſſo. O Mouro que fallava, (ſegundo ſe depois ſoube,) era natural do Reyno de Féz; e vendo que o trajo dos noſſos não era de Turcos, como elles cuidavam, creo que diziam verdade; e como homem ſagaz, ſimulando contentamento de ſua vinda, reſpondeo que aquella povoação ſe chamava Moçambique, da qual era Xeque hum Senhor chamado Çacoeja: cujo coſtume era, tanto que alli chegavam navios eſtrangeiros, mandar ſaber delles o que queriam; e ſe foſſem mercadores, tratariam na terra; e ſendo navegantes, que paſſavam pera outra parte, provellos do que houveſſe nella. Vaſco da Gama a eſtas palavras reſpondeo, que ſua vinda áquelle porto era paſſagem pera a India fazer alguns negocios, a que ElRey ſeu Senhor o enviava, principalmente com ElRey de Calecut; e por quanto elle não tinha feito aquelle caminho, lhe pedia, que diſſeſſe ao Xeque, que lhe mandaſſe dar algum Piloto daquellas partes, que elle o pagaria mui bem. E quanto ao negocio do tratar, elle não trazia mercadorias pera iſſo, ſómente algumas pera a

tro-

troco dellas haver o que houvesse mister, e tudo o mais eram cousas pera dar aos Reys, e Senhores, de que recebesse bom gazalhado; e porque elle esperava de o achar alli, segundo trazia por noticia, apresentasse ao Xeque alguma fruita, que lhe queria mandar pera saber o que havia na terra, donde elle vinha. O Mouro como homem esperto respondeo attentamente, dizendo, que todas aquellas cousas elle as diria a seu Senhor; e que se alguma queria mandar, elle lha presentaria da sua parte; e quanto ao Piloto que descançasse, porque alli havia muitos, que sabiam a navegação da India. Vasco da Gama com esta facilidade que o Mouro mostrou, e nova que deo, mandou logo tirar algumas conservas da Ilha da Madeira pera o Xeque, e a elle deo hum capelhar de grã, e outras cousas desta sorte, com que se partio contente.

CA-

CAPITULO IV.

Como depois que Vasco da Gama assentou paz com o Xeque de Moçambique, e elle lhe prometter Piloto pera o levar á India, se rompeo a paz: e do que sobre isso succedeo.

PArtido o Mouro mui alegre das peças que levava, mais que por ver os nossos naquellas partes, começáram elles festejar a nova que deo, dando louvores a Deos, pois já tinha visto gente que lhe fallava na India, e sobre isso promettia Piloto pera os levar a ella. Vasco da Gama peró que sem comparação alguma dava estes louvores a Deos, e mostrava maior prazer, assi polo haver nelle, como por animar a companha dos trabalhos que tinham passado, todavia como quem esguardava as cousas com mais attenção, não ficou mui satisfeito dos modos, e cautelas, que sentio no Mouro, fallando com elle, porque entendeo não ficar tão contente como mostrou, quando soube que eram Portuguezes. E sem saber que era do Reyno de Féz, escola militar delles, do ferro dos quaes podia elle, ou cousa sua andar assinado, attribuio que a tristeza que lhe vio sería por saber que eram Christãos; e por não desconsolar a gen-

gente em tanto prazer como tinha, não quiz communicar isto que entendeo nelle com pessoa alguma. O Mouro tambem porque na diligencia de sua tornada mostrasse que lhe tinha boa vontade, veio logo, dizendo quão contente o Xeque estava com as novas que lhe deo de quem eram, e quanto estimára seu presente, trazendo em retorno algum refresco da terra. E assi lhe disse da parte do Xeque taes palavras sobre a estancia, que tinha mui longe da povoação pera se communicarem de mais perto, que moveo Vasco da Gama a entrar dentro no porto. E posto que nisso houve resguardo dos Pilotos do lugar, quando foi a entrada, levando diante o navio de Nicoláo Coelho, por ser mais pequeno, e elle a sonda na mão, deo em parte que lhe lançou o leme fóra, e com tudo salvo o banco surgíram diante da povoação hum pouco affastados della, a qual estava assentada em hum pedaço de terra torneado d'agua salgada com que fica em Ilha, tudo terra baixa, e alagadiça, donde se causa ser ella mui doentia, cujas casas eram palhaças, sómente huma mesquita, e as do Xeque, que eram de taipa com eirados per cima. Os povoadores da qual eram Mouros vindos de fóra, os quaes fizeram aquella povoação como escala da Cidade Quiloa, que estava

dian-

diante, e da Mina Çofala que ficava atrás, porque a terra em si era de pouco trato, e os naturaes, que eram Negros de cabello revolto, como de Guiné, habitavam na terra firme. A qual povoação Moçambique daquelle dia tomou tanta posse de nós, que em nome he hoje a mais nomeada escala de todo o Mundo, e per frequentação a maior que tem os Portuguezes; e tanto, que poucas Cidades ha no Reyno que de sincoenta annos a esta parte enterrassem em si tanto defunto, como ella tem dos nossos. Cá, depois que nesta viagem a India foi descuberta té ora, poucos annos passáram que á ida, ou á vinda que não invernassem alli as nossas náos, e alguns invernou quasi toda huma Armada, onde ficou sepultada a maior parte da gente por causa da terra ser mui doentia; porque como o sitio della he hum cotovello á maneira de cabo, que está em altura de quatorze gráos e meio, do qual convem que as náos, que pera aquellas partes navegam hajam vista pera irem bem navegadas, quando os ventos lhes não servem pera passar adiante á ida, ou vinda, tomam aquelle remedio de invernar alli; e desta necessidade, e d'outras, (como adiante veremos na descripção de toda esta costa,) procedeo eleger-se pera escala de nossas náos hum lugar tão doentio,

tio,

tio, e barbaro, leixando na meſma coſta outros mais célebres, e nobres. Vaſco da Gama, depois que tomou o pouſo diante deſta povoação Moçambique, ao ſeguinte dia em companhia do Mouro do recado, que o veio viſitar, mandou o Eſcrivão do ſeu navio com algumas couſas ao Xeque; o qual preſente obrou tanto depois que o elle recebeo, que começáram logo de vir barcos aos navios a trazer mantimentos da terra, como gente que começava ter ſabor no retorno que haviam deſtas couſas. E per eſpaço de dez dias, em que ſe detiveram eſperando tempo, aſſentou Vaſco da Gama paz com o Xeque, e em ſinal della metteo na Ilha S. Jorge o Padrão deſte nome que diſſemos, e ao pé delle ſe poz hum Altar, onde ſe diſſe Miſſa, e tomáram todos o Sacramento, porque aqui fizeram o primeiro termo, e de maior eſperança do ſeu deſcubrimento, pera que convinha diſporem-ſe com as conſciencias em eſtado, que ſuas prezes foſſem acceptas a Deos, e mais por ſer tempo de Quareſma em que a Igreja obriga a iſſo. Neſte tempo, entre alguns Mouros, que vinham vender aos navios mantimentos, vieram tres Abexijs da terra do Preſte João; os quaes poſto que ſeguiſſem o error dos Mouros, como foram creados naquella maneira de Religião, e Fé de Chri-

Christo, que seus padres tinham, ainda que não conforme a Igreja Romana; em vendo a Imagem do Anjo Gabriel pintada em o navio do seu nome, que era o de Vasco da Gama, como cousa nota a elles por em sua patria haver muitas Igrejas, que tem estas Imagens dos Anjos, e algumas do proprio nome, assentáram-se em giolhos, e fizeram sua adoração. Quando o Capitão soube delles serem de nação Abexij, cujo Rey nestas partes era celebrado por Preste João das Indias, cousa a elle tão encommendada, começou de os inquerir per Fernão Martins lingua, os quaes posto que entendiam o Arabigo, a muitas palavras não respondiam ao proposito, como que differiam na lingua, e d'outras não davam razão, dizendo sahirem de sua terra de tão pequena idade, que não eram já lembrados. Os Mouros como entendêram que o Capitão folgava de fallar com elles, polo sinal que lhe via da Christandade, fizeram-se mui apressados pera se tornar a terra, e quasi por força leváram os Abexijs, e assi os escondêram, que por muito que Vasco da Gama trabalhou por tornar a fallar com elles, nunca mais os pode haver. Assi que por estes sinaes, e outras cautelas que usavam com elle, quiz saber se tinha certo os Pilotos que lhe promettêram, e mandou-os pedir

ao

ao Xeque; o qual como tinha aſſentado o que eſperava fazer, levemente lhe mandou dous Mouros, que ácerca da navegação a ſeu modo praticáram bem, dos quaes o Capitão ficou contente, e aſſentou com elles, que por premio de ſeu trabalho havia de dar a cada hum valia de trinta meticaes d'ouro, pezo da terra, que poderáõ ſer até quatorze mil reaes dos noſſos, e mais huma marlota de grã. As quaes couſas elles quizeram logo levar na mão, dizendo, que não podiam d'outra maneira partir, por quanto as haviam de leixar a ſuas mulheres pera ſua mantença. Vaſco da Gama peró que ſe não fiava delles polos ſinaes que já tinha viſto, levemente o fez, aſſentando, que quando hum foſſe em terra, ficaſſe outro em o navio, polo haver miſter pera a prática da navegação. Paſſados dous dias, que Vaſco da Gama tinha feito eſte concerto com elles, acertou mandar a manhã ſeguinte dous bateis buſcar lenha, e agua, que os Negros da terra ſoião a pôr na praia com premio que lhes davam; no recolher da qual de ſubito ſahíram a elles ſete zambucos cheios de gente armada a ſeu modo, e com huma grande grita começáram de os frechar, de que houveram ſeu retorno com béſtas, eſpingardas, que os noſſos levavam por reſguardo. Com o qual rompimento

de

de paz ficáram em tal eſtado, que nunca mais appareceo barco, e tudo ſe recolheo diante da viſta dos noſſos pera detrás da Ilha. Vaſco da Gama temendo que per algum modo lhe impediſſem ſeu caminho, havido conſelho com os Capitães, e Pilotos, hum Domingo onze de Março ſahio dante a povoação, e foi tomar o pouſo na Ilha de S. Jorge; e depois que ouvio huma Miſſa, ſe fez á véla caminho da India, levando comſigo hum dos Pilotos, porque ao tempo do rompimento eſtava o outro em terra. E parece que os trabalhos, que alli haviam de paſſar, ainda não ſe acabavam com ſua partida; porque como ella foi mais por evitar outro maior deſaſtre, que polo tempo ſer bom pera navegação, aos quatro dias de ſua partida acháram-ſe quatro, ou ſinco leguas áquem do Cabo de Moçambique, polas aguas correrem tão tezas a elle, que lhe abatêram todo aquelle caminho. E vendo Vaſco da Gama que lhe convinha eſperar vento de mais força pera romper eſta das correntes, a qual mudança ſería com a Lua nova, (ſegundo o Mouro Piloto lhe dizia,) foi ſurgir á Ilha de São Jorge, donde partíra, ſem querer ter communicação com os de Moçambique. Porém porque a agua ſe lhe hia gaſtando, e havia já ſeis, ou ſete dias que era chegado, per

con-

conſelho do Mouro Piloto, que prometteo levar de noite a gente a lugar onde fizeſſe aguada, mandou com elle dous bateis armados a iſſo. E ou que o Mouro queria dar muitas voltas pela terra per onde os levou, porque nellas tiveſſe algum modo de eſcapulir da mão de quem o levava, ou que verdadeiramente ſe embaraçou por ſer de noite, entre hum grande arvoredo de mangues, nunca pode dar com os poços que elle dizia, com que obrigou a Vaſco da Gama mandar de dia a iſſo dous bateis mui bem armados, que a pezar dos Negros que a vinham defender tomáram agua. E porque neſta ida fugio a nado o Mouro Piloto, e hum Negro Grumete, ao ſeguinte dia com mão armada foi demandar a povoação, onde os Mouros em hum grande eſcampado, que eſtava ante ella, e a praia, lhe deram moſtra de até dous mil homens, recolhendo-ſe logo detrás de hum repairo de madeira entulhado de terra, que fizeram naquelles dias. Vaſco da Gama vendo ſeu máo propoſito, mandou fazer ſinal de paz, como que queria eſtar á falla por ſaber o que tinha nelles; e acudindo a iſſo o Mouro dos recados, começou elle de ſe queixar do que lhe era feito, e da pouca verdade que lhe tratáram; tomando por concluſão, que não queria proceder no mais

que

que mereciam as taes obras; que lhe mandasse entregar hum Negro que lhe fugíra, e mais os Pilotos, que tinha pagos pera aquella navegação, e com isto ficaria satisfeito. O Mouro sem outra palavra disse, que elle tornaria logo com resposta, a qual foi, que o Xeque estava muito mais escandalizado da sua gente; porque querendo os seus folgar com ella em modo de festa, segundo uso da terra, ao tempo que hiam buscar agua saltáram com elles, matando, e ferindo alguns, e mais mettêram-lhe hum zambuco no fundo com muita fazenda, das quaes cousas lhe havia de fazer emenda. E quanto aos Pilotos elle não sabia parte delles por serem homens estrangeiros, que se lhe alguma cousa deviam, bem podia mandar a terra homens que os fossem buscar, que a elle bastava-lhe tellos já enviados; e isto em tempo, que lhe parecia ser elle Capitão, e os seus gente segura, e que fallava verdade; mas ao presente o que tinha entendido era serem homens vadios, que andavam roubando os portos do mar. No fim das quaes palavras sem mais esperar resposta se recolheo pera o Xeque, donde sahio huma grita, e trás ella começáram de chover settas, chegando-se aos bateis por fazerem melhor emprego, como quem ainda não tinha experimentado a furia da nos-

nossa artilheria. A qual dos primeiros tiros que lhe Vasco da Gama mandou tirar assi os castigou, que per detrás da Ilha, onde tinham os zambucos, se passáram á terra firme. Na qual passagem rodeando hum dos nossos bateis a Ilha pera lhe defender o passo, tomou hum zambuco carregado de fato; e de quanta gente hia nelle, sómente houveram á mão hum Mouro velho, è dous Negros da terra, porque toda a mais se salvou a nado. Desamparado o lugar per esta maneira, posto que Vasco da Gama lho pudera queimar, como sua tenção era assombrallos pera haver os Pilotos, e Grumete que fugio, não quiz por aquella vez fazer mais damno, que ficarem ante os pés do Xeque quatro, ou sinco homens mortos d'artilheria, que foi a causa de todos se pôrem em salvo. Tornado aos navios, fez logo per tormento perguntas ao Mouro, do qual soube a causa daquella fugida, e o trato da terra ouro de Çofala, especaria da India, e que d'alli a Calecut, segundo ouvíra dizer, sería caminho de hum mez; e quanto aos poços pera fazerem aguada, aquelles dous Negros, que eram naturaes da terra, podiam mui bem encaminhar a gente que lá houvesse de ir. Sabidas estas cousas, que foram pera Vasco da Gama de grande contentamento, por serem as mais certas,

tas,

tas, que té então tinha ſabido, ante que o Xeque mandaſſe pôr guarda nos poços, mandou logo aquella noite os bateis apercebidos de todo o neceſſario, levando comſigo eſte Mouro pera fallar aos Negros, e elles pera encaminhar a gente ao lugar dos poços, onde chegáram com aſſás trabalho por ſer de noite, e per muitos alagadiços, de maneira, que quando tornáram era já alto dia.

CAPITULO V.

Como o Xeque veio em concerto com Vaſco da Gama, e lhe deo hum Piloto, que o levou té a Cidade Mombaça, donde fugio a tempo que os Mouros da meſma Cidade lhe tinham ordenado huma traição, de que eſcapou, e dahi foi ter a Melinde.

O Xeque temendo que ſe negaſſe o que lhe pediam, indignaria os noſſos a virem queimar a povoação, e navios, com que além da perda ficava elle entre os Negros da terra firme, que o podiam vir roubar, aconſelhado deſte temor, logo ao ſeguinte dia com algumas deſculpas mandou pedir a Vaſco da Gama paz, e concordia. E quanto aos Pilotos, que eſte fogo accendêram, hum delles era auſentado, e mettido pelo ſertão, temendo o caſtigo que por iſto lhe poderiam dar; e o outro eſtava já

castigado pera sempre, por ser morto com artilheria; que as marlotas, e o mais que houveram tudo fora tomado a suas mulheres, e alli o mandava; e em lugar delles outro Piloto, homem que o havia de servir melhor, por ser mais exercitado naquelle caminho da India, e assi o Negro fugido. Vasco da Gama vendo que o tempo não era pera muitas réplicas, e mais lhe convinha o Piloto que outra alguma emenda delles, com palavras conformes ao caso acceptou o Piloto, e as marlotas com o mais mandou que se tornassem ao Xeque pera as dar a quem quizesse, e soltou o Mouro, e Negros da terra vestidos a seu prazer. Acabando estas cousas, ao seguinte dia recolheo-se á Ilha de S. Jorge, onde ainda esteve tres dias esperando tempo té o primeiro de Abril que partio, levando comsigo mais verdadeiramente hum mortal imigo que Piloto. Porque aquelle que lhe foi dado, ou pelo odio que nos tinha, ou porque assi lho mandava o Xeque, deo com os navios entre humas Ilhas, affirmando-se que era huma ponta de terra firme. Por causa da qual mentira foi mui bem açoutado, donde ficou ás Ilhas nome *do açoutado*, que hoje tem entre os nossos, que serão adiante de Moçambique sessenta leguas. O Mouro como sobre hum odio natural se

lhe

lhe accrescentou estoutro do castigo, determinou metter os navios no porto da Cidade Quiloa, por ser povo grosso, que poderia por força d'armas desbaratar os nossos navios. Pera fazer a qual maldade mais a seu salvo, disse a Vasco da Gama em modo de o querer comprazer, que adiante estava huma Cidade per nome Quiloa, a qual era meia povoada de Christãos Abexijs, e d'outros da India, que se mandasse elle o levaria a ella. Mas aprouve a Deos, que posto que Vasco da Gama lhe disse que o levasse a esta Cidade, não succedeo o negocio como o Mouro desejava, porque com as grandes correntes huma noite escorreo o porto; e com tudo ainda os metteo em outro perigo, que foi dar com o navio S. Rafael em secco em huns baixos, de que sahio com a maré, donde aquelle lugar se chama os baixos de S. Rafael, não tanto por esta vez, quanto porque á vinda se veio alli perder. Tornando a sua viagem aos sete dias de Abril, vespera do Domingo de Ramos, chegáram ao porto de huma Cidade chamada Mombaça, em a qual o Mouro disse, que havia Christãos Abexijs, e da India, por causa de ser mui abastada de todalas mercadorias. A situação da qual Cidade estava mettida per hum estreito, que torneava a terra, fazendo dua

bocas, com que ficava em modo de Ilha tão encuberta aos nossos, que não houveram vista della senão quando amparáram com a garganta do porto. Descuberta a Cidade, como os seus edificios eram de pedra, e cal, com janellas, e eirados á maneira de Hespanha, e ella ficava em huma chapa, que dava grão vista ao mar, estava tão formosa, que houveram os nossos que entravam em algum porto deste Reyno. E posto que a vista della enamorasse a todos, não consentio Vasco da Gama ao Piloto que mettesse os navios dentro como elle quizera, por vir já suspeitoso contra elles, e surgio de fóra. Os da Cidade tanto que houveram vista dos navios, mandáram logo a elles em hum barco quatro homens, que pareciam dos principaes, segundo vinham bem tratados: chegando a bordo, perguntáram, que gente era, e o que buscavam? Ao que Vasco da Gama mandou responder, dizendo quem eram, e o caminho que faziam, e a necessidade que tinham de alguns mantimentos. Os Mouros, depois que mostráram em palavras o prazer que tinham, e teria ElRey de Mombaça de sua chegada, e fazerem offertas de todo o necessario pera sua viagem, espedíram-se delle, os quaes não tardáram muito com a resposta, dizendo, que elles foram notificar

a El-

a ElRey quem eram, de que recebeo muito prazer com ſua vinda; e que quanto ás couſas, que haviam miſter, de boa vontade lhas mandaria dar, e aſſi carga de eſpeciaria pola muita que tinha. Porém convinha pera eſtas couſas lhe ſerem dadas, entrarem dentro no porto, como era coſtume das náos, que alli chegavam por Ordenança da Cidade, quando alguma couſa queriam della; e os que o não faziam, eram havidos por gente ſuſpeitoſa, e de máo trato, como alguns que havia per aquella coſta. Aos quaes muitas vezes os ſeus com mão armada vinham lançar dalli, o que podiam tambem fazer a elles, não entrando pera dentro; que lhes mandava eſte aviſo como a gente eſtrangeira, que eſcolheſſem ou entrar no porto pera lhes ſer dado o que pediam, ou paſſaſſem avante. Vaſco da Gama por ſegurar a ſuſpeita que ſe delle podia ter, acceptou a entrada pera dentro ao ſeguinte dia; e pedio áquelles, que traziam eſte recado, que quando foſſe tempo lhe mandaſſem algum Piloto pera o metterem dentro. E poſto que ſe teve muito reſguardo que o Piloto de Moçambique não fallaſſe á parte com elles, ſenão per ante Fernão Martins lingua, per qualquer modo que foi, elle lhe diſſe o que tinha paſſado com os noſſos, a qual nova os Mouros diſſi-

ſimuláram; e como gente contente do gazalhado, que lhe Vaſco da Gama mandou fazer, e dadivas que recebêram, ſe eſpedíram delle. Ao ſeguinte dia tornando hum batel a bordo com alguns Mouros honrados em modo de o viſitar, mandou com elles dous homens, que levaſſem hum preſente a ElRey, deſculpando-ſe de não poder entrar aquelles dous dias, porque ácerca dos Chriſtãos eram ſolemnes, em que não faziam obra alguma por ſerem da ſua Paſcoa; mas a tenção ſua era mandar per eſtes homens eſpiar o eſtado da Cidade, e povo della, e que navios havia dentro. Os Mouros ou que entendêram o artificio, ou porque ſempre uſam de cautelas, poſto que leváram os homens, moſtrando contentamento de o fazer, ſempre foram trazidos per mão, e de paſſada notáram ſómente o que ſe lhes offereceo á viſta, que tudo foi a multidão do povo que concorreo polos ver, e a nobreza dos Paços delRey, e a maneira de como os recebeo. Vaſco da Gama paſſados dous dias, por não dar má ſuſpeita de ſi, quando veio ao terceiro, em que aſſentou ſua entrada, vieram da Cidade muitos barcos com gente veſtida de feſta, e tangeres, moſtrando que pelo honrar vinham naquelle acto de prazer repartindo-ſe pelos navios. E porque entre Vaſco da

Ga-

Gama, e os outros Capitães eſtava aſſentado, que não conſentiſſem entrar em os navios mais que dez, ou doze peſſoas, commettendo elles eſta entrada, foram á mão aos muitos, dizendo, que pejavam a mareagem, que depois na Cidade tempo lhes ficava pera os verem. No qual tempo feito hum ſinal, mandou Vaſco da Gama desferir a véla com grande prazer de todos: dos Mouros, parecendo-lhe levar a preza que deſejavam; e dos noſſos, cuidando que em achar tão luzida gente, e as novas, que lhe davam da India, tinham acabado o fim de ſeus trabalhos: eſtando elles áquella hora em perigo de perderem as vidas, ſegundo a tenção com que eram levados. Mas Deos, em cujo poder eſtava a guarda delles neſte caminho tanto de ſeu ſerviço, não permittio que a vontade dos Mouros foſſe poſta em obra, porque quaſi milagroſamente os livrou, deſcubrindo ſuas tenções per eſte modo. Não querendo o navio de Vaſco da Gama fazer cabeça por a véla tomar vento, começou de ir deſcahindo ſobre hum baixo; e vendo elle o perigo, a grandes brados mandou ſoltar huma ancora. E como iſto, ſegundo coſtume dos mareantes nos taes tempos, não ſe póde fazer ſem per todo o navio correr de huma parte a outra aos apparelhos, tanto que os Mouros, que

eſ-

eſtavam per os outros navios, víram eſta revolta, parecendo-lhes que a traição que elles levavam no peito era deſcuberta, todos huns per ſima dos outros lançáram-ſe aos barcos. Os que eſtavam em o navio de Vaſco da Gama, vendo o que eſtes faziam, fizeram outro tanto: até o Piloto de Moçambique, que ſe lançou dos caſtellos de popa ao mar, tamanho foi o temor em todos. Quando Vaſco da Gama, e os outros Capitães víram tão ſubita novidade, abrio-lhes Deos o juizo pera entenderem a cauſa della; e ſem mais demora aſſentáram logo de ſe partir ao longo daquella coſta por terem já ſabido ſer mui povoada, e que podiam achar per ella navios de Mouros, de que houveſſem algum Piloto. Os Mouros, porque entendêram o que elles haviam de fazer, logo aquella noite vieram a remo ſurdo pera cortar as amarras dos navios; mas não houve effecto ſua maldade por ſerem ſentidos. Partido Vaſco da Gama daquelle lugar de perigo, ao ſeguinte dia achou dous zambucos, que vinham pera aquella Cidade, de que tomáram hum com treze Mouros, porque os mais ſe lançáram ao mar, e delles ſoube como adiante eſtava huma Villa chamada Melinde, cujo Rey era homem humano, per meio do qual podia haver Piloto pera a India. Vendo elle que

per-

perguntado cada hum deſtes á parte, todos concorriam na bondade delRey de Melinde, e que no ſeu porto ficavam tres, ou quatro navios de mercadores da India, per a pilotagem deſtes ſeguio a coſta, com tenção de chegar a Melinde pera haver hum Piloto, pois em todos aquelles treze Mouros não havia algum que ſe atreveſſe de o levar á India; porque ſe o achára, ſem mais experimentar os Mouros daquella coſta, rota batida houvera de atraveſſar a outra da India, que ſegundo lhe elles diziam, podia ſer dalli té ſetecentas leguas per ſua conta.

CAPITULO VI.

Como Vaſco da Gama chegou á Villa de Melinde, onde aſſentou paz com o Rey della, e poz hum Padrão; e havido Piloto, ſe partio pera a India, aonde chegou.

SEguindo Vaſco da Gama ſeu caminho com eſta preza de Mouros, ao outro dia, que era de Paſcoa da Reſurreição, indo com todolos navios embandeirados, e acompanha delles com grandes folias por ſolemnidade da feſta, chegou a Melinde, onde logo per hum degredado em companhia de hum dos Mouros mandou dizer a ElRey quem era, e o caminho que fazia, e a ne-

a neceſſidade que tinha de Piloto, e que eſta fora a cauſa de tomar aquelles homens, pedindo que lhe mandaſſe dar hum. ElRey havido eſte recado, poſto que ao nome Chriſtão tiveſſe aquelle natural odio, que lhe tem todolos Mouros, como era homem bem inclinado, e ſezudo, ſabendo per eſte Mouro o modo de como os noſſos ſe houveram com elles, e que lhe pareciam homens de grande animo no feito da guerra, e na converſação brandos, e caridoſos, ſegundo o bom tratamento que lhe fizeram depois de os tomarem, não querendo perder amizade de tal gente com más obras, como perdêram os outros Principes per cujos portos paſſáram, aſſentou de levar outro modo com elles, em quanto não viſſe ſinal contrario do que lhe eſte Mouro contava. E logo per elle, e pelo degredado mandou dous homens ao Capitão, moſtrando em palavras o contentamento que tinha de ſua vinda; que deſcançaſſe, porque Pilotos, e amizade tudo acharia naquelle ſeu porto; e que em ſinal de ſeguridade lhe mandava aquelle annel d'ouro; e lhe pedia houveſſe por bem de ſahir em terra pera ſe ver com elle. Ao que Vaſco da Gama reſpondeo conforme á vontade delRey; peró quanto ao ſahir em terra a ſe ver com elle ao preſente não o podia fazer por El-
Rey

Rey ſeu Senhor lho defender, té levar ſeu recado a ElRey de Calecut, e a outros Principes da India. Que pera elles ambos aſſentarem paz, e amizade, por ſer a couſa que lhe ElRey ſeu Senhor mais encommendava, nenhum outro modo lhe parecia melhor, por não ſahir do ſeu regimento, que ir elle em ſeus bateis té junto da praia, e ſua Real Senhoria metter-ſe naquelles zambucos, com que ambos ſe podiam ver no mar; porque pera elle ganhar por amigo tão poderoſo Principe, como era ElRey de Portugal, cujo Capitão elle era, maiores couſas devia fazer. Eſpedidos eſtes dous Mouros contentes do que lhe Vaſco da Gama diſſe, e deo, com algumas peças, que tambem leváram pera ElRey, aſſi aproveitou ante elle o recado, e preſente, que concedeo nas viſtas da maneira que Vaſco da Gama pedia, a qual facilidade os noſſos atribuíram mais a obra de Deos que a outra couſa; porque ſegundo achavam os Mouros d'aquellas partes cioſos de ſuas terras, não podiam dar outra cauſa; pois hum Rey, ſem ter delles mais noticia, que a que lhe dera o Mouro, e ſem alguma neceſſidade, ſe vinha metter no mar tão confiadamente. E praticando todos ſobre eſte caſo, e do modo que teriam neſtas viſtas, aſſentou Vaſco da Gama que ſeu irmão, e Ni-

co-

coláo Coelho ficassem em os navios a bom recado, e tanto a pique, que pudessem acudir a qualquer necessidade; e elle com todolos bateis, e a mais limpa gente da frota vestidos de festa per fóra, e armas secretas, com grande aparato de bandeiras, e toldo no batel, fosse ao lugar das vistas; a qual ordem se teve, quando veio ao dia dellas, partindo Vasco da Gama dos navios com grande estrondo de trombetas, o que tudo respondia com as vozes de gente, animando-se huns aos outros em prazer daquella festa; porque como era na terceira octava da Pascoa, tempo em que elles cá no Reyno eram costumados a festas, e prazer, parecia-lhes que estavam entre os seus. Vasco da Gama indo assi neste acto, a meio caminho mandou suspender o remo, por ElRey não ser ainda recolhido ao seu zambuco, o qual vinha ao longo da praia mettido em hum esparavel de seda com as cortinas da parte do mar alevantadas, e elle lançado em hum andor sobre os hombros de quatro homens, cercado de muita gente nobre, e a do povo diante, e detrás bem affastada pera darem vista aos nossos, todos com grande aparato de festa, e tangeres a seu modo. Entrado ElRey no zambuco com algumas pessoas principaes, e menestreis que tangiam, toda a mais gente que po-

podia ſe embarcou per outros barcos, cercando ElRey per todalas partes; ſómente leixáram huma aberta, que tinha a viſta pera os noſſos, em modo de cortezia. E o primeiro ſinal de paz, que lhe Vaſco da Gama mandou fazer, calando-ſe os inſtrumentos de feſta, foi mandar tirar os da guerra, que eram alguns berços eſpingardas, e no fim delles huma grande grita, ao que reſpondêram os noſſos navios com outra tal obra té tirarem as camaras da artilheria; a qual trovoada como era couſa nova nas orelhas daquella gente, foi pera elles tão grande eſpanto, que houve entre todos rumor de ſe acolher a terra. Peró ſentindo Vaſco da Gama a torvação delles, mandou fazer ſinal com que ceſſou aquelle tom, que os aſſombrava, e de ſi chegou-ſe ao zambuco delRey, o qual o recebeo como homem, em cujo peito não havia má tenção; e em toda a prática que ambos tiveram, que durou hum bom pedaço, tudo foi com tanta ſegurança d'ambalas partes, como ſe entre elles houvera conhecimento de mais dias. E deſta prática, e modo, que Vaſco da Gama teve com ElRey, ficou elle tão ſeguro, e contente de ſua amizade, que logo quiz ir ver os noſſos navios rodeando a todos; e por honra de ſua ida lhe mandou Vaſco da Gama entregar todolos

los Mouros, que tomou no zambuco, os quaes guardou pera dar naquelle dia das vistas. O que ElRey muito estimou, e muito mais dizer-lhe Vasco da Gama como ElRey seu Senhor tinha tanta artilheria, e tantas maiores náos que aquellas, que poderiam cubrir os mares da India, com as quaes o poderia ajudar contra seus imigos, porque fazia ElRey conta que a pouco custo per aquella via tinha ganhado hum Rey poderoso pera suas necessidades. Espedido Vasco da Gama delle, depois que o leixou desembarcado, tornou-se aos navios, e os dias que alli esteve sempre foi visitado delle com muitos refrescos, que deo causa a ser tambem visitado de huns Mouros, que alli estavam do Reyno de Cambaia em as náos, que lhe tinham dito os Mouros que tomou no zambúco. Entre os quaes vieram certos homens, a que chamam Baneanes do mesmo Gentio do Reyno de Cambaia: gente tão religiosa na secta de Pythagoras, que até a immundicia que criam em si não matão, nem comem cousa viva, dos quaes copiosamente tratámos em a nossa Geografia. Estes entrando em o navio de Vasco da Gama, e vendo na sua camara huma imagem de Nossa Senhora em hum retavolo de pincel, e que os nossos lhe faziam reverencia, fizeram elles adoração com muito

to

to maior acatamento; e como gente que ſe deleitava na viſta daquella imagem, logo ao outro dia tornáram a ella, offerecendo-lhe cravo, pimenta, e outras moſtras de eſpeciarias das que vieram alli vender, e ſe foram contentes dos noſſos pelo gazalhado que recebêram, e maneira de ſua adoração: tambem elles ficáram ſatisfeitos do ſeu modo, parecendo-lhes ſer aquella gente moſtra de alguma Chriſtandade, que haveria na India do tempo de S. Thomé, entre os quaes vinha hum Mouro Guzarate de nação chamado Malemo Cana, o qual aſſi pelo contentamento que teve da converſação dos noſſos, como por comprazer a El-Rey, que buſcava Piloto pera lhe dar, acceptou querer ir com elles. Do ſaber do qual Vaſco da Gama, depois que praticou com elle, ficou muito contente, principalmente quando lhe moſtrou huma carta de toda a coſta da India arrumada ao modo dos Mouros, que era em meridianos, e parallelos mui miudos ſem outro rumo dos ventos; porque como o quadrado daquelles meridianos, e parallelos era mui pequeno, ficava a coſta per aquelles dous rumos de Norte Sul, e Leſte Oeſte mui certa, ſem ter aquella multiplicação de ventos, d'agulha commum da noſſa Carta, que ſerve de raiz das outras. E amoſtrando-lhe

Vaſ-

Vaſco da Gama o grande Aſtrolabio de páo que levava, e outros de metal, com que tomava a altura do Sol, não ſe eſpantou o Mouro diſſo, dizendo, que alguns Pilotos do mar Roxo uſavam de inſtrumentos de latão de figura triangular, e quadrantes, com que tomavam a altura do Sol, e principalmente da eſtrella, de que ſe mais ſerviam em a navegação. Mas que elle, e os mareantes de Cambaia, e de toda a India, peró que a ſua navegação era per certas eſtrellas, aſſi do Norte, como do Sul, e outras notaveis, que curſavam per meio do Ceo de Oriente a Ponente, não tomavam a ſua diſtancia per inſtrumentos ſemelhantes áquelles, mas per outro de que ſe elle ſervia, o qual inſtrumento lhe trouxe logo a moſtrar, que era de tres taboas. E porque da figura, e uſo dellas tratamos em a noſſa Geografia em o Capitulo dos inſtrumentos da navegação, baſte aqui ſaber que ſervem a elles naquella operação, que ora ácerca de nós ſerve o inſtrumento, a que os mareantes chamam balheſtilha, de que tambem no Capitulo que diſſemos ſe dará razão delle, e dos ſeus inventores. Vaſco da Gama com eſta, e outras práticas, que per vezes teve com eſte Piloto, parecia-lhe ter nelle hum grão theſouro, e por o não perder, o mais em breve que pode, depois que met-

metteo per consentimento delRey hum Padrão per nome Sancto Espirito na povoação, dizendo ser em testemunho da paz, e amizade, que com elle assentára, se fez á véla caminho da India a vinte e quatro dias de Abril. E atravessando aquelle grande golfo de setecentas leguas que ha de huma á outra costa, per espaço de vinte dous dias, sem achar cousa que o impedisse, a primeira terra que tomou foi abaixo da Cidade Calecut, obra de duas leguas; e daqui per pescadores da terra, que logo acudíram aos navios, foi levado a ella. A qual como era o termo de sua navegação, e na instrucção que levava nenhuma outra cousa lhe era mais encommendada, e pera o Rey della nomeadamente levava cartas, e embaixada, como ao mais poderoso Principe daquellas partes, e Senhor de todalas especiarias, segundo a noticia que naquelle tempo neste Reyno de Portugal tinhamos delle, pareceo aos nossos, vendo-se diante della, que tinham acabado o fim de seus trabalhos. E posto que adiante particularmente descrevemos o sitio desta Cidade Calecut, e da região Malavar em que ella está, a qual região he huma parte da Provincia da India, aqui, por ser a primeira entrada em que os nossos tomáram posse deste descubrimento per tantos annos continua-

do, e requerido, faremos huma universal relação da Provincia da India pera melhor entendimento desta chegada de Vasco da Gama.

CAPITULO VII.

Em que se descreve o sitio da terra, a que propriamente chamamos India dentro do Gange, na qual se contém a Provincia chamada Malavar, hum dos Reynos da qual he o em que está a Cidade Calecut, onde Vasco da Gama aportou.

A Região, a que os Geografos propriamente chamam India, he a terra que jaz entre os dous illustres, e celebrados rios Indo, e Gange, do qual Indo ella tomou o nome; e os póvos do antiquissimo Reyno Delij, cabeça per sitio, e poder de toda esta região, e assi a gente Parsea a ella vizinha, ao presente per nome proprio lhe chamam Indostan. E segundo a diliniação da Taboa, que Ptholomeu faz della, e mais verdadeiramente pela noticia que ora com o nosso descubrimento temos, per excellencia bem lhe podemos chamar a grão Mesopotamia. Porque se os Gregos deram este nome, que quer dizer, entre os rios, áquella pequena parte da região Babylonica, que abraçam os dous rios Eufrates, e Tigres; assi pela situação desta entre as corren-

rentes dos notaveis Indo, e Gange, que descarregam, e vasam suas aguas em o grande Oceano Oriental, por fazermos differença della mais notavel do que se faz em dizer India dentro do Gange, e India além do Gange, bem lhe podemos chamar a grão Mesopotamia, ou Indostan, que he o proprio nome que lhe dão os póvos que a habitam, e vizinham, por nos conformarmos com elles. A qual região as correntes destes dous rios per huma parte, e o grande Oceano Indico per outra, a cércão de maneira, que quasi fica huma Chersonezo entre terras de figura de lijonja, a que os Geometras chamam rhombos, que he de iguaes lados, e não de angulos rectos. Cujos angulos oppositos em maior distancia jazem Norte Sul: o do angulo desta parte do Sul faz o cabo Comorij, e o da parte do Norte as fontes dos mesmos rios. As quaes peró que sobre a terra arrebentem distinctas em os montes, a que Ptholomeu chama Imáo, e os habitadores delles Dalanguer, e Nangracot, são estes tão conjunctos huns aos outros, que quasi querem esconder as fontes destes dous rios. E segundo fama do gentio Comarcão, parece que ambos nascem de huma vea commum, donde nasce a fabula dos dous irmãos que anda entre elles, a qual recitamos em a nos-

ſa Geografia. A diſtancia deſtas fontes ao Cabo Comorij a elles oppoſitos ſerá pouco mais, ou menos per linha direita quatrocentas leguas; e os outros dous angulos, que per contraria linha jazem de Levante a Ponente per diſtancia de trezentas leguas, fazem as bocas dos meſmos rios Indo, e Gange, ambos mui ſoberbos com as aguas do grande numero dos outros que ſe nelles mettem. E quaſi tanta he a parte da terra que elles abraçam, quanta a que per os outros dous lados cérca o mar Oceano, que ambos ſe ajuntam no Cabo Comorij a fazer aquelle agudo canto que elle tem, com que fica a figura da lijonja que diſſemos. E poſto que toda eſta Provincia Indoſtan ſeja povoada de dous generos de povo em crença, hum Idólatra, e outro Machometa, e mui vária em ritos, e coſtumes, e todos entre ſi a tem repartida em muitos Reynos, e eſtados; aſſi como em os Reynos do Moltan, Delij, Coſpetir, Bemgala, em parte, Orixa, Mando, Chitor, Guzarate, a que commummente chamamos Cambaya. E no Reyno Dacani dividido em muitos ſenhorios, que tem eſtado de Reys com o de Pale, que jaz entre hum, e o outro. E no grande Reyno de Biſnaga, que tem debaixo de ſi alguns regulos, com toda a Provincia do Malabar repartida entre muitos Reys,

Reys, e Principes de mui pequenos estados, em comparação dos outros maiores que calamos, parte dos quaes são izentos, e outros subditos destes nomeados. E segundo estes póvos entre si são bellicosos, e de pouca fé, já toda esta grande região fora subdita ao mais poderoso, se a natureza não atalhára a cubiça dos homens com grandes, e notaveis rios, montes, lagos, matas, e desertos, habitação de muitas, e diversas alimarias, que impedem passar de hum Reyno ao outro. Principalmente alguns notaveis rios, parte dos quaes não entrando na madre do Indo, e Gange, mas regando as terras, que estes dous abraçam com muitas voltas, vem sahir ao grande Oceano; e assi muitos esteiros d'agua salgada tão penetrantes á terra, que retalham a maritima de maneira que se navega per dentro. E a mais notavel divisão, que a Natureza poz nesta terra, he huma corda de montes, a que os naturaes per nome commum, por o não terem proprio, chamam Gate, que quer dizer serra; os quaes montes tendo seu nascimento na parte do Norte, vem correndo contra o Sul, assi como a costa do mar vai á vista delle, leixando entre as suas praias, e o sertão da terra huma faixa della chã, e alagadiça, retalhada d'agua em modo de leziras em algumas partes,

tes,

tes, té irem fenecer no Cabo Comorij, o qual curſo de montes ſe eſtende perto de duzentas leguas. Peró começando no rio chamado Carnate vizinho ao cabo, e monte de Lij, mui notavel aos navegantes daquella coſta, em altura de doze gráos e meio da parte do Norte, entra huma faixa de terra, que jaz entre eſte Gate, e o mar, de largura de dez té ſeis leguas, ſegundo as enſeadas, e cotovelos ſe encolhem, ou bojam, a qual faixa de terra ſe chama Malabar, que terá de cumprimento obra de oitenta leguas, onde eſtá ſituada a Cidade Calecut. Neſte tempo que Vaſco da Gama chegou a ella, poſto que geralmente toda eſta terra Malabar foſſe habitada de Gentios, nos portos do mar viviam alguns Mouros, mais por razão da mercadoria, e trato, que por ter algum eſtado na terra, porque todolos Reys, e Principes della eram do genero Gentio, e da linhagem dos Brammanes, gente a mais docta, e religioſa em ſeu modo de crença de todas aquellas partes. E o mais poderoſo Principe daquelle Malabar era ElRey de Calecut, o qual por excellencia ſe chamava Çamorij, que ácerca delles he como entre nós o titulo de Emperador. Cuja metropoli de ſeu eſtado, da qual o Reyno tomou o nome, e a Cidade Calecut, ſituada em huma coſta bra-

va,

va, não com grandes, e altos edificios, sómente tinha algumas casas nobres de mercadores Mouros da terra, e d'outros do Cairo, e Méca alli residentes, por causa do trato da especiaria, onde recolhiam sua fazenda com temor do fogo; toda a mais povoação era de madeira cuberta de hum genero de folha de palma, a que elles chamam ola. E como nesta Cidade havia grande concurso de varias nações, e o Gentio della mui supersticioso em se tocar com gente fóra de seu sangue, principalmente os que se chamavam Brammanes, e Naires; destes dous generos de gente, sendo a mais nobre da terra, viviam nella mui poucos, toda a outra povoação era de Mouros, e Gentio mecanico. Pola qual causa tambem ElRey estava fóra da Cidade em huns paços, que seríam della quasi meia legua, entre palmares, e a gente nobre apousentada per derredor ao modo que cá temos as quintas. E porque, (segundo dissemos,) adiante particularmente escrevemos as cousas deste Reyno Calecut, não procedemos aqui mais na relação dellas.

CA-

CAPITULO VIII.

Como Vasco da Gama mandou recado a ElRey de Calecut, que era chegado ao porto de sua Cidade: e depois per sua licença se vio com elle duas vezes.

AO tempo que Vasco da Gama chegou a esta Cidade Calecut, que era a vinte de Maio principio do Inverno naquella costa, não havia no porto o grão trafego, e numero de náos, que nelle estão á carga nos mezes de Verão; porque as estrangeiras, que alli costumavam vir, eram tornadas a suas terras, e as do mesmo Reyno de Calecut per os rios, e esteiros estavam mettidas em fossas cubertas com folha de palma, segundo costumam per toda aquella costa; e por esta chegada ser fóra do tempo da sua navegação, tanto espanto fez aos da terra, como a feição, e mareagem dos navios, e logo lhe pareceo gente nova, e não costumada navegar aquelles mares. Vasco da Gama, tanto que ancorou hum pouco largo do porto por causa de hum recife em que o mar quebrava, mandou em terra o Mouro Piloto, e hum degredado, notificando per elles a ElRey sua chegada, e o recado que lhe trazia, pedin-

dindo que lhe mandasse dizer quando havia por bem que fosse a elle, porque sem sua licença não sahiria dos navios. O Mouro Malemo Caná, como quem sabia a terra, foi-se logo aos Paços delRey; e porque achou nova que era em hum lugar que sería dalli sinco leguas, sem tornar aos navios com recado, se foi a elle. Vasco da Gama por lhe este Caná ter dito quão pequena distancia havia da Cidade aos Paços delRey, vendo que não vinha aquelle dia, e que era passado a maior parte do outro, começou tomar má suspeita delle; e principalmente porque de quantos barcos sahiam a pescar, todos se affastavam dos navios, como gente temerosa, ou per qualquer outra causa que fosse. Porém quando veio ao outro dia á tarde, tirou toda esta suspeita com a vinda delles, e de hum Piloto do Çamorij, per o qual elle lhe fazia saber o contentamento que tinha de sua vinda; e que postos os navios em hum porto seguro, onde lhe elle mandava que os levassem por causa do Inverno, depois lhe mandaria dizer quando havia por bem que fosse a elle. Com o qual recado Vasco da Gama ficou mui satisfeito, principalmente na mudança dos navios daquella costa a lugar mais seguro, porque nisto mostrava ElRey per obra o que lhe mandava dizer per pa-

la-

lavra ácerca do contentamento que tinha de ſua vinda ; e que de tal acolhimento do primeiro recado que lhe mandava podia eſperar ſer bem deſpachado. E por moſtrar maior confiança a eſte Piloto , que lhe El-Rey mandou , diſſe, que elle podia mandar naquelles navios o que quizeſſe , porque todos lhe obedeceriam , e aſſi ſe fez: cá pela ordenança do Piloto ſe paſſáram a hum porto chamado Capocate perto dalli, onde Vaſco da Gama eſteve eſperando dous dias recado delRey , ſem da terra virem aos navios , nem delles irem a ella. Ante que elle vieſſe com os navios a eſte porto, o dia que o Piloto delRey lhe trouxeſſe ſeu recado pera ſe mudar aqui , entre alguns Officiaes da arrecadação dos direitos delRey , que vieram com elle , foi hum Mouro per nome Monçaide , cujo officio era corrector de mercadorias ; o qual por ſer conhecente do Piloto Malemo Caná, elle o agazalhou em ſua caſa , e aſſi o degredado a noite que dormíram em terra. Eſte Monçaide, (ſegundo elle depois contou,) era natural do Reyno de Tunez , e tivera já communicação com os Portuguezes em a Cidade Ourão, quando alli hiam as náos deſte Reyno per mandado delRey D. João o Segundo buſcar lambeis pera o reſgate do ouro da Mina ; e ou que a lem-

lembrança destas partes do Occidente, onde nascêra, ou qualquer outra boa disposição, assi o demovêram, vendo, e praticando com os nossos per lingua Castelhana, que elle sabia, que da hora que entrou em os navios assi se fez familiar a Vasco da Gama, que se veio com elle pera este Reyno, onde morreo Christão. O qual como esperava acabar neste estado, era tão fiel a nossas cousas, que per meio delle foi Vasco da Gama avisado de muitas: e parece que Deos o trouxe áquellas partes pera proveito nosso, segundo o que passou, como veremos. E logo em dous dias, que Vasco da Gama esteve esperando por recado do Çamorij, este Monçaide o avisou de algumas cousas, por razão das quaes elle teve conselho com os Capitães do modo que teria em ir ao Çamorij, quando o mandasse chamar: e assentou que seu irmão, e Nicolao Coelho ficassem em os navios, dando-lhe regimento do que haviam de fazer. Vindo o recado do Çamorij que fosse, sahio Vasco da Gama com doze pessoas em terra, onde o recebeo hum homem nobre, a que elles chamam Catual, acompanhado de duzentos homens a pé delles pera levarem o fato dos nossos, e delles que serviam de espada, e adarga, como guarda de sua pessoa, e outros de o trazer aos

hom-

hombros em hum andor, porque em toda aquella terra Malabar não ſe ſervem de beſtas, hum dos quaes andores foi tambem apreſentado a Vaſco da Gama pera ir nelle. Poſto o Catual, e elle em caminho pera Calecut, que ſería dalli ſinco leguas, começáram os doze que levava ficar de dous em dous; porque além de o caminho ſer de arêa, e elles deſacoſtumados de caminhar, era tão grande o curſo dos que levavam o andor, que em todo o caminho foi Vaſco da Gama ſem elles, té á noite ſe ajuntarem em hum lugar, onde o Catual dormio. Quando veio ao outro dia, que tornáram caminhar, chegáram a hum grande templo do Gentio da terra, mui bem lavrado de cantaria com hum coruchéo cuberto de tijolo, á porta do qual eſtava hum Padrão grande de latão, e em ſima por remate hum gallo. E dentro no corpo do templo eſtava hum portal, cujas portas eram de metal, perque entravam a huma eſcada que ſubia ao coruchéo; ao pé do qual, onde ficava o redondo delle em modo de charola, eſtavam algumas imagens da ſua adoração. Os noſſos como hiam crentes ſer aquella gente dos convertidos pelo Apoſtolo S. Thomé, ſegundo a fama que cá neſtas partes havia, e elles achavam per dito dos Mouros, alguns ſe aſſentáram em gio-

lhos

lhos a fazer oração áquellas imagens, cuidando ſerem dignas de adoração. Do qual acto o Gentio da terra houve muito prazer, parecendo-lhe ſermos dados ao culto de adorar imagens, o que elles não viam fazer aos Mouros. Partidos deſte templo, chegáram a outro junto de huma povoação, onde eſtava apouſentado outro Catual, peſſoa mais notavel, que vinha per mandado do Çamorij receber Vaſco da Gama. O qual quando ſahio a elle era com muita gente de guerra, todos adargados a ſeu modo: tão poſtos em ordem com ſeus inſtrumentos de tanger pera os animar, que folgáram os noſſos em os ver naquella ordenança, e mais ſendo feita por honra de ſua vinda. Chegado o Catual a Vaſco da Gama, depois que ſegundo ſeu uſo o recebeo com muita cortezia, mandou-lhe dar outro andor que trazia adeſtro, melhor concertado que aquelle em que vinha; e ſem fazer mais detença, ſeguíram ſeu caminho aos Paços delRey, onde Vaſco da Gama eſperou polos ſeus, que não podiam aturar o curſo daquelles que levavam o andor; e o maior damno que recebiam era do grande povo, que quaſi os levava afogados polos ver. E ainda ſobre iſſo á entrada de hum grande terreiro cercado era tanta preza por entrarem na volta delles, que veio o negocio ás

pu-

punhadas, e dahi ao ferro, em que houve feridos, e hum morto, primeiro que os Officiaes delRey apagassem o arroido; e porém sempre tiveram tanto resguardo em as pessoas dos nossos, que em toda a revolta não lhe foi feito algum desacatamento. Passado aquelle terreiro, entráram em hum pateo de alpenderes, onde acháram Vasco da Gama, e o Catual com alguma gente mais limpa esperando por elles; e sem tomar algum repouso daquella affronta em que vinham, entráram todos em huma grão casa terrea, em que estava aquelle grande Çamorij da Provincia Malabar per elles tão desejado de ver. De junto do qual se alevantou hum homem de grande idade, que era o seu Brammane maior, vestido de humas vestiduras brancas, representando nellas, e em sua idade, e continencia ser homem religioso; e chegado ao meio da casa, tomou Vasco da Gama pela mão, e o foi apresentar ao Çamorij, o qual estava no cabo da casa lançado em huma camilha cuberta de pannos de seda, posto em hum leito, a que elles chamam catle, e elle vestido com hum panno d'algodão burnido com algumas rosas d'ouro batido semeadas per elle, e na cabeça huma carapuça de brocado alta á maneira de mitra cerrada, cheia de perlas, e pedraria, e per os braços, e pernas, que

es-

eſtavam deſcubertos, tinha braceletes d'ouro, e pedraria. E a huma ilharga deſte leito, em que jazia com a cabeça poſta ſobre huma almofada de ſeda raſa com lavores d'ouro á maneira de broſſado, eſtava hum homem, que parecia em trajo, e officio dos mais principaes da terra, o qual tinha na mão hum prato d'ouro com folhas de betelle, que elles uſam remoer por lhes confortar o eſtomago. O Çamorij, poſto que no ar do roſtro recebeo Vaſco da Gama com graça, tinha tamanha mageſtade, e aſſi eſtava grave naquelle ſeu catle, que não fez mais movimento para elle quando lhe fallou, que levantar a cabeça d'almofada, e de ſi acenou ao Brammane, que o fizeſſe aſſentar em huns degráos do eſtrado, em que tinha o catle, e aos de ſua companhia em outra parte hum pedaço affaſtados, por ver que haviam miſter tomar algum repouſo, ſegundo vinham affrontados do caminho. E depois que per hum eſpaço grande eſteve notando as peſſoas, trajos, e actos delles, e praticando em palavras geraes com Vaſco da Gama, recebidas delle duas cartas, que lhe mandava ElRey D. Manuel, huma eſcrita em Aravigo, e outra em lingua Portuguez, que era da meſma ſubſtancia, diſſe-lhe, que elle as veria, e depois mais de vagar ouviria a elle, que por então

tão se fosse a repousar. Que quanto ao seu gazalhado visse com quem queria que fosse, se com Mouros, ou com os naturaes da terra, pois alli não havia gente da sua nação, segundo tinha sabido. Ao que Vasco da Gama respondeo, que entre os Mouros, e Christãos havia differença ácerca da lei que tinham, e outras paixões particulares; e que com os seus vassallos por elle, e os de sua companhia não saberem seus costumes, e temiam de os poder enojar, pedia a Sua Real Senhoria que os mandasse apousentar sem companhia alguma. O que approuve ao Çamorij, mandando ao Catual que o contentasse; e louvou Vasco da Gama de homem prudente, e cauteloso nas cousas da paz, segundo o Mouro Monçaide lhe veio contando pelo caminho té chegarem á Cidade Calecut já bem noite. E entre algumas cousas que o Catual fez, de que Vasco da Gama teve delle boa esperança pera seus negocios, foi mandar a este Monçaide que se não apartasse delle pera poder requerer o que houvesse mister, vendo que lhe era accepto por se entender em alguma maneira com elle; o que Monçaide acceptou de boa vontade, e quasi elle se offereceo a isso. Parece que o chamava Deos por alguma boa disposição que nelle havia pera se salvar, segundo logo mostrou

trou

trou na verdade que tratava, e fieis conselhos que deo, hum dos quaes foi este. Querendo Vasco da Gama ao seguinte dia ir ao Çamorij a lhe dar a embaixada que levava, o Catual o entreteve, dizendo, que os Embaixadores, que vinham ao Çamorij, e a todolos Principes daquellas partes da India, tinham per costume não irem ante o Principe, senão quando elle os mandava chamar, e mais que primeiro repousavam alguns dias. No qual caso aconselhou Monçaide, pera esta ida ser mais prestes, dizendo, que o mais certo costume dos Principes daquellas partes era não ouvirem alguem, sem lhe primeiro levar alguma cousa; e quanto o Embaixador era mais estranho, tanto maior presente esperavam; e que delle não ter isto feito, ElRey o não ouvio logo: por tanto se queria ser bem aviado, começasse de usar do costume da terra, porque ante o Rey não póde ir alguem com as mãos vasias. E tambem os seus Officiaes, per cuja mão os negocios corriam, convinha per este modo serem contentes: cá d'outra maneira sería tarde ouvido, e sobre isso mal despachado. Vasco da Gama, posto que não lhe esquecia ser esta a entrada, e sahida, com que se acabam os negocios em toda parte, não lhe pareceo que tardava em hum dia; mas sabendo per Monçaide

quanto lhe importava, mandou logo a El-Rey algumas cousas, as quaes foram com este recado de desculpa; que quando partíra de Portugal, por não ter certo que podia passar á India, e ver sua Real Pessoa, não fora apercebido como devia; que aquellas cousas eram das que trazia pera seu uso, que lhas enviava, não tanto por sua valia, quanto por mostra das que havia em Portugal; e ainda aquellas escapáram da humidade do mar por haver muito tempo que andava nelle. Tanto que o Çamorij teve este presente, e os seus Officiaes foram satisfeitos, segundo o conselho de Monçaide, foi Vasco da Gama levado ante elle, ao qual recebeo já com mais honra em outra casa, e mandando-o assentar, lhe disse; que elle tinha visto huma das cartas, que lhe dera escrita em Aravigo, e nella se continha a boa vontade, e amor, que ElRey de Portugal seu Senhor lhe mostrava ter, e assi enviallo a elle pera algumas cousas, que faziam a bem de paz, e commercio d'antre ambos, que lhe elle diria, por tanto podia fallar nisso. Vasco da Gama havida esta licença, como já estava amoestado per Monçaide do uso daquelles Principes, que he serem mui taxados em ouvir, e responder, e terem as orelhas mais promptas no seu proveito, que

na

na eloquencia da embaixada, e mais quando he relatada per terceiro, os quaes interpretes gerálmente dizem a substancia da causa, e não as vivas razões della, por se conformar com o modo da terra nestas palavras, resumio o que lhe era mandado: Que a causa principal, que movêra a El-Rey seu Senhor enviallo áquellas partes Orientaes tão remotas do seu estado, fora ser ante elle mui celebrada a fama da Real Pessoa delle Çamorij, e da grandeza do seu senhorio, e estarem em seu poder a maior parte das especiarias, que per mãos dos Mouros se navegavam pera as partes da Christandade: E porque elle tinha descuberto per seus Capitães novo caminho pera entre elles haver amor, prestança, e communicação de commercio, com que o Reyno delle Çamorij fosse mais rico por causa do muito ouro, prata, sedas, e outra muita sorte de preciosas mercadorias, de que o seu Reyno de Portugal era tão abastado, quanto o de Calecut de pimenta, elle Senhor Rey o enviava com aquelles tres navios a lhe notificar esta sua tenção; e sendo-lhe accepta, armaria mui grossas náos carregadas desta fazenda; e a ordem, e modo do commercio, e preço das cousas sería aquelle que fosse em proveito d'ambos. O Çamorij a estas palavras respondeo com

outras muito mais breves, em que moſtrou ter contentamento da cauſa da vinda delle Vaſco da Gama, e acabou dizendo, que elle o deſpacharia mui cedo, e com iſto o eſpedio.

CAPITULO IX.

Da conſulta, que os principaes Mouros de Calecut tiveram ſobre a ida de Vaſco da Gama áquellas partes: e como o Çamorij por cauſa delles o eſpedio.

OS Mouros, aſſi naturaes da terra, como alguns eſtrangeiros, que eſtavam naquella Cidade Calecut por razão do trato da eſpeciaria, (do qual negocio elles eram ſenhores, navegando-a per o mar Roxo,) quando víram que a embaixada de Vaſco da Gama era a fim do commercio deſtas eſpeciarias, ficáram mui triſtes, principalmente ſabendo o contentamento que o Çamorij tinha de hum Rey de tão longe terra, como era o Ponente, lhe enviar embaixada, e que louvava os noſſos, dizendo, que lhe parecia gente de boa razão, e que ſería proveitoſa vindo áquelle ſeu Reyno, pois eram ſenhores de tantas mercadorias, como diziam. Sobre o qual caſo os principaes a que iſto mais tocava, tiveram conſulta; e entre muitas razões, que foram trazidas do grande damno, que todos receberiam, ſe

ſe entraſſemos na India , foi o que contou hum delles, dizendo, que o anno paſſado ſobre duas náos de Méca que tardavam, em que lhe vinha fazenda, fizera pergunta a algumas peſſoas, que uſam do officio de Aſtrologia, e d'outras artes, que daqui dependem: huma das quaes peſſoas, que elle daria por teſtemunha, como actor da obra, em hum vaſo d'agua lhe moſtrára as náos perdidas, e mais outras á véla, que dizia partirem de mui longe pera vir á India, que a gente dellas ſería total deſtruição dos Mouros daquellas partes. E porque em verdade ellas eram perdidas, como todos ſabiam, pois a todos tocára eſta perda, podia-ſe tomar ſuſpeita do mais na vinda daquelles navios alli chegados, pois a gente delles era Chriſtã, capital imiga de Mouros. Finalmente com eſta hiſtoria, ora foſſe fingida pera induzir os outros, (poſto que ſem ella elles eſtavam bem movidos contra os noſſos,) ora que o Demonio lhe quiz repreſentar aquelle ſeu futuro mal; a concluſão da conſulta acabou, que buſcaſſem todolos modos poſſiveis pera ſumir os noſſos navios no fundo do mar; e que as peſſoas como ficaſſem em terra, hum, e hum os iriam gaſtando, com que não houveſſe memoria delles, nem do que tinham deſcuberto. Porém temendo que o Çamorij ſe podia

dia

dia escandalizar, se publicamente nisso fizessem alguma cousa, pareceo-lhe mais seguro modo ser este caso commettido pelo executor de todalas más sentenças, que he o dinheiro, subornando com elle ao Catual, que tinha cargo dos nossos, pera que indinasse a ElRey contra elles com algumas razões apparentes, que lhe deram pera o caso, affirmando serem verdadeiras, e que convinham ao bem, e paz da terra. O Catual, como lhe enchêram as mãos, e as orelhas, começou logo fazer seu officio, e a primeira obra foi não consentir que os nossos sahissem da casa em que estavam, por não verem a Cidade, nem o trato della, dando a entender a Vasco da Gama, que em quanto não fosse despachado, não tinham licença pera andar soltamente pela Cidade; e mais convinha a elle ser isto assi, por evitar algum escandalo, que podiam receber dos Mouros, pois entre todos havia paixões por razão do que cada hum cria ácerca das cousas de Deos. Com as quaes palavras, per que elle mostrava ordenar tudo a bem de paz em obras, negava-lhe o necessario que haviam mister, em que Vasco da Gama entendia parte da sua tenção, e começou logo requerer seu despacho sem outra carga de especiaria; porque tornando elle a este Reyno com nova do que tinha des-

descuberto, tempo ficava pera ElRey mandar frota, com que haveria quanta quizesse, sem temer as náos de Méca, com a vinda das quaes o assombrava o Mouro Monçaide, dizendo serem grandes, e poderosas, de que poderia receber damno, por tanto trabalhasse por se espedir daquella terra ante que ellas viessem. Vasco da Gama como per estes, e outros avisos que tinha dado, entendeo ser homem fiel, per elle escreveo a seu irmão Paulo da Gama, fazendo-lhe saber o que passava, e sentia dos Mouros, encommendando-lhe resguardo na communicação da gente da terra; que fossem a bordo dos navios, porque os Mouros tudo haviam de tentar pera os metter em odio com o Gentio da terra. O Catual tanto que vio tempo pera isso, disse ao Çamorij, que geralmente todolos homens do Ponente, que estavam naquella Cidade, diziam que aquelles, que alli eram vindos na sua propria terra, viviam mais deste officio de cossairos, que de trato, e mercadoria; e como homens perseguidos na terra de seus naturaes, se desterravam pera parte, onde não fossem conhecidos: Que as cartas, que lhe deram em nome de Embaixadores, que traziam, tudo era artificio pera encubrir a infamia de vagabundos; cá não estava em razão hum Rey de tão longe, como

era

era o Occidente da terra da Franquia, mandar-lhe embaixada, que não trazia mais fundamento, que desejo de sua amizade, e que a mesma cousa per si mostrava não poder ser; porque huma das razões da amizade, era a communicação das pessoas, e prestança nas obras, e que estas entre elles eram mui contrarias, assi por razão da crença differente que cada hum tinha, como por a grande distancia de seus estados. E mais, que hum Rey tão poderoso, e rico, como elles diziam ser o seu, mal mostrava este poder no presente que lhe mandára, pois eram peças, que qualquer mercador, que vinha do estreito, as dava melhores. Quanto a dizerem ser enviados por razão da especiaria, elles não traziam mercadorias que dessem sinal disso; e ainda que tudo fosse como elles diziam, não devia querer perder proveito tão certo, como tinha nos Mouros, pelo que promettiam homens, que habitavam nos fins da terra, os quaes haviam mister dous annos de navegação. Quanto mais, que vendo os Mouros como sua Real Senhoria favorecia homens novos, e de que se tanto mal dizia, e sobre tudo seus imigos, era causa de grande escandalo para elles, e não sería muito perdellos; cousa, que elle devia muito temer, pois perdendo a elles, perdia vassallos, e não virem

mais

mais a ſeu porto náos de Méca, Judá, Adem, Ormuz, e d'outras muitas partes, no commercio das quaes eſtava todo ſeu eſtado: Que elle em dizer iſto, comprazia com a obrigação que lhe devia, que era repreſentar-lhe as couſas de ſeu ſerviço; que além do ſeu, devia tomar parecer d'outras peſſoas, apontando-lhe logo em alguns ſeus officiaes, que elle Catual ſabia já eſtarem da parte dos Mouros, cá pelo teſtemunho deſtes ficavam ſuas palavras com maior fé. El-Rey, ainda que era homem prudente, e tinha tenteado quanto proveito podia receber neſte novo caminho, que os noſſos abríram pera dar maior ſahida ás ſuas eſpeciarias, tanto poder tiveram nelle eſtas palavras do Catual, que ſem mais examinar a verdade, com os outros teſtemunhos, que lhe o meſmo Catual nomeou, depois que lhe pedio ſeu parecer, ficou aſſi traſtornado, que teve os noſſos na conta que lhe elles pintáram, de maneira que faleceo pouco de lhe ordenarem couſa com que nunca cá vieram. Mas como as que Deos ordena não ſe podem contrariar pelos homens, ainda que em alguma maneira pareça que as impedem, o modo que eſtes Mouros buſcáram de os deſtruir, eſſa foi a cauſa de ſerem mais cedo deſpachados, ante que vieſſem as náos de Méca; porque tanto que o

Ça-

Çamorij concebeo o que lhe diziam, mandou chamar Vasco da Gama, e disse, que lhe descubrisse huma verdade, que elle promettia de lha perdoar, por ser cousa natural aos homens buscarem cautelas, e modos de sua abonação pera fazerem seu proveito; e que se andavam desterrados por algum caso, elle os ajudaria em tudo; cá, segundo tinha sabido d'alguns homens das partes da Franquia, donde diziam ser, elles não tinham Rey; ou se o havia na sua patria, o seu officio mais era andar pelo mar d'armada á maneira de cossairos, que por razão do commercio. Vasco da Gama quando ouvio taes palavras, sem leixar ir ElRey mais avante com ellas, disse, que verdadeiramente elle não punha culpa cuidarem delles muitas cousas, porque grão novidade devia ser a todolos seus vassallos verem naquellas partes nova gente em religião, e costumes; e mais vindos per caminho nunca navegado, com embaixada de hum poderoso Rey, que não pertendia mais interesse que sua amizade, e communicação de commercio, pera dar nova sahida ás especiarias daquelle seu Reyno Calecut; porque homens, armas, cavallos, ouro, prata, seda, e outras cousas á humana vida necessarias no seu Reyno as havia tão abastadamente, que não tinha necessidade de as

ir

ir buſcar aos alheios, e mais tão remotos como eram os da India; porém ſabendo elle Çamorij o que ElRey ſeu Senhor quiz de mil e ſeiscentas leguas de coſta, que elle, e ſeus anteceſſores mandáram deſcubrir, haveria não ſer nova couſa enviar mais avante per eſta meſma coſta té chegar a ſua Real Senhoria, cuja fama era mui celebrada nas partes da Chriſtandade. E neſtas mil e ſeiscentas leguas que mandou deſcubrir, achando-ſe muitos Reys, e Principes do genero Gentio, nenhuma couſa quiz delles, ſómente doctrinallos em a Fé de Chriſto Jeſus Redemptor do Mundo, Senhor do Ceo, e da terra, que elle confeſſava, e adorava por ſeu Deos, por louvor, e ſerviço do qual elle tomava eſta empreza de novos deſcubrimentos da terra. E com eſte beneficio da ſalvação das almas, que ElRey D. Manuel procurava áquelles Reys, e póvos, que novamente deſcubria, tambem lhes enviava navios carregados de couſas de que elles careciam, aſſi como cavallos, prata, ſeda, pannos, e outras mercadorias. Em retorno das quaes os ſeus Capitães traziam outras, que havia na terra, que era marfim, ouro, malagueta, pimenta, dous generos d'eſpeciaria de tanto proveito, e tão eſtimada nas partes da Chriſtandade, como a pimenta daquelle ſeu Reyno de Calecut. Com as

quaes

quaes commutações, os Reynos que sua amizade acceptavam, de barbaros eram feitos politicos, de fracos poderosos, e ricos de pobres, tudo á custa dos trabalhos, e industria dos Portuguezes. Nas quaes obras ElRey seu Senhor não buscava mais que a gloria de acabar grandes cousas por serviço de seu Deos, e fama dos Portuguezes. Porém com os Mouros, por serem seus contrarios, contrariamente se havia, cá per força de armas nas partes de Africa, que elles habitam, lhe tinha tomado quatro principaes forças, e portos de mar do Reyno de Féz: por isso onde quer que se achavam, não sómente infamavam de boca o nome Portuguez, mas ainda maliciosamente lhe procuravam a morte, e não rostro a rostro por terem experimentado o seu ferro. O testemunho da qual verdade se vio no que lhe fizeram em Moçambique, e Mombaça, como sua Real Pessoa já teria sabido do Piloto Caná, o qual engano, e traição nunca achára per quantas terras de Gentios tinha descuberto; porque estes naturalmente eram amigos do povo Christão por todos virem de huma geração, e serem mui conformes em alguns costumes, e no modo dos seus templos, segundo tinha visto naquelle seu Reyno de Calecut. Té os seus Bramanes na religião que tinham da Trindade de tres

Pes-

Pessoas, e hum só Deos, que ácerca dos Christãos era o fundamento de toda sua fé, se conformavam com elles, (peró que per outro modo mui differente,) a qual cousa os Mouros contradizem. E delles saberem esta conformidade d'antre o povo Gentio, e Christão, trabalhavam que os Portuguezes ante elle Çamorij fossem infamados, e avorrecidos, sendo-lhe já tão obrigado aos defender; pois não precedendo mais causas pera ElRey seu Senhor desejar sua amizade, que huma fama da grandeza delle Çamorij, folgára de o enviar a elle polas causas que lhe tinha dito. E isto não commettêra sómente aquelle anno, mas era já tão continuado per tantos, e ElRey tão desejoso de ter descuberto este caminho de Portugal pera a India, que ainda que elle Vasco da Gama per qualquer desastre não tornasse a Portugal, soubesse certo que ElRey havia de continuar tanto este descubrimento, té lhe levarem recado delle Çamorij. Por tanto lhe pedia, como a Emperador de toda aquella região Malabar, pois Deos a elle Vasco da Gama, e aos seus companheiros tinha feito tanta mercê, que fossem os primeiros que vieram antelle, quizesse metter a mão de seu poder neste odio, que lhe os Mouros tinham, e não consentisse serem elles causa d'algum grande in-

cen-

cendio de guerra naquellas partes, porque a gente Portuguez não dissimulava injurias, e principalmente a Mouros, dos quaes tinha havido grandes victorias. Mui attento esteve o Çamorij a todas estas palavras de Vasco da Gama, olhando muito a continencia com que as dizia, como homem, que do fervor, e constancia que lhe visse, queria conjecturar a verdade dellas. E que de seu natural fosse homem prudente, e nos sinaes que esguardou julgasse a verdade do caso, quiz comprazer em parte a tenção dos Mouros, que foi espedir Vasco da Gama, mandando-lhe que se tornasse aos navios, e que alli lhe mandaria o despacho de sua embaixada, dizendo, que por então isto lhe parecia convir a elle Vasco da Gama, pois confessava que entre elles, e os Mouros havia aquelles odios; porque ficando mais tempo na Cidade, per ventura huns com os outros travariam em palavras, que fosse causa delle receber contra sua vontade algum damno, de que elle Çamorij teria desprazer, e com isto o espedio.

CAPITULO X.

Como per induſtria dos Mouros Vaſco da Gama, e os que com elle eſtavam, foram reteudos; e depois de recolhido aos navios, e poſto em terra Diogo Dias, e Alvaro de Braga, tambem foram prezos, té que o Camorij mandou prover niſſo, e os eſpedio de todo.

OS Mouros quando ſouberam o que ElRey mandava a Vaſco da Gama, não ficáram mui ſatisfeitos, porque todo ſeu trabalho era ordenar que os ſeus navios foſſem mettidos no fundo, com fundamento que ficando a gente em terra, poucos, e poucos os iriam gaſtando; e pera executar eſte propoſito, fizeram com o Catual que os retiveſſe, e obrigaſſe a tirar os navios em terra pera de noite lhe pôrem fogo. O Catual como em tudo queria comprazer aos Mouros, levou Vaſco da Gama fóra de Calecut, moſtrando que o acompanhava té o meio caminho de ſua embarcação, e ſecretamente tinha mandado aos Officiaes delRey, que eſtavam em Capocate, onde ſe eſpedio delle, que o retiveſſem, como homens que faziam aquillo por razão de ſeus officios. Quando elle vio que o retinham, bem lhe pareceo ſer mais induſtria dos Mouros,

ros, que mandado pelo Çamorij, e porque pudesse ir ter á sua noticia, começou de se queixar gravemente com os ministros do caso, os quaes respondêram, que elle se queixava mais sem causa, do que a elles tinham em o reter, como officiaes que eram del-Rey, obrigados a olhar o bem, e segurança da terra, porque a elle não o retinham com tenção de o querer anojar, mas com receio de elle fazer algum nojo á gente da terra, depois que se visse em os navios, segundo se dizia que elles fizeram nos portos per onde vinham; que se elle, e os seus eram gente pacifica, deviam usar o costume d'aquellas partes, principalmente naquelle tempo do inverno, varando seus navios em terra, e não estar sempre com a verga dalto, como gente que tinha animo de commetter algum mal. Ao que Vasco da Gama respondeo, que os seus navios eram de quilha, e não de feição dos da terra, e por isso era cousa impossivel poderem ser varados, por não haver alli os apparelhos que no Reyno de Portugal havia pera aquella necessidade. Finalmente tanto aperfiáram sobre o varar dos navios, ou que leixasse em terra alguns homens com mercadorias, e isto em modo de refens, em quanto o Çamorij o não despachava, dizendo, que a gente do mar lho requeria, pera poderem ir pescar segura-
men-

mente delles: que conveio a Vaſco da Gama leixar em terra com alguma pouquidade diſſo que levavam pera compra de mantimentos a Diogo Dias por Feitor, Alvaro de Braga por Eſcrivão, Fernão Martins lingua, e quatro homens do ſeu ſerviço, té ver em que parava o deſpacho do Çamorij. Os miniſtros deſta obra tanto que per ella ficáram ſeguros, conſentíram que Vaſco da Gama ſe embarcaſſe; mas quanto a dar modo pera que Diogo Dias compraſſe alguma couſa, tudo eram artificios pera o não poderem fazer; de maneira, que per eſpaço de ſeis, ou ſete dias elles ſe haviam por prezos, e não por Feitores, té que á força de queixumes de Vaſco da Gama acudio o Catual, que era o auctor deſtas couſas, e mandou-ſe deſculpar a elle, fingindo não ſer diſſo ſabedor; e porém que os officiaes tinham razão, por quanto o Çamorij o não tinha de todo deſpachado. E que por haver pouco que comprar, ou vender naquelle lugar, elle mandava levar os ſeus Feitores a Calecut, onde havia cópia de tudo: por tanto lhe parecia bom conſelho que elle com os ſeus navios ſe foſſe ao porto da Cidade por ſer mais perto donde eſtava o Çamorij pera ſeus negocios ſerem mais em breve deſpachados. Vaſco da Gama, poſto que ſentiſſe, que todos eſtes arti-

ficios eram dilações pera o deter té a vinda das náos de Méca, ſegundo lhe tinha dito o Mouro Monçaide; (o qual já neſte tempo eſcondidamente vinha communicar com elle;) todavia, porque eſtando mais perto delRey, per meio do meſmo Monçaide lhe poderia mandar algum recado, e mais ſaber o que ſe fazia com Diogo Dias, e Alvaro de Braga, foi-ſe com os navios poer ante a Cidade de Calecut, onde ſoube per Monçaide, que ſe os Mouros não temêram poder com iſſo indignar o Çamorij, já os tiveram mortos. Vaſco da Gama vendo eſte negocio tão damnado, e que o Çamorij era mudado dos paços, donde lhe fallára, pera mais longe, ſem haver commemoração de ſeu deſpacho, e que elles não tinham outro meio pera o requerer ſenão Monçaide, que já não ouſava communicar com elles, ſenão dando a entender aos Mouros que era ſua eſpia, ajuntou-ſe com Paulo da Gama, Nicolao Coelho, e os principaes da companha dos navios, e teve conſelho ſobre o que deviam fazer. E determinarem-ſe que não deviam eſperar mais reſpoſta delRey que os deſenganos, que lhe tinha dado em palavras, e no modo de os eſpedir, leixando-os em poder de ſeus imigos tanto tempo ſem lhe mandar reſpoſta. Aſſentado eſte conſelho, eſcreveo Vaſco da
Ga-

Gama per Monçaide a Diogo Dias, que o mais ſecreto que pudeſſem pera tal dia ante manhã ſe vieſſem á praia, porque alli achariam bateis pera os recolher; peró como os Mouros tinham vigia ſobre elles, tanto que os ſentíram, ſaltáram com elles, e os prendêram, tomando-lhes quanta fazenda levavam. Vaſco da Gama vendo que a maldade dos Mouros não ſe podia remediar com a paciencia, e ſoffrimento que com elles teve, nem tinha eſperança d'algum deſpacho delRey, houve á mão obra de vinte tantos peſcadores, que vinham peſcar ao mar, e com elles ſe fez á véla, que foi pera os Mouros grande prazer, vendo alvoroçado todo o Gentio com a grita, e brados das mulheres deſtes peſcadores. A nova do qual caſo tanto que foi ao Çamorij, poſto que os Mouros per ſeus meneos o queriam indignar contra os noſſos, dizendo, que per alli veria quem elles eram, todavia por ter ſentido o odio que lhe tinham, ante de ſe determinar em outra couſa, mandou dous homens principaes dos Gentios ſem ſuſpeita, que lhe vieſſem ſaber como aquelle negocio paſſava. Per os quaes ſendo informado, como aquillo parecia ſer mais repreſſaria por os ſeus homens, que lhe os Mouros prendêram, que por outra cauſa, e mais que elle Capitão

andava á véla huma volta ao mar, e outra á terra, como quem queria fazer razão de si, se a fizessem com elle, tornou logo a enviar estes mesmos homens, que levassem ante elle Diogo Dias, e os outros, que com elle estavam, com os quaes teve prática sobre o modo de seu despacho. E mandou-lhe que escrevessem a Vasco da Gama, que tratasse bem os homens que tomára, porque elle, e seus companheiros estavam mui bem tratados em poder delle Çamorij, e per elles, e lhe queria mandar o despacho. Vasco da Gama com esta carta ficou mui contente; peró temendo alguma malicia dos Mouros, duas, ou tres vezes se fez na volta do mar, e outras tantas surgio diante da Cidade, porque as partes a que tocava a liberdade da gente que tinha tomado, clamassem ao Çamorij sua liberdade a troco dos nossos. Finalmente pela informação que teve da verdade, despachou Diogo Dias, mandando per elle a Vasco da Gama huma carta, que escreveo a ElRey D. Manuel, em que lhe dizia como recebêra outra sua, e ouvíra seu Embaixador, e lhe respondêra; e que a causa de sua partida per aquelle modo, foram differenças antigas d'ante Christãos, e Mouros. Que elle teria muito contentamento de sua amizade, e do commercio das cousas

do

do ſeu Reyno, podendo ſer ſem aquelles eſcandalos, porque os Mouros elle os havia por naturaes do ſeu Reyno por ſer gente mui antiga naquelle acto do commercio. Com a qual carta, e algumas couſas, que deo a Diogo Dias, o eſpedio, mandando áquelles dous ſenhores Gentios que o entregaſſem a Vaſco da Gama com a fazenda que lhe era tomada, e houveſſem delle os peſcadores que tinha em repreſaria. O que elles fizeram com algumas cautelas no modo da entrega, querendo ainda os Mouros uſar de ſuas maldades; mas com tudo recolhidos todolos noſſos, por cauſa d'alguma fazenda, que lhe não quizeram entregar, Vaſco da Gama reteve certos Indios, que trouxe comſigo, e aſſim o fiel Monçaide, partindo logo aquelle dia, que eram vinte e nove de Agoſto, havendo ſetenta e quatro dias que chegára áquella Cidade Calecut.

CA-

CAPITULO XI.

Como Vasco da Gama se partio do porto de Calecut, e foi ter á Ilha Anchediva, onde veio hum Judeo, o qual Vasco da Gama prendeo, e elle se fez Christão: e do mais que passou na sua viagem té chegar ao Reyno.

PArtido Vasco da Gama, não mui contente da espedida que houve em seu despacho, quando veio ao seguinte dia, andando em calma pouco mais de legua e meia de Calecut, vieram a elle obra de sessenta tonés, que são barcos pequenos atulhados de gente, parecendo-lhe que por ser muita tinham pouco que fazer com a nossa; peró como sentíram seu damno com a artilheria que ao longo os foi receber, e principalmente com huma trovoada que os derramou, elles tomáram por acolheita a terra, e os nossos o mar, seguindo seu caminho á vista da costa. E desejando Vasco da Gama metter nella hum dos Padrões que levava, porque outro que mandou ao Çamorij per Diogo Dias pera se poer na Cidade, segundo ficava na vontade dos Mouros, era certo que não havia de estar muitas horas em pé, tanto se chegou á terra pera escolher lugar notavel, onde o puzesse, que veio

veio dar com elle hum toné de pescadores. Per o qual escreveo ao Çamorij per mão de Monçaide, em que se queixou dos enganos, que com elle usáram na entrega da gente, e fazenda que tinha em terra, onde lhe ficava boa parte. E que não houvesse por mal levar elle comsigo alguns dos seus naturaes, porque não era a fim de represaria da fazenda; mas pera ElRey seu Senhor per elles se poder informar de seu estado, e das cousas do seu Reyno, e elle Çamorij per o mesmo modo saber as de Portugal, quando elle Vasco da Gama, ou outro Capitão tornasse áquella sua Cidade, que sería o anno seguinte, como elle esperava em Deos, pera confusão dos Mouros. Espedido este barco, tornou seguir seu caminho com desejo de metter o Padrão que dissemos; e por não achar lugar mais á sua vontade, em huns ilheos pegados com a terra metteo hum per nome Sancta Maria, donde os ilheos se chamam ora de Sancta Maria, os quaes estam entre Bacanor, e Baticalá, dous lugares notaveis daquella costa, e no arvorar delle se achou algum Gentio da terra, que o fizeram com muito prazer, por o bom tratamento que lhe Vasco da Gama fazia, e cousas que dava. Assi que com este Padrão, que foi o derradeiro em tempo, leixou Vasco da Gama nesta viagem pos-

poſtos ſinco Padrões, S. Rafael no rio dos Bons Sinaes, S. Jorge em Moçambique, Sancto Eſpirito em Melinde, Sancta Maria neſtes ilheos, e o ultimo per ſitio em Calecut chamado S. Gabriel. Os quaes peró que não ſejam poſtos per nação tão glorioſa de eſcrever, como foi a gente Grega, nem o noſſo eſtylo poſſa alevantar a gloria deſte feito no gráo que elle merece, ao menos ſerá recompenſado com a pureza da verdade que em ſi contém. Não contando os fabuloſos trabalhos de Hercules em poer ſuas columnas, nem pintando alguma Argonautica de Capitães Gregos em tão curta, e ſegura navegação, como he de Grecia ao rio Faſo, ſempre á viſta da terra, jantando em hum porto, e ceando em outro, nem eſcrevendo os errores de Ulyſſes ſem ſahir de hum clima, nem os varios caſos de Eneas em tão breve caminho, nem outras fabulas da gentilidade Grega, e Romana: que com grande engenho na ſua eſcritura aſſi decantáram, e celebráram a empreza, que cada hum tomou, que não ſe contentáram com dar nome de illuſtres Capitães na terra aos auctores deſtas obras, mas ainda com nome de Deoſes os quizeram collocar no Ceo. E a gente Portuguez Catholica per Fé, e verdadeira adoração do culto, que ſe deve a Deos, arvorando aquella Divina bandeira de

de Christo, sinal de nossa Redempção, de que a Igreja canta *Vexilla Regis prodeunt*, não sómente á vista dos Mouros de Africa, Persia, e India, perfidos a ella, mas diante de todo o paganismo destas partes, que della nunca tiveram noticia, e isto navegando per tantas mil leguas, que vem a ser antipodas de sua propria patria, cousa tão nova, e maravilhosa na opinião das gentes, que té doctos, e mui graves barões em suas escrituras puzeram em dúvida de os haver; nas quaes partes elles houveram victorias de todas estas nações, contentando com os perigos do mar trabalhos de fome, e sede, dores de novas enfermidades, e finalmente com as malicias, traições, e enganos dos homens, que he mais duro de soffrer: Assi são proprias todas estas cousas em a Nação Portuguez, e as tem por tão natural mantimento, depois que nascem, que os faz fastientos no trabalho de as querer contar, e escrever, como se tivesse a seus proprios feitos odio pera os ouvir depois que os faz, como são appetitosos pera os commetter, e apressados no acto de os fazer, e constantes em os segurar. Certo grave, e piedosa cousa de ouvir, ver huma Nação, a que Deos deo tanto animo, que se tivera creado outros Mundos já lá tivera mettido outros Padrões de victorias: assi he descuida-

dada na posteridade de seu nome, como senão fosse tão grande louvor dilatallo per penna, como ganhallo pela lança. E tornando a Vasco da Gama auctor de tão illustre feito, que na distancia da terra, em que poz estes sinco Padrões per linha direita de Ponente a Levante, descubrio mil e duzentas leguas, começando do rio do Infante, onde acabou Bartholomeu Dias, té o porto da Cidade Calecut: tanto que leixou posto este Padrão Sancta Maria, foi ter per enculca do Gentio da terra, desejando de espalmar os navios em outros ilheos pegados com terra firme, aos quaes nós agora chamamos Angedivida, e os Canarijs Anchediva, *anche*, quer dizer sinco, *diva*, Ilhas, por elles serem sinco, posto que o notavel he hum, de que ao diante faremos maior relação, por causa de huma fortaleza, que ElRey D. Manuel nelle mandou fazer. Na qual parte estando Vasco da Gama em trabalho de espalmar seus navios, e fazendo aguada, por ser a melhor de toda aquella costa, onde geralmente todalas náos, que per alli navegam, a vem fazer, e o Gentio dalli mui satisfeito polas causas que lhe mandava dar, veio a elle hum cossario por nome Timoja, que depois, como adiante se verá, foi grande nosso amigo. Este tanto que teve noticia dos nossos navios, e que a gen-

gente delles era eſtrangeira , ſahio de hum lugar, onde elle vivia chamado Onor perto dalli; e como homem ſagaz, quiz commetter os noſſos per eſte artificio, ajuntando oito navios de remo pegados huns em outros , todos cubertos de rama , que pareciam huma grande balſa della. Vaſco da Gama quando vio que de terra eſta balſa vinha contra elle , perguntou aos Indios, que alli andavam familiares, que visão era aquella: ao que elles reſpondêram, que não ſe eſpantaſſe della, que eram invenções de hum fraco coſſairo, que coſtumava commetter alguns navios que per alli paſſavam. Todavia Vaſco da Gama, ante que Timoja ſe chegaſſe mais a elle , mandou a ſeu irmão Paulo da Gama, e a Nicoláo Coelho, que o foſſem ſalvar com a artilheria, como elles fizeram; e foi a ſalva de maneira, que os barcos enramados ſe derramáram logo, acolhendo-ſe a terra; na qual fugida Nicoláo Coelho tomou hum delles, em que achá-ram arroz , e outro mantimento da terra com alguma pobreza de ſuas provisões. Paſſado o dia deſte coſſairo Timoja , que per aquelle modo quizera commetter os noſſos navios, como a terra era já chea da eſtancia, que elles alli faziam, ſobreveio outro caſo , que ſe fora avante lhe houvera de dar muito trabalho, e foi eſte. Hum ſenhor

Mou-

Mouro chamado Sabayo, cuja era huma Cidade per nome Goa, que ora he a Metropoli, que este Reyno tem naquellas partes, daquella Ilha de Anchediva té doze leguas, como era homem, que tinha comsigo Arabios, Parseos, Turcos, e alguns Levantiscos arrenegados, com ajuda, e industria dos quaes tinha naquellas partes adquirido grande estado, tanto que soube como os nossos navios eram de gente destas partes da Christandade, desejando haver informação della, chamou hum Judeo natural de Polonia, que lhe servia de Xabandar, e perguntou-lhe se tinha sabido de que nação era a gente, que vinha naquelles navios: ao que este Judeo respondeo ter sabido que se chamavam Portuguezes, que habitavam nos fins da terra da Christandade, a qual gente sempre ouvíra nomear por guerreira, soffredora de trabalho, e mui leal ao Senhor que serviam; que se ella era a que lhe diziam devia trabalhar pola haver a seu serviço, porque com os taes homens se podiam fazer grandes conquistas. O Sabayo ouvindo este louvor dos nossos, como procurava haver em seu serviço gente de guerra, mandou a este Judeo que fosse a elles, e os commettesse da sua parte com algum partido favoravel; e quando o não acceptassem, elle mandaria tres, ou quatro navios ar-

armados, que estivessem em seu resguardo; pera que dando-lhe aviso, os viessem commetter, que se partisse elle, porque os navios iriam logo nas suas costas. Partido o Judeo com este fundamento, veio ter em hum pequeno barco junto de huma ponta da terra firme, que estava sobre os nossos navios; e posto sobre aquelle tezo, começou em altas vozes bradar que queria fallar ao Capitão, e que o segurassem per aquelle sinal, mostrando huma Cruz de páo. Vasco da Gama quando vio a Cruz, fez-lhe em seu coração reverencia, dizendo, que debaixo daquelle sinal de sua Redempção elle não esperava engano, ou mal, que lhe fosse feito; e convertendo-se aos Gentios, que alli andavam familiares com elle, perguntou-lhes se conheciam aquelle homem que bradava; os quaes como andavam contentes do bem que lhe elle mandava fazer, disseram: *Senhor, não te fies deste, porque he soldado do senhor de huma Cidade chamada Goa, que está perto daqui; e como he Mouro, gente com que vós-outros estais em odio, per ventura virá com algum engano.* Vasco da Gama como teve esta noticia delle, mandou-lhe responder, que se queria alguma cousa, e elle era homem seguro, que o segurava. Ao que o Judeo respondeo, que elle vinha com muita verda-

de,

de, e que na confiança della ſe entregava em ſeu poder: com as quaes palavras deſceo do lugar onde eſtava, e ſe veio a elle, moſtrando huma ſeguridade, como quem não trazia no peito outra couſa; mas Vaſco da Gama de boa entrada lha deſcubrio logo, querendo-o metter a tormento. Quando o Judeo ſe vio naquelle eſtado, começou de pedir que por amor de Deos o não mandaſſe atormentar, que elle diria toda a verdade a que era vindo; e que primeiro de vir a eſte caſo lhe queria contar o principio de ſeu naſcimento, e vida, per a qual, e pelo que ao preſente ſentia della, e da vinda delles naquellas partes, lhe parecia que não era ſómente por ſalvação delle, mas ainda pola de tantas mil almas, como havia no Gentio daquellas partes; porque não eſtava em razão homens tão occidentaes, como era a gente Portuguez, os quaes viviam nos fins da terra, virem ás partes do Oriente per tanta diſtancia de mares, e caminhos não ſabidos, ſenão pera algum grande myſterio, que Deos queria obrar per elles. Então começou a contar o principio de ſua vida, dizendo, que no anno de Chriſto de mil quatrocentos e ſincoenta, ElRey de Polonia mandára lançar hum pregão per todo ſeu Reyno, que quantos Judeos nelle houveſſe, dentro de trinta

dias

dias ſe fizeſſem Chriſtãos , ou ſe ſahiſſem do ſeu Reyno ; e paſſado eſte termo de tempo, os que achaſſem foſſem queimados. Donde ſe cauſou que a maior parte dos Judeos ſe ſahíram fóra do Reyno pera diverſas partes, e neſta ſahida fora ſeu pai, e ſua mãi, que eram moradores em huma Cidade chamada Boſna , os quaes vieram ter a Jeruſalem, e dahi ſe paſſáram á Cidade Alexandria , onde elle naſceo ; e depois que chegou a perfecta idade , diſcorrendo per muitas partes , fora ter áquellas da India ao ſerviço do Sabayo Senhor de Goa, per cujo mandado era alli vindo provocar a elle , e aos ſeus, que o quizeſſem ir ſervir a ſoldo, da maneira que com elle lá andavam alguns Levantiſcos. E que eſte deſejo tomára ao Sabayo de os querer em ſua ajuda , por lhe elle gabar a gente Portuguez; e que verdadeiramente eſta era a cauſa de ſua vinda: que lhe pedia não recebeſſe mal delle , e houveſſe por bem de o receber , como a gente Chriſtã coſtuma áquelles , que ſe chegam ao Baptiſmo , por quanto elle o queria acceptar , e morrer na Fé de Chriſto. Vaſco da Gama como vio neſta prática , e em outras , que com elle teve, ſer homem experto, e que mui particularmente dava razão das couſas daquellas partes, começou de o conſolar : e que quanto ao filho,

lho, e fazenda, que dizia ficar-lhe em Goa, que se não agastasse; porque ElRey seu senhor, tanto que elle chegasse com ajuda de Deos ao Reyno de Portugal, logo havia de mandar huma grossa Armada áquellas partes, em que elle tornaria, na qual viagem poderia cobrar seu filho, e muito mais fazenda nas mercês que lhe ElRey faria, que quanta leixava em Goa. Finalmente elle foi baptizado, e houve nome Gaspar, tomando por appellido Gama por causa de Vasco da Gama, que o trouxe áquelle estado; e per aviso delle logo ao seguinte dia, ante que viessem os navios, que o Sabayo havia de mandar, Vasco da Gama, por estar já prestes, se fez á véla via deste Reyno, atravessando aquelle grande golfão, que ha da costa da India a estoutra de Melinde na terra de Africa, em que lhe adoeceo, e morreo muita gente das enfermidades passadas por razão de grandes calmarias que teve. E a primeira terra que tomou, foi abaixo da Cidade Magadaxo situada na costa brava, per a qual passou sem fazer mais detença que salvalla com artilheria, por ver no apparato de seus edificios ser tão grande cousa, que não quiz fazer mais experiencia da verdade dos Mouros daquella costa. Peró não se pode espedir sem algum encontro delles, cá sendo

tan-

tanto avante, como outra chamada Paté, lhe sahíram ao caminho sete, ou oito zambucos da terra mui bem armados, com fundamento de o commetter, aos quaes elle salvou de maneira com artilheria, que não o quizeram mais seguir. Chegado a Melinde, onde elle levava posta a proa, foi recebido pelo Rey nosso amigo com muito prazer; e a gente enferma que trazia recebeo refeição com os refrescos da terra, posto que alguns ficáram alli enterrados em sinco dias que se deteve; em tal estado vinham. E tornando a seu caminho, no lugar dos baixos, onde o navio S. Rafael tocou, (como atrás dissemos,) deo outro toque, com que ficou alli pera sempre: que não deo muita paixão a Vasco da Gama por vir já tão falecido de gente pera marear tres navios, que pera dous ainda toda a deste era pouca. A qual repartida per elles, chegáram aos ilheos de S. Jorge defronte de Moçambique, onde ao pé do Padrão chamado S. Jorge, que deo nome ao ilheo, dia da Purificação de Nossa Senhora, em seu louvor ouvíram huma Missa, e outra na aguada de S. Braz, e a vinte de Março dobráram o grão Cabo de Boa Esperança, na qual paragem a gente começou a convalescer pera poderem todos servir em a navegação. Chegados com assás trabalho junto

das Ilhas do Cabo Verde com hum temporal forte que alli tiveram, Nicoláo Coelho ſe apartou de Vaſco da Gama; e cuidando elle que o trazia ante ſi, veio ter á barra de Lisboa a dez de Julho daquelle anno de quatrocentos noventa e nove, havendo dous annos que ſahíra per ella; e quando ſoube que Vaſco da Gama não era ainda chegado, quizera fazer volta ao mar em ſua buſca. Peró ſabendo ElRey, que então eſtava na Cidade, da ſua chegada, e como queria tornar em buſca de ſeu Capitão, mandou que entraſſe pera dentro. Vaſco da Gama com aquelle temporal foi ter á Ilha de Sant-Iago; e por trazer ſeu irmão Paulo da Gama mui doente, leixou por Capitão em o ſeu navio a João de Sá, que ſe vieſſe a Lisboa; e elle por remediar a ſaude de ſeu irmão, em huma caravela que fretou, paſſou-ſe á Ilha terceira, onde o veio enterrar no Moſteiro de S. Franciſco por vir já mui debilitado. A morte do qual deo muita dor a Vaſco da Gama, porque além de perder irmão, tinha Paulo da Gama qualidades pera ſentir ſua morte quem delle tiveſſe conhecimento, e mais por falecer ás portas do galardão de ſeus trabalhos. Partido Vaſco da Gama daquella Ilha terceira, a vinte e nove d'Agoſto chegou ao porto de Lisboa, e ſem entrar na Cidade, teve

hu-

humas novenas em a Casa de Nossa Senhora de Bethlem, donde elle partio a este descubrimento. E aqui foi visitado de todolos Senhores da Corte té o dia de sua entrada, que se fez com grande solemnidade; e por se mais celebrar sua vinda, houve touros, canas, mommos, e outras festas, em que ElRey quiz mostrar o grande contentamento que tinha de tão illustre serviço, como lhe Vasco da Gama fez: que foi hum dos maiores que se vio feito per vassallo, em tão breve tempo, e com tão pouco custo. Por causa do qual, como adiante se dirá, ElRey accrescentou á sua Coroa os titulos que ora tem de Senhor da conquista, navegação, e commercio da Ethiopia, Arabia, Persia, e India. E na satisfação deste grande serviço mostrou ElRey quanto o estimava, fazendo logo, e depois mercê a Vasco da Gama destas cousas: Que elle, e seus irmãos se chamassem de Dom, e que no escudo das Armas de sua linhagem accrescentasse huma peça das Armas Reaes deste Reyno, e o officio de Almirante dos mares da India, e mais trezentos mil reaes de renda: e que em cada hum anno pudesse empregar na India duzentos cruzados em mercadorias, os quaes regularmente na especiaria, que lhe vem do emprego delles, respondem cá no Reyno dous contos e oi-

tocentos mil reaes, e tudo isto de juro, e assi Conde da Vidigueira, correndo depois o tempo, em que as cousas da India mostráram ser a grandeza dellas maior do que parecia nos primeiros annos. E se Vasco da Gama fora de nação tão gloriosa, como eram os Romanos, per ventura accrescentára ao appellido da sua linhagem, posto que fosse tão nobre como he, esta alcunha, *da India*, pois sabemos ser mais gloriosa cousa pera insignias de honra o adquirido, que o herdado, e que Scipião mais se gloriava do feito que lhe deo por alcunha, *Africano*, que do appellido de Cornelio, que era da sua linhagem.

CAPITULO XII.

Como ElRey D. Manuel em louvor de Nossa Senhora fundou na sua Ermida de Bethlem, que estava em Rastello, hum sumptuoso Templo, que depois tomou por jazigo de sua sepultura.

O Infante D. Henrique, (como atrás escrevemos,) por razão desta empreza, que tomou de mandar descubrir novas terras em as partes, donde as suas Armadas partiam a este descubrimento, por louvor de Nossa Senhora, mandava-lhe fazer huma Casa, huma das quaes foi a de Rastello em Lis-

Lisboa da invocação de Bethlem, na qual tinha certos Freires da Ordem da Milicia de Christo, de que elle era Governador, e Administrador, á qual Ordem elle tinha dado esta casa com todalas terras, pumares, e aguas, que para elle comprára. Isto com encargo, que o Capellão obrigado a ella cada sabbado dissesse por elle Infante huma Missa a Nossa Senhora; e quando fosse ao lavar das mãos, se volvesse ao povo, e em alta voz lhe pedisse quizessem dizer hum Pater noster, e huma Ave Maria pola alma delle Infante por mandar fazer aquella Igreja; e assi polos Cavalleiros da Ordem de Christo, e por aquelles a que elle era obrigado. O fundamento das quaes casas, e principalmente desta de Bethlem, era pera que os Sacerdotes, que alli residissem, ministrassem os Sacramentos da Confissão, e Communhão aos mareantes que partiam pera fóra; e em quanto esperavam tempo, (por ser quasi huma legua da Cidade,) tivessem onde ouvir Missa. ElRey D. Manuel, como imitador deste sancto, e catholico avoengo, vendo que succedêra a este Infante em ser Governador, e perpétuo Administrador da Ordem da Milicia de Christo, e assi em proseguir este descubrimento, tanto que veio Vasco da Gama, em que se terminou a esperança de tantos annos, que

era

era o deſcubrimento da India, quiz, como premicias deſta mercê, que recebia de Deos em louvor de ſua Madre, (a quem o Infante tinha tomado por ſua Protectora pera eſta obra,) fundar hum ſumptuoſo Templo na ſua Ermida da vocação de Bethlem. E acceptou ante eſte, que outro lugar, por ſer o primeiro poſto, donde haviam de partir todalas Armadas a eſte deſcubrimento, e conquiſta; e tambem porque como a cauſa que elle teve de fazer tamanha deſpeza, como ſe neſte Templo tem feito, procedeo da mais notavel, e maravilhoſa obra, que os homens víram, pois per ella o Mundo foi eſtimado em mais do que ſe delle cuidava, ante que deſcubriſſemos eſta ſua tão grande parte, convinha que huma tal memoria de gratificação foſſe feita em lugar, onde as nações de tão varias gentes, como o meſmo Mundo tem, quando entraſſem neſte Reyno, a primeira couſa que viſſem, foſſe aquelle ſumptuoſo edificio fundado das victorias de toda a redondeza delle. E como o lugar de Raſtello he o mais célebre, e illuſtre, que eſte Reyno de Portugal tem, por ſer nos arrabaldes de Lisboa Monarca deſta oriental conquiſta, e porta per onde haviam de entrar neſte Reyno os triunfos della, neſta entrada convinha ſer feito não hum portico de pompa humana, nenhum tem-

templo a Jupiter protector, como os Romanos tinham em Roma no tempo de seu imperio, a que offereciam as insignias de suas victorias; mas hum Templo dedicado áquelle vivo, e divino Templo, que he a Madre de Deos da vocação de Bethlem; porque como neste acto de ser Madre, e Virgem triunfou do principe das trévas, dando espiritual victoria a todo Genero humano, assi era cousa mui justa que os triunfos das temporaes victorias, que per suas intercessões os Portuguezes haviam de haver dos principes, e reys das trévas da infidelidade de todo o Paganismo, e Mouros daquellas partes do Oriente, quando entrassem pela barra de Rastello com as náos carregadas delles, achassem casa sua tão grande pera os recolher, como ella fora liberal em conceder as petições delles nos actos de suas necessidades, a qual casa ElRey deo aos Religiosos da Ordem de S. Jeronymo pola singular devoção que tinha neste Sancto: e por a mesma causa a elegeo por jazigo de sua sepultura. E porque a Ermida com todalas propriedades da casa, (como dissemos,) era da Ordem de Christo, por a ter dotada o Infante ao Convento delle, que está em a Villa de Thomar, per auctoridade Apostolica deo ElRey por ella ao mesmo Convento a Igreja de Nossa Senhora

da

da Conceição de Lisboa, a qual elle fez de esnoga, que era dos Judeos, onde ora residem Freires da mesma Ordem de Christo, e lhe applicou renda não sómente pera os Freires, mas ainda pera huma Commenda que fez daquella casa. E foi ainda ElRey D. Manuel tão magnanimo na gloria da edificação deste Templo de Bethlem, que tomou pera o lugar de sua Imagem, e da Rainha D. Maria sua mulher a porta mais pequena fronteira ao Altar mór: e mandou pôr a imagem daquelle excellente Principe Infante D. Henrique na porta travessa por ser mais principal em vista, armado como hoje apparece sobre a columna do meio. E mais por se não perder a memoria do que elle Infante mandava, que á sua Missa o Sacerdote pedisse ao povo que o encommendassem a Deos: per este mesmo modo são obrigados os Religiosos a outra Missa, que ElRey ordenou que se dissesse per elle; que o Sacerdote peça tambem ao povo, que roguem a Deos pola alma do Infante D. Henrique primeiro Fundador daquella Casa, e assi por ElRey, e por seus successores, com a qual obra fica o Infante D. Henrique louvado no que fez por louvor de Nossa Senhora, e ElRey D. Manuel com muito maior, porque então se consegue elle dobrado ante Deos per glo-

ria,

ria, e ácerca dos homens per fama, quando das noſſas obras por razão d'alguma pequena parte que nellas outrem poz, lhe queremos dar o todo; e o contrario, quando queremos eſconder o todo pola parte que nella puzemos.

DE-

DECADA PRIMEIRA.

LIVRO V.

Dos feitos, que os Portuguezes fizeram no descubrimento dos mares, e terras do Oriente, no qual se contém o que Pedralvares Cabral fez no anno de quinhentos, que deste Reyno partio com huma grossa Armada: e o que fez João da Nova no anno seguinte de quinhentos e hum com outra de quatro náos.

CAPITULO I.

Como ElRey por razão da nova, que Dom Vasco da Gama trouxe da India, mandou fazer huma Armada de treze vélas, da qual foi por Capitão mór Pedralvares Cabral.

ELREY D. Manuel, como era Principe Catholico, e que todas suas cousas offerecia a Deos, por esta mercê que delle tinha recebido, dava-lhe muitos louvores, pois lhe aprouvera ser elle o instrumento per quem quizera conceder hum bem tão universal, como era abrir as portas d'outro novo Mundo de infieis, onde o seu nome

me

me podia ſer conhecido , e louvado , e as chagas de ſeu precioſo Filho Chriſto Jeſus recebidas per Fé , e Baptiſmo pera redempção de tantas mil almas , como o demonio naquellas partes da infidelidade imperava. Pera gratificação da qual mercê que tinha recebida de Deos , e porque o ſeu povo ſe gloriaſſe nella , eſcreveo a todalas Cidades , e Villas notaveis do Reyno , notificando-lhes a chegada de D. Vaſco da Gama , e os grandes trabalhos que tinha paſſado , e o que aprouve a Noſſo Senhor que no fim delles deſcubriſſe , encommendando-lhes que ſolemnizaſſem tamanha mercê , como eſte Reyno tinha recebido de Deos , com muitas procisſões , e feſtas eſpirituaes em ſeu louvor. E como nos taes ajuntamentos ſempre concorrem diverſos pareceres em tão novos caſos , leixando aquelles que perdêram pai , irmão , filho , ou parente neſta viagem , cuja dor não leixava julgar a verdade do caſo , toda a outra gente a huma voz era no louvor deſte deſcubrimento. Quando viam neſte Reyno pimenta , cravo , canela , aljofre , e pedraria , que os noſſos trouxeram , como moſtra das riquezas daquella Oriental parte que deſcubríram , lembrando-lhes quão eſpantados os fazia alguma deſtas couſas , que as galés de Veneza traziam a eſte Reyno. As quaes práticas todas ſe convertiam

tiam em louvores delRey, dizendo, que elle era o mais bem afortunado Rey da Christandade, pois nos primeiros dous annos de seu reynado descubríra maior estado á Coroa deste Reyno, do que era o patrimonio que herdára; cousa que Deos não concedêra a nenhum Principe de Hespanha, nem a seus antecessores, que nisso bem trabalhá-ram per discurso de tantos annos, nem se achava escritura de Gregos, Romanos, ou d'alguma outra nação, que contasse tamanho feito, como era tres navios com obra de cento e sessenta homens, quasi todos doentes de novas doenças, de que muitos falecêram, com a mudança de tão varios climas per que passáram, differença dos mantimentos que comiam, mares perigosos que navegavam, e com fome, sede, frio, e temor, que mais atormenta, que todalas outras necessidades, obrar nelles tanto a virtude da constancia, e precepto de seu Rey, que pospostas todas estas cousas, navegáram tres mil e tantas leguas, e contendêram com tres, ou quatro Reys tão differentes em lei, costumes, e linguagem, sempre com victoria de todalas industrias, e enganos da guerra que lhe fizeram. Por razão das quaes cousas, posto que muito se devesse ao esforço de tal Capitão, e vassallos, como ElRey mandára, mais se havia de attribuir á boa for-

fortuna deste seu Rey, porque não era em poder, ou saber de homens, tão grande, e tão nova cousa como elles acabáram. ElRey de todas estas práticas, e louvores do caso era sabedor, porque naquelles dias não se fallava em outra cousa, que era para elle dobrado contentamento, saber quão prompta estava a vontade de seu povo pera proseguir esta conquista. E porque pela informação que tinha da navegação d'aquellas partes, o principal tempo era partir daqui em Março, e por ser já muito curto pera no seguinte do anno de mil e quinhentos se fazer prestes a Armada, teve logo conselho no modo que se teria nesta conquista: cá, segundo o negocio, ficava suspeitoso polas cousas que D. Vasco da Gama passára, parecia que mais havia de obrar nelles temor de armas, que amor de boas obras. Finalmente assentou ElRey, que em quanto o negocio de si não dava outro conselho, o mais seguro, e melhor era ir logo poder de náos, e gente, porque nesta primeira vista que sua Armada désse áquellas partes, que já ao tempo de sua chegada toda a terra havia de estar posta em armas contra ella, convinha mostrar-se mui poderosa em armas, e em gente luzida. Das quaes duas cousas, os moradores d'aquellas partes podiam conjecturar, que o Reyno de

de Portugal era mui poderoſo pera proſeguir eſta empreza; e a outra, vendo gente luzida, a riqueza delle, e quão proveitoſo lhe sería terem ſua amizade. E não ſómente ſe aſſentou no Conſelho o numero das náos, e gente d'armas, que havia de ir neſta Armada, mas ainda o Capitão mór della, que por as qualidades de ſua peſſoa foi eſcolhido Pedralvares Cabral filho de Fernão Cabral. Chegado o tempo que as náos eſtavam preſtes pera poderem partir, foi ElRey, que então eſtava em Lisboa, hum Domingo oito dias de Março do anno de mil e quinhentos com toda a Corte ouvir Miſſa a Noſſa Senhora de Bethlem, que he em Raſtello, onde já as náos eſtavam com ſeu alardo da gente d'armas feito. Na qual Miſſa ouve Sermão, que fez D. Diogo Ortiz Biſpo de Cepta, que depois foi de Viſeu, todo fundado ſobre o argumento deſta empreza. Eſtando no Altar, em quanto ſe diſſe a Miſſa, arvorada huma bandeira da Cruz da Ordem da Cavalleria de Chriſto, que no fim da Miſſa o meſmo Biſpo benzeo, e de ſi ElRey a entregou a Pedralvares Cabral, com aquella ſolemnidade de palavras, que os taes actos requerem, ao qual, em quanto ſe diſſe a Miſſa, ElRey por honra do cargo que levava, teve comſigo dentro na cortina. Acabado eſte acto, aſſi como eſ-

ta-

tava arvorada, com huma ſolemne Procisſão de Reliquias, e Cruzes, foi levada aquella bandeira, ſinal de noſſas eſpirituaes, e temporaes victorias, a qual ElRey acompanhou, té Pedralvares com ſeus Capitães na praia lhe beijarem a mão, e eſpedirem delle. A qual eſpedida geralmente a todos foi de grande contemplação, porque a maior parte do povo de Lisboa, por ſer dia de feſta, e mais tão celebrado por ElRey, cubria aquellas praias, e campos de Bethlem, e muitos em bateis que rodeavam as náos, levando huns, trazendo outros, aſſi ſerviam todos com ſuas librés, e bandeiras de cores diviſas, que não parecia mar, mas hum campo de flores, com a flor d'aquella mancebia juvenil que embarcava. E o que mais levantava o eſpirito deſtas couſas, eram as trombetas, atabaques, ſeſtros, tambores, frautas, pandeiros, e té gaitas, cuja ventura foi andar em os campos no apaſcentar dos gados, naquelle dia tomáram poſſe de ir ſobre as aguas ſalgadas do mar, neſta, e outras Armadas que depois a ſeguíram, porque pera viagem de tanto tempo tudo os homens buſcavam pera tirar a triſteza do mar. Com as quaes differenças, que a viſta, e ouvidos ſentiam, o coração de todos eſtava entre prazer, e lagrimas, por eſta ſer a mais formoſa, e poderoſa Armada, que

té

té aquelle tempo pera tão longe deſte Reyno partíra. A qual Armada era de treze vélas, entre náos, navios, e caravelas, cujos Capitães eram eſtes: Pedralvares Cabral Capitão mór, Sancho de Toar filho de Martim Fernandes de Toar, Simão de Miranda filho de Diogo de Azevedo, Aires Gomes da Silva filho de Pero da Silva, Vaſco de Taíde, e Pero de Taíde d'alcunha Inferno, Nicoláo Coelho que fora com Vaſco da Gama, Bartholomeu Dias o que deſcubrio o Cabo de Boa Eſperança, e ſeu irmão Pero Dias, Nuno Leitão, Gaſpar de Lemos, Luiz Pires, e Simão de Pina. Sería o numero da gente que hia neſta frota, entre mareantes, e homens d'armas, té mil e duzentas peſſoas, toda gente eſcolhida, limpa, bem armada, e provída pera tão comprida viagem. E além das armas materiaes, que cada hum levava pera ſeu uſo, mandava ElRey outras eſpirituaes, que eram oito Frades da Ordem de S. Franciſco, de que era Guardião Fr. Henrique, que depois foi Biſpo de Cepta, e Confeſſor delRey, barão de vida mui religioſa, e de grão prudencia, com mais oito Capellães, e hum Vigairo pera adminiſtrar em terra os Sacramentos na fortaleza que ElRey mandava fazer, todos barões eſcolhidos pera aquella obra Evangelica. E a principal couſa do re-

regimento que Pedralvares levava, era primeiro que commettesse os Mouros, e gente idólatra daquellas partes com o gladio material, e secular, leixasse a estes Sacerdotes, e Religiosos usar do seu espiritual, que era denunciar-lhes o Evangelho com amoestações, e requerimentos da parte da Igreja Romana, pedindo-lhes que leixassem suas idolatrias, diabolicos ritos, e costumes, e se convertessem á Fé de Christo, pera todos sermos unidos, e adjuntados em caridade de lei, e amor, pois todos eramos obra de hum Creador, e remidos per hum Redemptor, que era este Christo Jesus, promettido per Profetas, e esperado per Patriarcas tantos mil annos ante que viesse. Pera o qual caso lhe trouxessem todalas razões naturaes, e legaes, usando daquellas ceremonias, que o Direito Canonico dispõe. E quando fossem tão contumazes, que não acceptassem esta lei de Fé, e negassem a lei de paz, que se deve ter entre os homens, pera conservação da especia humana, e defendessem o commercio, e commutação, que he o meio per que se concilia, e trata a paz, e amor entre todolos homens, por este commercio ser o fundamento de toda a humana policia, peró que os contratantes differam, em lei, e crença de verdade, que cada hum he obrigado ter,

e crer de Deos, em tal caſo lhe puzeſſem ferro, e fogo, e lhe fizeſſem crua guerra; e de todas eſtas couſas levava mui copioſos regimentos.

CAPITULO II.

Como partido Pedralvares teve hum temporal na paragem do Cabo Verde; e ſeguindo ſua derrota, deſcubrio a grande terra, a que commummente chamamos Brazil, á qual elle poz nome Sancta Cruz: *e como ante de chegar a Moçambique, paſſou hum temporal, em que perdeo quatro vélas.*

AO ſeguinte dia, que eram nove do mez de Março, differindo ſuas vélas, que eſtavam a pique, ſahio Pedralvares com toda a frota, fazendo ſua viagem ás Ilhas do Cabo Verde, pera ahi fazer aguada, onde chegou em treze dias. Peró ante de tomar eſte Cabo, ſendo entre eſtas Ilhas, lhe deo hum tempo, que lhe fez perder de ſua companha o navio, de que era Capitão Luiz Pires, o qual ſe tornou a Lisboa. Junta a frota, depois que paſſou o temporal, por fugir da terra de Guiné, onde as calmarias lhe podiam impedir ſeu caminho, empégou-ſe muito no mar, por lhe ficar ſeguro poder dobrar o Cabo de Boa Eſperança.

E havendo já hum mez que hia naquella grão volta, quando veio a ſegunda oitava da Paſcoa, que eram vinte e quatro de Abril, foi dar em outra coſta de terra firme, a qual, ſegundo a eſtimação dos Pilotos, lhe pareceo que podia diſtar pera Aloeſte da coſta de Guiné quatrocentas ſincoenta leguas, e em altura do pólo Antartico da parte do Sul dez gráos. A qual terra eſtavam os homens táo crentes em não haver alguma firme occidental a toda a coſta de Africa, que os mais dos Pilotos ſe affirmavam ſer alguma grande Ilha, aſſi como as Terceiras, e as que ſe acháram per Chriſtováo Colom, que eram de Caſtella, a que os Caſtelhanos commummente chamam Antilhas. E por ſe affirmar no certo ſe era Ilha, ou terra firme, foi cortando ao longo della todo hum dia, e onde lhe pareceo mais azada pera poder ancorar, mandou lançar hum batel fóra. O qual tanto que foi com terra, víram ao longo da praia muita gente nua, não preta, e de cabello torcido como a de Guiné, mas toda de côr báça, e de cabello comprido, e corrido, e a figura do roſtro couſa mui nova, porque era tão amaçado, e ſem a commum ſemelhança da outra gente que tinham viſto, que ſe tornáram logo os do batel a dar razão do que víram, e que o porto lhe parecia bom

 ſur-

ſurgidouro. Pedralvares, por haver noticia da terra, encaminhou ao porto com toda a frota, mandou ao batel que ſe chegaſſe bem a terra, e trabalhaſſe por haver á mão alguma peſſoa das que víram, ſem os amedrentar com algum tiro que os fizeſſe acolher; mas elles não eſperáram por iſſo, porque como víram que a frota ſe vinha contra elles, e que o batel tornava outra vez á praia, fugíram della, e puzeram-ſe em hum tezo ſoberbo, todos apinhoados, a ver o que os noſſos faziam. Os do batel, em quanto Pedralvares ſurgia hum pouco largo do porto, por não amedrentar aquella nova gente mais do que o moſtrava em ſe acolher ao tezo, puzeram-ſe debaixo no meſmo batel, e começou hum Negro Grumete fallar a lingua de Guiné, e outros que ſabiam algumas palavras do Aravigo; mas elles nem á lingua, nem aos acenos, em que a natureza foi commum a todalas gentes, nunca acudíram. Vendo os do batel, que nem aos acenos, nem ás couſas que lhe lançáram na praia acudiam, canſados de eſperar algum final de entendimento delles, tornáram-ſe a Pedralvares, contando o que víram. Tendo elle determinado ao outro dia de mandar lançar mais bateis, e gente fóra, ſaltou aquella noite tanto tempo com elles, que lhe conveio levar as ancoras, e cor-

corrêram contra o Sul, ſempre ao longo da coſta, por lhes ſer per aquelle rumo o vento largo, té que chegáram a hum porto de mui bom ſurgidouro, que os ſegurou do tempo que levavam, ao qual por eſta razão Pedralvares poz o nome, que ora tem, que he Porto ſeguro. Ao outro dia, como a gente da terra houve viſta da frota, poſto que toda aquella foſſe huma, parece que permittio Deos não ſer eſta tão eſquiva como a primeira, ſegundo logo veremos. E porque em a quarta Parte da eſcritura da noſſa conquiſta, a qual, como no principio diſſemos, ſe chama *Sancta Cruz*, e o principio della começa neſte deſcubrimento, lá fazemos mais particular menção deſta chegada de Pedralvares, e aſſi do ſitio, e couſas da terra: Ao preſente baſta ſaber, que ao ſegundo dia da chegada, que era Domingo da Paſcoa, elle Pedralvares ſahio em terra com a maior parte da gente, e ao pé de huma grande arvore ſe armou hum Altar, em o qual diſſe Miſſa Fr. Henrique Guardião dos Religioſos, e houve prégação. E naquella barbara terra nunca trilhada de povo Chriſtão, aprouve a Noſſo Senhor per os meritos daquelle Sancto Sacrificio, memoria de noſſa Redempção, ſer louvado, e glorificado, não ſómente daquelle povo fiel d'Armada, mas ain-

ainda do pagão da terra, o qual podemos crer estar ainda na lei da natureza, com o qual logo Deos obrou suas misericordias, dando-lhe noticia de si naquelle Sanctissimo Sacramento, porque todos se punham em giolhos, usando dos actos que viam fazer aos nossos, como se tiveram noticia da Divindade a que se humildavam, e ao Sermão estiveram mui promptos, mostrando terem contentamento na paciencia, e quietação que tinham, por seguir o que viam fazer aos nossos, que foi causa de maior contemplação, e devoção, vendo quão offerecido estava aquelle povo pagão a receber doctrina de sua salvação, se alli houvera pessoa que os pudéra entender. Pedralvares vendo que por razão de sua viagem outra cousa não podia fazer, dalli espedio hum navio, Capitão Gaspar de Lemos, com nova pera ElRey D. Manuel do que tinha descuberto; o qual navio com sua chegada deo muito prazer a ElRey, e a todo o Reyno, assi por saber da boa viagem que a frota levava, como pola terra que descubríra. Passados alguns dias, em quanto o tempo não servia, e fizeram sua aguada, quando veio a tres de Maio, que Pedralvares se quiz partir, por dar nome áquella terra per elle novamente achada, mandou arvorar huma Cruz mui grande no mais alto lugar de hu-

ma

ma arvore, e ao pé della ſe diſſe Miſſa, a qual foi poſta com ſolemnidade de benções dos Sacerdotes, dando eſte nome á terra *Sancta Cruz*, quaſi como que por reverencia do Sacrificio, que ſe celebrou ao pé daquella arvore, e ſinal que ſe nella arvorou com tantas benções, e orações, ficava toda aquella terra dedicada a Deos, onde elle por ſua miſericordia haveria por bem ſer adorado per culto de Catholico povo, poſto que ao preſente tão çafaro delle eſtiveſſe aquelle Gentio. E como primicias deſta eſperança, d'alguns degredados que hiam n'Armada, leixou Pedralvares alli dous, hum dos quaes veio depois a eſte Reyno, e ſervia de lingua naquellas partes, como veremos em ſeu lugar: per o qual nome *Sancta Cruz* foi aquella terra nomeada os primeiros annos, e a Cruz arvorada alguns durou naquelle lugar. Porém como o demonio per o ſinal da Cruz perdeo o dominio que tinha ſobre nós, mediante a Paixão de Chriſto Jeſus conſummada nella; tanto que daquella terra começou de vir o páo vermelho chamado Brazil, trabalhou que eſte nome ficaſſe na boca do povo, e que ſe perdeſſe o de *Sancta Cruz*, como que importava mais o nome de hum páo que tinge pannos, que daquelle páo, que deo tintura a todolos Sacramentos per que ſo-

ſomos ſalvos, por o ſangue de Chriſto Jeſus, que nelle foi derramado: e pois em outra couſa neſta parte me não poſſo vingar do Demonio, amoeſto da parte da Cruz de Chriſto Jeſus a todolos que eſte lugar lerem, que dem a eſta terra o nome que com tanta ſolemnidade lhe foi poſto, ſob pena de a meſma Cruz, que nos ha de ſer moſtrada no dia final, os accuſar de mais devotos do páo Brazil, que della; e por honra de tão grande terra chamamos-lhe Provincia, e digamos a Provincia de *Sancta Cruz*, que ſoa melhor entre prudentes, que Brazil poſto per vulgo, ſem conſideração, e não habilitado pera dar nome ás propriedades da Real Coroa. Tornando a Pedralvares, que ſe partio do porto ſeguro daquella Provincia *Sancta Cruz*, ſendo elle na grande travéſſa que ha entre aquella terra de Sancta Cruz ao Cabo de Boa Eſperança, aos doze dias do mez de Maio appareceo no ar hum grande Cometa com hum raio, que demorava contra o Cabo de Boa Eſperança, a qual foi viſta per todolos d'Armada per eſpaço de oito dias, ſem ſe mover daquelle lugar: parece que prognoſticava o triſte caſo que logo víram, porque como deſappareceo, ao ſeguinte dia que foram vinte e tres de Maio, depois do meio dia, indo a frota já do dia paſſado com hum mar

groſ-

grosso empolado, como que vinha feito de longe, armou-se contra o Norte hum negrume no ar, a que os marinheiros de Guiné chamam bulcão, com o qual acalmou o vento, como que aquelle negrume o sorvêra todo em si pera depois lançar o folego mais furioso. A qual cousa logo se vio, rompendo em hum instante tão furiosamente, que sem dar tempo a que se mareassem as vélas, soçobrou quatro, de que estes eram os Capitães, Aires Gomes da Silva, Simão de Pina, Vasco de Taíde, e Bartholomeu Dias, o qual tendo passado tantos perigos de mar nos descubrimentos que fez, e principalmente no Cabo de Boa Esperança, (como atrás contámos,) esta furia de vento deo fim a elle, e aos outros, mettendo-os no abysmo da grandeza daquelle mar Oceano, que naquelle dia encetou em nós, dando ceva de corpos humanos aos peixes daquelles mares, os quaes corpos podemos crer serem os primeiros, pois o foram em aquella incognita navegação, posto que o acto deste impeto do vento foi a todos a cousa mais espantosa, que quantas tinham visto, por se verem huns aos outros, junta, e tão miseravelmente perder, muito mais temeroso lhe pareceo verem sobre si huma escurissima noite, que a negridão do tempo derramou sobre aquella região do ar, de manei-

neira, que huns aos outros não se podiam ver, e com o assoprar do vento muito menos ouvir, sómente sentiam que o impeto dos mares ás vezes punha as náos tanto no cume das ondas, que parecia que as lançava fóra de si na região do ar, e logo subitamente as queria sorver, e ir enterrar no abysmo da terra. Finalmente assi cortou o temor destas cousas o animo de todos, que no geral da gente não havia mais que o nome de Jesus, e de sua Madre, pedindo perdão de seus peccados, que he a ultima palavra daquelles, que tem a morte presente. E como as náos com a furia do mar, e fraqueza dos mareantes andavam á vontade das ondas, sem acudir a leme, as quaes com aquelles impetos muitas vezes pareciam cortarem pelo ar, e não pela agua, ajuntou-se a náo de Simão de Miranda com a de Pedralvares, e quiz a piedade de Deos que a mesma furia dos mares que as ajuntava, quando veio ao seguinte movimento, furtou-se cada huma pera sua parte, com que ficáram livres daquelle grande perigo. Peró nem por isso ellas, e as outras escapáram de muita fortuna, em que cada dia se lhe representava a morte, per espaço de vinte dias, que corrêram á arvore secca, sem neste tempo darem mais véla que sinco vezes commetterem metter algum bolso pequeno,
mas

mas o vento não consentia ante si cousa que o impedisse. E porque cada hum per si passou tanto trabalho, que daria muito a nós em o escrever, e muito maior a quem o houvesse de ouvir, se particularizassemos os passos delle, basta saber que de toda esta frota Pedralvares se achou a dezeseis dias de Julho no parcel de Çofala com seis vélas tão desapparelhadas de mostos, vergas, vélas, e enxarcea, que mais estavam pera se tornar a este Reyno, se fora perto delle, que ir avante a conquistar os alheios. E ainda que a gente Portuguez naturalmente he soffredora, e mui pacienta em trabalhos, e nos casos de tanto perigo, e necessidade se sabe bem animar, como nesta primeira mostra da boa ventura que á India hiam buscar, á vista de seus olhos perdêram parentes, e amigos, era tamanha confusão em toda a gente não costumada a navegar; que per toda a náo de Pedralvares se apartavam os homens huns com outros, principalmente a gente commum, tratando de dúvida, e inconvenientes de proseguir aquelle caminho. A qual cousa sentindo Pedralvares, com palavra, e favor no que podia, animava, e conformava a todos, té que o tempo cessou, e lhe trouxe cousa ante os olhos que os alvoraçou, perdendo da memoria o temor passado; porque sendo tanto avante como

as

as Ilhas, a que ora chamam as Primeiras; houveram vista de duas náos, que lhe ficavam entre ellas, e a terra, as quaes vendo tamanha frota, começáram de se cozer com terra pera tomar algum porto. Pedralvares quando entendeo que o temor lhe fazia tomar aquelle caminho, mandou a ellas, e não pudéram os nossos navios fazer isto tão prestes, que quando chegáram, já huma tinha dado comsigo em terra, e a gente estava posta em salvo, e a outra foi tomada; na qual acháram hum Mouro, que deo razão a Pedralvares, que o temor delle os fizera varar em secco, e que daquellas duas náos vinha por Capitão hum Mouro principal chamado Xeque Foteima, que era tio d'ElRey de Melinde, o qual viera a Çofala fazer resgate com fazenda, que trouxera naquellas duas náos, e que se tornava pera Melinde. Sabendo Pedralvares vir alli pessoa tão principal, o mandou segurar, e veio a elle Xeque Foteima; homem de idade, e que em sua presença representava quem elle disse ser, ao qual Pedralvares fez honra, e gazalhado por ser tio delRey de Melinde, de quem D. Vasco da Gama, quando per alli passou, tinha recebido o gazalhado que atrás vimos, e peró que elle confessasse vir da Mina de Çofala, como todos eram ciosos della, não descubrio o que se depois sou-

ſoube per outros , nem menos Pedralvares lhe quiz ſobre iſſo fazer muitas perguntas, por lhe não dar mais ſuſpeita , antes dando-lhe algumas couſas, o eſpedio de ſi com palavras de que foi contente, e muito mais eſpantado, vendo quão bom tratamento lhe fizeram os noſſos , tendo per aquella coſta entre os Mouros fama de mui crueis, e que não perdoavam á fazenda, nem ás peſſoas. Tornado Xeque Foteima á ſua náo a ſe adjuntar com a outra , ſeguio Pedralvares ſeu caminho té chegar a Moçambique a vinte dias de Julho, onde foi mui bem recebido da gente da terra, por quanto damno que tinham feito a D. Vaſco da Gama, e aſſi do que delle recebêram eſtavam tão temorizados de lhe ſobrevir outro maior, que moſtráram grande prazer com ſua chegada; e em ſeis dias que Pedralvares alli eſteve, ſe repairou do damno que lhe a tormenta fez nas couſas da mareagem , e houve Piloto mais facilmente do que ſe deo a D. Vaſco da Gama, quando per alli paſſou.

CA-

CAPITULO III.

Como Pedralvares Cabral se vio com ElRey de Quiloa, e do pouco que acabou com elle, e depois foi ter a Melinde, onde ElRey o recebeo com muito prazer, e dahi se partio pera a India.

PArtido Pedralvares de Moçambique com as seis vélas que lhe ficáram, veio sempre ao longo da costa com resguardo de não escorrer á Cidade Quiloa, onde chegou a vinte e seis de Julho, na qual reinava hum Mouro per nome Habrahemo, que per aquella costa era homem mui estimado, e a Cidade huma das mais antigas que se alli fundáram, (da qual ao diante faremos maior relação,) o qual polo trato de Çofala estar muito tempo debaixo de sua mão, se tinha feito rico, e poderoso, e com elle mandava ElRey a Pedralvares que se visse, e assentasse paz, e sobre isso lhe trazia cartas. Surto elle diante da Cidade, mandou em hum batel Affonso Furtado, que hia por Escrivão da Feitoria que se havia de fazer em Çofala, com recado a ElRey, fazendo-lhe saber como ElRey de Portugal seu Senhor lhe mandava que chegasse áquelle seu porto, e lhe désse certos recados, que lhe pedia houvesse por bem que se vissem

ſem ambos, ao que ElRey reſpondeo com palavras de contentamento de ſua chegada, e quanto a ſe verem ambos, elle era contente, e pera iſſo podia ſahir em terra quando mandaſſe, e com eſte recado lhe enviou refreſco de carneiros, e outros mantimentos da terra, pedindo-lhe perdão por o tomar em tempo que ella eſtava hum pouco ſecca, e mal provída pera tal peſſoa. Pedralvares com os agradecimentos do preſente, e retorno d'algumas couſas do Reyno, lhe mandou dizer, que quanto a elle ſahir em terra pera ſe verem, o regimento del-Rey ſeu Senhor lho defendia, e ſómente lhe era concedido ſahir em terra pera dar huma batalha a quem não acceptaſſe ſua amizade; porém por honra de hum tal Principe como elle era, o mais que faria naquelle caſo de ſe verem ambos, ſería elle Pedralvares ſahir da ſua náo em algum navio, ou batel, e que elle ſe podia metter em hum zambuco, e que defronte da Cidade no mar ſe veriam. ElRey vendo eſte recado, per eſpaço de dous dias andou pairando com cautelas, e modos pera eſcuſar eſta viſta; mas porque os recados, e réplicas de Pedralvares o apertáram muito, concedeo niſſo, mais com temor, que com boa vontade, e o dia que havia de ſer, quiz elle moſtrar o apparato de ſeu eſtado, vindo em

em dous zambucos junto hum ao outro com a principal gente, e o outro povo commum nos outros zambucos o acompanhavam, mas não que elle ſe affaſtaſſe da terra. Pedralvares tambem em ſeus bateis embandeirados, e gente veſtida de louçainha, e ao longo das toſtes dos bateis reſguardo d'armas, chegou a ElRey, onde ceſſou o eſtrondo das trombetas, e atabales, e começáram entrar na prática, depois que ſe tratáram as cortezias, e ceremonias da primeira viſta. E porque Pedralvares gaſtou muitas razões ácerca de contentamento que ElRey ſeu Senhor teria em elle acceptar as couſas da noſſa Fé, leixou ElRey de reſponder ás em que lhe apontou ácerca do trato de Çofala, e tomou argumento pera ſe eſpedir dellas, dizendo, que eſtas couſas por ſerem novas, e fóra do coſtume, e crença em que elle, e todolos ſeus naturaes ſe creáram, compria pera poder reſponder a ellas ter mais tempo do que ambos alli tinham, e mais ſendo de qualidade pera ſe haverem de communicar com os principaes de ſeu conſelho, a maior parte dos quaes não era preſente; que lhe pedia, que por aquelle dia houveſſe por bem ſer gaſtado em ſe ambos verem, e elle poder dizer per ſi o contentamento que tinha de ElRey de Portugal folgar de o ter por ſervidor. E

com

com eſtas palavras, concertando que dahi a dous dias daria reſpoſta do mais, ſe eſpedíram. ElRey quando veio ao outro dia, por moſtrar que eſtava contente da prática, mandou muito mais refreſco da terra, e ſoltou que alguns Mouros vieſſem vender ás náos mantimentos, e iſto mais em modo de eſpiar o numero da noſſa gente, e poder que traziam, que a outro algum fim. Pedralvares como entendeo nelles ao que vinham, mandou a todolos Capitáes que tiveſſem ſuas náos como homens que eſtavam a ponto de ſahir em terra cada hora que lho mandaſſem, e que aquelles Mouros tudo viſſem armas; porém que foſſem bem tratados, e no modo de comprar, e vender ſe houveſſem liberalmente com elles, porque eſta maneira tinha com aquelles, que vinham á ſua náo; e ainda pera os mais ſegurar, ſe entre os que vinham vender mantimentos acertava de virem alguns, que pareciam homens honrados, dava-lhes algumas peças com que hiam contentes, mas não convertidos de ſeu máo propoſito, porque mais podia o odio que nos tinham, que os dons que lhes davam. Finalmente em tres dias, que Pedralvares alli eſteve depois das viſtas, nunca pode haver d'ElRey concluſão alguma, e tudo eram eſcuſas, que os principaes homens de ſeu conſelho eram

idos a huma guerra, que tinha com os Cafres, que como viessem, tomaria determinação nas cousas em que praticáram: que lhe pedia, e rogava muito que se não agastasse, porque não podiam tardar por os ter já mandados vir. Porém nestes dias todo seu cuidado era metter muita gente dos Cafres dentro comsigo, e repairar a Cidade, como quem esperava de a defender, e que este havia de ser o fim de sua resposta, das quaes cousas Pedralvares era avisado, porque acertou d'estar alli com huma náo, fazendo mercadoria, hum Mouro chamado Xeque Homar irmão d'ElRey de Melinde, o qual era presente ás amizades, que Dom Vasco da Gama assentou com seu irmão, quando passou por Melinde, e daqui ficou tanto nosso amigo, e mais vendo o poder da nossa Armada, que foi Pedralvares avisado per elle do que passava dentro,, e mais houve-lhe secretamente alguma agua, a qual ElRey tinha promettido, e depois indo os nossos por ella, acháram os calões, que são huns vasos de barro, em que os da terra a traziam, todos quebrados, e agua vertida á borda da praia, dizendo ser isto feito per hum Mouro chamado Abrahemo meio sandeu. Pedralvares quando per derradeiro vio que este negocio não se podia determinar senão com sahir em terra, posto o caso em

con-

conselho, assentou-se nelle ser grande inconveniente, por castigar a maldade daquelle Mouro, aventurar gente em tão baixo emprego, e que era mais serviço d'ElRey seguirem sua viagem, e leixar este castigo pera outro tempo. Posto que a Pedralvares fosse grande tormento leixar aquelle Mouro sem castigo, teve mais conta com seguir o principal intento, a que era mandado áquellas partes, que a sua paixão, e sem lhe mais mandar algum recado, ao terceiro dia das vistas partio-se pera Melinde, onde chegou a dous dias de Agosto, e foi mui bem recebido, e festejado d'ElRey; porque além da amizade que comnosco tinha, dobrou esta boa vontade a nova, que lhe deo Xeque Foteima da honra, que lhe Pedralvares fizera, e a razão porque: e mais com a nossa Armada ficou mui favorecido, porque polo gazalhado que fizera a D. Vasco da Gama, ElRey de Mombaça estava com elle em guerra de fogo, e sangue, em que elle tinha perdido muita gente, e fazenda, por ElRey de Mombaça ser mais poderoso do que elle era. E ainda por não publicar tanto a amizade que tinha comnosco, escondeo o Padrão de marmor, que D. Vasco da Gama alli leixára mettido, (como atrás fica,) porque indo João de Sá com hum recado a elle de Pedralvares no primeiro dia da

chegada, como homem, que fora alli com D. Vasco da Gama, a primeira cousa porque lhe perguntou foi polo Padrão, dizendo que o não via onde elle o ajudára metter. Ao que ElRey respondeo, que elle o tinha mui bem guardado em huma casa; e tomando João de Sá pela mão, o levou á casa, onde o tinha almagradas as armas de fresco, como que havia algum dia que fora feito, pera quando lhe fora pedido conta delle o mostrar assi, como cousa tida em veneração; dando-lhe por desculpa, que em quanto o tivera no lugar público, onde se elle metteo, foi tão perseguido d'ElRey de Mombaça, fazendo-lhe crua guerra, que lhe conveio mandallo esconder naquella casa per conselho de seus vassallos, com esperança de vir aquella Armada d'ElRey de Portugal, e lhe fazer queixume daquelle máo vizinho, que tanto damno lhe tinha feito, tudo por ser leal amigo aos Portuguezes. Tornado João de Sá com recado a Pedralvares, e sobre elle enviados per ElRey dous homens principaes com presente de refresco, ao seguinte dia mandou Pedralvares ao Feitor Aires Correa bem acompanhado com as cousas que levava pera este Rey, levando diante do presente muitas trombetas; o qual presente ElRey mandou receber com grão solemnidade, porque ao batel donde

Ai-

Aires Correa desembarcou, vieram dos mais principaes homens que ElRey tinha, e com muita honra, e festa o foram acompanhando té o presentarem ante ElRey: e em todalas ruas per onde hia, estavam ás portas perfumes cheirosos, mostrando todo o povo em seu modo tanto contentamento, como se aquella festa fosse feita ao proprio Senhor da terra: tanto estimou ElRey aquella lembrança, e conta que se com elle tivera. E foi tamanho o seu contentamento, depois que leo a Carta que lhe ElRey escrevia, (a qual era em Aravigo,) que não consentio que Aires Correa se tornasse á náo, e mandou dizer a Pedralvares, que lhe pedia houvesse por bem que Aires Correa ficasse lá aquella noite, e ao dia seguinte pera praticar nas cousas d'ElRey de Portugal. Que pera segurança da pessoa de Aires Correa lá ficar, elle mandava a sua mercê o annel do seu sinete, onde estava toda a verdade Real, posto que bem tinha mostrado sua fé nos trabalhos da guerra, que ElRey de Mombaça lhe fazia, por ser leal amigo, e servidor d'ElRey de Portugal, o qual rogo lhe Pedralvares concedeo polo comprazer, e tambem porque na prática, que Aires Correa com elle tivesse, pois havia de ser comprida, o confirmasse mais no amor, e lealdade, que mostrava ter ao serviço d'ElRey

seu

ſeu Senhor, e aſſi foi, porque logo aſſentou como ſe ambos viſſem no mar ao modo que ſe víra com ElRey de Quiloa, o que elle fez ſem as cautelas que o outro teve. Na qual viſta houve grandes confirmações de paz, e offertas delRey, dizendo elle, que todo ſeu eſtado, e peſſoa daquelle dia pera ſempre elle o ſobmettia á vontade d'ElRey de Portugal, como do mais poderoſo Principe da terra. E per eſpaço de dous dias, que depois deſta viſitação Pedralvares alli eſteve, ſempre de huma, e outra parte houve recados, e obras de grande amizade. Neſte lugar leixou Pedralvares dous degredados dos que levava, e a cauſa de os aqui lançar, era, porque lhe mandava ElRey D. Manuel, que como foſſe neſta coſta, leixaſſe nella alguns dos degredados que levava, pera irem per terra deſcubrir o Preſte João, por ter já ſabido que per eſta coſta podiam ir ao interior da terra daquelle ſertão, onde elle tinha ſeu eſtado; iſto com grandes promeſſas de mercê ſe deſcubriſſem eſte Principe tão deſejado: hum havia nome João Machado, e o outro Luiz de Moura; mas elles tomáram outro caminho, como veremos em ſeu lugar. E o que João Machado fez foi de mais ſerviço d'ElRey naquelle tempo, que eſte do Preſte que lhe mandavam fazer. Pedralvares lei-

leixando a estes dous homens a Provisão pera sua despeza, e Cartas d'ElRey D. Manuel pera o Preste, espedio-se d'ElRey de Melinde, o qual lhe deo dous Pilotos Guzarates pera o levarem á India, pera onde partio a sete d'Agosto.

CAPITULO IV.

Como Pedralvares chegou á Ilha de Anchediva, onde esteve alguns dias repairando-se do necessario, e dahi chegou a Calecut, onde per recados que teve com ElRey, concertáram ambos que se vissem.

ATravessando Pedralvares Cabral aquelle grande golfão de mar de setecentas leguas, que póde haver de Melinde, que he na costa da terra de Africa, á costa da India, chegou a vinte e tres dias d'Agosto vespera de S. Bartholomeu á Ilha Anchediva, de que atrás fizemos menção, onde esteve quinze dias repairando as náos, e provendo-se d'agua, e lenha, principalmente tambem por esperar a passagem d'algumas náos de Méca, que com a mesma necessidade, e por melhor navegação, sempre hiam demandar aquella Ilha, das quaes náos muitas eram já passadas, e algumas estavam em Calecut, onde Pedralvares as achou, e outras per esses portos de Malabar, fazendo

seus

ſeus proveitos. E os dias que eſteve neſta Ilha, os Gentios da terra lhe traziam mantimento, e fruta da terra, folgando ter a communicação dos noſſos, porque como era gente pobre, e por qualquer couſa que traziam lhe davam muito, acudiam tantos que os haviam já por importunos. Muitos dos quaes, quando os noſſos ouviam Miſſa, e recebêram o Sacramento da Communhão, eſtavam a eſtes Officios com attenção; mas como os Religioſos, e Sacerdotes d'Armada, a quem pertencia a conversão delles, não ſabiam a lingua da terra, que era o principal inſtrumento pera vir a effeito a boa diſpoſição que nelles eſtava, não ſe pode por então mais fazer que preparallos com boas obras pera quando a opportunidade do tempo déſſe a iſſo lugar. Pedralvares partido dalli via de Calecut, chegou ao ſeu porto a treze de Setembro, onde logo ante de ſurgir foram derredor delle muitos barcos da terra, todos como gente que moſtrava contentamento de ſua chegada, e ſobre elles veio hum zambuco, em que vinha hum mercador Guzarate, homem em ſeu trajo, e preſença de auctoridade, que da parte d'ElRey viſitou Pedralvares, o qual elle recebeo, e eſpedio com gazalhado, mandando a ElRey as graças de ſua viſitação, e ao Mouro ſatisfez com algumas peças, por ſer
coſ-

costume da terra partirem os mensajeiros contentes da pessoa a que levam os taes recados. E como esta visitação foi ante de elle Pedralvares mandar salvar a Cidade, além de as náos chegarem muito embandeiradas, e per seu costume na chegada de tal porto tiravam alguma artilheria, aqui mandou dobrar a furia della, mostrando-se tudo por festa da visitação d'ElRey. A trovoada da qual não sómente avorreceo ao Mouro, que foi com a visitação, por a levar toda nas costas, astrogindo-lhe as orelhas, mas ainda na Cidade fez tamanho espanto, que estando a praia cuberta do povo na vista das náos, desampararam tudo, recolhendo-se muitos delles a suas casas. Passado aquelle dia, que todo se despendeo em amarrar as náos, e aperceber pera a segurança dellas, quando veio ao outro dia, mandou Pedralvares recado a ElRey per João de Sá, que sabia a terra, por ser hum daquelles, que foram com D. Vasco da Gama, e com elle huma lingua do Aravigo, pedindo-lhe dia pera lhe mandar certos recados, que trazia d'ElRey de Portugal seu Senhor, e isto té se ambos verem. Ao que ElRey respondeo com boas palavras; e quanto ao dia pera ouvir novas d'ElRey de Portugal, não podia mandar este recado tão cedo, que não fosse tarde pera elle, segundo o desejo que ti-

tinha de ouvir novas de sua disposição. Pedralvares sem cautela alguma de refens, por não mostrar desconfiança d'ElRey, ao outro dia enviou a elle Aires Correa, e Affonso Furtado, e João de Sá, que o acompanhavam, e por lingua Gaspar da India. Per o qual Aires Correa lhe enviou dizer, que a principal cousa, que o trazia áquelle seu porto mais que a outra d'algum Rey, ou Principe da India, era o que já per outro Capitão d'ElRey seu Senhor tinha sabido, ser o seu nome tão celebrado nas partes Occidentaes da Christandade: que desejando ElRey de Portugal seu Senhor ter com elle amizade, e communicação per tracto de commercio, mandára a elle hum Capitão seu chamado Vasco da Gama, ao qual elle agalardoou com honra, e mercê, sómente por lhe levar tão boa nova, como era ter achado caminho pera se communicar com elle Çamorij. Da qual nova procedêra mandar logo fazer huma Armada de treze náos, com que elle Pedralvares partíra de Portugal, das quaes no caminho tinha perdido sinco com hum grande temporal que lhe dera. E pois elle, louvado Deos, com aquellas poucas era chegado ante aquella sua Real Cidade, que era o lugar, onde ElRey seu Senhor o enviava sobre esta amizade, e commercio que dizia, e isto eram

cou-

coufas de qualidade, que requeriam veremfe ambos, pedia a fua Real Senhoria ordenaffe como, e quando podia fer. As quaes viftas foffem de maneira, que pudeffe elle cumprir o que lhe ElRey feu Senhor mandava, que era em nenhum modo fahir em terra; e quando fe não pudeffe al fazer, foffe em parte tão pegada no mar, e com tantos refens, que não dizia a peffoa delle proprio Capitão, mas o mais pequeno homem, que vieffe naquella Armada, eftiveffe mui feguro, e ifto em Calecut, onde fabia haver Mouros, que procuravam traições aos feus. Porém pera caftigar aos mefmos Mouros, quando cumpriffe, não dizia elle pôr os pés em terra, mas que per todalas partes os perfeguiffe á força de ferro. ElRey a efte recado, que lhe levou Aires Correa, toda a conclusão delle foi refponder com palavras do contentamento da chegada delle Capitão; e que como elle eftiveffe em difpofição pera fe verem, tudo fe faria no melhor modo que pudeffe fer. Peró Pedralvares como já fabia que a maneira de negociar d'ElRey daquellas coufas, que elle não fazia de boa vontade, tudo eram dilações, começou logo com outros recados apertar que fe viffem. O qual pofto que não podia foffrer dar os refens, que lhe Pedralvares pedia, e toda fua efcufa era ferem homens

ve-

velhos, e da geração dos Brammanes, os quaes por razão de ſua religião não podiam comer, nem dormir ſenão em ſua propria caſa, e quando ſe tocavam com gente fóra de ſua geração, tinham ſuas purificações, e ceremonias, de que não podiam uſar eſtando no mar, todavia houve de conceder em os dar, e aſſi no modo das viſtas como Pedralvares quiz, porque o temor da gente, náos, e artilheria, que via ante ſi, lhe fizeram cumprir o que negava per vontade. E eſte modo, e lugar foi em hum cerame, que eſtava ſobre o mar, que como hum eirado cuberto, armado ſobre madeira muito bem lavrada, onde os Reys por ſeu paſſatempo, e recreação ás vezes vinham dar huma viſta ao mar. O qual cerame ElRey mandou aparamentar de pannos de ſeda, ſegundo o uſo, que elles tem neſtes actos de viſtas com peſſoas de eſtado, e tudo mandou fazer de maneira, que pareceſſe vir elle áquelle lugar mais por ſeu prazer, e por folgar de ouvir aquella embaixada, que por outro algum temor. Pedralvares tambem por mais ſegurar ElRey, e não ſerem aquellas viſtas com tanta deſconfiança, que pera conciliar, e adquirir amizade era couſa perjudicial, não quiz que tudo foſſem cautelas, e mais porque nellas moſtrava temor. E como neſta ſegurança de que elle quiz uſar,

o ma-

o maior risco era sua fazenda, e não em cousas de que pudesse dar conta, que tivera pouco resguardo em se confiar, no tempo que andáram estes recados de suas vistas, depois que assentou com ElRey onde haviam de ser, mandou-lhe pedir huma casa junto daquelle seu cerame, onde mandasse levar algum fato seu pera estar ahi esses dias que a prática dentre elles durasse, por não ir, e vir tantas vezes ao mar. A qual casa lhe foi dada, e a primeira cousa que Pedralvares mandou levar a ella, foi a sua prata, e cousas do serviço de sua pessoa, quasi á vista de todos, porque soubesse ElRey, que como homem confiado mandava aquellas cousas, e tambem que eram sinal que fazia tanto fundamento da terra, como do mar, posto que no modo de se verem, e refens que pedio, mostrava alguma desconfiança. Vindo o dia destas vistas, escolheo Pedralvares pera levar comsigo os Capitães, e pessoas notaveis, leixando porém alguns com cuidado do que havia de fazer, quando algum caso não esperado sobreviesse; e estava assi ordenado, que em Pedralvares abalando das náos pera terra, de lá haviam de vir os arrefens, de maneira, que quando elles entrassem em as náos, elle chegasse ao cerame, os quaes em numero eram seis, todos apontados per Aires Correa per rol,

rol, que de cá do Reyno levava per induſtria de Monçaide, por eſtes ſerem dos principaes da terra, ſegundo tambem confirmáram os Gentios, que D. Vaſco da Gama comſigo trouxe, os quaes Pedralvares levou pera lá darem nova da grandeza de Lisboa, e tráfego das mercadorias, e náos, que a ella concorriam, e hum deſtes arrefens era o Catual, que tanto trabalho deo a D. Vaſco da Gama, (como diſſemos atrás;) e os dous mais principaes, ambos Officiaes da fazenda d'ElRey, haviam nome Peringóra Raxemenoca, todos homens já de dias, e mui religioſos na ſua gentilidade.

CAPITULO V.

Como paſſáram as viſtas entre ElRey, e Pedralvares Cabral: e a repreſaria, que per fim dellas houve de huma parte a outra por razão de huns arrefens: e per derradeiro concertados, ſahio Aires Correa em terra a fazer negocio.

COmo eſtas viſtas, que Pedralvares tinha aſſentado com o Çamorij eram huma moſtra, per que ſe podia julgar a policia, e riqueza deſte Reyno, mandou aos que eſtavam apontados pera ſahir em terra com elle, que ſe veſtiſſem, e atabiaſſem do ſeu, e do empreſtado o melhor que pudeſ-
ſem.

ſem. O que todos fizeram á competencia de quem levaria mais ſeda, mais joias, e nos bateis cada Capitão mais bandeiras, com todolos inſtrumentos de tanger, ſem tiro algum d'artilheria, por não aſſombrar aquella gente no acto de tanta feſta. E elle Pedralvares hia veſtido com huma opa de brocado, e o mais que dizia com ella, trajo que naquelle tempo era mui uſado neſte Reyno. Chegado com eſta pompa á praia, porque não podia ſahir a pé enxuto, foi levado em cóllos de homens em hum andor dos da terra, té o metterem entre os Principaes do Gentio, que o Çamorij mandou que o vieſſem receber á praia, o qual Çamorij eſtava já no cerame em viſta delle, eſperando que vieſſe. E poſto que elle Çamorij não tinha tanto panno, ſeda, ouro, e opa de brocado, como os noſſos levavam, e hum panno de algodão bornido com humas roſas de ouro de pão ſemeadas por elle, a que chamam purava, (trajo de Brammanes,) cubria ſeus couros entre baços, e pretos, a pedraria das orelhas, barrete da cabeça, pateca cingida, e bracelletes dos braços, e pernas, eram eſtas couſas de tão grande eſtima, que não haviam inveja ás joias dos noſſos. Finalmente naquelle eſtado em que elle eſtava, aſſi em couros, e deſcalço, e fóra daquellas oparlandas de

mui-

muito panno que cá usamos, em seu modo cercado daquelles seus vassallos, elle representava bem a dignidade Real que tinha. Ao qual chegando Pedralvares, elle se levantou em pé de huma cadeira, em que estava chapada de ouro com alguma pedraria, e o veio receber, fazendo-lhe muito acatamento té o lugar onde se assentáram. E passadas as ceremonias da primeira vista, deo-lhe Pedralvares a Carta, que levava d'El-Rey D. Manuel. O Çamorij, depois que lha interpretáram do Aravigo em que hia escrita, disse a Pedralvares, que por aquella Carta d'ElRey de Portugal tinha entendido sua boa vontade; e como elle Capitão era enviado áquelle seu porto pera tratar cousas de paz, e amizade com elle, e assi do commercio das especiarias; e que ácerca destas, e outras cousas, que elle Capitão trazia em sua memoria, lhe podia dar fé, e por todas serem da vontade delle mesmo Rey seu Senhor, elle podia praticar em algumas, ou ficassem pera outro dia, se lhe a elle bem parecesse. Pedralvares por estar avisado que todo este Gentio he subjecto a muitos agouros, e se atravessa huma gralha, ou qualquer cousa que se lhe antolha, leixa tudo, dizendo, que não he boa hora pera negocio, principalmente quando lhe a elles não contenta, e sobre isso são mui taxados na

prá-

prática, receando que lhe podia iſto acontecer, em breves palavras diſſe, que a cauſa de ſua vinda, e com quantas náos partíra deſte Reyno, e as que perdêra, e a mercê que ElRey fizera a D. Vaſco da Gama por deſcubrir aquelle caminho. Finalmente, que aquellas náos vinham alli a dous fins: o primeiro, pera que ſe elle Çamorij tiveſſe alguma neceſſidade de gente, ou armas pera defensão de ſeu Reyno, que ElRey ſeu Senhor mandava que lhas offereceſſe: o ſegundo fim era pera as carregar de eſpeciaria, pera compra da qual trazia ouro, prata, e muitas mercadorias de toda a ſorte que naquellas partes ſerviam. E porque elle Pedralvares tinha ſabido que ſua Real Senhoria eſtava em paz com ſeus vizinhos, ceſſava a primeira cauſa da vinda das náos, e elle Çamorij ficava na obrigação da ſegunda, pois já lhe era manifeſto por duas Armadas, que ElRey D. Manuel tinha mandado áquelle ſeu porto, quanto niſſo podia deſpender, tudo a fim de querer ter amizade, e commercio com elle. Portanto lhe pedia por mercê, que ordenaſſe como lhe foſſem dadas as caſas, que lhe já diſſera Aires Correa, pera elle Feitor ſe vir a ellas com os Officiaes da fazenda delRey, e trazerem as mercadorias, que vinham em as náos pera aquelle miſter, do qual nego-

cio Aires Correa, depois que esteve em terra, daria razão aos seus Officiaes pera elles sobre isso fazerem conta das especiarias, que haveriam mister pera a carga: que quanto ao preço, elle não queria novidade, sómente dar, e receber segundo costume da terra, conformando-se com os mercadores de Méca, que alli eram mais continuos. ElRey a estas palavras respondeo com outras mais ao proposito do que elle desejava, que á conclusão do que Pedralvares lhe requeria, resomindo-se nisto, que a casa que pedia, elle a tinha mandado despejar; e por já ser tarde, e os homens, que lhe mandára á náo em refens, eram velhos, e debilitados, e não podiam comer segundo sua lei, e costume, té serem limpos do tocamento que tiveram com gente fóra de sua geração, por esta ser huma das principaes partes de sua religião, lhe rogava que os mandasse logo vir. Acerca dos quaes refens, porque Pedralvares dilatava sua vinda, insistio ElRey tanto que viessem, que lhe não valeo dizer que em nenhuma maneira podiam vir, senão indo elle mesmo Pedralvares a isso, porque os Capitães tinham consagrado em sua lei, ainda que fossem recados seus, não os darem senão depois que vissem a sua pessoa dentro em as náos. Da qual porfia conveio a Pedralvares, por ver ElRey meio arru-

rufado, e se espedir sem alguma conclusão, recolher-se em os bateis em que veio, dizendo, que elle os mandava logo, parecendo-lhe que todo este apertar d'ElRey era mais por razão das ceremonias gentilicas, de que elles são mui religiosos, que por outra alguma maldade. Mas segundo se logo vio, elles pertendiam mais engano que religião; e parece que assi o tinham os refens ordenado com ElRey, que quasi per fim da prática, tempo em que os das náos algum tanto se podiam descuidar delles, se lançassem ao mar, e se salvassem em os barcos da terra, os quaes pera isso andariam de redor das náos. E desta feita ainda que lhe não ficasse em terra mais preza que a fazenda do Capitão que lá estava, e os homens da guarda della, bastava pera fazerem suas cousas mais á sua vontade; tudo isto eram industrias dos Mouros. O qual negocio como o tinham assentado, assi foi; porque quasi no tempo que ElRey se espedia de Pedralvares, os refens se lançáram todos ao mar, de que tres se salváram, e outros tres foram tomados, o que Pedralvares muito sentio quando chegou á náo, e o soube, porque já aquelle modo de paz eram começos de guerra. E temendo que fizessem os tres que ficavam outro tanto, por os ter mais seguros, e menos mimosos, foram mettidos

no baixo da bomba, com homens que estivessem com elles, té ElRey fazer razão de si dos homens, e fazenda que elle Pedralvares mandára a terra. E como elle a este tempo andava quartanario, com estes desconcertos delRey, vinham-lhe dobradas as sezões, lembrando-lhe os trabalhos que passára no mar, e quanto maiores tinha por diante na terra, sobre o qual negocio por ficar daquella maneira desatado com ElRey, teve conselho com os Capitães d'Armada. No qual conselho assentáram, que per espaço de dous dias não se movessem, nem mandassem recado algum a ElRey, porque nisto lhe davam mais em que cuidar, e entre tanto se ordenassem como se ao outro dia houvessem de sahir em terra a destruir a Cidade, porque as cousas que o odio nega, o temor as concede. Parece que ou este modo de conselho aproveitou, ou que ElRey se arrependeo do que fez; e tambem podia ter outro conselho com os Gentios, que desejavam tanto nossa amizade, quanto a estrovavam os Mouros; porque quando veio, ao segundo dia mandou dizer a Pedralvares, que elle estava hum pouco descontente do dia em que se víram passarem algumas cousas, de que lhe parecia elle Capitão poder ter algum desprazer: por tanto lhe pedia que ambos se tornassem a ver naquelle lugar, e
que

que não houvesse cautelas de refens por não haver azo de paixões, que procediam de homens fracos, e temerosos de se ver subjectos, sendo livres. Assentada esta vista, foi naquelle lugar do Cerame, entre o Çamorij, e Pedralvares jurada a paz, e disso se passáram seus pactos, e fizeram contratos da especiaria, com a qual paz, e concerto, Pedralvares mandou logo a Aires Correa, que se fosse aposentar nas casas, que ElRey mandou dar junto da praia, levando comsigo não sómente os Officiaes da Feitoria, e sessenta homens, que lhe Pedralvares ordenou pera lá estarem com elle, mas ainda Fr. Henrique com os seus Religiosos pera entenderem na prática, e conversão da gente, attentando este negocio com grande prudencia, por não mover algum escandalo entre gente tão çafara do nome de Christo, e tão costumada a seus ritos, e diabolicos usos, e sobre tudo induzidos contra nós per todolos Mouros. E como todos estiveram em terra, que huns, e outros vinham á casa da Feitoria, Aires Correa tinha cuidado do que pertencia a seu officio; e Fr. Henrique, como carecia do principal instrumento, que era lingua Malabar, não podia usar do seu tão liberalmente como quizera, posto que á casa concorria muita gente. Porém todo este concurso de ir, e vir á Feitoria,

mais

mais era a ver, que a comprar, nem receber doctrina, de maneira que se Fr. Henrique tinha pouco que fazer, Aires Correa menos; nem os nossos, que tinham licença pera andarem pela Cidade tão cautelosamente, se haviam com elles, que não achavam quem lhe quizesse vender mais pimenta publicamente, que pera comer hum pouco de pescado; e se alguma cousa haviam, era do Gentio, que o não vissem os Mouros. Os quaes Mouros, (principalmente os estrangeiros de Méca,) assi tinham tecido as cousas contra nós, que começando Aires Correa a praticar com os Officiaes, que lhe o Çamorij ordenou pera darem a especiaria, com que se haviam de carregar as náos, começáram elles mais descubertamente mostrar quanto engano nelles havia, buscando escusas por dilatar a carga, e gastar o tempo da partida dos nossos. Pedralvares como cada hora lhe vinham recados de Aires Correa, destes modos, e escusas que tinham com elle, as quaes sabia procederem mais dos Officiaes delRey, por serem peitados dos Mouros, que da vontade delle Çamorij, (como aconteceo a D. Vasco da Gama,) determinou de lho mandar dizer per o mesmo Aires Correa, pera melhor relatar o que faziam com elle. Entre os quaes queixumes era, que seus Officiaes por compra-

prazer aos Mouros, lhe não davam carga, e ſecretamente de noite a davam ás náos de Méca, que alli eſtavam, a qual couſa elle não podia crer ſer mandado por elle Çamorij, porque as palavras de hum tal Principe não podiam desfalecer, e mais quando eſtavam obrigadas a juramento, como elle tinha obrigado as ſuas a dar carga ás ſuas náos, e não ás de Méca. ElRey como já tinha facilidade com Aires Correa por as vezes que foi a elle, por meio de Gaſpar da India, que era o interprete, ſe começou a deſculpar, dizendo, que os mercadores da pimenta não a tinham ainda recolhida da mão dos lavradores, por ſer hum pouco cedo; cá eram coſtumados andar neſte recolhimento com a monção das náos de Méca, e não com as noſſas; e alguma pouca, com que elle Aires Correa tinha já quaſi carregado duas náos, (ſegundo lhe os ſeus Officiaes diſſeram,) eſta era pimenta velha, que ficára do anno paſſado, e não ſe podia mais fazer, ſegundo lhe diziam os Officiaes ſeus, a que tinha encommendado eſte ſeu deſpacho. Aires Correa como todalas palavras delRey eram deſculpas, e a ſomma, e concluſão dellas acabava, dizendo, que ſe não podia mais fazer, deſta, e d'outras vezes, que lá foi ſobre o meſmo caſo, não vinha contente delle; e quem lhe fazia ter maior eſ-

escandalo delRey, e o mais indignava sobre este caso, eram paixões, e competencias, que entre si traziam dous Mouros, que se mostravam grandes amigos delle Aires Correa; e o caso era este.

CAPITULO VI.

Das paixões, e competencias, que havia entre dous Mouros principaes de Calecut, donde se causou os nossos irem tomar huma náo carregada de Elefantes, que vinham de Cochij, e do que nisso passou.

HAvia nesta Cidade de Calecut dous Mouros, homens mui principaes, a hum chamavam Coge Bequij, e a outro Coge Cemecerij, este tinha o governo das cousas do mar, e o outro das da terra. E como entre os Governadores de huma mesma Cidade pela maior parte se acham invejas, e paixões de jurisdicção, entre estes dous, peró que se fallassem, e tratassem por razão dos officios, havia no peito de cada hum odio mortal, e com a vinda dos nossos se accrescentou mais. Porque Aires Correa, depois que esteve em terra, por achar em Coge Bequij, em cujas casas elle pousava, mais verdade que no outro, folgava de o favorecer, o que Coge Comecerij sofria mui mal, porque sentia que com esta amizade seu

ſeu imigo recebia mais honra, e algum proveito que o mais magoava, a qual dor o fazia trabalhar que não ſe déſſe carga ás noſſas náos, e ainda ſobreveio couſa com que lhe pareceo que o ſeu deſejo haveria melhor effeito; e o caſo foi eſte. Soube elle que de Cochij, huma Cidade obra de vinte leguas dalli, era ſahida huma náo, a qual vinha da Ilha Ceilão, e trazia ſete Elefantes, que levava por mercadoria ao Reyno de Cambaya, e era de dous mercadores do meſmo Cochij, a que chamavam Mammale Mercar, e Cherina Mercar. Eſta náo como havia de paſſar á viſta das noſſas, pareceolhe que com ella podia executar ſeu odio á noſſa cuſta; porque per qualquer via que travaſſem com ella, por ſer náo mui poderoſa de até ſeiscentos toneis, receberiam os noſſos muito damno; e quando o ella recebeſſe, ficavam em odio com os mercadores de Cochij, e de toda aquella coſta, com que não achaſſem acolheita em porto algum. Com a qual tenção foi-ſe a Aires Correa, e ſimulando que lhe fazia niſto ſerviço, diſſe-lhe como elle tinha recado, que do porto de Ceilão partíra huma náo, a qual vinha carregada de toda ſorte de eſpeciaria, que bem poderia carregar duas das noſſas, e hia pera Méca, e de caminho havia de tomar algum gengivre em Cananor. E por quan-

qnanto a maior parte desta fazenda era de mercadores de Méca, de quem elle tinha recebido certas offensas, e o Çamorij deserviços, lhe confessava que teria contentamento de a tomarem, e o Çamorij folgaria muito com isso, principalmente por nella ir hum Elefante, que o mesmo Çamorij muito desejava, o qual lhe não quizeram vender, e o levavam pera baldear em Cambaya. E como isto eram appetites de Principes, e tambem haviam por affronta das terras de sua jurisdicção, levarem pera outras alguma cousa em seu desprazer, e mais desejando-a elle, verdadeiramente podia elle Aires Correa crer, se ordenasse como o Çamorij houvesse aquelle Elefante, daria por elle carga de pimenta a duas náos. E que deste aviso, que lhe dava, huma só mercê queria delle, que lhe mantivesse segredo, porque naquella Cidade de Calecut havia alguns mercadores, que tinham trato com estes de Méca; e sabendo como sua mercê era sabedor desta náo, lhe mandariam aviso com que se salvasse. E tambem não os queria ter por imigos, sabendo ser elle o auctor disso; e que desta verdade que lhe descubria, não dava mais penhor de ser assi, senão a mesma náo, que sería alli ante de dous dias, como veria se a mandasse vigiar; e ainda teve tal modo, que fez com o Ça-
mo-

morij, que mandasse hum recado a elle Aires Correa sobre este Elefante, dizendo quanto contentamento teria de o haver. Aires Correa, porque este Mouro desejava de se metter com elle, e sentia que as paixões d'antre elle, e Coge Bequij era grande parte favorecer mais ao outro que a elle, creo verdadeiramente que descubrir-lhe a vinda desta náo tirava a duas cousas, a se vingar dos mercadores de Méca, com que tinha paixões, e a se congraçar com elle pera fazer seus negocios, e com o Çamorij por causa do Elefante. Do qual caso foi logo dar conta a Pedralvares, dando-lhe aviso que o guardasse em segredo té o dia que o Mouro dizia que a náo seria alli. Pedralvares por as razões que lhe Aires Correa deo, bem lhe pareceo que o Mouro tirava aquelles dous fins, a se vingar de seus imigos, e a lhe darem por este aviso alguma cousa, e mais haver mercê do Çamorij, tomando-se o Elefante, cousa que elle tanto desejava; do qual Çamorij sobre o mesmo Elefante teve outro recado, que fez acreditar mais as palavras de Coge Cemecerij. Vindo este dia, em que se a náo esperava, mandou Pedralvares ter vigia no mar, parecendo-lhe que se ella soubesse estarem alli, per ventura passaria tanto ao mar da nossa Armada, que não fosse vista. Mas como

mo elle era innocente desta trama, que tinha ordido Coge Cemecerij, e tambem confiado em sua grandeza, e na gente que trazia, ou per qualquer causa outra que fosse, não quiz perder seu caminho, e começou a parecer, vindo ao longo da costa, de maneira, que amparando com a nossa frota, ficasse entre ella, e a terra. Pedralvares, porque tinha já dado o cuidado de a ir demandar a Pero de Taíde, Capitão do navio São Pedro, tanto que foi vista, mettêram-se com elle Vasco da Silveira, Duarte Pacheco Pereira, João de Sá, que fora com D. Vasco da Gama, e outras pessoas de qualidade que Pedralvares escolheo, e foram-se a ella. A náo como entendeo que a hiam demandar, porque vinha já emparando quasi com as nossas, começou de se metter mais na terra na volta de Cananor, porque tinha aviso de Coge Cemecerij, que tecia este negocio, que indo alguns nossos navios demandalla, se mettesse em Cananor; cá elle por amor de Mammale Mercar, e Cherina Mercar, que eram seus amigos, mandaria recado a Cananor que se mettesse alguma gente dentro pera a defenderem. E como tinha enviado este aviso á náo, assi mandou recado a certos Mouros estantes em Cananor, que lhe pedia em toda maneira, chegando a náo áquelle porto, de noite secreta-

ta-

tamente lhe mettessem a mais gente que pudessem, que elle pagaria a despeza que nisso fizesse, porque mais devia a Mammale Merçar, e a Cherina Mercar, cuja ella era. A náo vendo que sómente hum navio a hia demandar, fez tão pouca conta delle, que mais se alvoroçou pera o metter no fundo, que temeo poder receber damno delle, e toda hia em cantares, e tangeres, sem dar por Pero de Taíde, que lhe mandava que amainasse, quasi como quem o não tinha em conta. Porém depois que o navio a salvou com huma bombarda grossa ao lume d'agua, e per cima a varejou com artilheria miuda, não sómente os pelouros lhe fizeram muito damno, mas ainda as rachas, que leváram em sua passagem, feriam muitos homens, com que ella começou de se acolher ao abrigo da terra. Leixando ella tambem em o nosso navio per passando per elle, huma grossa chuva de settas, e alguns pelouros de humas bombardas de ferro, que feríram, e encraváram dos nossos. Pero de Taíde quando vio que tão cedo lhe não convinha a chegar-se muito a ella, dahi té Cananor, onde se foi metter quasi sobre a noite, sempre a foi servindo já com mais furia polo damno, que recebeo della. A qual mettida dentro em a concha de Cananor, entre quatro náos que alli estavam, não

não a quiz Pero de Taíde mais affrontar, té ſaber de Pedralvares ſe havia por bem que a tomaſſe dentro naquelle porto, por ſer d'ElRey de Cananor, do qual tinham ſabido deſejar noſſa amizade, e per ventura haveria por injúria ſer tomada no ſeu porto. Pedralvares como de noite houve eſte recado per hum tone da terra, que Pero de Taíde a grão preſſa mandou, reſpondeolhe que não leixaſſem de a tomar, porque depois de a terem em poder, ahi lhe ficava lugar pera fazerem qualquer cumprimento com ElRey de Cananor. Pero de Taíde como teve eſte recado de noite, ordenou-ſe pera o outro dia pelejar com ella; mas teve niſſo pouco que fazer, porque como do dia d'antes muita gente da que ella trazia, foi ferida, e morta, de noite todolos feridos, e parte dos ſãos ſe acolhêram a terra. E os que Coge Cemecerij mandava metter nella, vendo como eſtes ſahiam bem feridos, não quizeram ir tomar experiencia doutro tal damno, e per eſte modo os noſſos foram ſenhores da náo ſem affronta, porque ainda alguns poucos que ficavam ſe rendêram ſem ella. Tirada eſta náo do porto de Cananor, foi levada a Pedralvares, que á recebeo com muito prazer, por não ſer tão cuſtoſa de ſangue como eſperava. E o que deo maior prazer á gente commum, foi hum

hum novo mantimento que alli comêram, que foi carne de Elefante, porque com artilheria, hum dos ſete que a náo levava foi morto; e como a gente eſtava deſejoſa de carne freſca, eſta ſe repartio per todalas náos. Pedralvares vendo como era falſo a náo levar eſpeciaria, e tudo ſe converteo naquelles ſete Elefantes, ficou muito deſcontente, e mais quando ſoube não ſer fazenda dos Mouros de Méca, ſenão de dous mercadores de Cochij, como atrás diſſemos. E porque não reſpondia a carga da náo com as informações, que Aires Correa tinha per Coge Cemecerij, e em ſeus modos o tinham por homem falſo, ſentio que tudo iſto eram induſtrias ſuas, a fim que toda a terra eſtiveſſe mal comnoſco, poſto que não ſoubeſſe os artificios que pera iſto teve, e aviſou a Aires Correa, que não confiaſſe mais de ſuas palavras. E ſe a tomada deſta náo não ſervio á malicia de Coge Cemecerij, ſervio pera temorizar aos Mouros de Calecut, e ao Çamorij, o qual com eſſes mais principaes, quando víram a grandeza da náo, e ſouberam a gente que trazia, comparando iſto ao navio S. Pedro, que ſería de até cem toneis, ficáram mui aſſombrados, e ſem eſperança de nos poderem offender per guerra. E ſervio tambem pera ſe ganhar amizade com ElRey de Cochij, ordenando el-

le

le Coge Cemecerij de metter em odio os nossos per toda aquella costa; porque sabendo Pedralvares ser a náo daquelles mercadores de Cochij, mandou chamar o Capitão della, pedindo-lhe perdão do damno que era feito, porque sua tenção, quando mandára ir sobre ella, foi por lhe dizerem algumas pessoas de Calecut que era náo dos Mouros de Méca, com os quaes os Portuguezes tinham guerra; que em ser feito aquelle damno, elle Capitão tinha a culpa, porque se dissera donde, e cuja era a náo, quando lhe foi perguntado, não recebêra algum mal; mas pois o caso era feito, ahi não havia mais que tornar-lhe a entregar sua náo pera fazer embora sua viagem, porque as cousas d'ElRey de Cochij, onde quer que as achasse, sempre delle receberiam boas obras, por a fama que tinha ser o mais verdadeiro Principe daquella terra. E que se lhe cumprisse alguma cousa pera sua viagem, elle folgaria de o favorecer: com as quaes palavras o Capitão se lançou a seus pés, e confessou elle ser o culpado, e com mercê, que lhe Pedralvares fez de algumas cousas, se espedio contente delle.

CA-

CAPITULO VII.

Como por causa de huma náo dos Mouros, que os nossos tomáram, a qual estava no porto de Calecut, cuidando estar carregada de pimenta, saltou todo o Gentio da Cidade com o favor dos Mouros, e matáram Aires Correa na casa da Feitoria com a maior parte dos que estavam com elle: e do que Pedralvares fez sobre isso.

PEdralvares, porque eram já passados tres mezes de sua chegada áquelle porto, e não tinha havido carga mais que pera duas náos, e cada quintal de especiaria lhe custava huma quartã dobrada, por os vagares, e artificio com que se havia das mãos daquelles Officiaes, a que o Çamorij tinha mandado que o despachassem, e sentia claramente que tudo isto faziam os Mouros, principalmente Coge Cemecerij, mandou-se gravemente a queixar a ElRey per Aires Correa. E porque desta vez, que Aires Correa lá foi, repetio muitas vezes que os Mouros davam carga de noite ás náos de Méca, que estavam naquelle porto, vio-se o Çamorij tão apertado delle, que lhe disse, que se elle tinha por certo que os Mouros davam de noite carga ás náos de Méca, que a mandasse o Capitão mór tomar,

porque elle dava pera iſſo licença , e que per aqui cumpria com o Capitão mór nos queixumes, que lhe mandava fazer de ſeus Officiaes. Porque ſe aſſi era que elles davam azo a que os Mouros carregaſſem de noite, os Mouros perderiam a pimenta que tinham carregada, e ſeus Officiaes haveriam bom caſtigo, e com iſto eſpedio Aires Correa; o qual como andava deſta preſumpção que as náos de Méca, que eſtavam no porto, tinham carga de pimenta, não cuidou que na licença que levava d'ElRey tinha pouco deſpacho. Do qual caſo foi logo dar conta a Pedralvares, e aſſentou com elle, que ao ſeguinte dia, que eram dezeſeis de Novembro, deſſem em rompendo alva os bateis em huma náo, que havia ſuſpeita eſtar carregada; e achando-lhe pimenta, a tiraſſem do porto, e levaſſem a bordo das náos pera a baldear nellas, com fundamento de a pagarem a cuja foſſe, ſem embargo de lhe ElRey dizer que a tomaſſem, por pena de elle ter mandado que ante das noſſas náos haverem carga, nenhuma náo a tomaſſe; o qual negocio ſuccedeo mui mal, porque a náo eſtava carregada de mantimentos, e tudo foi induſtria dos Mouros por indignarem a gente da terra contra nós, como fizeram, cá não houve mais detença, que entrados os noſſos em a náo, como hiam

com

com aquelle alvoroço de gente de guerra, e mais com odio que tinham aos Mouros, peró que não achassem pimenta, começáram de revolver a náo, da qual fugindo os Mouros, que nella estavam, deram rebate em terra, fazendo tamanho alvoroço na Cidade, que começáram matar alguns dos que estavam com Aires Correa, os quaes andavam seguros per ella. Aires Correa quando sentio a revolta, e vio vir hum tropel de gente sobre alguns, que se vinham amparando, acudio aos recolher já mui feridos da multidão dos Mouros, e Gentio, que os perseguiam; mas pouco aproveitou a elles, e a elle, antes foi causa de o matarem mais cedo, e a muitos dos que estavam com elle dentro das casas, porque entráram todos de volta, sem lhe darem tempo de se poder entreter com as portas fechadas, té que das náos lhe acudissem, posto que no alto da casa foi per hum dos nossos arvorada huma bandeira, que era sinal de haverem mister soccorro. Pedralvares a este tempo estava com a sezão das quartans; e quando lhe disseram que nas casas da Feitoria era arvorada bandeira, e que havia gente derredor della, pareceo-lhe que sería algum arroido dos nossos, e como a cousa particular, mandou dous bateis que acudissem. Peró depois que lhe disseram que as casas es-

 ta-

tavam todas cercadas, e que isto parecia furor do povo, a grão pressa mandou os Capitães com todolos bateis, e a mais gente que pudessem levar. Mas foi a tempo que já nas casas não havia vivo nenhum dos nossos; e alguns, que se quizeram acolher ao mar, vinham os Mouros, e Gentios ás fréchadas, e lançadas pola praia, sem lhes darem tempo pera embarcar. E ainda pera se melhor vingarem delles, os Mouros, que ordenáram esta maldade, a noite passada tiveram esta industria: mandáram fazer a praia em montes de area, e covas, donde tiráram os montes; porque querendo-se os nossos acolher aos bateis, quando viessem trás elles, isto lhe fosse impedimento pera se não recolher tão prestes, e entre tanto os matariam ás fréchadas. Neste recolhimento de tanto trabalho escapou Fr. Henrique com algumas feridas polas costas, o qual como purissimo Religioso que era, as recebeo em lugar de martyrio, e assi escapáram quatro Frades dos seus. Nuno Leitão Capitão do navio Annunciada, vendo vir Antonio Correa filho de Aires Correa moço de até doze annos, do qual por sua pouca idade os Mouros não faziam conta, metteo-se em meio delles, e polo salvar ás costas, foi primeiro mui bem ferido. E posto que este Cavalleiro Nuno Leitão, (que depois al-

guns

guns tempos ſervio d'Almoxarife do armazem das Armas,) per ſi não vingaſſe eſte damno que aqui recebeo, Antonio Correa o fez em mui honrados feitos neſtas partes, em que tambem vingou a morte de ſeu pai. E certo que ſe o impeto, com que os Mouros, e toda gente da Cidade commetteo a caſa, elles ſeguíram alguns dos noſſos, que tiveram lugar pera vir buſcar a praia, não eſcapáram obra de vinte peſſoas de ſeſſenta que eram em terra. Mas como toda a furia parou em furtar a fazenda, que Aires Correa lá tinha, tiveram eſpaço pera eſcapulir da caſa os que vieram demandar a praia, dos quaes ainda alguns ficáram alli mortos, e os outros mui mal feridos, e quatro, ou ſinco ſe eſcondêram em caſa de Coge Bequij noſſo amigo. Quando Pedralvares vio ante ſi aquella gente tão mal ferida, e ſoube que tudo procedêra da tomada da náo per conſelho de Coge Cemecerij, e que elle accendêra aquelle fogo, havendo-ſe por aggravado de Aires Correa por algumas palavras, que lhe diſſe ſobre o engano da náo dos Elefantes, diſſe áquelles Capitães, que eram preſentes: *Louvado ſeja Deos!* *pois he mais poderoſo pera vos deſtruir hum amigo ſimulado, que hum imigo deſcuberto.* Aires Correa tinha por amigo aquelle Mouro Cemecerij, e confiava

em

em ſuas palavras, e eu deſcançava nas ſuas, e aſſi elle morreo deſenganado já delle, e eu morro, porque enganei a muitos, parecendo-me que acertava em ſeguir ſeu parecer. Verdadeiramente ainda que elle morreo como Cavalleiro, e os outros que com elle vam, e todos por ſervir ElRey Noſſo Senhor acabáram em bom lugar, e eu lhe tenho mais inveja á ſua morte, do que ſe póde ter a eſtas minhas quartans: todavia dera por huma hora de vida de Aires Correa dez annos da minha, ſómente pera o poder arguir em algumas couſas deſtas que eu adivinhei, e me elle não cria. Porém, pois aprouve a Noſſo Senhor que vieſſemos a eſtar com eſte Çamorij em peior eſtado do que eſtavamos ao tempo de noſſa chegada, tomemos eſte deſaſtre á conta dos mortos, pois acabáram nelle, e á noſſa por principio de bom deſpacho, pois nos dá cauſa a não diſſimular quantos enganos ha tres mezes que ſoffremos. Finalmente praticando Pedralvares com os Capitães o modo, que haviam de ter pera tomarem conclusão com o Çamorij, depois que ſe trouxeram muitos inconvenientes de huma, e d'outra parte, aſſentáram que nenhum outro conſelho era mais proveitoſo que as armas, cá diſſimular enganos ainda que fizeram mal, não era tão manifeſta injuria, como morte de tanta

ta

ta gente. E vendo ElRey, e os da terra que não acudiam a isso com grande impeto de vingança, ante que arrefecesse o sangue daquelles, que alli perecêram, haveriam serem elles homens, que por injúrias faziam pouco, e por cubiça muito. Porém aquelle dia não podia ser, e era mais proveitoso ser ao outro, por duas causas: a primeira, por lhe darem azo a que se mettesse alguma gente em guarda das náos, e quanta mais fosse, mais culpados haveriam castigo; e a segunda, por lhe ficar o dia todo inteiro pera depois de queimadas as náos esbombardearem a Cidade. Posto este conselho em obra, foram queimadas mais de quinze vélas, que estavam juntas no porto, em que entravam oito náos grossas, a maior parte das quaes estavam carregadas de mantimentos daquella costa Malabar, em cuja entrada morreo muita gente, que estava em guarda dellas. Acabado este incendio das náos, começou outro da nossa artilheria, que foi varejar a Cidade, não fazendo aquelle dia, e o seguinte outra cousa, com que muita parte della ficou damnificada, e segundo se depois soube em Cochij, assi desta artilheria, como em as náos, morrêram mais de quinhentas pessoas.

CA-

CAPITULO VIII.

Como Pedralvares Cabral foi ter a Cochij, onde o Rey da terra lhe deo carga de especiaria; e estando já no fim della, veio sobre ella huma grossa Armada do Çamorij de Calecut, e o que nisso fez.

FEito este estrago naquelles dous dias, quando veio o terceiro, mandou Pedralvares que se não fizesse mais damno, dando aquelle dia por tregoa, parecendo-lhe que enviasse ElRey algum recado; mas quando vio que estava mais indignado que arrependido do feito da morte de Aires Correa, e dos que com elle morrêram, fez-se á véla caminho de Cochij. O qual lugar he cabeça de hum Reyno assi chamado, que está abaixo de Calecut contra o Sul pela mesma costa trinta leguas, e nelle, segundo Gaspar da India affirmava a Pedralvares, havia mais pimenta que em Calecut, posto que o Rey fosse menos poderoso, e não tão rico como elle. E a causa era, por em Cochij naquelle tempo haver pouco trato, e poucos Mouros, que eram os que Pedralvares mais receava, por damnarem todas nossas cousas, do qual Reyno, e assi dos outros desta costa Malabar, onde pelo tempo em diante fizemos fortalezas, e tivemos com-

commercio , em outra parte mais propria desta relação escrevemos particularmente. Posto Pedralvares em caminho via de Cochij , por esta informação , que lhe Gaspar da India deo , topou duas náos , que , segundo parecia , e se depois soube , vinham do mesmo Cochij , e dando-lhe caça pera saber se eram de Calecut , foram-se metter no rio de Panane doze leguas de Calecut entre outras náos , que ahi estavam surtas , as quaes elle leixou , temendo ser já aquelle lugar d'ElRey de Cochij , e fazendo-lhe algum damno , podia fazer outro segundo escandalo , como fez na tomada da náo dos Elefantes , que Coge Cemecerij maliciosamente fez tomar. Com a qual cousa elle hia temeroso , parecendo-lhe ter nisso offendido a ElRey de Cochij , e tomando estoutras , achallo-hia mais em termos de guerra que de paz. E se leixou estas , mais adiante na paragem de Cranganor tomou duas , que vinham com mantimentos pera Calecut ; e por saber per os Mouros que as navegavam , serem d'outros da mesma Cidade , com a qual ficavam em odio , as queimou. Chegado ao porto de Cochij , que sería dalli sinco leguas , porque soube que ElRey estava em huma povoação mettida pelo rio assima , mandou a elle hum Bramane dos daquella costa Malabar , o qual

era

era de huns, que tomam por religião andarem em penitencia por todo o Mundo, nús, com humas cadeias derredor de ſi, cheios de boſta de vacas por mais deſprezo de ſuas peſſoas; e geralmente os que tomam eſta vida, ſe são do genero Gentio, chamam-lhes Jogues; e ſe são Mouros, Calandares, do qual modo de religião eſcreveremos adiante, e principalmente em os livros da noſſa Geografia. Eſte, ou que o coſtume da vida de peregrinar per terras eſtranhas, ou que verdadeiramente o ſeu zelo era deſejar ſalvação, eſtando Pedralvares em Calecut, no tempo que Fr. Henrique procurava a converſão de alguns Gentios, veioſe a elle, dizendo, que queria ſer Chriſtão, e vir com elle pera eſte Reyno, ao qual deram Baptiſmo, e houve nome Miguel. ElRey de Cochij, poſto que já tiveſſe ſabido muita parte das couſas, que os noſſos paſſáram em Calecut, e tambem eſtiveſſe informado per os dous irmãos, cuja era a náo dos Elefantes, do que Pedralvares fez, e diſſe ao ſeu Capitão; além deſta informação, obrou tanto o que Miguel diſſe, que houve ElRey de Cochij que os Mouros de Calecut, e o Çamorij em lho conſentir tinham feito grande traição contra os noſſos, e muito damno a ſi, por ſer gente, que ſe ganhava mais em os ter por amigos, que

ano-

anojados. Finalmente por esta razão, e outras de paixões, e differenças, que entre elle, e o Çamorij havia, e principalmente por causa de seu proveito, que elle tenteou, houve que nenhuma cousa fazia mais a seu proposito, que dar carga de especiaria ás nossas náos, e estimou em muito irem ter a seu porto, porque com isto fazia duas cousas, ganhar nossa amizade pera nos ter contra o Çamorij, quando lhe cumprisse, e a segunda, que haveria das nossas mãos muitas, e boas mercadorias, e dinheiro em ouro, (segundo lhe contava Miguel,) que he o nervo, que sustem os estados no tempo de sua necessidade. Consultado o qual negocio entre os seus, não sómente este foi o parecer dos Gentios, mas ainda de alguns Mouros, principalmente dos dous irmãos, que tinham recebido aquella náo de Pedralvares, que foi huma obra, que muito ajudou a nosso despacho. Porque ElRey grande parte della poz á sua conta, sabendo que Pedralvares por sua causa a soltára, sendo tomada de boa guerra, e mais entre os Mouros irmãos, havia já presumpção dos artificios, que sobre esta náo tivera Coge Cemecerij, quando souberam como em Cananor á sua propria custa mandára metter dentro gente nella pera a defender, não estando elles muito correntes na amizade. E con-

conforme a esta determinação , trouxe Miguel resposta d'ElRey a Pedralvares, dizendo, que sua vinda fosse mui boa, e que lhe pezava muito dos damnos, e trabalhos, que tinha recebido em Calecut ; que verdadeiramente se elle não fora informado per pessoas dignas de fé, que a culpa destas cousas procedêra do Çamorij , elle puzera muita dúvida em lhe dar acolheita naquelle seu porto, quanto mais carga de especiaria, por esta ser a lei de boa vizinhança , acudir ás injúrias dos vizinhos , e mais sendo feito per pessoas tão estranhas em religião, costumes, e patria, como eram os Portuguezes á gente Malabar. Mas como elle Rey ficava desobrigado deste adjutorio ao Çamorij, por ser em causas contra a lei, e verdade, que se deve aos estrangeiros, que trazem bem , e proveito ao proprio Reyno, elle Pedralvares podia seguramente esperar delle tudo em que o pudesse ajudar. Pedralvares, porque esta entrada de boas palavras sempre a ouvio naquelles Reys com que tiveram prática , ensinado do fim que com elles teve, usou com este de alguns resguardos sobre o negocio da carga da especiaria. Porém não quiz tratar com elle que se vissem, porque o tempo era mui breve pera se partir via deste Reyno, e elles nestas vistas serem mui supersticiosos ácerca da elei-

ção

ção dos dias, em que devem contratar, assi que per evitar estes inconvenientes, com que podia perder muito tempo, veio logo com elle a conclusão de dar carga da especiaria que promettia. Finalmente, sem haver entre elles mais cautelas, mandou ElRey quatro pessoas honradas da linhagem dos Bramanes por arrefens de nove pessoas, que Pedralvares mandou a terra pera refeitorizar a carga, Gonçalo Gil Barbosa pera Feitor, Lourenço Moreno, e Bastião Alvares por seus Escrivães, e Gonçalo Madeira de Tangere por lingua, e os outros eram degredados, e homens da Feitoria; porque era aquella gente Malabar tão suspeitosa, que houve Pedralvares por mais seguro mandar menos gente que mais: e aprouve a Deos que assi se contentáram elles dos nossos, que geralmente todos, assi os Officiaes d'ElRey, que eram Gentios, como os mercadores Mouros, andavam a quem daria melhor aviamento á carga. A qual cousa dava muito contentamento a Pedralvares, posto que em alguma maneira os arrefens lha entretinham por causa de sua religião, que não haviam de comer em a náo, onde Pedralvares os tinha, té virem a terra a se lavar do tocamento que tiveram com os nossos; e em quanto hiam comer huns, vinham outros em seu lugar, cousa, que atormentava

mui-

muito a Pedralvares ver os vagares com que isto faziam. Com tudo, em espaço de vinte dias aqui, em Cochij, e no rio Cranganor, que será dalli sinco leguas mais assima contra o Norte, carregáram todalas náos muita pimenta, e algumas drogas, sómente gengivre, que depois foram tomar a Cananor. E neste porto de Cranganor achá-ram os nossos, que alli foram carregar, muitos Christãos de S. Thomé, por elle leixar naquelle lugar algumas Igrejas feitas no tempo que alli prégou o Evangelho, da qual denunciação, e gente, que converteo alli, e em Choromandel, onde foi a principal habitação sua, adiante faremos relação, e principalmente em a nossa Geografia. Dos quaes Christãos de Cranganor, dous chamados Mathias, e Josepe irmãos, segundo elles diziam, doctrinados per Bispos Armenios, que alli residiam, quizeram vir com Pedralvares a este Reyno pera passarem a Roma, e dahi a Jerusalem, e Armenia a ver o seu Patriarca. Porém o Mathias depois de ser neste Reyno, faleceo, e Josepe foi ter a Roma, e a Veneza, e do que lá disse da sua christandade, e costumes, os Italianos, que nisto são mais curiosos que nós, fizeram hum summario, que está incorporado em hum volume Latino, intitulado *Novus orbis*, onde andam algumas das nos-

nossas navegações, escritas não como ellas merecem, e o caso passou. Tornando á carga da especiaria, que os nossos faziam per modo tão pacifico, neste tempo correo por toda aquella costa Malabar nova da nossa Armada, e das cousas que passáram em Calecut, a qual nova parece que não foi tanto em louvor do Çamorij, como nosso, havendo todos que usára de traição em mandar matar homens, que debaixo da fé delle estavam em terra tratando em cousas do commercio, e não de guerra, dizendo todos, que não mandára fazer tal insulto mais por lhe roubar a fazenda, que por outra alguma culpa. E porque, (segundo dissemos,) este Çamorij era como Emperador naquella região Malabar, (de que ao diante mais particularmente diremos a causa,) e os outros Reys vizinhos soffriam mui mal esta sua potencia, principalmente ElRey de Cochij, que demarcava com elle pela parte debaixo contra o Sul, e ElRey de Cananor pela de sima do Norte, desejavam todos sua destruição, e haver ahi causa pera isso. A potencia do qual Çamorij, como procedia do commercio das especiarias, que se faziam no seu porto de Calecut, e elle tinha modos de avocar a si todalas náos dos Mouros, que vinham áquelle trato, do qual commercio estoutros Reys gostavam pouco,

por

por isso vendo as nossas náos na India, com a informação que tinha do proveito que dellas podiam receber, e odio, em que os nossos estavam com o Çamorij, cada hum desejava de os recolher pera si. Donde se causou, que ElRey de Cananor, e os Governadores de Coulão, Reyno que confina com Cochij pela parte de baixo contra o Sul, mandáram seus mensajeiros a Pedralvares Cabral, pedindo-lhe, que quizesse ir a seus portos, porque elles lhe dariam toda a carga de especiaria que houvesse mister. Aos quaes elle respondeo, dando-lhes agradecimento daquella offerta, e boa vontade, que mostravam ter ás cousas d'ElRey de Portugal seu Senhor; e podiam ser certos, que vindo elle a Portugal como esperava, o dito Senhor lhes gratificaria aquelle seu desejo, como elles veriam na primeira Armada que alli tornasse. Que ao presente elle não podia tomar carga pola ter já recebido d'ElRey de Cochij, no qual achára muito gazalhado, muita verdade, e poucas cautelas, o que não achára em Calecut, vindo elle primeiro áquelle porto, que a outro algum da India. Pola qual razão, e assi pelo proveito que elle trazia, o Çamorij não devêra tratar tanta traição como com elle usou, aconselhado da sua cubiça, e da maldade dos Mouros, as quaes cousas por

se-

ſerem mui publicamente feitas, ſeriam notorias per toda a India, e por iſſo lhe não fazia relação do caſo como paſſára. Sómente elle Capitão mór tomava por teſtemunha da ſua innocencia, ácerca do que paſſáram em Calecut, o agazalhado que achára em ElRey de Cochij, e as offertas que elles Principes lhe mandavam fazer, porque neſtes claros, e verdadeiros ſinaes ſe moſtrava que as Armadas d'ElRey D. Manuel ſeu Senhor entráram naquella região da India com titulo de paz, e commercio, e não de guerra ácerca dos Principes, e povo Gentio daquellas partes Orientaes; porque vendo-ſe ao diante outras Armadas d'ElRey ſeu Senhor naquellas partes a tomar emenda da maldade, que ElRey de Calecut commetteo, que ſe ſoubeſſe ſer elle a cauſa diſſo. Pedralvares poſto que geralmente eſpedio eſtes menſajeiros que a elle vieram, eſcuſando-ſe de ir tomar a eſpeciaria, que lhe vinham offerecer, todavia em particular mandou dizer a ElRey de Cananor, que de caminho elle paſſaria pelo ſeu porto, e tomaria algum gengivre, que entre tanto lho mandaſſe ter preſtes. Partidos eſtes menſajeiros, e Pedralvares tambem em veſperas da ſua partida, mandou-lhe ElRey de Cochij dizer, que elle tinha nova certa como de Calecut era partida huma groſſa Arma-

da, que lho fazia ſaber pelo não tomar deſcuidado, e tambem pera que tiveſſe tempo de recolher alguma gente da que elle offerecia; porque os ſeus naturaes eſtavam tão ſatisfeitos, e contentes do tratamento, e modo dos Portuguezes, que com amor levemente ſe offereciam á morte pelos defender de ſeus imigos. O que Pedralvares lhe mandou muito agradecer, dizendo mais, que os Portuguezes eram tão coſtumados a pelejar com Mouros, e haver victorias delles, e dos infieis ácerca de Deos, e dos homens, que os não tinham em conta, ante ſe deleitavam na milicia delles. Por tanto elle não tinha neceſſidade dos ſeus vaſſallos, e pola offerta delles, beijava as mãos a ſua Real Senhoria, como a hum Principe tão conjunto a ElRey ſeu Senhor per razão de paz, e amor, como são aquelles, que nas partes da Europa elle accepta por ſeus irmãos em armas, que he ſer amigo dos amigos, e imigo dos contrarios. E quanto aos ſeus naturaes eſtarem promptos neſta ajuda, que queriam dar aos Portuguezes pelo contentamento que tinham de ſuas peſſoas, elle ſe não eſpantava diſſo, porque a Lei de Deos era permittir que o coração leal, e verdadeiro foſſe pago com outro tal coração; quanto mais que toda eſta boa vontade dos ſeus procedia da que elles

les viam ter a ſua Real Senhoria ás couſas d'ElRey ſeu Senhor. Que eſtas taes obras, elle Pedralvares ao preſente não era poderoſo pera as poder pagar, ſómente em as levar na memoria em mais eſtima que todas as riquezas da India, pera as repreſentar a ElRey ſeu Senhor, de quem elle podia eſperar, tanto que em Portugal foſſe, vir logo huma Armada em ſeu favor contra o Çamorij, e todolos ſeus imigos, por ElRey ſeu Senhor ſer hum Principe mui agradecido de beneficios, e muito temeroſo, quando era offendido. Enviada eſta reſpoſta, quando veio ao ſeguinte dia a nove de Janeiro do anno de quinhentos e hum, em o Sol pondo, eis-aqui começa de apparecer eſta Armada, que ElRey de Cochij, dizia mais medonha em numero de vélas, que poderoſa no animo de quem nella vinha, porque ſeríam até ſeſſenta vélas de que vinte ſinco eram náos groſſas. A qual Armada não vinha a fim de pelejar, ſómente moſtrar-ſe, parecendo-lhe que por ſer grande numero de vélas, tanto que foſſe viſta dos noſſos, faria deſpejarem elles o porto, e vir-ſe caminho do Reyno ſem carga de eſpeciaria, que era todo o intento dos Mouros. Porque além de tomarem o pouſo tanto ao mar das noſſas náos, que ſería huma legua, quando veio de noite, que Pedralvares ſe fa-

 zia

zia preſtes pera ante manhã com o terrenho ir ſobre elles per vigia que elles tinham, tiveram tal modo que ficáram pegados com terra, onde Pedralvares não podia ir, por lhe ſervir o vento mais ao mar, que pera a terra. E ou que o terrenho o fez, ou eſtarem já com a carga, que haviam miſter, ainda que Pedralvares quizera ir aos imigos, elle o não pudéra fazer, porque a náo de Sancho de Toar hia muito na volta do mar, e como era das mais poderoſas, e as outras tambem a ſeguiam, e fez a Pedralvares pôr a proa nellas, apanhando huma, e huma té ſe fazer em hum corpo na volta de Cananor, ficando os imigos muito ſatisfeitos com os verem partir, em que moſtráram não irem a outro effeito. Na qual partida quiz Pedralvares uſar antes da prudencia, e cautelas de Capitão, que do officio de Cavalleiro que elle era, temendo que ſe commettêra os imigos, pudéra ſucceder couſa que lhe fizera perder a ſua vinda, que importava mais ao ſerviço d'ElRey, e a bem de todo o Reyno, que deſtruir aquella Armada, poſto que com aquellas náos tão carregadas fora poſſivel poder-ſe fazer.

CA-

CAPITULO IX.

Como Pedralvares foi ter a Cananor, onde ElRey lhe mandou dar a mais especiaria, que havia mister; e partido dalli, fez sua viagem pera Portugal: e do que passou no caminho té chegar a elle.

PArtido Pedralvares Cabral per este modo do porto de Cochij via de Cananor, passou á vista de Calecut; e a principal causa, que o moveo a fazer este caminho, foi ter mandado dizer a ElRey de Cananor, que havia de passar pela sua Cidade a tomar gengivre, e se o não fizera, ficava infamado ante elle de duas cousas, que não cumpria sua palavra; e mais que de assombrado d'Armada d'ElRey de Calecut, não ousára de vir áquelle seu porto; a qual presumpção tirava não sómente indo a cumprir o que lhe mandava dizer, mas com a mostra, que deo de si a Calecut. Tambem teve Pedralvares respeito á outra cousa, que lhe ficava por fazer, que muito importava a estima, e opinião em que eramos tidos ante ElRey de Cochij; e se com elle não fizera algum cumprimento, pelo modo de como se elle Pedralvares partio, sem se delle espedir, ficavamos ante elle mui infamados; e porque de Cananor esperava de o

fa-

fazer, por razão de todas estas cousas, conveio ir tomar aquelle porto, como tomou. Onde a primeira cousa que fez, foi per homens da terra, que lhe o Governador da Cidade deo, per duas, ou tres vias escrever a Gonçalo Gil Barbosa, e aos Officiaes, que com elle ficavam, dizendo, que como elles sabiam, leixallos em Cochij não fora per accidente, e acaso, mas por ordenança d'El-Rey seu Senhor. O qual, pelo Regimento que lhe dera de fazer Feitoria em Calecut, ou em qualquer outra parte, onde o Senhor da terra acceptasse sua amizade, mandava que ficassem elles por Officiaes, pera terem cargo de comprar as especiarias de seu vagar, e as terem prestes, quando as náos do Reyno lá chegassem, segundo se continha no Regimento, que lhe elle leixára. Sómente hia elle Pedralvares descontente pelo modo apressado de sua partida, o qual tolheo não lhe dar os derradeiros abraços, que se costumam entre os amigos nas taes espedidas, cousa mui racional, e que a mesma natureza obrigou aos homens, pera mostrarem hum sinal de paz, e amor, que entre elles havia. O qual sinal a elle Pedralvares convinha mais, que a outra pessoa alguma; porque como elle por razão do seu cargo era obrigado dar conta da vida, saude, e estado de cada hum daquelles, que levava de-

bai-

baixo da bandeira, que lhe ElRey ſeu Senhor entregára em Lisboa, na caſa de Noſſa Senhora de Bethlem, muito mais lhe convinha dar eſta conta de ſuas peſſoas, aſſi por razão dos cargos em que ficavam, que muito importava ao ſerviço d'ElRey, como por elle particularmente lhe ter muito amor. Porém como o ſerviço d'ElRey ſeu Senhor precedia a todolos effectos humanos, e por cauſa delle ſeus vaſſallos eram obrigados deſpir a natureza, e a vida ſe cumpriſſe, como elles ſempre fizeram, conveio que elle ſe partiſſe per aquelle modo, quanto mais que a elles não foi couſa nova, nem eſcondida, pois com todos tinha conſultado que aſſi ſe devia fazer por evitar os inconvenientes, e impedimentos, que lhe a Armada do Çamorij podia dar em ſua partida. Que quanto pera com elles, elle Pedralvares não levava nenhum eſcrupulo, ſómente ante ElRey de Cochij lhe parecia mui neceſſario fazer todo cumprimento, e por iſſo lhe eſcrevia aquella carta, que com a ſua lhe enviava, e por ſer de crença em que ſe elle reportava a elles, da ſua parte lhe podiam dizer tudo o que convinha pera deſculpa de ſua partida, e a bem da honra dos Portuguezes. Tornando ao que ElRey de Cananor fez, quando Pedralvares appareceo á véla, como homem temeroſo

que

que elle passasse de largo obra de duas leguas antes de chegar ao porto, mandou a elle dous zambucos. Em hum dos quaes hia hum homem principal, per que lhe mandou pedir que não passasse sem tomar aquelle seu porto, porque elle desejava tanto amizade delRey de Portugal, que estimaria muito, primeiro que se fosse daquella terra, querer levar alguma cousa sua. E tambem pois elle Capitão mór o tomava por testemunha da paz, com que os Portuguezes entráram na India, e assi do que lhe nella era feito, segundo lhe mandou dizer de Cochij, elle Rey de Cananor pelo mesmo modo o queria tomar por testemunha com obras mui differentes das que lhe foram feito em Calecut. Porque não queria que se dissesse nas partes da Christandade, que os Reys, e Principes da India, não eram dignos da amizade, e commercio dos Reys, e Principes della. Por tanto, tambem protestava ter elle Capitão mór naquella sua Cidade Cananor toda a especiaria, que houvesse mister, onde acharia gazalhado, amor, e verdade, como achou em ElRey de Cochij. Ao qual Pedralvares respondeo, que os Portuguezes de nenhuma cousa eram mais lembrados que dos beneficios que recebiam, e de cumprir sua palavra, por tanto sua Real Senhoria esperasse delle que ambas estas cou-

sas

ſas iria cumprir, porque elle não paſſava, mas vinha, como lhe mandára dizer. Chegado Pedralvares logo nas coſtas deſte menſajeiro, aſſi tinha ElRey provído pera lhe dar carga de eſpeciaria, que ainda elle não ſurgia fóra do porto, quando derredor das náos eram muitos paráos, e barcos carregados de gengivre, e canella, parecendo-lhe que ſe logo o não aviſaſſem, que faria ſeu caminho. E porque Pedralvares hia já tão carregado, que não pode tomar tanta eſpeciaria, quanta os Officiaes d'ElRey quizeram, e ſómente tomou huma ſomma de gengivre, e huma pouca de canella, mandou-lhe dizer ElRey, que elle tinha ſabido como em Calecut lhe roubáram muita fazenda, que ſe por ventura á mingua de não ter cabedal leixava de tomar mais eſpeciaria, não leixaſſe de a tomar, porque elle confiava tanto na verdade dos Portuguezes, que eſta baſtava pera elle ſer pago de quanto lhe alli deſſem na outra vez que tornaſſe. Pedralvares por não leixar a ElRey com eſta preſumpção, que á mingua de cabedal não tomava mais carga, mandou moſtrar aos ſeus Officiaes, que andavam neſte negocio, dous, ou tres cofres cheios de dinheiro em ouro, dizendo, que elle tinha ainda tanto dinheiro, que bem pudéra carregar ſinco, ou ſeis náos, que lhe o mar comêra, por-

porque pera todas levava cabedal; mas como aquellas que alli trazia hiam já abarrotadas com a carga que lhe dera ElRey de Cochij, não podia levar mais, nem sua vinda áquelle porto fora por razão de carga, sómente por servir ElRey. Que quanto á confiança, que ElRey tinha na verdade dos Portuguezes, sua Real Senhoria no anno seguinte veria quanto ElRey de Portugal seu Senhor estimava esta confiança, porque em retribuição della mandaria huma grossa Armada com muito ouro, prata, e mercadorias de grão preço, e corações mui esforçados, e leaes pera ajudarem a ElRey de Cananor contra seus imigos, se lhe necessario fosse; e bem assi pera tratarem, e commutarem suas mercadorias, com que fizessem aquella Cidade Cananor muito mais rica, nobre, e poderosa, do que era Calecut. Finalmente com este, e outros recados, que, per espaço de hum dia que Pedralvares se alli teve, passáram entre elle, e ElRey, assi ficou este Gentio confiado em nós, que sabendo como Pedralvares levava dous Embaixadores d'ElRey de Cochij, mandou tambem outro com elle com alguns presentes pera ElRey D. Manuel, a substancia da qual embaixada eram offerecimentos de sua pessoa, e do seu Reyno, e quanto desejava sua amizade, e commercio das cousas, que

em

em Portugal havia per commutação das que tinha o ſeu Reyno. Pedralvares leixando eſtes dous Reys de Cochij, e Cananor em tanta paz, e concordia, fez-ſe á véla caminho deſte Reyno a dezeſeis dias de Janeiro, dando louvores a Deos, pois partíra da India mais contente do que chegára a ella, attribuindo a perda das náos a ſeus peccados, e as deſavenças d'antre elle, e ElRey de Calecut a bem, e proſperidade das couſas delRey D. Manuel. Porque ſegundo aquelle Gentio Çamorij eſtava damnado com a communicação dos Mouros, que tinha em ſeu Reyno, parece que não merecia a Deos eſtar em noſſa amizade, e permittíra a morte de Aires Correa, e dos outros que com elle perecêram, pera elle Pedralvares ir buſcar ElRey de Cochij, e depois ElRey de Cananor. Os quaes com eſtes Embaixadores, que enviáram a eſte Reyno, e depois per muito contentamento, que tiveram das obras d'ElRey D. Manuel, aſſi ficáram eſtes dous Principes os maiores do Malabar, (depois do Çamorij,) tão fieis, e leaes amigos a ſeu ſerviço, quanto no decurſo deſta hiſtoria ſe verá. Seguindo Pedralvares ſua derrota via deſte Reyno, não mui longe da coſta de Melinde, topou huma náo mui groſſa carregada de muita fazenda, a qual vinha do meſmo lugar de Melinde, e hia

pe-

pera Cambaya; e por ſer de hum Mouro, ſegundo elle dizia, dos principaes daquelle Reyno, que ſe chamava Milicupij ſenhor de Baroche, elle a leixou ir em paz, dizendo-lhe que ſe fora de Calecut, ou dos Mouros de Méca, houvera de tomar nella emenda dos damnos, que delles tinha recebido; porém como não era delles, todalas outras nações da India ſempre achariam nos Portuguezes paz, e amizade, e com iſto a eſpedio, ſómente lhe tomou hum Piloto Guzarate de nação, por delle ter neceſſidade pera aquella coſta de Çofala. Tornando a ſeu caminho, e ſendo já mui perto da coſta de Melinde, ſaltou com elle hum tempo traveſsão, que deo com a náo de Sancho de Toar em hum baixo, onde ſe perdeo, ſalvando-ſe porém toda a gente; e porque ficava hum pouco deſcuberta da agua, mandou-lhe Pedralvares pôr fogo, porque os Mouros daquella coſta não vieſſem a ella, e ſe aproveitaſſem d'alguma couſa. Mas com todas eſtas cautelas de Pedralvares, ElRey de Mombaça mandou depois a lhe tirar toda a artilheria de mergulho, e com ella nos fez guerra, como adiante veremos. E correndo com eſte tempo a povoação de Melinde, fez Pedralvares ſeu caminho a Moçambique, onde repairou as náos d'algum damno que levavam. E porque quando deſ-
te

te Reyno partio, ElRey D. Manuel ordenou que Bartholomeu Dias, e Diogo Dias ſeu irmão foſſem á Mina de Çofala deſcubrir, e aſſentar aquelle reſgate, o qual negocio não houve effecto por ſe perder Bartholomeu Dias no dia, que ſe perdêram outras tres vélas, e Diogo Dias era deſapparecido, mandou Pedralvares a eſte negocio Sancho de Toar em hum dos navios pequenos, dando-lhe regimento do que devia fazer. Eſpedido Sancho de Toar, partio-ſe Pedralvares pera eſte Reyno, e a primeira terra que tomou foi a Ilha do Cabo Verde, onde achou Pero Dias, que era deſapparecido, como aſſima diſſemos. O qual entre muitas couſas, que contou a Pedralvares dos trabalhos, que teve em ſua navegação, foi ir ter ao porto da Cidade Magadaxo contra o Cabo de Gadrafu, onde achou duas náos carregadas de eſpeciaria, que alli eram vindas de Cambaya. Os Mouros das quaes, e aſſi os da Cidade, temendo que podiam receber algum damno delle pola artilheria, que lhe ouvíram, quando os ſalvou, foi de todos mui bem recebido, dando-lhe muitos mantimentos, e refreſcos da terra. Porém depois que tiveram as náos deſcarregadas da fazenda que tinham, ordenáram de o tomar; e pera o poderem fazer mais a ſeu ſalvo, dilatáram iſto pera

hum

hum certo dia, em que elle Pero Dias quiz fazer aguada. Dizendo os Mouros da Cidade que a agua vinha de longe pela terra dentro, que pera isto se fazer mais em breve, mandasse tal dia o batel com as mais vasilhas que pudesse, e assi gente pera as encher, e chegando ao qual lugar com a confiança do bom gazalhado, que lhe tinha feito nos dias passados, não tiveram resguardo em si, com que o batel, e elles ficáram em poder dos Mouros. Os quaes Mouros logo incontinente, mui armados em alguns zambucos da terra, vieram sobre elle, na qual chegada elle Pero Dias se vio em tanta pressa, por não ter comsigo mais de sete pessoas, que lhe conveio cortar as amarras, e fazer-se á véla via deste Reyno a Deos misericordia, sem Piloto, nem pessoa, que soubesse per onde vinham, té Deos o trazer áquelle lugar, onde o achára. Pedralvares, porque havia este navio por tão perdido, como os que soçobráram no dia da grão tormenta que teve, ouve que Deos lhe resuscitava todos aquelles homens. E pera maior seu contentamento, depois de ser chegado a Portugal, que foi vespera de S. João Baptista, chegáram outros dous navios, que ainda lá leixava: hum era de Pero de Taíde, que se delle apartou antes de chegar ao Cabo das Correntes com hum tem-

temporal que alli teve; e o outro foi Sancho de Toar com nova do descubrimento de Çofala.

CAPITULO X.

Como ante que Pedralvares chegasse a Portugal o Março daquelle anno, tinha El-Rey enviado huma Armada de quatro náos: e o que passáram nesta viagem, e na India, onde carregáram de especiaria.

ELRey D. Manuel antes da vinda de Pedralvares, posto que não tivesse recado do que lhe succedeo na viagem, (porque sua tenção era em cada hum anno fazer huma Armada pera este descubrimento, e commercio da India no mez de Março, pera ir tomar os temporaes, com que se naquellas partes navega,) neste anno de quinhentos e hum mandou armar quatro vélas. A capitanía mór das quaes deo a João da Nova Alcaide pequeno da Cidade de Lisboa, Gallego de nação, e de nobre linhagem, por ser homem, que entendia bem os negocios do mar, e ter gastado muito tempo em Armadas, que se neste Reyno fizeram pera os lugares dalém, onde sempre andou em honrados cargos. Por razão dos quaes serviços, quasi em satisfação lhe foi dada Alcaidaria de Lisboa, que naquelle tempo era

era hum dos principaes cargos della, e andarem em homens Fidalgos, por ſer huma ſó vara de toda a Cidade. Os Capitães dos outros navios eram Diogo Barboſa criado de D. Alvaro, irmão do Duque de Bragança, polo navio ſer ſeu, e Franciſco de Novaes criado d'ElRey, e o outro era Fernão Vinet, Florentim de nação, polo navio em que elle hia ſer de Bartholomeu Marchioni tambem Florentim, o qual era morador em Lisboa, e o mais principal em ſubſtancia de fazenda, que ella naquelle tempo tinha feito. Cá ordenou ElRey, pera que os homens deſte Reyno, cujo negocio era commercio, tiveſſem em que poder tratar, darlhes licença que armaſſem náos pera eſtas partes, dellas a certos partidos, e outras a frete; o qual modo de trazer a eſpeciaria a frete ainda hoje ſe uſa. E porque as peſſoas, a que ElRey concedia eſta mercê, tinham per condição de ſeus contratos, que elles haviam de apreſentar os Capitães das náos, ou navios que armaſſem, os quaes ElRey confirmava, muitas vezes apreſentavam peſſoas mais ſufficientes pera o negocio da viagem, e carga, que haviam de fazer, do que eram nobres per ſangue. Fizemos aqui eſta declaração, porque ſe ſaiba, quando ſe acharem Capitães em todo o decurſo deſta noſſa hiſtoria, que não ſejam homens

mens Fidalgos, ferão daquelles, que os armadores das náos aprefentavam, ou homens, que per fua propria peffoa, ainda que não tinham muita nobreza de fangue, havia nelles qualidades pera iffo, e tambem por darmos noticia do modo, que levamos em nomear os homens, que he efte. Quando nomeamos algum Capitão, fe he homem Fidalgo, e tão conhecido per fua nobreza, e creação na cafa d'ElRey, logo em fallando nelle a primeira vez, dizemos cujo filho he, fem mais tornar a repetir feu pai; e fe he homem Fidalgo, de muitos que ha no Reyno, deftes taes não podemos dar tanta noticia, porque não vieram ao lugar onde fe os homens habilitam em honra, e nome, que he na cafa d'ElRey, por iffo podem-nos perdoar; e tambem a dizer verdade, os efcritores dos individos não podem dar conta; e quem muito procura por elles, quebra o nervo da hiftoria, parte onde eftá toda a força della. Todavia nefta digreffão duas coufas pertendemos: notificar a todos que noffa tenção he dar a cada hum, não fómente o nome de fuas obras, mas ainda o de feu avoengo, fe ambas eftas duas vierem á noffa noticia; e a fegunda, que quando fizermos algum grande catalogo de Capitães, (porque eftes fempre hão de fer nomeados,) ora fejam de náos, ou navios,

ſempre devem entender que as peſſoas mais principaes per ſangue, e feitos, andavam nas melhores peças d'Armada. E tornando a João da Nova, e aos Capitães de ſua conſerva, por cauſa da qualidade dos quaes, pera maior declaração deſta noſſa hiſtoria, fizemos eſta, tanto que foram preſtes, ſe fizeram á véla do porto de Bethlem a ſinco dias de Março do anno de quinhentos e hum. Na qual viagem paſſados oito gráos além da linha Equinocial contra o Sul, acháram huma Ilha, a que puzeram nome da *Concepção*, e a ſete de Julho foram ſurgir da aguada de S. Braz, que he além do Cabo de Boa Eſperança, onde Pero de Taíde foi ter, quando com o temporal, que naquella paragem deo a Pedralvares Cabral, ſe apartou delle. O qual Pero de Taíde mettida em hum çapato no lugar da aguada, leixou huma carta eſcrita, em a qual dizia como elle paſſára per alli, e a cauſa porque; e tambem aviſava a todolos Capitães que foſſem pera a India, do que Pedralvares lá paſſára, e que em Mombaça achariam cartas ſuas em mão de hum Antonio Fernandes degredado, que alli eſtava, e que a Feitoria de Çofala não ſe aſſentára, e a cauſa porque. João da Nova, e os outros Capitães, com as couſas que acháram neſta carta, foi para elles hum no-

vo

vo eſpirito, ſabendo que na India tinham já dous portos tão pacíficos, e tão ſeguros, onde podiam tomar carga, como eram o de Cochij, e de Cananor, e mais tendo lá Feitoria com Officiaes pera iſſo ordenados. Porque como da India não tinham mais nova, que a que trouxera D. Vaſco da Gama, e a navegação daquellas partes não era ſabida, antes de toparem eſta carta, hiam ás eſcuras, e mui confuſos em ſua viagem. Feita ſua aguada, e reſgate de gado com alguns Negros, que alli vieram ter, fizeramſe á véla caminho de Moçambique, onde chegáram na entrada de Agoſto, e dahi foram ter á Cidade Quiloa, aos quaes o Rey da terra com palavras mais que com obras recebeo, e alli acháram Antonio Fernandes Carpinteiro de náos degredado, que Pedralvares leixou, e huma carta ſua, que lhe enviou de Moçambique per hum zambuco de Mouros, quando per alli paſſou, vindo pera eſte Reyno, e aſſi outra carta pera qualquer Capitão, que per alli paſſaſſe, do teor da de Pero de Taíde. E entre algumas couſas, de que lhe Antonio Fernandes deo conta do que paſſava entre aquella barbara, e infiel gente, foi, que alli eſtava hum Mouro chamado Mafamede Anconij, que lhe tinha feito muita honra, e tanta, que ſe por elle não fora, alguns Mouros o matá-

ram. Porém como elle era Escrivão da fazenda d'ElRey de Quiloa, homem poderoso na terra por amor delle, e tambem receando ElRey que por isso os poderia castigar, a gente civil não ousára de o commetter, por esta ser a que o mais perseguia. E que além deste beneficio, que recebia de Mafamede Anconij, sentia delle ser homem fiel a nossas cousas, por muitas de que lhe dava conta que faziam ao bem, e favor dellas, e que isto sentia delle Pedralvares Cabral os dias que alli estivera. João da Nova por tomar experiencia do que lhe Antonio Fernandes dizia deste Mafamede, começou de lançar mão delle, o qual achou tão fiel, que segundo as traições, que lhe ElRey armava pelo acolher, se per elle não fora avisado, sempre lhe houvera de acontecer algum desastre. E por não mostrar que desconfiava delle, com a maior cautela que João da Nova pode, se espedio delle, e foi ter a Melinde, e dahi á India, e a primeira terra que vio della, foram os ilheos de Sancta Maria. Donde começou ir correndo a costa, té que tanto avante como o monte de Lij, topou duas náos, huma das quaes por ser melhor de véla, e já sobre a noite se poz em salvo, e a outra tomou elle; na entrada da qual lhe matou sessenta homens, e depois de esbulhada, lhe puze-

ze-

zeram fogo. Acabada a preza desta náo, na entrada da qual alguns dos nossos ficáram fréchados, e feridos, foi-se pera Cananor, onde o Rey o recebeo com muito gazalhado; e como homem que temia o que João da Nova logo havia de fazer, que era ir tomar primeiro carga a Cochij por razão dos nossos, que lá ficáram pera este effeito de a feitorizar, quizeram deter alli em lhe dar primeiro as suas especiarias. Porém João da Nova com boas palavras se escusou, dizendo, que trazia por Regimento d'ElRey seu Senhor, que primeiro tomasse carga de especiaria no lugar, onde estivessem seus Feitores, que em outra parte alguma, por muitas cousas no Regimento apontadas. E que Pedralvares Cabral, (á capitanía do qual elle vinha sobmettido pelo Regimento, se o ainda achasse na India,) per cartas, e recados seus, que achou em Moçambique, Quiloa, e Melinde, lhe mandava da parte d'ElRey que se fosse a Cochij, onde acharia o Feitor Gonçalo Gil Barbosa, a quem ficára fazenda, e cuidado pera ter feito parte da carga ás náos, que sobreviessem do Reyno; e depois quando tornasse, viesse áquelle porto de Cananor, onde sua Real Senhoria lhe mandaria dar gengivre, e outras sortes de especiaria, que havia naquelle seu Reyno. Por tanto houvesse

ſe por bem que cumpriſſe o Regimento d'El-Rey ſeu Senhor; e em quanto hia a Cochij, lhe mandaſſe ter preſtes gengivre, canella, e algumas outras drogas té huma tanta quantia, porque eſtas veria alli receber pelo ſervir, as quaes tomaria menos em Cochij, poſto que as lá houveſſe. ElRey, ainda que eſtas razões de João da Nova lhe parecêram de Capitão obediente aos Regimentos de ſeu Rey, todavia aperfiou com elle, como quem queria que fizeſſe mais o que elle deſejava, (que era tomar alli primeiro as eſpeciarias, que em Cochij,) que ſe conformaſſe elle João da Nova com o Regimento que levava. E ainda quando per eſta via vio que o não podia obrigar, em tres, ou quatro dias, que ſe elle João da Nova alli deteve, mandou-lhe dizer, que lhe requeria polo amor que tinha ás couſas d'El-Rey de Portugal, que elle ſe não partiſſe pera Cochij: Por quanto tinha por nova mui certa, que em Calecut ſe fazia huma grande Armada de mais de quarenta náos groſſas pera o aguardarem no caminho, que ſeu voto era elle ſe leixaſſe eſtar naquelle porto, onde ſe podia defender com gente, que lhe mandaria dar pera ſua ajuda. A qual Armada, ſegundo lhe era dito, os Mouros davam grão preſſa, por razão de huma náo, que lhe levou nova, que hia fugindo delle, e

que

que outra ſua companhia lhe ficava nas mãos. João da Nova, ſendo certificado ſer verdade o que ElRey dizia, depois que com os Capitães que levava teve conſelho; reſumio-ſe neſta determinação, que por honra do nome Portuguez não convinha moſtrar aos Mouros de Cananor, que temiam a Armada do Çamorij, porque elles, e os de Calecut não queriam outra couſa pera ſe gloriar per toda a India, e que deſta gloria tomariam ouſadia pera os vir commetter dentro naquelle porto. Quanto mais, que tomando o conſelho d'ElRey de Cananor, ſe a Armada de Calecut tiveſſe animo ſobre ancora, e mais em lugar tão eſtreito, como era aquella concha de Cananor, a juizo de homens, mais tomados eſtavam que em outra parte. Mas eſte poder lhe não daria Deos, pois lho não concedeo em tão grande frota, como leváram contra Pedralvares, ante, ſegundo moſtravam, todo ſeu poder eſtava mais em grande numero de vélas; que em animo de gente, nem em furia da artilheria. As quaes couſas, louvado Deos, nelles era por contrario; porque ſenão tinham muitas vélas, tinham muita, e mui boa artilheria, e mais todos eram coſtumados a pelejar com Mouros, e não temer ſeus alardos. E porque quanto ſe mais detiveſſem, mais tempo davam aos imigos pera ſe melhor

lhor aperceber, logo deviam partir pera Cochij; porque ſe quando foſſem achaſſem a Armada dos Mouros, e os vieſſem commetter, indo boiantes, hiam mais leſtes pera ſe revolver com elles, que á tornada vindo carregadas. Finalmente aſſentado João da Nova neſta partida pera Cochij, mandou dizer a ElRey de Cananor, que lhe tinha em mercê a vontade, e amor, que moſtrava ás couſas d'ElRey de Portugal ſeu Senhor com todolos offerecimentos de ſua ajuda, e que elle os eſtimava tanto, como ſe os recebeſſe; porém como os Portuguezes eram coſtumados áquelles grandes apparatos, e moſtras, com que os Mouros faziam a guerra mais que com forças de animo, já nelles não faziam emprezas de temor algum, e por iſſo elle não leixaria ſeu caminho de Cochij pera ir fazer o que lhe ElRey ſeu Senhor mandava. Ante eſperava em Deos, que quando embora tornaſſe, tão carregadas havia de trazer as náos da victoria daquella Armada de Calecut, como da pimenta de Cochij; que entre tanto pedia a ſua Real peſſoa, que lhe mandaſſe fazer preſtes a carga, que havia de tomar, quando embora tornaſſe de Cochij, pera penhor da qual vinda queria alli leixar quatro, ou ſinco homens com alguma fazenda, pera que em quanto elle foſſe, poderem comprar al-

gu-

gumas cousas. Com o qual recado ElRey ficou mui satisfeito, e muito mais contente, depois que vio que João da Nova lhe leixava sinco homens com nome de Feitores ao modo de como estavam em Cochij, que elle houve por grande honra, porque assi lho deo a entender João da Nova. Os quaes ainda que não eram Officiaes delRey, Feitores eram de partes, hum delles leixava Diogo Barbosa Capitão de hum navio de D. Alvaro, irmão do Duque de Bragança, ao qual chamavam Payo Rodrigues, com fazenda, que havia de feitorizar do mesmo D. Alvaro. E outro era hum Feitor de Bartholomeu Florentim, que o Capitão Fernão Vinet do seu navio pelo mesmo modo leixava alli feitorizando; e os tres, dous eram homens de serviço, e hum degredado, ficando todos debaixo da governança de Payo Rodrigues, a quem elle João da Nova deo poderes, e Regimento em nome d'ElRey pera aquelle caso. Feita a entrega destes homens a ElRey de Cananor, que elle com muitas palavras recebeo em sua guarda, e amparo, fez-se João da Nova á véla via de Cochij hum pouco affastado da costa, porque vindo a Armada d'ElRey de Calecut a elles, melhor se ajudassem della andando ás voltas, porque quatro vélas com obra de trezentos e sincoenta homens que elles

eram,

eram, não lhes convinha investir nenhuma náo dos imigos, nem menos chegar-se muito á terra, pois não tinham mais abrigo, nem defensão que a artilheria, com a qual havia de ser toda a sua peleja. O qual conselho aproveitou muito, porque indo ao mar hum pouco largo da costa, sendo na paragem de Calecut, como a Armada que se fazia prestes houve vista delles, assi os servíram os nossos com pilouros de sua furiosa artilheria aquelle dia té noite, e parte do seguinte, sem nunca perderem tiro, que mettêram no fundo sinco náos grossas, e nove paráos, em que morreo muita gente. As outras, vendo esta destruição, e damno que tinha recebido de muita gente, que lhes era morta, e ferida, seguíram os nossos até Cranganor, onde se leixáram ficar, e dahi se foram pera Calecut. João da Nova, e os outros Capitães, vendo a mercê, que lhe Nosso Senhor fez em os salvar de tanta nuvem de fréchas, e assi de alguma artilheria fraca, davam-lhe muitos louvores em ficarem livres de tanto perigo, posto que per alguns dias muitos tiveram que curar nas fréchadas que alli houveram. Chegados a Cochij, foram recebidos de Gonçalo Gil, e dos outros, que com elle estavam, com muito prazer, tanto polos verem, como pola victoria que houveram, da qual

El-

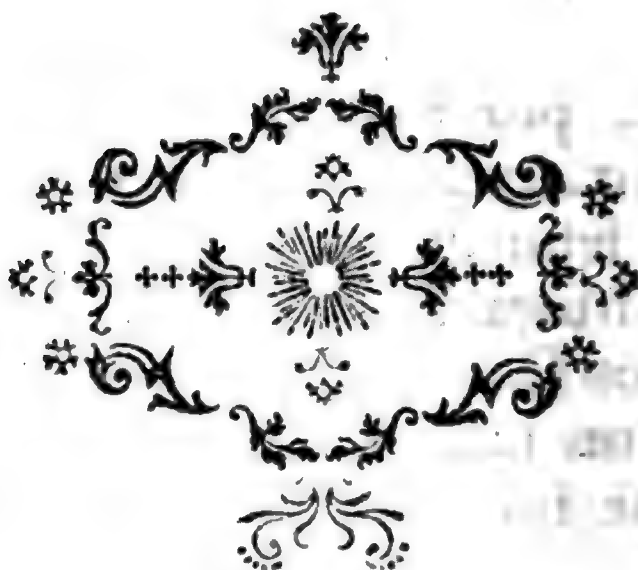
ElRey de Cochij tambem teve grande contentamento por razão do odio, que lhe já o Çamorij tinha, e das noſſas victorias dependia a ſegurança de ſeu eſtado. E porque a dilação da carga, que ſe devia de dar ás náos, daria cauſa a que o Çamorij apercebeſſe maior frota, mandou ElRey de Cochij com muita diligencia dar deſpacho a João da Nova. O qual tanto que ſe fez preſtes, leixando com Golçalo Gil mais ſeis, ou ſete homens, tornou-ſe a Cananor, no qual caminho tomou huma náo, que depois de esbulhada a queimou por ſer de Calecut. ElRey de Cananor, quando vio João da Nova em tão poucos dias tornar com as náos, como elle dizia, tão carregadas de victorias, como de eſpeciaria, tambem o quiz feſtejar com bom deſpacho, acabando de lhe dar toda a carga, que havia miſter; e ainda pera o mais contentar, mandou-lhe dizer que não cuidaſſe que tinha feito pouco damno ao Çamorij: cá, ſegundo tinha nova, naquella peleja lhe matára per conta quatrocentas e dezeſete peſſoas, por cauſa das quaes todo Calecut era poſto em pranto. A qual nova certificou hum Gonçalo Pexoto, que era dos que ſe acolhêram a caſa de Coge Bequij, quando matáram Aires Correa, per o qual o Çamorij mandou dizer a João da Nova quão deſcontente eſta-

tava daquelle commettimento, que os Mouros fizeram, porque o seu animo sempre estivera puro pera os Portuguezes, e mui desejoso da amizade d'ElRey de Portugal; mas que o Demonio imigo de toda paz ordena, que entre os Portuguezes, e os Mouros houvesse odios antigos, donde procedêram as cousas passadas. E porque elle Çamorij tinha castigado os principaes, que foram causa de algumas cousas accidentaes, em que os Portuguezes tiveram culpa em lhe tomarem suas náos, lhe rogava que, esquecidas todas estas cousas, quizesse levar comsigo dous Embaixadores, que queria enviar a ElRey de Portugal pera assentar paz com elle. Porque esperava que esta paz, que nunca pudéra assentar com seus Capitães, estes Embaixadores que mandasse a assentariam com ElRey; e que se per ventura tivesse algum escrupulo por razão de algumas cousas, que foram tomadas na casa, em que estava o Feitor Aires Correa, elle as queria pagar, e pera isso podia ir ao porto de Calecut, onde lhe entregaria tanta especiaria, quanta ellas valessem. João da Nova informado per Gonçalo Pexoto do que lhe mandava dizer Coge Bequij, que não confiasse nestas palavras do Çamorij, porque tudo eram industrias, e artificios dos Mouros, não lhe quiz responder, por-

porque tambem Gonçalo Pexoto, vendo-ſe livre, diſſe, que não queria tornar ao cativeiro onde eſtava. Finalmente leixando João da Nova mais alguns homens a Payo Rodrigues a requerimento d'ElRey, partio-ſe de Cananor com a mais carga, que alli recebeo, e de caminho tanto avante com o monte de Lij, tomou huma náo de Mouros, que era de Calecut. Eſpedido João da Nova da coſta da India com tantas victorias, e boas venturas, que lhe Deos deo, fez ſua viagem caminho deſte Reyno; e ainda neſte caminho, paſſado o Cabo de Boa Eſperança, teve outra boa fortuna, que lhe deparou Deos huma Ilha mui pequena, a que elle poz nome *Sancta Helena*, em que fez ſua aguada, poſto que da India té alli tinha feito duas, huma em Melinde, outra em Moçambique. A qual Ilha parece que a creou Deos naquelle lugar pera dar vida a quantos homens vem da India; porque depois que foi achada té hoje, todos trabalham de a tomar por terem melhor aguada de toda eſta carreira, ao menos a mais neceſſaria que ſe toma, quando vem da India. E tanto que as náos, que alli vem ter, ſe hão por ſalvas, e navegadas, pola neceſſidade, que ellas trazem, polo muito refreſco que nella acham, como adiante veremos, dando razão de quem foi cauſa diſſo.

ſo. Partido da qual, João da Nova chegou a eſte Reyno a onze de Setembro de quinhentos e dous, onde o ElRey recebeo com grande honra pola muita que elle ganhou como Cavalleiro, e como prudente em os negocios que fez, e acabou.

FIM DO LIVRO V. DA DECADA I.



5 50

MAR N

Constantinopla

IONOMOT

C. d

Porto d

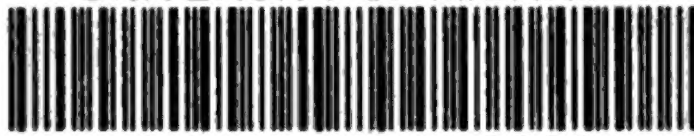
R. do Infant

Penedo das For

a Formoza

45 50

Digitized by Google


UNIVERSITY OF MICHIGAN
3 9015 05711 2289

Digitized by Google